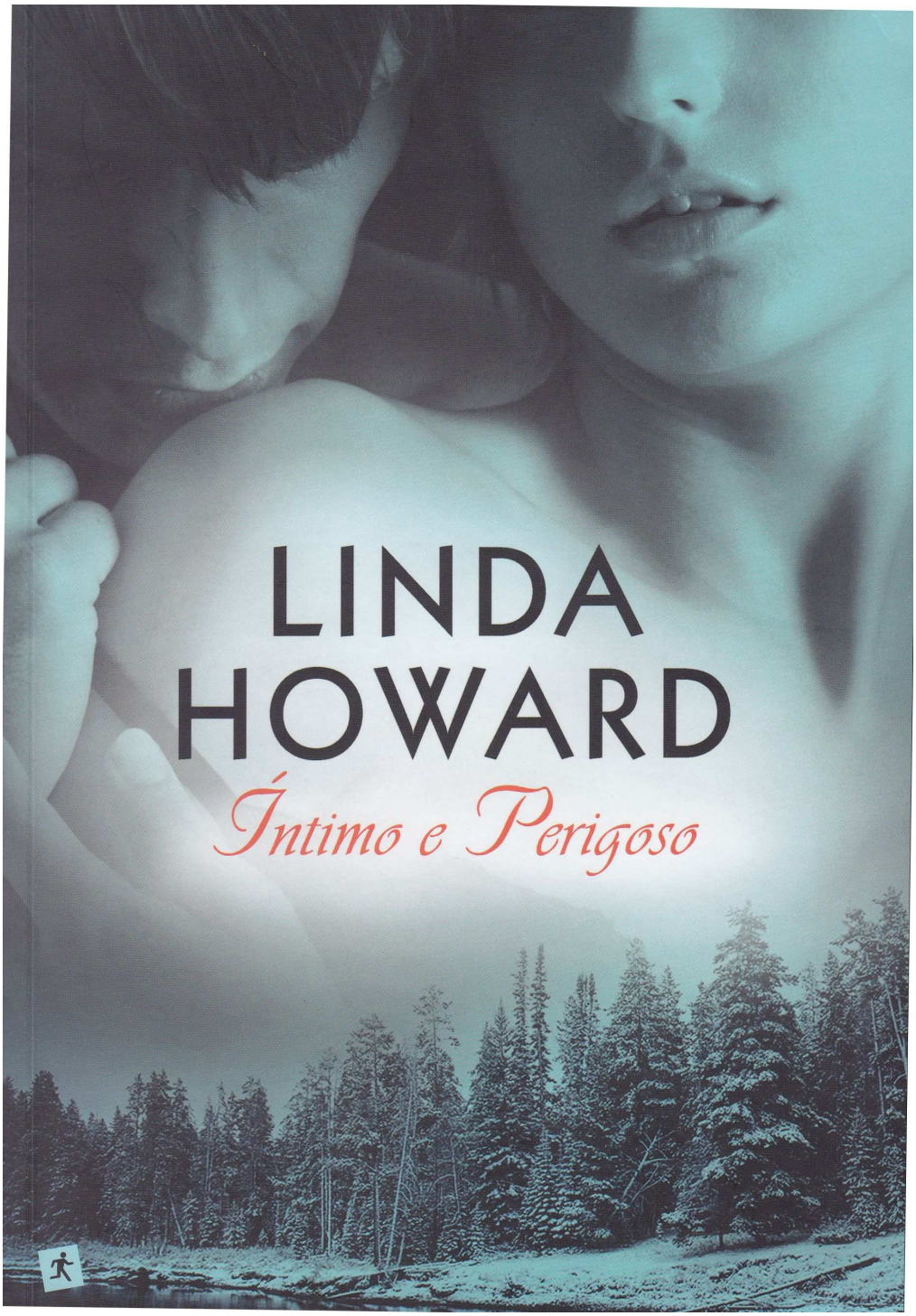

Título Original: *Up Close and Dangerous*
Copyright © 2007 *by* Linda Howington

Digitalizado, revisado e formatado por: *Dora A.*

Português de Portugal – <u>Antes do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro</u>

Um violento acidente de aviação… uma perigosa caminhada pela inóspita paisagem de Idaho… uma atração arrebatadora… e um jogo mortal do gato e do rato.

Bailey é uma mulher bonita e jovem e acaba de se tornar viúva do multimilionário Winegate. Mas os seus problemas não terminam aqui: os filhos que ele deixou têm praticamente a idade de Bailey e quando descobrem que toda a fortuna ficou a cargo dela, passam a detestá-la ainda mais.

Quando Bailey decide usar o avião particular para sair do inferno em que a sua vida se tornara, este despenha-se. Mas graças à perícia do seu piloto, Cam Justice, o acidente não lhe tira a vida. Afastada do mundo e com pouca esperança de ser salva, Bailey tem que confiar a sua vida a Cam, um homem tão rude quanto atraente.

Neste seu romance, a autora vai deixar o leitor sem fôlego e a implorar por mais. No mundo de Linda Howard, a confiança pode ser uma arma, um beijo uma ameaça, e a intimidade pode custar uma vida.

Sexy e cheio de emoções fortes, *Íntimo e Perigoso* apresenta-nos, uma vez mais, Linda Howard no seu melhor.

Agradecimentos

A minha profunda gratidão a dois homens que perderam tempo a responder a uma grande quantidade de perguntas: Jim Murphy e o major Marc Weintraub, do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos. Obrigado, rapazes, por me ensinarem a despenhar um avião. Quaisquer erros serão da minha responsabilidade ou terão ocorrido porque a minha imaginação se descontrolou ou porque não soube quais as questões correctas a colocar.

1

Bailey Wingate acordou a chorar. Outra vez.

Odiava quando isso acontecia porque não conseguia perceber qual a razão para ser tão piegas. Se estivesse miseravelmente infeliz, se estivesse só ou em luto, chorar até adormecer faria sentido, mas nada disso era verdade. Na pior das hipóteses, sentir-se-ia irritada.

Nem mesmo a irritação conseguia ser um estado de espírito a tempo inteiro. Era-o apenas quando tinha de lidar com os seus enteados, Seth e Tamzin, o que, graças a Deus, acontecia apenas uma vez por mês, quando assinava a transferência das quantias que recebiam da herança do seu falecido marido. Quase sempre a contactavam por essa altura. Ou antes, para exporem o seu desejo de mais dinheiro, que nunca aprovara, ou depois, para lhe dizerem, de formas específicas a cada um, que a achavam uma cabra desprezível.

Seth era, de longe, o mais desagradável e deixara-a emocionalmente ferida em mais ocasiões do que as que desejaria contabilizar, mas, pelo menos, era directo na sua hostilidade. Por mais duro

que fosse suportá-lo, Bailey preferia lidar com ele a ter de aguentar a insuportável agressividade passiva de Tamzin.

Seria naquele dia que as quantias mensais seriam transferidas para as contas bancárias respectivas, o que significava que podia esperar um telefonema ou mesmo uma visita. Que alegria. Uma das torturas preferidas de Tamzin era visitá-la e trazer consigo os seus dois filhos de tenra idade. Sozinha, Tamzin era já difícil de aguentar, mas, juntando à mistura as suas crianças birrentas, mimadas e carentes, Bailey sentia vontade de fugir para longe.

— Devia ter pedido subsídio de risco — resmungou em voz alta, enquanto afastava as cobertas e saía da cama.

Logo de seguida, censurou-se mentalmente. Não tinha motivo de queixa e, muito menos, motivo para chorar enquanto dormia. Aceitara casar com James Wingate sabendo como eram os seus filhos e como reagiriam às determinações financeiras do pai. Aliás, o pai contara com essas reacções e planeara em concordância. Bailey envolvera-se na situação com os olhos bem abertos e, agora, não podia queixar-se. Mesmo da sua sepultura, Jim pagava-lhe bem para fazer o seu trabalho.

Entrando na casa de banho luxuosa, observou o seu reflexo, algo difícil de evitar quando a primeira coisa que via era o espelho ocupando toda uma parede. Por vezes, quando se observava, sentia um corte quase completo entre a pessoa reflectida e o que sentia no seu interior.

O dinheiro íizera-a mudar, não tanto por dentro como por fora. Estava mais magra, mais tonificada porque agora tinha o tempo e o dinheiro para um treinador pessoal que a visitava em casa e a fazia sofrer no seu ginásio privativo. O cabelo, outrora sempre de um louro escuro, tinha agora madeixas de diferentes tonalidades de louro aplicadas com tanta mestria que pareciam absolutamente naturais. Um penteado caro favorecia-lhe a face e desenhava linhas tão graciosas que, mesmo naquele momento, acabada de sair da cama, o cabelo mantinha um aspecto francamente apelativo.

Sempre tivera uma aparência cuidada e sempre se vestira tão bem quanto o seu salário permitia, mas havia uma enorme diferença entre «cuidado» e «vistoso». Nunca fora bela e, certamente, continuaria a não se qualificar para essa categoria, mas, por vezes, conseguia ser «bonita» ou até «marcante». A aplicação meticulosa dos melhores cosméticos disponíveis tornava o verde dos seus olhos mais intenso e vibrante. As roupas eram preparadas para lhe servirem a ela e a mais ninguém, não tendo de as partilhar com milhões de outras mulheres que vestiam o mesmo tamanho genérico.

Como viúva de Jim, tinha o direito de utilização plena e inquestionável daquela casa em Seattle, de uma em Palm Beach e de outra no Maine. Nunca voava em voos comerciais, a não ser que o desejasse. As *Empresas Wíngate* fretavam aviões privados e havia sempre um disponível para si. Pagava apenas os seus objectos pessoais, não tendo de se preocupar com contas. Era, inegavelmente, o aspecto mais positivo do acordo que fizera com o homem que com ela casara e que, menos de um ano depois, a deixara viúva.

Bailey fora pobre e, apesar de a acumulação de riqueza nunca ter sido o seu principal objectivo ou ambição, precisava de admitir que ter dinheiro tornava a vida muito mais fácil. Continuava a ter problemas, sendo Seth e Tamzin os principais, mas os problemas pareciam diferentes quando não envolviam o pagamento atempado de contas. Desaparecia o sentimento de urgência.

Bastava-lhe zelar pelos fundos instituídos para cada um deles, uma responsabilidade que levava muito a sério apesar de nenhum deles acreditar nisto, limitando-se a ocupar os seus dias conforme bem entendiam.

Bolas, como estava entediada.

Jim previra tudo no que dizia respeito aos filhos, pensou, ao entrar no chuveiro redondo e rodeado de vidro fosco. Salvaguardara as suas heranças, garantindo tanto quanto possível que teriam segurança financeira, e, com grande perícia, avaliara as suas personalidades ao fazê-lo. No entanto, os planos não tinham incluído o decorrer da vida de Bailey depois da sua partida.

Era provável que não se tivesse importado, pensou, com mágoa. Fora o meio para atingir um

fim e, mesmo que tivesse gostado dela e o sentimento fosse recíproco, nunca fingira sentir mais do que isso. Tinham tido uma relação profissional, iniciada e controlada por ele. Mesmo que tivesse sabido de forma antecipada que o fariam, não se teria incomodado por os seus amigos, que a haviam convidado diligentemente para os seus eventos sociais enquanto Jim fora vivo, a apagassem das listas de convidados como se fosse uma batata quente, mal ele fora sepultado. Os amigos de Jim pertenciam maioritariamente ao seu grupo etário e muitos deles tinham conhecido e sido amigos de Lena, a primeira mulher. Alguns também tinham conhecido Bailey quando ela ocupava o cargo de assistente pessoal de Jim. Sentiam-se desconfortáveis por ela passar a desempenhar o papel de sua mulher. E também ela se tinha sentido desconfortável. Não podia culpá-los por se sentirem da mesma forma.

Não era a vida que pretendera para si. Sim, o dinheiro era agradável, muito agradável, mas não queria passar o resto da vida sem fazer nada além de angariar dinheiro para duas pessoas que a desprezavam. Jim estivera certo de que a humilhação sentida por Seth por ter a sua herança controlada por uma madrasta três anos mais nova do que ele próprio o chocaria ao ponto de mudar de comportamento e começar a comportar-se como um adulto responsável, em vez de uma versão masculina e mais velha de Paris Hilton, mas, até àquele momento, isso não acontecera e Bailey já não tinha qualquer fé de que viesse a acontecer. Seth tivera bastantes oportunidades para se aplicar, para se interessar pelas empresas que financiavam o seu modo de vida de luxo e ócio, mas não decidira ocupar-se de nenhuma delas. Seth fora a esperança de Jim porque Tamzin era absolutamente desinteressada e incompetente para o tipo de decisões financeiras exigidas por imensas quantidades de dinheiro. Interessava-se apenas pelo resultado final, o dinheiro à sua disposição, e queria receber a totalidade da sua herança para poder gastá-la como entendesse.

Bailey estremeceu ao considerar essa possibilidade. Se Tamzin adquirisse o controlo da sua herança, queimaria o dinheiro num máximo de cinco anos. Se não fosse a própria Bailey a controlar os fundos, teria de ser outra pessoa a fazê-lo.

O telefone tocou no momento em que fechou a torneira do chuveiro e estendeu a mão para uma toalha cor de champanhe para enrolar em redor do corpo. Enrolando outra sobre o cabelo molhado, saiu e pegou no telefone sem fios do quarto, olhando a identificação de chamada e voltando a pousá-lo sem atender. O número fora bloqueado. Registara todos os seus números na lista nacional de números a não contactar e era pouco provável que fosse alguém tentando vender-lhe algo. Isso significava que Seth teria acordado cedo, pensando nos insultos que usaria, e recusou-se a lidar com ele antes de tomar café. A sua consciência do dever tinha limites e aquilo ultrapassava-os.

Por outro lado, e se houvesse algum problema? Seth ia de festa em festa, raramente se deitando antes da madrugada, pelo menos na sua cama. Não era normal que lhe ligasse tão cedo. Sentindo os limites diluírem-se um pouco, voltou a pegar no telefone, pressionando o botão de atendimento de chamada, mesmo que o atendedor automático já tivesse iniciado a sua lengalenga.

— Estou — disse sobre a mensagem gravada com a voz masculina enlatada que vinha programada de origem no sistema. Mantivera-a em vez de gravar uma mensagem própria porque a voz enlatada era mais impessoal.

O atendedor parou a meio de uma frase quando atendeu, emitiu um apito e silenciou-se.

— Olá, mãe.

O sarcasmo na voz de Seth era intenso. Suspirou mentalmente. Nada estava errado. Seth experimentava apenas uma nova forma de a incomodar. Ouvir um homem mais velho chamar-lhe «mãe» não a incomodava, mas ter de lidar com ele sim.

A melhor forma de lidar com Seth seria não mostrando grande reacção. Eventualmente, acabaria por se cansar e desligaria.

— Seth. Como está? — respondeu, no tom frio e racional aperfeiçoado enquanto trabalhara como assistente pessoal de Jim. Nem o tom nem a expressão transmitiam qualquer indício quanto ao que sentia.

— Não podia estar melhor — replicou Seth com uma alegria forjada, — considerando que a

puta avarenta da minha madrasta vive à grande com o meu dinheiro enquanto que eu nem sequer lhe posso tocar. Mas o roubo será sempre aceitável em família, não é?

Habitualmente, deixaria que os insultos lhe passassem ao lado. «Puta» fora o que usara quando ouviu as determinações previstas pelo testamento do pai. De seguida, acusara-a de ter casado por dinheiro e de se ter aproveitado da doença de Jim para o persuadir a deixar o dinheiro dos filhos sob o seu controlo. Também jurara e ameaçara contestar o testamento em tribunal, fazendo o advogado de Jim suspirar e desaconselhar tal acção porque seria um desperdício de tempo e dinheiro. Jim segurara as rédeas do seu império até poucas semanas antes da morte e o testamento fora elaborado quase um ano antes, precisamente no dia a seguir ao seu casamento com Bailey.

Ao saber disso, Seth pusera-se muito vermelho, disse algo tão obsceno sobre ela que fez os outros presentes suster o fôlego e saiu disparado. Depois disso, Bailey educara-se para não mostrar qualquer reacção e um simples «puta» não provocaria grande efeito.

Por outro lado, incomodava-a que lhe chamassem ladra.

— A propósito da sua herança, há uma oportunidade de investimento que quero estudar — disse, calmamente. — Para maximizar os lucros, precisarei de investir o máximo possível. Não se importa que reduza a sua mesada para metade, pois não? Será apenas de forma temporária. Um ano deverá bastar.

A proposta provocou um instante de silêncio e, a seguir, Seth rugiu com voz plena de raiva.

— Puta. Hei-de matar-te.

Era a primeira vez que reagia aos insultos dele com uma ameaça própria e o choque fê-lo afastar-se do seu padrão predefinido. A ameaça não a alarmou. Seth tinha experiência em fazer ameaças que não concretizava.

— Se tiver outras propostas de investimento que gostasse de submeter à minha consideração, terei todo o gosto em estudá-las — disse ele, tão educadamente como se a tivesse questionado sobre os pormenores do negócio em vez de ameaçar matá-la. — Estude-as com cuidado e submeta-as por escrito. Dar-lhes-ei atenção logo que possível, mas é provável que leve algumas semanas. Vou de férias depois de amanhã e espero estar fora durante um par de semanas.

Como resposta, o telefone foi-lhe desligado na cara. Não era uma grande forma de começar o dia, pensou, mas, pelo menos, conseguira evitar o seu encontro mensal com Seth.

Se, ao menos, conseguisse evitar também Tamzin...

2

Cameron Justice lançou um olhar breve e abrangente ao pequeno aeródromo e ao parque de estacionamento enquanto conduzia o seu *Suburban* azul até ao local que lhe fora atribuído. Apesar de não serem ainda seis e meia da manhã, não foi o primeiro a chegar. O *Corvette* prateado significava que o seu amigo e colega, Bret Larsen, o L da *J&L Transporte Aéreo Executivo*, já tinha chegado e o *Ford Focus* vermelho assinalava a presença da sua secretária, Karen Kaminski. Bret chegara cedo, mas Karen habituara-se a chegar ao escritório em primeiro lugar. Dizia que era a única altura em que podia trabalhar sem interrupções constantes.

A manhã estava luminosa, apesar de o boletim meteorológico referir
um aumento de nebulosidade durante o dia. No entanto, naquele momento, o sol brilhava com intensidade sobre os quatro reluzentes aviões *da J&L* e Cam fez uma pausa momentânea para gozar a vista.

A pintura personalizada fora cara, mas o resultado justificara o custo, com o negro brilhante cortado por uma estreita linha branca curvando-se para cima do nariz até à cauda. Os dois *Cessna*, um *Skylane* e um *Skyha-wk*, estavam pagos na totalidade. Juntamente com Bret, dera cabo do couro nos primeiros anos, fazendo outros trabalhos, além de voar, para conseguir pagá-los logo que possível e reduzir a dívida. O *PiperMirage* era quase seu e, depois de estar pago, planeavam dobrar os pagamentos do *Lear 45 XR* de oito lugares, o bebé de Cam.

Apesar de o *Lear* estar relativamente próximo em comprimento e largura de asas do F-15E *Strike Eagle* que o sócio de Cam voara na força aérea, Bret acostumara-se desde então aos *Cessna* menores e ao *Mirage* de dimensão média, preferindo-os pela sua agilidade. Cam, que voara o enorme KC- 10A *Extender* durante a sua prestação de serviço, preferia ter mais avião em seu redor. As suas preferências ilustravam as diferenças básicas entre ambos enquanto pilotos. Bret era o piloto de caças, vaidoso e com reflexos rápidos. Cam era fiável, o tipo desejável aos comandos quando um avião necessitasse de reabastecimento a milhares de pés de altitude, viajando a centenas de quilómetros por hora. Para descolar, o *Lear* necessitava de cada centímetro disponível da pista que o pequeno aeródromo podia disponibilizar e Bret cedia de bom grado o lugar do piloto a Cam nesses voos.

Tinham-se saído bem, pensou Cam, enquanto faziam algo que ambos amavam. Voar estava-lhes no sangue. Conheceram-se na academia da força aérea e, ainda que Bret estivesse um ano à frente de Cam, tornaram-se amigos e a amizade manteve-se ao longo de várias missões, de diferentes percursos de carreira, de diferentes colocações. Enfrentaram juntos três divórcios, dois para Bret e um para Cam, e uma série de namoradas. Quase sem realmente o planearem, decidiram, por telefonemas e e-mails, começar um negócio juntos quando deixassem a vida militar. O tipo de negócio nunca esteve em questão. Um pequeno serviço de aviões fretados parecia assentar-lhes na perfeição.

A empresa prosperara. Empregavam agora três mecânicos, um piloto a tempo parcial, uma equipa de limpeza com um elemento em tempo parcial e outro a tempo inteiro, e a Indispensável Karen, que os governava a todos com punho de ferro e com uma total falta de tolerância para assuntos de merda. Os lucros eram razoáveis e ambos ganhavam bom dinheiro. Os voos quotidianos não permitiam as emoções do voo militar, mas Cam não precisava de adrenalina para gozar a vida. Bret, claro, era diferente. Os pilotos de caça viviam para o perigo, mas conseguira ajustar-se e obtinha doses esporádicas de drama por se ter juntado à Patrulha Aérea Civil.

Também tinham tido sorte na localização. O aeródromo era perfeito para as suas necessidades. Acima de tudo, era conveniente para a sede do *Grupo Wingate,* o principal cliente da *J&L*. Sessenta por cento dos voos que efectuavam eram ao serviço da *Wingate,* sobretudo para transportar executivos de topo de um ponto para o outro, apesar de, por vezes, a família usar a *J&L* para deslocações privadas. Além da conveniência, o aeródromo oferecia também boa segurança e um terminal acima da média em que a *J&L* tinha o seu escritório de três divisões. Tinham sido os contactos de Bret a conseguir o contrato da *Wingate* e era ele quem habitualmente fazia as viagens da família, enquanto Cam se ocupava das gravatas. O acordo agradava-lhes a ambos porque Bret se dava melhor com a família do que Cam. O Sr. Wingate fora um bom tipo, mas os filhos eram umas bestas e a esposa troféu que deixara para trás era tão calorosa e simpática como um glaciar.

Cam saiu do *Suburban.* Era um homem alto e de ombros largos e o carro grande assentava-lhe bem, dando-lhe o espaço para as pernas e para a cabeça de que precisava. Atravessando o parque de estacionamento com passos descontraídos e vagarosos, entrou pela porta privativa na parede lateral do edifício do terminal, usando o cartão de identificação para a destrancar. Um corredor estreito conduzia ao escritório, onde Karen estava sentada, dedilhando afincadamente o teclado do computador. Sobre a sua secretária, uma jarra com flores frescas exalando uma fragrância que se mesclava com a do café. Tinha sempre flores, apesar de Cam suspeitar que era ela própria a comprá-las. O namorado, um profissional da luta-livre barbudo, motociclista e habitualmente vestido de cabedal negro, não parecia o tipo de homem que compraria flores. Cam sabia que estava próxima dos trinta anos, sabia que gostava de pintar madeixas negras no cabelo ruivo curto e que garantia fluidez perfeita nos trabalhos do escritório. O que fosse além disso, receava perguntar. Bret, por outro lado, constituíra como missão da sua vida desvendar o indesvendável e provocava-a sem descanso.

— Bom dia, princesa — saudou-a Cam porque, afinal, também tinha direito a provocá-la um pouco.

Voltou-se do monitor e semicerrou-lhe os olhos, regressando ao trabalho. A distância que

separava Karen da boa-disposição matinal era semelhante à que separava Seattle de Miami. Certa vez, Bret partilhou a teoria de que Karen tinha um emprego secundário como cão de guarda numa sucata porque era má como um e não se tornava razoavelmente humana até cerca das nove horas. Karen não disse nada, mas o correio pessoal de Bret desapareceu durante mais de um mês até perceber o motivo e pedir desculpa,
momento em que o correio voltou a aparecer, deixando-o com um mês de atraso no pagamento das contas.

Optando pela cautela e não pelo arrojo, Cam não lhe disse mais nada. Ao invés, serviu-se de café e caminhou até à porta aberta do gabinete de Bret.

— Chegaste cedo — disse, encostando-se à ombreira da porta. Bret olhou-o com azedume.

— Não foi por querer.

— Quer dizer que a Karen te ligou para cá vires? — Atrás dele, Cam ouviu um som que poderia ser riso ou um rosnado. Com Karen era difícil de distinguir.

— Quase tão mau como isso. Um idiota qualquer esperou até ao último minuto para marcar um voo às oito.

— Não lhes chamamos idiotas — disse automaticamente Karen. — Mandei-lhe um memorando. Preferimos dizer «clientes».

Bret bebia um gole de café enquanto ela falava e a sua reacção si-tuou-se algures entre um engasgo e uma gargalhada.

— Clientes — repetiu. — Percebido. — Indicou a folha de papel em que tinha estado a escrever e que Cam reconheceu como um formulário de marcação de voo. — Liguei ao Mike para fazer esta tarde a viagem até Spokane no *Skylane.* — Mike Gardiner era o seu piloto em tempo parcial. — Isso libertar-me-á para levar o *Mirage* até Los Angeles se quiseres ir a Eugene no *Skyhawk.* Ou podemos trocar se preferires Los Angeles.

O primeiro a chegar ao escritório teria de começar a papelada e essa era uma das razões para Bret raramente chegar tão cedo. Distribuía os aviões disponíveis de acordo com a duração dos voos, o que fazia sentido porque poupava tempo não terem de parar para reabastecer. Normalmente, Cam preferiria a viagem até Los Angeles, mas já fizera um par de viagens longas naquela semana e precisava de uma pequena pausa. Também precisava de horas num dos *Cessna.* Voava tanto no *Leare* no *PiperMirage* que precisava de se esforçar para conseguir horas nos aviões mais pequenos.

— Não. Está perfeito assim. Preciso das horas. O que há amanhã?

— Só dois voos. Amanhã também terei de acordar cedo. Levo a Sra. Wingate a Denver para começar as férias. Volto sem ocupantes para cá, a não ser que consiga arranjar alguma coisa. O outro é... — Fez uma pausa, procurando entre os papéis sobre a secretária o contrato escrito por Karen.

— Um transporte de carga até Sacramento — disse Karen do lado de fora do gabinete, não se dando ao trabalho de fingir que não estava a escutar.

— Um transporte de carga até Sacramento — ecoou Bret, sorrindo, como se Cam não tivesse ouvido perfeitamente. O rosnado voltou ouvir-se.
Bret rabiscou uma nota e fê-la deslizar sobre a secretária. Cam aproxi-mou-se, colocou um dedo sobre o papel e voltou-o ao contrário. «Pergunta-lhe se está vacinada contra a raiva», lia-se.

— Claro — disse, erguendo a voz. — Karen, o Bret quer que lhe pergunte se...

— Cala-te, sacana! — bradou Bret, pondo-se de pé e esmurrando Cam no ombro para o impedir de completar a frase. Rindo, Cam saiu e dirigiu-se para o seu gabinete.

Karen voltou a semicerrar-lhe os olhos.

— O Bret quer que me pergunte o quê? — perguntou.

— Esqueça. Não era importante — disse Cam, fingindo-se inocente.

— Aposto que não — murmurou ela.

O telefone tocou quando se sentou e, apesar de, tecnicamente, atender as chamadas ser uma das responsabilidades de Karen, ela estava ocupada e ele não. Pressionou o botão e atendeu.

— *Transporte Aéreo Executivo.*

— Fala Sefh Wingate. A minha madrasta marcou um voo para amanhã?

O homem falava com voz brusca, irritando Cam, mas conseguiu manter neutral o tom da resposta.

— Marcou, sim.

— Para onde?

Cam gostava de poder dizer ao idiota que o destino da Sra. Wingate não lhe dizia respeito, mas, em termos práticos, idiota ou não, era um Wingate e teria muito a dizer na continuação da *J&L* como colaboradora do *Grupo Wingate*.

— Denver.

— Quando regressa?

— Não sei a data precisa, mas creio que será dentro de duas semanas.

A única resposta foi o fim brusco da chamada sem sequer um «obrigado», um «vá-se lixar» ou qualquer outra coisa.

— Palhaço — murmurou, pousando o auscultador.

— Quem?

A voz de Karen infiltrou-se pela porta aberta. Haveria alguma coisa que não ouvisse? O mais bizarro era que o matraquear das teclas nunca parava, nunca hesitava. A mulher era assustadora.

— Sefh Wingate — respondeu.

— Estamos de acordo, chefe. Estava a controlar a Sra. Wingate, não é? Gostava de saber porquê. Esses dois não morrem de amores.

Não era surpreendente. A Sra. Wingate original, que conhecera brevemente mas com quem simpatizara muito, morrera menos de um ano antes de o Sr. Wingate casar com a sua assistente pessoal, mais jovem do que os seus dois filhos.

— Talvez planeie uma festa na casa enquanto ela estiver fora.

— Isso seria infantil.

— Ele também é.

— Terá sido provavelmente por isso que o Sr. Wingate, o velho, a deixou a administrar o dinheiro.

Surpreendido, Cam levantou-se e assomou à porta.

— Está a brincar — disse, falando-lhe para as costas.

Karen olhou sobre o ombro, mantendo os dedos no seu voo sobre as teclas do computador.

— Não sabia?

— Como poderia saber? — Nenhum dos membros da família ou dos executivos do grupo discutia finanças pessoais com ele e não acreditava que o fizessem com Karen.

— Eu sei — afirmou ela.

Sim, mas você é assustadora. Conteve as palavras antes que a boca lhe colocasse o couro em sério risco. Karen tinha as suas formas de descobrir coisas.

— Como descobriu?

— Ouvi coisas.

— Se é verdade, não admira que não morram de amores um pelo outro. — Aliás, se estivesse no lugar de Seth Wingate, seria provável que também se comportasse como um sacana para com a sua madrasta.

— É verdade. O velho Sr. Wingate era um tipo esperto. Pense nisso. Deixaria Seth ou Tamzin encarregues da gestão de milhões e milhões de dólares?

Cam teve de pensar durante cerca de um milésimo de segundo para responder.

— Não me parece.

— Nem a ele. E gosto dela. É esperta.

— Espero que seja suficientemente esperta para ter mudado as fechaduras quando o Sr. Wingate morreu — disse Cam. E para olhar por cima do ombro ocasionalmente porque não estranharia que Seth Wingate lhe cravasse uma faca nas costas, se tivesse oportunidade para o fazer.

3

O telefone acordou Cam na manhã seguinte e tacteou para o encontrar sem abrir os olhos. Talvez fosse engano. Se não abrisse os olhos, conseguiria voltar a dormir até soar o alarme do seu relógio de pulso. Sabia por experiência que, com os olhos abertos, mais valeria levantar-se porque o sono não regressaria.

— Estou?

— Chefe, vista as calças e corra para aqui.

Karen. Merda. Esqueceu-se de manter os olhos fechados e endirei-tou-se de um salto, enquanto uma descarga de adrenalina lhe limpava as teias do cérebro.

— O que se passa?

— O idiota do seu sócio apareceu aqui com os olhos tão inchados que quase não consegue ver. Mal consegue respirar e acha-se em condições de voar para Denver hoje.

Ao fundo, Cam ouviu uma voz grave e rouca, que não se parecia nada com Bret, dizer algo ininteligível.

— Foi o Bret?

— Sim. Quer saber porque lhe chamo «chefe» a si e «idiota» a ele. Porque há coisas que são evidentes, claro — ripostou ela, obviamente respondendo a Bret. Voltando a dirigir-se a Cam, disse:

— Liguei ao Mike, mas não consegue chegar aqui a tempo do voo para Denver e, por isso, dou-lhe o seu voo para Sacramento e terá de se preparar.

— Vou a caminho — disse, desligando e correndo para a casa de banho. Tomou banho e barbeou-se em quatro minutos e vinte e três segundos, vestiu um dos seus fatos pretos, pegou no chapéu e na mala de viagem que mantinha sempre preparada para quando havia emergências como aquela e saiu em seis minutos. Voltou atrás para desligar a máquina de café, programada para começar a funcionar dentro de uma hora e, depois, porque não sabia se teria tempo para o pequeno-almoço, trouxe algumas barras de cereais do armário e guardou-as no bolso.

Merda, merda, merda. Praguejou entredentes enquanto seguia pelo trânsito matinal. O passageiro daquele dia seria a gélida viúva Wingate. Bret dava-se bem com ela, mas também era verdade que se dava bem com quase qualquer pessoa. Das poucas vezes que Cam tivera o azar de estar perto dela, comportara-se como se tivesse um pau enfiado no cu e como se ele fosse um insecto esmagado no pára-brisas da sua vida. Já antes lidara com o seu tipo nas forças armadas. Não lhe agradara então e continuava a não agradar. Manteria a boca fechada nem que isso o matasse, mas, se ela lhe dissesse alguma coisa menos agradável, teria a viagem mais atribulada da sua vida. Fá-la-ia vomitar as entranhas no caminho para Denver.

A viagem foi rápida. Vivia nos arredores de Seattle e, além disso, afastava-se da cidade em vez de se dirigir para ela e o seu lado da estrada estava relativamente desimpedido, enquanto o outro continha uma massa compacta de veículos. Arrumou o carro no seu lugar apenas vinte e sete minutos depois de ter desligado o telefone.

— Foi rápido — disse Karen, quando entrou no escritório, trazendo a mala na mão. — As más notícias não acabaram.

— Venham elas. — Pousou a mala e encheu uma chávena de café.

— O *Mirage* está a ser reparado e o Dennis diz que não estará pronto a tempo do voo.

Cam ficou em silêncio, passando em revista os pormenores logísticos. O *Mirage* teria conseguido chegar a Denver sem reabastecer. O *Lear* também, obviamente, mas usavam-no para grupos e não para um único passageiro. Além disso, apesar de conseguir pilotar o *Lear* sozinho, preferia ter um co-piloto. Nenhum dos *Cessna* possuía o alcance necessário, mas o *Skylane* tinha um tecto de serviço de cerca de dezoito mil pés, enquanto que o tecto do *Skyhawk* era de treze e meio. Alguns dos picos montanhosos do Colorado alcançavam os catorze mil e a escolha de aeronave era simples.

— O *Skylane* — disse. — Reabasteço em Salt Lake City.

— Foi o que pensei — disse Bret, saindo do seu gabinete. Tinha a voz tão rouca que falava como um sapo com o nariz entupido. — Disse à equipa para o preparar.

Cam ergueu os olhos. Karen não tinha exagerado o estado de Bret. Quanto muito, a descrição tinha-o favorecido. Os olhos estavam vermelhos e tão inchados que se via apenas uma estreita faixa da íris azul. Tinha a cara manchada e respirava pela boca. O seu aspecto geral era terrível e, avaliando pela sua expressão miserável, sentir-se-ia igualmente mal. Fosse o que fosse que tinha, Cam não queria ser contagiado.

— Não te aproximes mais — advertiu Cam, erguendo a mão como um polícia de trânsito.

— Já o vaporizei com *Lysol*[1] — disse Karen, olhando Bret do outro lado do escritório.

Uma pessoa ponderada, com um pouco de bom-sen-so, teria ficado em casa e ligado em vez de vir trabalhar e espalhar os seus germes.

— Eu consigo pilotar — esforçou-se por dizer Bret. — É você quem insiste no contrário.

— Certamente a Sra. Wingate quereria passar cinco horas trancada num avião minúsculo consigo — disse, com sarcasmo. — Eu não quero passar cinco minutos no mesmo escritório. Vá para casa.

— Apoio essa proposta — rosnou Cam. — Vai para casa.

— Tomei um descongestionante. — Silvou Bret em protesto. — Só que ainda não começou a actuar.

— Então não actuará até à hora do voo.

— Tu não gostas de voar com a família.

«Sobretudo com a Sra. Wingate», pensou Cam. Em voz alta, disse:

— Não tem grande importância.

— Ela gosta mais de mim.

Bret parecia agora um miúdo amuado, mas amuava sempre quando algo interferia com o seu plano de voos.

— Conseguirá aguentar-me durante cinco horas — disse Cam, sem baixar a guarda. Se ele conseguia, ela também. — Estás doente. Eu não. Fim da discussão.

— Consegui-lhe os boletins meteorológicos — disse Karen. — Estão no seu computador.

— Obrigado. — Indo para o seu gabinete, Cam sentou-se à secretária e começou a ler. Bret manteve-se atravessado na porta, parecendo não saber o que fazer consigo mesmo. — Pelo amor de Deus — disse Cam —, vai ao médico. Parece que te acertaram com *spray* pimenta. Podes estar com uma reacção alérgica a alguma coisa.

— Está bem. — Espirrou violentamente e não conseguiu parar de tossir.

De onde estava sentado, não conseguia ouvir Karen, mas ouviu um silvo e, em seguida, Bret ficou envolto numa nuvem. — Ora bolas — protestou o doente, abanando os braços para dissipar a nuvem. — Respirar isto não pode fazer bem a ninguém.

Karen limitou-se a vaporizá-lo novamente.

— Desisto — murmurou ele, após alguns segundos a abanar os braços, um esforço fútil porque a nuvem parecia ganhar o duelo. — Vou-me embora. Mas, se ficar com problemas pulmonares e morrer porque me cobriste com esta porcaria, estás despedida!

— Se estiver morto, não poderá despedir-me. — A última palavra foi sua, falando para as costas de Bret enquanto este saía do escritório, batendo com a porta.

Após um momento de silêncio, Cam disse:

— Mais *spray*. Em tudo o que tocou.

— Vou precisar de uma lata nova. Esta está quase vazia.

— Quando voltar, compro-te uma caixa.

— Por agora, vou vaporizar as maçanetas em que tocou. Mas fique fora do gabinete dele.

— E a casa de banho?

[1] Produto desinfectante de limpeza. (N. do T.)

— Não entro na casa de banho dos homens. Costumava pensar que os homens eram humanos, mas entrei numa casa de banho masculina uma vez e quase desmaiei com o choque. Se entrasse noutra, acabaria por sofrer de problemas psicológicos. Se quiser a casa de banho vaporizada, terá de ser você a fazê-lo.

Ponderou por um momento o pormenor vagamente inacreditável de que era ela quem trabalhava para eles e, a seguir, considerou também as probabilidades de o escritório cair no mais completo caos se ela lá não estivesse. Aliás, não era uma questão de probabilidade. Ela certificar-se-ia de que seria esse o resultado. Pesando estes dois pontos, concluiu que vaporizar a casa de banho não integrava a lista de deveres de Karen.

— Agora não tenho tempo.

— A casa de banho não sai do sítio. E eu uso a das senhoras. — Ou seja, não importava que a dos homens fosse desinfectada ou não.

Cam olhou pela porta aberta, percebendo apenas agora que muitas das suas conversas decorriam consigo no gabinete e com ela no espaço exterior e que, na maior parte do tempo, não a conseguia ver de todo.

— Vou mandar instalar um grande espelho redondo — disse. — Mesmo ao lado da porta.

— Porquê?

— Para poder vê-la quando falar consigo.

— Porque quer fazer uma coisa dessas?

— Para ver se está a sorrir.

Cam guardou a sua mala no compartimento da bagagem e, a seguir, inspeccionou o *Skylane*, andando em seu redor, procurando algo que estivesse solto ou gasto. Puxou, abanou, pontapeou. Trepou ao *cockpit* e passou em revista os procedimentos anteriores ao voo, marcando cada item com um visto na lista presa numa prancheta. Conhecia os procedimentos de cor e conseguiria efectuá-los a dormir, mas nunca confiava apenas na sua memória. Um momento de distracção e poderia escapar-lhe algo de crucial. Conferiu a lista para se certificar de que nada fora esquecido. Quando estivesse a três mil metros de altitude, seria tarde demais para descobrir que alguma coisa não funcionava.

Olhando o relógio, percebeu que estava quase na hora a que a Sra. Wingate deveria chegar. Ligou o motor, ouvindo o som aumentar gradualmente de intensidade e regularizar-se. Verificou as leituras dos instrumentos nos monitores, voltou a conferir que todos os dados estavam normais e consultou o tráfego regional antes de se dirigir para o portão de rede metálica na parte dianteira do aeródromo, onde recolheria o passageiro. Pelo canto do olho, notou um movimento e olhou nessa direcção, apenas durante tempo suficiente para perceber que um *Land Rover* verde-escuro parava no local de estacionamento mais próximo.

Vê-la no *Land Rover* era sempre uma surpresa. A Sra. Wingate não parecia ser o tipo de mulher que apreciava veículos utilitários. Se a encontrasse pela primeira vez, diria que a sua preferência recairia em modelos luxuosos de grande dimensão, não do tipo desportivo, mas daqueles que outra pessoa conduziria enquanto ela se sentava no banco de trás. Ao invés, era sempre ela a conduzir, quando se tratava de um veículo de tracção às quatro rodas, manobrando como se pretendesse atravessar um campo a qualquer momento.

Não havia tempo a perder. Normalmente, Bret já estaria junto ao portão e ajudá-la-ia a arrumar a bagagem. Cam notou a forma como se manteve de pé por um momento, observando enquanto o *Skylane* se aproximava, antes de fechar a porta e contornar o carro para começar a retirar a bagagem. Ainda estava a uns bons cinquenta metros do portão. Era impossível chegar a tempo.

Óptimo. Seria provável que estivesse já irritada no início do voo porque não havia ninguém para a ajudar. Por outro lado, não precisara de esperar de nariz no ar até chegar alguém.

Quando conseguiu finalmente posicionar o avião, desligou o motor e saiu. Enquanto se voltava para o portão, viu-a saindo do terminal, arrastando uma mala atrás de si com uma mão enquanto usava a outra para segurar uma grande bolsa. Surpreendentemente, era Karen que vinha

com ela, puxando mais duas malas.

A Sra. Wingate observou-o enquanto se aproximava e voltou-se para Karen.

— Pensava que seria Bret o meu piloto — disse no seu tom de voz frio e neutro.

— Está doente — explicou Karen. — Confie em mim. Não quereria estar perto dele.

A Sra. Wingate não permitiu que gesto ou expressão traísse o que pensava.

— Claro que não — replicou, com brevidade e com os olhos completamente ocultos pelos óculos escuros que trazia.

— Sra. Wingate — cumprimentou-a Cam quando conseguiu alcançá-las.

— Comandante Justice. — Atravessou o portão mal o abriu.

— Permita-me que lhe leve a bagagem.

Em silêncio, libertou a mala antes mesmo que a mão dele se aproximasse da pega. Seguindo o seu exemplo, Cam não falou enquanto guardava as outras duas malas no compartimento da bagagem, questionando-se se ela teria deixado alguma roupa no armário. As malas eram tão pesadas que, num voo comercial, teria pago uma taxa avultada.

Quando havia apenas um passageiro, era frequente que optassem por se sentar a seu lado em vez de ocuparem os bancos dos passageiros atrás do *cockpit*, em parte porque conversar era mais fácil através dos auscultadores do co-piloto. Ajudou a Sra. Wingate a entrar no avião, apoiando-a enquanto subia a escada e, no interior, viu-a sentar-se no banco atrás dele, mostrando claramente que não tinha qualquer intenção de conversar.

— Poderia sentar-se do outro lado, por favor? — instruiu, num tom de voz que transformava o pedido numa exigência, apesar do «por favor» que acrescentara.

Ela não se moveu.

— Porquê?

Cam estivera na força aérea durante quase sete anos, mas os hábitos militares estavam de tal forma entranhados que quase lhe berrou para se mexer imediatamente, o que teria como resultado provável o cancelamento do contrato no espaço de uma hora. Teve de cerrar os dentes, mas conseguiu dizer num tom relativamente cordial:

— O peso ficará melhor distribuído se nos sentarmos em lados opostos.

Em silêncio, viu-a passar para o banco do lado direito, colocando o cinto de segurança. Abrindo a bolsa, retirou um livro grosso de capa dura e escondeu-se de imediato atrás dele, apesar de as lentes dos óculos serem tão escuras que Cam duvidava que conseguisse ler uma palavra. De qualquer forma, a mensagem foi compreendida com clareza: «Não fale comigo.» Óptimo. Tinha tanta vontade de falar com ela, como ela teria de falar com ele.

Ocupou o seu lugar, fechou a porta e colocou os auscultadores. Karen acenou antes de regressar ao interior. Depois de ligar o motor e verificar que todas as leituras estavam normais, deslizou até à pista. Em nenhum momento, mesmo durante a descolagem, a Sra. Wingate ergueu os olhos do seu livro.

Sim, pensou Cam, amargamente. Seriam umas cinco horas muito longas.

4

Perfeito, pensou Bailey assim que viu o comandante Justice descer do *cockpit* do *Cessna* e caminhar até ao portão. Era impossível confundir a figura alta e de ombros largos com Bret Larsen, o piloto que habitualmente a acompanhava nas suas viagens. Bret era alegre e sociável enquanto o comandante Justice era sisudo e reprovador. Desde que casara com Jim Wingate, tor-nara-se mais sensível aos momentos em que essa atitude lhe era dirigida e, apesar de não se considerar sensível, não conseguia evitar sentir-se irritada.

Estava farta de ser vista como uma exploradora sem coração que se aproveitara de um homem doente. Tudo aquilo fora ideia de Jim e não sua. Sim, era verdade que o fazia pelo dinheiro,

mas merecia o salário que recebia todos os meses. Não só as heranças de Seth e Tamzin estavam seguras sob sua gestão, como também cresciam a ritmo saudável. Não era nenhum génio financeiro, mas tinha boa cabeça para investimento e compreendia os mercados. Jim achara-a um pouco conservadora em demasia nos seus investimentos pessoais, mas, para a preservação de fundos, era precisamente esse tipo de postura que considerava desejável.

Achou que poderia publicar um anúncio num jornal explicando tudo, mas porque deveria justificar-se? Que se lixassem.

Era uma filosofia facilmente aplicável com os amigos de Jim, agora demasiado bons para socializar com ela, e agradava-lhe não ter de passar tempo com eles. De qualquer forma, nunca os vira como amigos seus. No entanto, tinha de passar várias horas enfiada num avião pequeno com o Sr. Ranzinza. A alternativa seria cancelar o voo e esperar pelas melhoras de Bret ou marcar passagem num voo comercial para Denver.

A ideia era tentadora. Mas não poderia atrasar-se para o voo seguinte, presumindo que conseguiria chegar ao aeroporto a tempo, e o seu irmão e cunhada já iam a caminho de Denver, vindos do Maine. Supostamente, Logan teria um carro todo-o-terreno alugado e pronto a partir quando o voo dela chegasse. Às oito daquela noite, eram esperados no local escolhido para duas semanas de descida de rápidos. Bailey achara a ideia maravilhosa. Duas semanas sem rede telefónica, sem olhares de frieza ou desaprovação e, acima de tudo, sem Seth ou Tamzin.

A descida de rápidos era o passatempo preferido de Logan. Conhecera Peaches, a sua mulher, enquanto remavam. Bailey experimentara o desporto nos seus dias de faculdade e agradara-lhe. Por isso, aquela parecia a forma ideal de passar algum tempo com eles. Tinha a família dispersa e, como nunca lhe agradaram as reuniões familiares, não os via com frequência. O pai vivia no Ohio com a sua segunda mulher. A mãe, cujo terceiro marido morrera quase quatro anos antes, vivia na Florida com a irmã do segundo ex-marido, também viúva. A irmã mais velha de Bailey, Kennedy, estava perdida algures no Novo México. Logan, dois anos mais novo, era o mais próximo de Bailey, mas não o via desde o funeral de Jim. Ele e Peaches haviam sido os únicos familiares presentes. Peaches era um amor e a preferida de Bailey entre todos os parentes por afinidade.

A ideia da viagem fora de Peaches e tinha havido uma troca frenética de e-mails durante vários meses enquanto trabalhavam os pormenores. O plano era alugarem o equipamento de maior dimensão necessário para acampar durante duas semanas nas margens do rio, como as tendas, fogões de campanha e lanternas, e comprariam comida, água e outras coisas essenciais (papel higiénico, por exemplo) em Denver. Mesmo assim, as malas de Bailey estavam preenchidas com coisas de que achava poder precisar.

A sua experiência limitada com a descida de rápidos ensinara-lhe que seria melhor trazer algo de que não precisasse do que precisar de algo que não tivesse trazido. Na segunda das suas duas aventuras anteriores, o período chegara-lhe com alguns dias de antecedência, apanhando-a inteiramente desprevenida. O que deveria ter sido divertido transformou-se em tortura, porque teve de usar as meias como absorventes, o que implicava ter pés frios e molhados durante toda a viagem. Não tinha qualquer graça. Daquela vez, esquadrinhara antecipadamente catálogos de produtos de viagem e encomendara tudo aquilo que imaginava poder ser útil como, por exemplo, um conjunto de escovas de dentes descartáveis em esponja, um baralho de cartas à prova de água e uma luz de leitura.

Logan iria censurá-la pelo excesso de bagagem, mas Bailey seria a última a rir se ele viesse a precisar de algum elemento do seu espólio. Tinha mesmo um pequeno rolo de adesivo para o caso de a tenda ter uma fuga, algo que também lhe acontecera na miserável expedição anterior. Gostava de navegar em águas revoltas e, quando estava no bote, ficar molhada e ter frio fazia parte da diversão, mas, fora do bote, ansiava pelos confortos do lar. Podia ser demasiado menina, mas estava certa de que Peaches preferiria os toalhetes de aloé às alegrias da lavagem pessoal com um balde de água do rio e uma barra de sabão.

Ansiara tanto pela viagem que não conseguia suportar a possibilidade de atraso, mesmo que chegar a tempo implicasse suportar a companhia do comandante Justice. Sentia vontade de roncar

de desprezo sempre que ouvia o nome. Comandante Justice. Por amor de Deus. Parecia o título de um livro de banda desenhada.

Enfiara as suas três malas no compartimento da bagagem sem sequer um gemido de esforço, mas, apesar de a expressão facial parecer talhada na pedra, Bailey sabia em que pensava. Que enfiara nas malas o conteúdo inteiro do seu armário. Se fosse humano, teria, pelo menos, parecido um pouco incrédulo ou ter-lhe-ia perguntado se tinha pedras lá dentro. Bret teria grunhido e ter-se-ia comportado como se as malas pesassem mais do que pesavam na realidade, aproveitando para fazer uma piada. O Sr. Cara de Pau não. Nunca o vira sequer sorrir.

Quando a ajudara a subir para o avião, a mão firme fora tão inesperada que Bailey quase vacilou. Ocorreu-lhe que Bret não a ajudava. Apesar do seu jovial espírito de camaradagem, era muito cuidadoso para não ultrapassar os limites pessoais dela e que se tinham expandido de forma significativa desde que casara com Jim. Deixara de confiar na maior parte das pessoas, o que a tornava rígida e inacessível. Ou o comandante Justice não tinha notado os seus sinais de «não tocar» ou simplesmente não se importava. A mão era forte e mais áspera do que as dos executivos e financeiros com que normalmente se associava. O choque de ser tocada e o calor da mão chegaram mesmo a acelerar-lhe o ritmo cardíaco.

Sentia-se tão perturbada que mal ouviu a sua ordem para mudar de lugar. Assim que pôs o cinto no banco que lhe foi indicado, procurou o livro e fingiu-se absorvida na leitura, enquanto se repreendia mentalmente.

Seria patética ao ponto de reagir com tamanha prontidão ao simples toque da mão de um homem? E não de um homem qualquer, mas de um homem que não escondia não simpatizar com ela. Era verdade que o amor da sua vida era inexistente naquele momento e assim permaneceria enquanto tivesse de lidar com os filhos de Jim porque se recusava a fornecer-lhes munições ou alvos. Também era verdade que, em determinadas alturas, se sentia incrivelmente carente a nível sexual, mas esperava ter orgulho suficiente para nunca o revelar a alguém como Justice, fazendo-o pensar que se teria em tão pouca estima que qualquer homem serviria.

O pior de tudo era que, fisicamente, era um homem atraente, ainda que não fosse bonito. Não era bonito porque a sua face era demasiado máscula para isso, mas era decididamente... atraente. Havia algo de cativante nos olhos cinzentos e os seus eram de uma tonalidade um pouco mais clara do que o habitual, marcados por um resquício ténue de azul. A expressão naqueles olhos era fria e distante, como se não tivesse quaisquer sentimentos.

Seria, obviamente, um bom amigo de Bret, apesar de não conseguir imaginá-lo a partilhar uma amizade real com alguém. No entanto, quando Bret falava sobre ele, parecia realmente gostar de Justice e respeitá-lo. «Um grande piloto», fora assim que o descrevera certa vez. «Completamente frio. Juro que não tem um nervo no corpo todo. Conseguiria manter um KC-10 estável num furacão sem sequer suar.»

Bailey sentira-se suficientemente curiosa para, mais tarde, pesquisar na internet o que era um KC-10.

Conseguia agora imaginá-lo aos comandos de um enorme avião de abastecimento, mantendo-o firme enquanto avião atrás de avião se aproximavam por trás para se reabastecerem de combustível. Não lera o suficiente para perceber como funcionava, mas não lhe parecia que fosse fácil, sobretudo a centenas de quilómetros por hora, à mercê dos ventos que sopravam nas alturas.

Emergiu dos seus pensamentos ao perceber que deixara de olhar para o livro e passara a olhar fixamente para as mãos dele, tão seguras e firmes sobre os comandos. Assustada, voltou a baixar os olhos. Graças a Deus, tinha os óculos postos e ele não conseguiria perceber que o olhava, apesar de ser possível que se questionasse como conseguiria ler através das lentes escuras. Não conseguia, mas ele não precisaria de o saber.

Sentiu-se desconfortável e insegura, o que não era comum. Precisava de descontrair e pensar noutras coisas. Se retirasse os óculos, seria capaz de ler e o livro era bom, mas, quando ergueu a mão para os retirar, rapidamente os recolocou no sítio original. Eram um bom escudo e sentiu que precisava de um.

Muito bem. Não poderia ler. Talvez uma sesta?

Era demasiado cedo. A manhã nem ia a meio. Podia fingir que dormia, tal como fingira que lia, mas isso não daria nova orientação aos seus pensamentos.

Se tivesse trazido o computador, poderia jogar algum jogo, mas dei-xara-o em casa. Não teria acesso à internet durante as duas semanas seguintes e, depois de a bateria se esgotar, o computador seria apenas um peso inútil que teria de arrastar atrás de si, a não ser que quisesse carregar-se com baterias adicionais. E não queria. Não quando já levava tanta coisa. O guia teria veículos para transportar o material e os mantimentos de local em local, mas havia três botes, cada um com capacidade para seis pessoas e, por isso, era necessário espaço para transportar o equipamento de dezoito pessoas. Esperou que os veículos do guia fossem bastante grandes.

Entusiasmava-a pensar nas duas semanas seguintes. Seria divertido, excitante e, por vezes, perigoso, mas, durante duas semanas, não precisaria de ter cuidado com tudo o que dissesse e não estaria rodeada por pessoas que a desprezavam abertamente ou que a olhavam de lado. Poderia descontrair, rir e divertir-se. Poderia ser ela própria. Durante duas semanas, estaria livre.

Olhou pela janela, vendo a extensa mancha urbana de Washington. Os aviões comerciais eram rápidos, mas preferia voar em aeronaves mais pequenas porque conseguia ver muito melhor de uma altitude inferior. O zumbido ruidoso do motor era hipnótico e acabou mesmo por dormitar um pouco, apoiando a cabeça contra o assento de couro. O sol matinal embatia no vidro do *cockpit*, aquecendo o interior do avião até Bailey se sentir demasiado quente e despir o casaco leve de seda.

Não voltaria a usar seda nas duas semanas seguintes, pensou, mal acordada. A capa de seda que trouxera para a eventualidade de o saco-cama se tornar demasiado quente ou frio não contava.
Olhando o relógio, percebeu com surpresa que estavam no ar há quase hora e meia. O tempo parecera arrastar-se, mas talvez tivesse dormido mais do que pensara.

— Onde estamos? — perguntou, erguendo a voz para que ele a ouvisse.

O comandante ergueu os auscultadores de um lado e olhou-a sobre o ombro.

— Desculpe? — disse, com expressão fria e tom minimamente educado.

— Onde estamos? — repetiu.

— A chegar ao Idaho.

Olhou pelo vidro dianteiro e viu enormes montanhas com picos brancos à sua frente. O coração sobressaltou-se e não conseguiu conter o assombro. Estavam em rota de colisão a não ser que o avião pudesse subir mais. Muito mais.

O comandante recolocou o auscultador no lugar, mas Bailey acreditou ter visto uma centelha de satisfação na sua boca. Daquele ângulo não podia ter a certeza, mas, se tinha percebido o seu espanto, estaria divertido. Claro que o avião podia subir mais. Não estariam dentro dele se não pudesse. Estúpida, pensou, irritada.

Recostando-se, olhou as montanhas. Estavam ainda a boa distância, mas o seu tamanho era de tal forma esmagador que pareciam agachar-se à sua frente, como enormes bestas pré-históricas, esperando que chegasse mais perto para se erguerem e saltarem sobre ela.

O que haveria nas montanhas que sempre lhe avivara a imaginação? Na realidade, limitavam-se a permanecer ali, como grandes rugas na terra. Do ar, faziam lembrar um pedaço de papel muito amarrotado e posteriormente alisado sem grande convicção. A não ser que fossem vulcões, as montanhas nunca faziam nada. Assim sendo, porque lhe pareciam sempre tão vivas? «Vivas» não por estarem cobertas de árvores e animais grandes e pequenos, mas como se vivessem realmente e respirassem, cada uma com uma personalidade e comunicando com as restantes.

Quando era pequena, pensava que as colinas eram montanhas infantis e que, quando crescessem, se tornariam montanhas e todas as casas construídas sobre elas deslizariam
pela encosta abaixo. Lembrava-se de sentir medo de cada vez que visitava uma casa situada sobre a encosta mais mínima, pensando que, a qualquer instante, o solo começaria a erguer-se sob os seus pés e deslizaria para a morte.

Quando completou dez anos, sabia já que não era possível, mas nunca perdeu a percepção de que as montanhas estavam vivas.

Havia nuvens cinzentas aglomerando-se em diante, revolvendo e crescendo contra as montanhas, enquanto uma qualquer frente atmosférica tentava ganhar ímpeto para as ultrapassar. As velhas senhoras enfei-tavam-se, pensou. As nuvens rodeavam os ombros das montanhas como uma boa de penas suja, com os picos nevados erguendo-se acima e os sopés verdejantes abaixo.

Enquanto se aproximavam das montanhas, Justice fez subir o avião. O som do motor mudou enquanto o ar se tornava mais rarefeito. Farripas diáfanas de nuvem envolviam-nos e afastavam-se. O avião atravessava bolsas de ar, estremecendo.

Inclinando-se para a frente, Bailey tentou perceber a altitude assinalada, mas atravessaram nova bolsa de ar e não conseguiu focar os números.

— A que altitude estamos? — perguntou, berrando.

— Treze-quinze — disse Cam, sem retirar as mãos dos comandos e sem olhar para ela. — Vou fazer-nos subir até aos dezasseis.

O ar acalmou quando se ergueram acima da agitada camada térmica. Olhou para baixo, fazendo cálculos de cabeça. Estavam a quatro quilómetros de altitude. O *Titanic* estava submerso no oceano quase à mesma distância de profundidade, a cerca de três quilómetros e meio. Seria uma descida longa, pensou, imaginando o reluzente transatlântico com as luzes apagadas, afundando-se, fracturado e escuro, desprovido de toda a vida. Estremeceu, sentindo um frio repentino, e estendeu a mão para o casaco. Fez uma pausa antes de o vestir, observando a primeira ruga de terra gigante deslizar a seu lado.

O motor soluçou.

Sentiu o estômago cair-lhe como se estivesse numa montanha-russa. Subitamente, o batimento cardíaco estava muito acelerado. Bailey incli-nou-se novamente para a frente.

— O que foi isto? — A sua voz estava um pouco tensa, não conseguindo disfarçar algum alarme.

Ele não lhe respondeu. A postura de Justice tinha-se alterado, passando num milésimo segundo da descontracção para o alerta total. Isso alarmou-a ainda mais do que a ligeira pausa no zumbido monótono do motor. Segurou-se ao banco, cravando as unhas no couro.

— Passa-se alguma coisa?

— Todas as leituras estão normais — respondeu ele, secamente.

— Então o que...

— Não sei. Vou descer um pouco.

Um pouco não faria mal, pensou, olhando os enormes picos escarpados que pareciam tão próximos do avião e aproximando-se mais. Não podia descer muito ou roçariam os cumes montanhosos. Mas o ruído do motor parecia ter-se normalizado. Se aquele soluço representasse algo sério, não teria continuado?

O motor voltou a soluçar, com intensidade suficiente para fazer estremecer a fuselagem. Bailey sentiu-se gelar no assento, observando o movimento da hélice e ouvindo o motor, desejando que o ruído se normalizasse.

— Continua, continua — suplicou entredentes. — Continua. Imaginou o ronco contínuo, imaginou as pás da hélice girando tão
rapidamente que nem as conseguiria ver. Na sua mente, o avião ergueu-se acima das montanhas. Se conseguisse concentrar-se o suficiente, aconteceria realmente...

O motor vacilou algumas vezes... e parou.

O silêncio foi repentino e completo. Num choque sem palavras, viu o movimento da hélice abrandar, com as pás tornando-se perfeitamente definidas... antes de pararem.

5

— **Merda!**

O comandante Justice cuspiu a palavra entre os dentes cerrados. As suas mãos moviam-se com rapidez enquanto tentava reactivar o motor e manter o nariz do avião erguido. Estavam tão próximos das montanhas que, se o nariz caísse, o embate seria certo. A paisagem por baixo era uma mistura de contrastes duros e pouco hospitaleiros. Picos e penedos cobertos com uma neve tão branca que era quase azul, sombras tão escuras que eram quase negras. As encostas eram íngremes e afiadas, caindo em ângulos súbitos e quase verticais. Não havia local de aterragem, nada que se aproximasse remotamente de terreno plano.

Bailey não se mexeu nem respirou. Não conseguia. O seu corpo foi tomado por uma terrível paralisia, sentindo-se aterrorizada e indefesa, sucumbindo-lhe a voz em seguida. Não havia nada que pudesse fazer para ajudar, nada que pudesse fazer para alterar os acontecimentos. Nem sequer conseguia bradar um protesto. Apenas conseguia observar e esperar pela morte. Iriam morrer. Não via qualquer saída. Em poucos minutos, ou talvez segundos, despenhar-se-iam no pico coberto de neve da montanha. Mas, naquele instante, num precioso momento, pareciam flutuar, como se o avião não tivesse ainda cedido à lei da gravidade ou como se as montanhas jogassem um jogo do gato e do rato, deixando-os sentir uma esperança ténue e irrazoável que em breve iria desaparecer.

— *Mayday! Mayday! Mayday!*

Quase não ouviu Justice falando para o rádio, emitindo o sinal de perigo, transmitindo a identificação do avião e a localização actual. A seguir, praguejou violentamente e silenciou-se enquanto lutava contra o inevitável. O avião caiu de repente, com um movimento que fez o coração de Bailey subir-lhe à garganta. Fechou os olhos com força para não conseguir ver os picos rochosos que se aproximavam a grande velocidade. A seguir, a asa esquerda ergueu-se enquanto a direita mergulhava e rodopiaram para o lado direito numa manobra vertiginosa que a fez engolir de forma convulsiva. Poucos segundos mais tarde, a asa direita ergueu-se e, durante um momento breve, muito breve, permaneceram estabilizados até que a asa esquerda mergulhou e rodopiaram para a esquerda.

Abriu os olhos. Por um momento, não conseguiu focá-los em nada. Tinha a visão difusa e doía-lhe o peito. Apercebeu-se de que sustinha a respiração e, com esforço, expirou, voltando a encher os pulmões de ar. Outro fôlego e a visão clareou o suficiente para lhe permitir que visse Cam. Era tudo o que conseguia ver, como se a sua imagem estivesse ampliada e tudo o resto permanecesse perdido no nevoeiro. Conseguia ver o lado direito do seu maxilar, os músculos em esforço, a película de suor e mesmo as pestanas curvas e a sombra ténue da barba feita há pouco.

Ocorreu-lhe um pensamento doloroso. Seria ele a última pessoa que veria! Voltou a inspirar profundamente. Morreria com ele, com este homem que nem sequer gostava dela. Uma pessoa deveria poder morrer junto de alguém que se importasse. No entanto, o mesmo lhe era aplicável a ele e sentiu uma tristeza profunda por ambos. Estava... estava... O pensamento estilha-çou-se, quando conseguiu focar a sua atenção. Que raio estava ele a fazer? Apercebeu-se, incrédula. Estava a pilotar o avião, com perícia e determinação inabalável e também, possivelmente, com todas as orações que conhecia. O motor estava morto, mas, mesmo assim, continuava a pilotar o maldito avião, conseguindo de alguma forma mantê-lo sob um controlo rudimentar.

— Segure-se — disse ele, bruscamente. — Vou tentar chegar à linha de árvores, mas podemos não conseguir.

Bailey sentiu o cérebro moído, quase incapaz de funcionar. Linha de árvores? Que importava isso? Mas dispersou a névoa cerebral induzida pelo medo tempo suficiente para apertar mais o cinto, pressionando a cabeça contra as costas do assento e segurando-se com as mãos.

Fechou os olhos para bloquear a visão da morte iminente, mas sentia o avião inclinar-se primeiro para um lado, depois para o outro. «Correntes térmicas», pensou, com as duas palavras revelando-se entre o caos na sua cabeça. Usava as correntes térmicas para conseguir elevação e conquistar segundos preciosos. O avião era demasiado pesado para funcionar como um planador,

mas as correntes de ar abrandavam parcialmente a queda. Se seria o suficiente para fazer a diferença, não sabia, mas o comandante Justice teria algo em mente, não? Que outro motivo haveria para lutar com tanto afinco para controlar o avião? Se o resultado final fosse o mesmo, para quê o esforço?

Esperando o pior, aguardou o impacto inevitável e o último fragmento de consciência. Desejou que a morte não fosse muito dolorosa. Desejou que os corpos fossem encontrados rapidamente para que a família não tivesse de sofrer ao longo de longas buscas. Desejou... desejou muitas coisas, nenhuma das quais aconteceria.

Sentiu que passara perto de uma hora desde que o motor parara, apesar de, logicamente, saber que tinham sido apenas minutos... não, nem mesmo minutos. Menos de um minuto, seguramente, apesar de parecer um minuto infindável.

Porque levava o avião tanto tempo a despenhar-se?

Era ele. Justice. Era ele o motivo do sofrimento prolongado. Continuava a lutar contra as leis da gravidade, recusando-se a desistir. Sentiu uma vontade irracional de o esmurrar, de dizer: «Pare de arrastar isto!» Quanto tempo resistiria ao terror antes de o seu coração ceder ao esforço? Não que fizesse qualquer diferença, dadas as circunstâncias...

BUM!

O estrondo quase lhe fez saltar os dentes. Seguiu-se um horrendo e ensurdecedor rugido de metal amolgado e o som de junções metálicas a quebrar, seguindo-se novos estrondos e um impacto tão intenso que tudo ficou negro. O cinto de segurança apertava-lhe o ombro de forma quase insuportável. De algum modo, tivera consciência de ser sacudida para a direita e de cair, mas o cinto mantivera-a no local apesar de os braços e pernas se agitarem como os de uma boneca partida. A seguir, o lado direito da sua cabeça embateu contra algo rígido e a treva envolveu-a.

Bailey tossiu.

O cérebro mal registou a reacção involuntária. Alguma coisa estava mal. Não conseguia obter oxigénio suficiente. Sentiu um alarme vago e tentou mover-se, tentou endireitar-se, mas nem as pernas nem os braços lhe obedeciam. Concentrou-se com força, aplicando toda a sua vontade ao movimento, mas o esforço foi demasiado e voltou a deslizar para a escuridão.

No momento de consciência seguinte, debateu-se e concentrou-se, percebendo finalmente que conseguia mover os dedos da mão esquerda.

A princípio, apercebeu-se apenas de coisas pequenas e imediatas. De como era difícil mover-se, de como lhe parecia que alguém cortava o seu braço esquerdo, da necessidade de voltar a tossir. Sobre tudo isto, havia a dor, insistente e inabalável. Doía-lhe o corpo todo, como se tivesse caído...

Caído. Sim. Tinha caído. Era isso. Lembrava-se de bater...

Não. O avião... O avião despenhara-se.

A compreensão atingiu-a, misturada com espanto e trepidação. O avião despenhara-se, mas ela estava viva. Estava viva!

Não queria abrir os olhos para não perceber a extensão dos seus ferimentos. Se lhe faltassem partes do corpo, não queria saber. Se fosse esse o caso, morreria de qualquer forma com o choque e a perda de sangue naquele cume de montanha isolado, a quilómetros de qualquer salvação. Queria apenas permanecer deitada de olhos fechados e deixar que acontecesse o que quer que fosse. Tudo lhe doía tanto que não conseguia imaginar mexer-se e arriscar uma dor mais intensa.

Mas era irritante a forma como algo interferia com a sua respiração e o braço direito doía-lhe muito no ponto em que algo aguçado se cravava na pele. Precisava de se mover, precisava de se afastar dos destroços. Fogo. Existia sempre o perigo de incêndio num avião despenhado, não?

Precisava de se mover.

Gemendo, abriu os olhos. A princípio, não conseguiu focá-los. Via apenas um borrão acastanhado. Pestanejou e, finalmente, o borrão tor-nou-se uma espécie de tecido. Seda. Era o seu casaco de seda cobrindo-lhe quase toda a cabeça. Laboriosamente, ergueu o braço esquerdo e

afastou o casaco, conseguindo descobrir os olhos. Pedaços de vidro tilintaram quando o movimento os desalojou.

Muito bem. O braço esquerdo funcionava. Era positivo.

Tentou endireitar-se, mas havia algo errado. Nada estava onde devia. Fez mais alguns esforços débeis e fúteis para se endireitar e emitiu um gemido de frustração. Em vez de se debater como uma minhoca presa num anzol, precisava de tomar conta da situação, de ver claramente aquilo com que lidava.

A concentração era difícil, mas tinha de se esforçar. Inspirando profundamente, olhou em redor, tentando colocar sentido no que via. Bruma, árvores, vislumbres ocasionais de céu azul. Viu os seus pés. O esquerdo descalço. Onde estaria o outro sapato? Então, como um relâmpago, outro pensamento lhe atingiu o cérebro. O comandante Justice! Onde estava? Ergueu a cabeça tanto quanto podia e viu-o de imediato. Estava caído no banco, com a cabeça pendendo para a frente. Não conseguia ver-lhe a cara. Estava coberta por uma torrente de sangue.

Tentou novamente endireitar-se, voltando a cair. A posição confun-dia-a. Estava deitada no chão da cabina... Não. Não batia certo. Concen-trou-se ferozmente, forçando o cérebro a ajustar-se, passando do que esperava para a realidade da sua posição e, subitamente, as coisas começaram a fazer sentido. Continuava presa ao banco e estava deitada contra o lado direito do avião, inclinada num ângulo relativamente pronunciado. Não conseguia endireitar-se porque precisava de se içar para cima e para a esquerda e não poderia fazê-lo a não ser que usasse os dois braços, mas tinha o braço direito preso e não o conseguia libertar a não ser que, primeiro, saísse de cima dele.

Se Justice não estivesse já morto, não lhe restaria muito tempo se não conseguisse colocar-se numa posição que lhe permitisse ajudá-lo. Sair do banco. Era o que precisava de fazer. Com a mão esquerda, tacteou à procura do cinto e abriu a fivela. Liberta, o seu corpo deslizou para fora do banco e caiu com uma pancada dolorosa que a fez voltar a gemer, mas continuava presa pelo ombro. Soltou-se e conseguiu pôr-se de joelhos.

Não admirava que sentisse que o braço direito estava a ser cortado. Estava realmente. Um fragmento triangular de metal projectava-se para fora do seu tricípite. Sentindo uma indignação irracional pelo ferimento, arrancou o fragmento agressor e lançou-a para longe, cambaleando até alcançar Justice. O ângulo em que o avião se encontrava dificultaria o equilíbrio, mesmo que não se sentisse grogue e enfrentando dores e ferimentos, mas apoiou o pé contra a parede lateral da fuselagem e içou-se até conseguir alcançar o espaço apertado entre os dois bancos dos pilotos.

Havia tanto sangue. Estaria morto? Lutara tanto para conseguir aterrar o avião num ângulo que lhes permitisse sobreviver. Não suportava pensar que ele morrera tentando salvar-lhe a vida. Estendeu a mão trémula e tocou-lhe o pescoço, mas o seu corpo estava demasiado afectado pelos ferimentos para conseguir parar de tremer e não percebeu se tinha pulsação ou não.

— Não podes estar morto — murmurou em desespero, mantendo a mão sob o seu nariz, tentando sentir se respirava. Achou que sim e olhou-lhe fixamente o peito. Finalmente, conseguiu ver o movimento ascendente e descendente e o alívio que a inundou foi tão intenso que quase irrompeu em lágrimas.

Estava vivo, mas inconsciente e ferido. Que deveria fazer? Deveria
movê-lo? E se tivesse ferimentos na coluna? Mas e se não fizesse nada e sangrasse até morrer?

Encostou o corpo dorido contra a parte lateral do banco do piloto por um momento.

— Pensa, Bailey! — ordenou a si própria. Precisava de fazer algo. Precisava de lidar com o que sabia estar mal nele e não com o que poderia estar mal. E sabia que perdia muito sangue. Por isso, em primeiro lugar, devia estancar a hemorragia.

Ergueu o olhar, procurando algo a que se pudesse segurar para entrar no *cockpit*, mas não havia nada. Literalmente. A asa esquerda e a maior parte da fuselagem daquele lado tinham desaparecido, arrancadas como se o avião tivesse sido rasgado por um abre-latas gigante. Não havia nada a que pudesse segurar-se, além dos vértices de metal retorcido aguçados como lâminas. Parte de um ramo de árvore partido introduzia-se pela abertura.

Não havia mais nada que pudesse usar e, por isso, segurou-se ao encosto de cabeça do banco

de Justice e puxou-se para cima, deslizando entre o que restava do tecto e o topo do assento do piloto. O melhor que conseguiu foi agachar-se, com os pés contra a porta do lado direito.

— Justice — disse, porque lera algures que, por vezes, pessoas inconscientes continuam a conseguir ouvir e reagem um pouco aos seus nomes. Não sabia se era ou não verdade, mas não faria mal.

— Justice! — disse, novamente, com maior insistência, segurando-o pelos ombros e tentando endireitá-lo. Era como puxar um tronco. A cabeça pendeu-lhe para um lado, com sangue escorrendo do nariz e do queixo.

Puxá-lo não resultaria. O cinto de segurança mantinha-o preso no sítio, mas Bailey lutava contra a gravidade. Precisava de desapertar o cinto e tirá-lo do assento, tentando fazê-lo sair do avião.

Daquela forma, fá-lo-ia cair do banco mal o cinto fosse desapertado, mas o avião era pequeno e a distância era de um par de metros no máximo. Mesmo assim, a fuselagem fora amolgada para o lado do co-piloto e um ramo de árvore furara a pele de metal como uma estaca de madeira penetrando o coração de um vampiro. A extremidade aguçada do ramo estava apontada para trás, em vez de apontar para cima, mas não quis correr o risco de o empalar e olhou em redor, procurando alguma coisa com que pudesse cobrir o ramo.

Lembrou-se da sua bolsa, mas não conseguia vê-la. Estava junto a si, do lado esquerdo do banco, e podia ter sido projectada quando a fuselagem se abrira. Restava apenas o seu casaco de seda maltratado e manchado de sangue. Voltando-se e gemendo com o esforço, conseguiu alcançar uma manga e puxá-lo para si. Era fino, quase sem peso. A seda era forte, mas,
naquele momento, precisava de volume para cobrir a extremidade aguçada de um ramo e não força preênsil.

A inspiração chegou num repente. Curvou-se para diante e descalçou o sapato que restava, um mocassim de marca que custara muito dinheiro, enfiando-o na ponta de madeira. A seguir, dobrou o casaco e colocou-o sobre o ramo, como acolchoamento adicional.

— Muito bem, Justice. Vamos tirá-lo do banco — disse, com gentileza. — A seguir, tento tirá-lo do avião, mas uma coisa de cada vez. Quando desapertar o cinto, vai cair um pouco, talvez um metro. Preparado? — Seria provável que caísse sobre ela, considerando o espaço limitado, deixando-a presa e sem espaço para se libertar. A posição em que estava era realmente má. Suspirando, rastejou sobre o topo do assento e de volta à parte traseira do avião.
Ouviu-se um gemido baixo vindo da garganta dele. Saltou, tão sobressaltada que quase gritou.

— Graças a Deus — murmurou, cambaleando de volta. Numa voz ligeiramente mais elevada do que o normal, tornou a chamá-lo.

— Justice! Acorde se conseguir. Não consigo retirá-lo do avião sozinha. Precisa de me ajudar se puder. Vou desapertar a fivela agora, está bem? — Enquanto falava, tacteou à procura da fivela, deslizando os dedos pelo cinto até encontrar metal. Um deslizar rápido do fecho e Justice caiu como uma pedra, sobre o lado direito, com a cabeça e os ombros contra o chão e as longas pernas ainda sobre o painel de instrumentos e embrulhadas nos comandos.

— Bolas! — resmungou Bailey. A posição não melhorara. Estava de costas para ela e continuava a não conseguir ver grande coisa da sua cara ensanguentada. Nem havia espaço para se enfiar à frente dele e ver de onde vinha todo aquele sangue.

Inspirou fundo várias vezes, pensando em como conseguiria desempenhar a tarefa. O ar que inspirara era frio e intensamente perfumado pelo odor das coníferas. O efeito era semelhante a uma bofetada na cara. Voltou a avaliar a situação em que se encontravam. Não podia arrastá-lo, era demasiado pesado e a inclinação do avião demasiado severa. Por outro lado, se conseguisse abrir a porta do lado do co-piloto, talvez o conseguisse retirar por aí. Examinando o ramo de árvore, viu que entrara na cabina à frente do fecho da porta e, por isso, não era empecilho. Mas, pela forma como o avião estava inclinado, a porta poderia estar bloqueada. Espreitou pelas janelas escurecidas do lado direito, tão riscadas que mal conseguia ver alguma coisa e muito menos perceber se algo bloqueava a porta.

A janela do co-piloto podia abrir-se. Se conseguisse forçá-la... A acção seguiu a intenção, mas o vidro estava preso e não o conseguiu abrir.

Também não conseguia apoiar-se para tentar forçá-lo. Frustrada, ergueu o punho e bateu lateralmente na janela, o que não produziu qualquer efeito além de lhe magoar a mão.

— Bolas! Bolas! Bolas! — exclamou. Se não conseguia abrir a janela, era provável que não conseguisse abrir a porta. — Por outro lado — disse, em voz alta —, porque perco tempo com uma janela quando preciso de abrir a porta? — Se conseguisse abrir a porta, não precisaria da janela.

Sentia que lhe escapavam vários pontos óbvios e que o cérebro funcionava a meio-gás, mas fazia o possível dentro das circunstâncias. Todo o seu corpo lhe doía como se tivesse sido violentamente espancada e o braço sangrava. Pensaria nas coisas quando lhe ocorressem e quem não gostasse podia ir passear.

Ir passear. Muito engraçado. Ha ha. E não havia ninguém para gostar ou desgostar das suas decisões, além de Justice, que não estava em condições para comentar. O seu pequeno festival de comiseração era desperdiçado.

Pernas. As pernas eram muito mais fortes do que os braços e Bailey era mais forte do que a maioria das mulheres, graças a todas as horas que passava a fazer exercício. Conseguia levantar cento e oitenta quilos com aquelas pernas. Não era fraca e não devia pensar como se fosse. Se a porta estivesse presa, talvez conseguisse forçá-la a abrir-se com as pernas.

O corpo longo de Justice estava no caminho, mas achou que conseguia algum apoio. No entanto, antes de se esforçar, debruçou-se e pressionou a pega para verificar se o trinco abria. Sentiu resistência, metal raspando em metal, mas estava à espera disso e tentou com mais força. Finalmente, o trinco cedeu, mas a porta não abriu. Também não a surpreendeu.

Precisava de encontrar uma forma de manter a pega pressionada ou nunca conseguiria pontapear a porta até abrir. Não havia nada a que pudesse atá-la, presumindo que tivesse algo com que pudesse fazê-lo e não tinha. Teria de enfiar qualquer coisa por baixo e, no momento, o material disponível também escasseava.

Talvez houvesse algo debaixo de um dos bancos. As pessoas enfiavam coisas debaixo dos bancos com frequência. Esticando-se, tacteou por baixo de cada banco. Nada.

Talvez uma meia servisse. Descalçando uma das meias finas, torceu-a até formar uma corda e passou-a à volta da pega para a manter segura. Contorcendo-se, encaixou-se no banco do co-piloto com o máximo aperto e pressionou os dois pés contra a porta. A posição era incrivelmente desconfortável, mas, usar a meia para segurar a pega permitira-lhe uns centímetros preciosos.

Esforçando o ombro e o braço, puxou a meia, sentindo novamente os protestos do metal enquanto cedia. Com a outra mão,
segurou a extremidade dianteira do banco para não ser projectada para

— Por favor — murmurou, começando a empurrar lentamente. Sentiu os músculos das coxas retesarem-se, os músculos mais pequenos em redor dos joelhos endurecendo como pedra com a pressão exercida. Os dedos, cravando-se na borda do assento, começaram a protestar e a escorregar. Segurou-se furiosamente e, com um esforço final, fez tudo o que conseguia para endireitar as pernas.

A porta abriu-se com um guincho, a mão escorregou-lhe do banco e caiu para trás. Voltou a erguer-se rapidamente e com o coração acelerado pela excitação. Sim! Libertando a meia da pega, voltou a calçá-la, encostou os pés à porta e empurrou um pouco mais, conseguindo uma abertura com cerca de trinta centímetros. Conseguiria passar, pensou, triunfante, inclinando-se para a frente para ver se havia algum obstáculo, como uma árvore ou uma rocha. Não viu nada e manobrou até estar deitada de bruços, rastejando junto a Justice e voltando-se de lado até conseguir sair pela porta. O metal raspou-lhe as costas e as ancas, mas conseguiu passar e alcançar o solo coberto de neve.

O frio gélido penetrou-lhe as meias finas. Precisava de calçar sapatos ou meias secas de imediato para afastar o perigo de lesões provocadas pelo frio. Mas os pés teriam de esperar até tratar de Justice.

Examinando a abertura, ponderou o tamanho de Justice. Não caberia. O seu tronco seria provavelmente demasiado amplo. Teria de abrir mais a porta. Segurando-a, puxou até forçar o metal amolgado e teimoso a ceder mais alguns centímetros. Teria de servir, pensou, respirando mais depressa do que gostaria. Tinha de ter cuidado para não se esgotar ou ar-riscava-se a deixar que a altitude lhe levasse a melhor. Já suava um pouco e isso era perigoso no frio. Vestia um par de calças de tecido fino e solto e um top de seda, além da roupa interior e das meias, que não faziam grande coisa para a manter quente. Tinha muita roupa nas malas, mas chegar até elas exigiria esforço e, em primeiro lugar, precisava de trazer Justice para fora.

Ouviu-o gemer novamente. Recordando a lentidão com que recuperara a consciência, a dificuldade de cada reacção mínima, começou a falar com ele, agachada junto à porta aberta e estendendo-se para dentro, segurando-o por baixo dos braços.

— Justice, tente acordar. Vou puxá-lo para fora do avião. Não sei se tem ossos partidos. Terá de me dizer se o magoo, está bem?

Não houve resposta.

Bailey flectiu os músculos das pernas e puxou para trás. A posição agachada não lhe permitia grande apoio, mas puxava-o por um declive abaixo e a gravidade ajudou. Quando a cabeça e os ombros passaram a abertura, mudou de posição até conseguir colocar-se mais por baixo dele. Era um peso morto, completamente inerte e incapaz de ajudar. Tinha de ser ela a proteger-lhe a cabeça. Fez uma pausa de um minuto para recuperar o fôlego, ergueu os joelhos e fincou os calcanhares no chão, empurrando-se para trás novamente e arrastando-o consigo. O peso dele fê-lo deslizar e sair do avião, aterrando sobre ela e imobilizando-a contra o solo gelado.

Ó Deus. Conseguia ver-lhe a face e o corte assustador que começava junto ao cabelo e descia através da testa, terminando logo acima da sobrancelha direita. Não sabia grande coisa acerca de primeiros-socorros, mas sabia que um golpe profundo no escalpe poderia provocar grande perda de sangue. A prova disso mesmo cobria-lhe as feições e ensopava-lhe a camisa e as calças.

Pesava uma tonelada. Arfando, saiu de baixo dele e conseguiu virá-lo de costas. As suas energias gastavam-se rapidamente e sentou-se por um momento, de cabeça baixa, tentando novamente recuperar o fôlego. Tinha os pés em agonia de tão frios e as roupas estavam cobertas de neve que, rapidamente, as ia encharcando. O embate não a matara, mas a altitude e a hipotermia podiam fazê-lo muito em breve.

Justice começou a respirar de forma mais profunda, movendo a garganta.

— Justice? — disse Bailey.

Engoliu e murmurou com voz embargada:

— Que raio?

Bailey soltou uma gargalhada breve e sem fôlego. A situação em que se encontravam não era menos grave, mas, pelo menos, Justice recuperava os sentidos.

— O avião despenhou-se. Estamos ambos vivos, mas você tem um corte grave na cabeça e preciso de estancar a hemorragia. — Lentamente, colocou-se de joelhos e estendeu-se para o interior do *cockpit*, procurando o seu único sapato e o casaco. Estava enregelada e, mesmo que o casaco fosse fino, era melhor que nada. Começou a vesti-lo, parou e retirou o braço. Virou uma manga para poder atacar a costura e começou a puxar. Precisava de algo que pudesse usar como ligadura, aplicando-a sobre o corte e fazendo pressão. Aquilo era tudo o que tinha.

Justice tossiu e disse mais qualquer coisa. Bailey parou. Não percebeu tudo o que dissera, mas parte soara-lhe a «estojo de primeiros-socorros.» Debruçou-se sobre ele.

— O quê? Não percebi. Há um estojo de primeiros-socorros? Engoliu. Ainda não tinha aberto os olhos, mas vencia a guerra contra
a inconsciência.

— Porta-luvas — murmurou.

Graças a Deus! Um estojo de primeiros-socorros seria a sua salvação se conseguisse abrir o porta-luvas, pensou. Agachou-se e introduziu-se através da porta aberta. O porta-luvas estava à frente do banco do co-piloto. Enfiando os dedos por baixo do fecho, puxou, mas este não se revelou

tão cooperante como a pega da porta. Bateu-lhe com o punho frio e puxou mais. Nada.

Precisava de algo pesado e com extremidade aguçada para conseguir abrir o compartimento. Olhou em redor pelo que seria a décima terceira vez. Devia haver algo nos destroços que pudesse usar, algo como... aquele pé-de-cabra preso à parte frontal do suporte do banco do piloto por um par de pegas. Olhou-o, incrédula. Estaria já a alucinar? Pestanejou, mas o pé-de-cabra continuava ali.

Tocou-lhe e sentiu o metal frio e duro. Era curto, com apenas uns trinta centímetros, mas era real e era precisamente aquilo de que precisava.

Libertando o pé-de-cabra das pegas, enfiou a extremidade aguçada junto do mecanismo de fecho e empurrou para cima. A tampa vacilou um pouco antes de abrir.

Pegou na caixa verde-azeitona com uma cruz vermelha estampada e voltou a sair do avião. Ajoelhando-se ao lado dele na neve, debateu-se com os fechos do estojo. Porque seria que tudo tinha de ter aqueles malditos fechos? Porque não poderiam as coisas limitar-se a abrir?

Justice abriu os olhos, apenas uma nesga, e conseguiu levar a mão à cabeça. Bailey segurou-lhe no pulso.

— Não, não mexa. Está a perder muito sangue. Tenho de aplicar pressão.

— Pontos — conseguiu dizer ele, fechando os olhos, quando estes se cobriram de sangue.

— O quê?

Inspirou fundo algumas vezes. Continuava a ter dificuldades para falar.

— No estojo. Pontos.

Bailey olhou-o, estarrecida. Podia aplicar pressão na ferida. Podia limpá-la, podia usar adesivo para unir as extremidades do corte. Podia aplicar pomada. Mas ele queria que o cosesse?

— Merda! — exclamou.

6

Não fazia sentido discutir com um homem semiconsciente, mas Bailey não conseguia impedir-se.

— Não tenho formação médica, a não ser que conte ver episódios do ER[2]. Ninguém em seu perfeito juízo me pediria para coser uma ferida, mas você não está no seu perfeito juízo, pois não? Tem um ferimento na cabeça. Considerando que não é boa ideia aceitar as decisões de alguém com possíveis danos cerebrais, vou ignorar essa sugestão. Além disso, não sei coser.

— Aprenda — murmurou ele. — Seja útil.

Bailey cerrou os dentes. Útil? Que pensava que fizera enquanto ele se deixava permanecer em doce inconsciência? Pensaria que tinha saído do avião pelos seus próprios meios? Estava encharcada e enregelada por ter rastejado na neve, puxando-o para fora dos destroços. As mãos começavam a ficar azuis e tremia tanto que não conseguiria cosê-lo, mesmo que tentasse.

O frio fê-la pensar. O casaco. Esquecera o casaco, o que constituía mais uma prova de que o choque, o frio ou ambos lhe haviam tornado o raciocínio mais lento. Vestiu-o, grata por aquela protecção do frio, mesmo que fosse pequena. Mas estava tão molhada que não lhe parecia que algo conseguisse aquecê-la sem secar primeiro.

Em silêncio, abriu uma embalagem de compressas esterilizadas e colocou duas sobre o corte na cabeça de justice, usando as mãos para as manter no local e aplicar pressão. Um som de dor ergueu-se da garganta dele, antes de se conter e permanecer absolutamente imóvel.

Talvez devesse falar com ele, pensou, ajudando-o a manter-se consciente e concentrado.

— Não sei o que fazer primeiro — confessou.

Uma tosse convulsiva apossou-se dela e impediu-a de falar, com os dentes batendo tanto que não teria conseguido dizer uma palavra, de qualquer forma. Quando os tremores acalmaram, concentrou-se intensamente em manter as compressas no lugar.

[2] Série de televisão norte-americana versando casos médicos. (N. do T.)

— Preciso de estancar o sangue. Mas estamos na neve... — Os tremores voltaram a interrompê-la. — E estou tão fria e encharcada que mal me consigo mover. Ficará em estado de choque...

Justice inspirou várias vezes, em preparação para o esforço de falar.

— O estojo — conseguiu dizer, por fim. — Cobertor... no fundo do estojo.

O único estojo presente era o estojo de primeiros-socorros. Deixando as compressas sobre a cabeça, começou a retirar coisas do interior, dispondo-as na tampa aberta. Por baixo de tudo, cuidadosamente dobrado numa bolsa selada, havia um daqueles cobertores finos prateados que usam os astronautas. Retirando-o da bolsa, abriu o cobertor. Não sabia que efeito teria, nunca antes usara um, mas não questionaria a eficácia de algo que poderiam usar para se protegerem do frio. Sentiu-se tentada a embrulhá-lo em seu redor, enrolando-se até se sentir um pouco menos miseravelmente gelada, mas Justice perdera muito sangue e precisava mais do que ela.

O que deveria fazer? Colocar o cobertor por baixo dele para o proteger da neve ou por cima para o ajudar a manter o calor corporal? Conseguiria aquecer-se de todo, deitado na neve? Não conseguia pensar, raios! Teria de confiar no instinto.

— Vou estender o cobertor a seu lado — disse, acompanhando as palavras com actos. — Agora, vou ajudá-lo a colocar-se sobre ele para não ficar deitado na neve. Tem de me ajudar. Consegue?

— Sim — respondeu, com esforço.

— Muito bem. Cá vamos nós. — Ajoelhando-se no cobertor, deslizou o braço sob o pescoço dele, segurando-lhe a frente do cinto com a mão esquerda e puxando. Ele ajudou-a tanto quanto podia, usando os pés e o braço direito. A maior ajuda era já não ser um peso morto. Forçando cada músculo, Bailey moveu-o até que a maior parte do tronco ficasse sobre o cobertor e decidiu que era suficientemente bom. Rapidamente, dobrou o cobertor sobre ele, prendendo-o onde podia.

Sentindo-se subitamente zonza e com náuseas, deixou-se cair no chão a seu lado. A altitude afectava-a, pensou. Estava quase no limite. For-çando-se muito mais, acabaria deitada na neve, incapaz de se levantar, e morreria antes do romper da manhã, talvez mesmo antes do pôr-do-sol.

De qualquer forma, teria de chegar até às malas, vestir roupa seca, e muita, e precisava de o fazer naquele momento. Precisava de agir ou ambos morreriam.

Forçou-se a inspirar lenta e profundamente para satisfazer o seu corpo sedento de oxigénio. A lentidão era a chave. Devia mover-se lentamente, quando pudesse, e não deixar que o pânico a forçasse a apressar-se até cair. Tinha de planear cada movimento, pensando antecipadamente no que faria para que não desperdiçasse qualquer esforço.

A bagagem fora carregada no avião pela porta do compartimento de bagagem e presa no local por uma rede que impedia as malas de voarem pela cabina durante condições atmosféricas adversas, apesar de ter achado que as suas malas seriam provavelmente demasiado grandes para caberem no espaço entre o tecto e as costas dos bancos. O problema era que, apesar de a maior parte do tecto ter desaparecido e de as malas caberem no buraco aberto, teriam de ser erguidas para cima e eram muito pesadas. Fraca, gelada e exausta como estava, não lhe pareceu que estivesse à altura da tarefa. Teria de as abrir ainda no compartimento da bagagem e retirar aquilo de que necessitasse.

Precisaria de retirar a rede de carga. Estava certa de conseguir alcançar os ganchos, mas não sabia se conseguiria abri-los se eles fossem particularmente fortes. Se fosse esse o caso, precisaria de encontrar outra forma de ultrapassar a rede.

— Precisamos de aquecer. Preciso de mais roupas da minha mala — disse-lhe. — Se, por algum motivo, não conseguir libertar a rede de carga, tem uma faca que possa usar para cortá-la?

Ele abriu os olhos um pouco e tornou a fechá-los.

— Bolso esquerdo.

Ajoelhando-se, ergueu o cobertor que acabara de enrolar em volta dele e enfiou-lhe a mão no bolso. O calor era surpreendente e tão delicioso que quase gemeu de prazer, mas tinha os dedos tão frios que estavam completamente dormentes e não conseguia perceber se tocava na faca ou não. Tentou segurar o que lá estivesse.

— Cuidado — murmurou ele. — O Charlie Brincalhão está aí e não se solta.

Bailey não conteve um resmungo de censura.

— Então mantenha-o fora do caminho ou poderá soltar-se. — Homens. Ali estavam, podendo morrer com a hipotermia e, no caso dele, com a perda de sangue, e continuava a pensar em proteger o pénis.

— Charlie Brincalhão uma ova — murmurou ela, retirando a mão do bolso para perceber se tinha apanhado a faca.

A boca dele esboçou um sorriso que não tardou a desvanecer-se.

Bailey fez uma pausa, olhando-lhe a cara ensanguentada. Foi o primeiro indício de humor que lhe conheceu e atingiu-a no coração porque, apesar de tudo o fizesse, poderiam não sair vivos daquela situação. Justice não desistira. Conseguira mantê-los vivos e não conseguia suportar a possibilidade de poderem morrer porque tomara a decisão errada ou porque não fizera o suficiente. Devia-lhe a sua vida e faria tudo para salvaguardar a dele, mesmo cosê-lo se precisasse, raios.

Tinha na palma da mão o canivete e cerca de um dólar em trocos. Pegou no canivete e devolveu-lhe as moedas ao bolso, voltando a cobri-lo com o cobertor.

— Regresso dentro de minutos — disse, confortando-o com uma mão no peito.

O avião erguia-se à sua frente, uma ave ferida com a asa direita amolgada e a esquerda desaparecida. Estavam abaixo dele na encosta e percebeu nue não seria o local mais seguro se os destroços começassem a deslizar. Não lhe pareceu que acontecesse, com a asa amolgada cravando-se na encosta daquela forma. Além disso, o ramo de árvore que empalava a fuselagem funcionava como uma âncora. Mas preferia não correr riscos e mudar de sítio depois de ter trocado de roupa e de se ter aquecido, quando se sentisse mais capaz desse esforço.

Não tinha bolsos e segurou o canivete nos dentes enquanto regressava ao *cockpit*, indo até ao fundo do avião. Ajoelhando-se sobre um banco, esticou-se até ao compartimento da bagagem, alcançando os ganchos da rede de carga nas traseiras da cabina. Para seu alívio, a rede soltou-se com facilidade. Puxando-a para o lado, virou uma das malas e abriu o fecho. As malas eram idênticas e não sabia o que continha cada uma, mas não lhe interessava realmente. Queria ficar seca e não importava a roupa que vestisse.

A mala de Justice também ali estava, mas era a mala de viagem típica dos pilotos, suficientemente grande apenas para um estojo de barba e para uma muda de roupa. Arrastou-a por baixo do banco porque não fazia sentido deixá-la no avião, mesmo que não fosse provável que o conteúdo fosse necessário tão cedo. Tinha roupas suficientes para o cobrir. Não era preciso que as vestisse, até porque não conseguia pôr-se de pé. Precisaria de roupa, mas achou melhor guardar a que lhe servia para depois.

Quando procurava uma camisa de flanela teve uma hesitação, acabando por retirar o casaco de seda e o top. O sutiã estava húmido e também o tirou. Tremendo com o frio, vestiu a camisa de flanela e abotoou-a antes de resumir o esvaziamento sistemático da mala. Alcançando as peças de roupa mais quentes que poderia vestir de imediato, parava e vestia-as. Meias. Calças de licra. Mais um par de meias. Um colete grosso com estofo de penas e bolsos térmicos. Guardou o canivete de Justice num dos bolsos. Também precisava de algo para cobrir a cabeça, mas a única coisa que trouxera com capuz era uma camisola de malha. Não esperando até a encontrar, usou a camisola de mangas compridas seguinte, dobrando-a e prendendo as mangas abaixo do queixo como se fosse um lenço.

Sentiu-se melhor de imediato, apesar de não poder realmente qualificar como «melhor» o simples facto de se sentir ligeiramente menos miserável.

Encontrou os sacos de lixo em plástico que trouxera para guardar roupa suja e começou a enchê-los com roupa. Depois de esvaziar uma mala, empurrou-a para o lado e voltou outra para conseguir chegar ao fecho. Nessa mala, encontrou o par de botas de caminhada com isolamento que trouxera e calçou-as com grata avidez. Aquecer os pés antes
de calçar as botas teria sido agradável, mas esse luxo estava fora do seu alcance.

Tinha já roupa em quantidade suficiente para o cobrir. Parou e deixou a segunda mala

parcialmente cheia e a terceira por abrir. Lançando a mala dele pela porta, fez o mesmo com dois sacos de lixo cheios de roupa e seguiu-os. Rastejando para fora, notou a cobertura do chão em vinil à frente dos bancos do piloto e do co-piloto. Retirou o canivete de Justice do bolso, abriu-o e deitou mãos à obra.

Justice estava deitado, perfeitamente imóvel, como se estivesse morto, e mantendo os olhos fechados. A ligadura cobrindo-lhe a testa estava ensopada de sangue.

— Voltei — disse-lhe, colocando o pedaço de vinil no chão a seu lado e ajoelhando sobre ele. Conseguir secar-se fora importante, mas manter-se seca não o era menos. — Trouxe coisas para o cobrir, assim que consiga estancar o sangue e despir-lhe essas roupas ensopadas.

— Está bem — murmurou ele.

Felizmente, não voltara a perder os sentidos, mas a sua voz estava mais fraca. Retirando duas novas compressas esterilizadas do estojo de pri-meiros-socorros, Bailey colocou-as sobre as sujas e pressionou. Manteve-se nessa posição, falando com ele durante todo esse tempo, contando-lhe tudo o que tinha feito e porquê. Se discordasse de alguma coisa, poderia dizer-lho, mas permaneceu em silêncio.

Não lhe ocorreu cronometrar o tempo em que manteve a pressão, mas, à terceira vez que ergueu as compressas para verificar, a hemorragia abrandara de forma dramática. Pressionou novamente, manteve a pressão durante cinco minutos e voltou a verificar. Não saía sangue novo do golpe medonho.

— Acho que funcionou — suspirou. — Finalmente.

O passo seguinte seria limpar o corte, mas, para isso, precisava de água. Enfiara uma garrafa na bolsa, onde quer que estivesse. Tinha de estar algures por ali. Teria sido projectada do avião quando a asa esquerda se soltara. Se conseguisse localizar a asa perdida, a bolsa estaria entre esta e o resto do avião.

— Vou procurar água — disse-lhe ela.

— Não vou a lado nenhum.

Não ia, realmente. Duvidava que conseguisse pôr-se de pé sozinho.

Erguendo-se, Bailey começou a examinar a área imediatamente em redor do avião. Não conseguindo localizar a bolsa, seguiu com o olhar o caminho que o avião tomara, assinalado com árvores derrubadas e ramos partidos.

Arregalou os olhos. As montanhas erguiam-se em seu redor, silenciosas e cobertas de neve. O único som era o suspiro ocasional do vento nas árvores. Não se ouviam folhas a dançar nem pássaros a cantar.

As montanhas eram imensas, rodeando-a na sua imensidão, tão altas que não tardariam a bloquear o sol vespertino. Lentamente, incrédula, descreveu um círculo. Não havia nada além de montanhas e mais montanhas, tão longe quanto os seus olhos alcançavam. Estendiam-se a grande distância com sopés colossais velados por nuvens cinzentas. Feridas profundas na terra criavam sombras negras que raramente eram tocadas pela luz solar. O avião não era mais do que um ponto na agreste paisagem montanhosa, parcialmente coberto pelos ramos das árvores contra as quais se havia despenhado, e as sombras negras avançavam em sua direcção.

Sentiu-se diminuta, insignificante e nula. Percebeu que, juntamente com Justice, não eram nada. Eram perfeita e absolutamente insignificantes para as montanhas. Qualquer operação de salvamento levaria dias a alcançá-los. Estavam sozinhos.

7

Bailey procurou a bolsa tanto tempo quanto conseguiu sem se esgotar, mas uma busca intensiva implicaria subir a encosta íngreme e, por vezes, vertical e não era capaz de o fazer. Acabando por desistir, regressou lentamente até junto de Justice. Estava com péssimo aspecto, pensou, e não era

apenas pelo sangue. Estava tão imóvel, como se a vida o abandonasse apesar de ter conseguido estancar a hemorragia. O que a perda de sangue não conseguira, o frio e o choque completavam. Pensar nessa possibilidade abalou-a.

— Justice, está acordado?

A resposta foi um «hmm» gutural.

— Não consigo encontrar a garrafa de água que trouxe. Há neve, mas não tenho maneira de fazer uma fogueira para a derreter. Se coser o golpe sem o lavar primeiro, há grandes riscos de infecção. Limpá-lo-ei o melhor que possa com toalhetes embebidos em álcool daqui a pouco, mas, em primeiro lugar, vou fazer os possíveis para o aquecer. — Lançou um olhar preocupado sobre o ombro em direcção ao avião. Continuava a não acreditar que deslizasse, mas não podia rejeitar a possibilidade. Mover Justice, no entanto, seria outra coisa que teria de esperar.

— Óptimo — disse ele. A palavra foi reduzida a um som ténue.

Trabalhando com rapidez, Bailey ergueu-lhe os pés e colocou um dos sacos de plástico de roupa por baixo para ajudar a lidar com o choque. Abrindo o outro, retirou outra camisa de flanela e dobrou-a, rodeando-lhe gentilmente a cabeça com ela para impedir que perdesse ainda mais calor corporal. Em seguida, puxou o cobertor espacial para o lado e começou a cobri-lo com roupa em camadas, dos pés para cima. Quando chegou à camisa, fria e ensopada pelo sangue, abriu o canivete e cortou-lhe a camisa para a retirar, limpando-lhe o sangue do peito tão bem quanto podia com a primeira peça de roupa que lhe veio à mão e que revelou ser um par de cuecas.

Quando estava tão seco quanto era possível, dispôs mais roupa em camadas sobre o seu peito e ombros. Terminou, deitando-se a seu lado, ani-nhando-se por baixo das camadas de roupa até se encostar a ele e conseguir rodeá-lo com os braços. Como última cobertura, puxou uma camisa para lhes tapar por completo as cabeças e aquecer o ar que respiravam. A camisa não bloqueava toda a luz, mas o efeito era semelhante ao de estar numa caverna. A respiração de ambos rapidamente aqueceu o ar e esse pequeno conforto era tão bem-vindo que se sentiu prestes a chorar de alívio.

Ele sentia-se como um bloco de gelo encostado a ela. Precisava de algo quente para beber ou de algo doce para comer, para melhor combater o choque e o frio. Bailey ainda não conseguia pensar com a clareza necessária porque, mesmo que não lhe pudesse dar nada para beber, tinha enfiado um molho de barras de chocolate e algumas pastilhas elásticas numa das malas, evidentemente a que não abrira. Deveria ter pensado nisso e perdido alguns minutos para chegar lá.

Os tremores dela perdiam intensidade, mas ele passou a não tremer de todo. Não podia ser bom sinal.

— Ei, Justice — disse. — Mantenha-se acordado. Fale comigo. Diga-me se consigo aquecê-lo.

A resposta tardou, fazendo-a recear que tivesse perdido novamente a consciência, mas acabou por dizer:

— Não.

Talvez tivesse vestido roupas em demasia para conseguir transmi-tir-lhe algum do seu calor. Remexendo-se por baixo da pilha de roupas, despiu o colete de penas e colocou-o sobre ele de forma a ser a camada mais próxima do seu corpo. Sentia-se mais fria sem o colete, mas encostou-se o suficiente para também ficar parcialmente coberta. As penas* tinham absorvido parte do seu calor corporal. Conseguia senti-lo nas mãos enregeladas.

— Sinto isso — murmurou ele num tom vagaroso.

— Óptimo. Precisa de ficar acordado. Continue a falar comigo. Se não consegue lembrar-se de algo interessante para dizer, emita um som de vez em quando para eu saber que continua consciente.

Começou a passar-lhe a mão esquerda sobre o peito, os ombros e os braços para estimular a circulação.

— Há chocolates numa das minhas malas. Quando aquecer, vou buscá-los. O açúcar vai ajudar a que se sinta melhor. — Fez uma pausa. — Diga alguma coisa.

— Alguma coisa.

— Espertalhão. — Além do facto de as palavras terem sido arrastadas e ditas numa voz incrivelmente débil, o seu coração animou-se. Se continuava a conseguir armar-se em esperto, talvez não estivesse tão mal quanto receou.

Cam ouviu a Sra. Wingate falar. Sentiu que a sua consciência estava quebrada em dois e que parte dele se deixava arrastar em direcção à névoa, impedida apenas pelas suas exigências ocasionais para que respondesse. A um nível mais notório, também se sentia consciente da miséria física total em que se encontrava. Sentia-se tão frio que passara a conferir um novo significado à palavra. Porque não poderiam as duas partes trocar de lugar, passando a consciência física a flutuar no éter? A única coisa que não queria que acontecesse naquele momento era que as duas se fundissem, mas, ao mesmo tempo, sabia que não podia deixar-se arrastar para mais longe.

Ouvir a voz dela dava-lhe algo em que se concentrar, impedindo-o de derivar para as trevas. Sabia que estava ferido e sabia mesmo porquê, apesar de não conseguir perceber exactamente como. Aterrara o avião com sucesso, o que era óbvio porque ambos continuavam vivos. Lembrava-se de o motor deixar de funcionar de forma inexplicável e recordava-se de tentar levar o avião até à linha de árvores para que a vegetação ajudasse a amortecer o impacto. Era tudo. Não recordava nada sobre o impacto propriamente dito. A sua memória seguinte era de sentir a cabeça como se alguém lhe tivesse acertado com um taco de basebol. Ou melhor, todo o corpo se sentia assim e nada fazia sentido além de ouvir a Sra. Wingate a chamar o seu nome.

Precisava de se concentrar com esforço para compreender o que dizia e, por vezes, os seus pensamentos vagueavam e perdia o fio à meada, sendo puxado por uma pergunta directa ou por uma pontada de dor. As palavras tinham clareza cristalina num momento e, no seguinte, eram apenas sons que sabia terem algum significado que não conseguia atingir. Não havia uma fronteira clara entre o que era real e o que não era e flutuava numa terra de ninguém.

Sentia-a tocá-lo. Isso, pelo menos, era real porque conseguia senti-la.
Ficou vagamente surpreso. Não quisera falar com ele, mas tocava-lhe? Estranho. Cobrira-o com alguma coisa. Não sabia o quê, mas o calor e o peso eram agradáveis. A seguir, deitara-se a seu lado e rodeara-o com os braços, começando a esfregar-lhe vigorosamente o peito e os braços. Começava a espalhar-se por si um vago calor.

O calor, mesmo ténue, era maravilhoso. Tão maravilhoso como sentir o seio dela contra o seu braço, o que provava, a seu ver, que, mesmo moribundo, um homem continuava a ser um homem e um seio, qualquer seio, era sempre digno de atenção. Embalado pelo conforto proporcionado em conjunto por seio e calor, sentiu-se adormecer.

A descontracção estilhaçou-se quando todo o seu corpo se tornou tenso e começou a tremer. Já sentira frio antes, frio de provocar espasmos incontroláveis e de fazer bater os dentes, mas nada que se assemelhasse àquilo. Os tremores agitavam-lhe todo o corpo, tomando cada músculo, fazendo estremecer cada osso. Tremia tanto que achou poder partir os dentes e tentou uni-los. A Sra. Wingate abraçou-o com mais força, murmurando algo que não conseguia compreender. Após alguns minutos, os tremores pararam e, exausto, sentiu os músculos descontraírem.

Mal tivera tempo de recuperar quando foi tomado por novo espasmo.

Não sabia quanto tempo durariam os terríveis espasmos, mas eram medonhos e não podia fazer nada para os controlar. Ela mantinha-se a seu lado durante todo o tempo, segurando-o, acariciando-o, falando com ele. Concentrou-se no som da sua voz como se fosse uma linha de vida, mesmo que, na maior parte do tempo, não conseguisse compreender o que dizia. Fazia-o porque, enquanto conseguisse ouvi-la, isso significaria que não estava morto. O seu corpo tentava matá-lo, mas que se lixasse. Merda para a morte. Não tinha qualquer intenção de desistir, apesar de se sentir tão exausto que a desistência seria mais fácil do que passar por tudo aquilo.

Queria apenas descansar um pouco. Dormir. Mas, mesmo durante os breves períodos em que os tremores paravam e conseguia descontrair, não conseguia dormir porque ela não parava de falar. Nalgum ponto, o seu cérebro voltou a focar-se e as palavras recomeçaram a fazer sentido.

— ... bom — dizia. — Está a tremer e isso é bom.

A tremer? Chamava «tremer» àqueles espasmos musculares brutais?

Num momento de clareza, conseguiu dizer:

— Treta.

Ouviu um som baixo que era quase como uma gargalhada. A Sra. Wingate a rir? Talvez estivesse a alucinar.

— Não, é bom — insistiu ela. — É o seu corpo a gerar calor. Eu sinto-me mais quente agora. Já nem tenho os pés tão frios.

Encetou um laborioso inventário mental do seu corpo. Talvez ela tivesse razão. Não podia dizer que estivesse confortável, mas sentia-se decididamente mais quente. Tentou abrir os olhos, mas tinha as pálpebras unidas. Lentamente, com cada movimento necessitando de toda a sua força e concentração, ergueu a mão direita até à face.

— O que está a fazer?

— Olhos... tento abrir os olhos. — Tocando atabalhoadamente as pálpebras, sentiu a crosta endurecida com as pontas dos dedos. — O que é... esta merda?

— Sangue seco. Acho que lhe colou as pálpebras — explicou ela.

— Está num rico estado. Quando estiver um pouco mais quente e tiver comido algum chocolate, limpo-lhe a cara e descolo-lhe as pálpebras. Depois verei se consigo dar-lhe alguns pontos. Mas aviso-o de que o resultado não será bonito.

Pontos? Sim. Lembrava-se agora. Tinha um corte na cabeça. O estojo de primeiros-socorros tinha linha e agulha e dissera-lhe para o coser.

Não queria esperar que lhe limpasse a cara. Queria ver imediatamente. Queria erguer-se e avaliar pessoalmente a situação. Precisava de ver os estragos no avião. Talvez conseguisse estabelecer contacto via rádio.

Foi tomado por novo espasmo que o fez estremecer. Desta vez, durou mais tempo, mas a intensidade foi menor. Ela segurou-o com mais força, como se pudesse conter os tremores. A táctica não funcionou, mas apreciou o esforço.

Quando o espasmo amainou e conseguiu voltar a descontrair, sentiu-se tão cansado que abdicou de qualquer intenção de se levantar para avaliar o que fosse. Queria apenas ficar ali deitado.

Além disso, pensou, vagamente, se dali saísse, não poderia sentir os seios dela contra ele e isso agradava-lhe muito. Podia ser um cão por isso. Gostava de seios. Atirem-lhe um osso e chamem-lhe Fido.

Ocorreu-lhe, naquela forma de pensar flutuante e difusa, que sentiria melhor os seios dela se estivessem deitados de frente um para o outro.

— O que está a fazer? — Soou um pouco alarmada ou talvez irritada.

— Se fizer cair as roupas todas depois do trabalho que tive para o cobrir, deixo-o de rabo na neve para congelar.

Irritada. Decididamente.

— Aproxime-se mais — murmurou. Tentava erguer o braço esquerdo para conseguir rebolar e ficar deitado sobre o seu lado esquerdo, voltado para ela, mas ela encostava-se ao seu braço e não conseguia o movimento necessário de começar por se afastar dela, erguer o braço e voltar-se de lado.

— Muito bem. Mas fique quieto. Deixe-me ser eu a fazê-lo. Moveu-se mais um pouco, arfando com o esforço. A seguir, ergueu-lhe o braço esquerdo e deslizou para baixo, pressionando-se contra si. Ele quase suspirou de prazer porque agora conseguia sentir as duas saliências suaves e firmes. Ela cruzou-lhe um braço sobre o estômago e aproximou-se ainda mais.

— Melhor?

Não fazia ideia. Emitiu um som com a garganta. Ela que o interpretasse como achasse melhor.

— Acho que assim é mais quente. Dentro de minutos, levanto-me para deitar mãos à obra. Se ficar aqui mais tempo, posso adormecer e isso não será bom, mas tenho de fazer as coisas com

calma ou a altitude dá cabo de mim.

Quis perguntar-lhe o que tinha de fazer, mas sentia-se tão sonolento e cansado, tão quente (quase confortável) que permanecer acordado depressa se tornava impossível. Emitiu novo som e isso pareceu satisfazer as suas exigências sonoras. Continuou a falar. Deixou de a ouvir e adormeceu.

8

Cuidadosamente, Bailey rastejou de baixo da enorme pilha de roupa. Justice dormia e, apesar de achar que seria melhor mantê-lo acordado devido ao ferimento na cabeça, também achou que dormir era o melhor que poderia fazer. Todos aqueles tremores deviam tê-lo deixado exausto.

Também ela se sentia melhor. Os pés continuavam frios, mas, no geral, estava muito mais quente, apesar de sentir a falta do colete de penas que agora cobria Justice. Para compensar a perda, retirou uma terceira camisa da pilha e vestiu-a.

O tempo que passara deitada também ajudara a dor de cabeça e a náusea. Se tivesse cuidado e não se esquecesse de se mover lentamente, talvez a altitude não a afectasse tanto.

Mesmo sabendo o que veria, perdeu um momento a olhar novamente em redor, para as imensas montanhas com os picos brancos erguendo-se sobre ela. Sem os esforços de Justice, ter-se-iam despenhado sobre as encostas rochosas escarpadas, com poucas ou nenhumas hipóteses de sobrevivência. Novamente, sentiu a imensidão selvagem que os rodeava e uma solidão avassaladora.

Procurou o som típico de um helicóptero ou um avião distante, procurou fumo que indicasse a localização de um acampamento, mas... não havia nada. Não deveria alguém procurá-los? Justice enviara um *mayday.* Certamente, alguém teria ouvido e contactaria a FAA[3] ou qualquer que fosse a agência competente. Não lhe interessava que contactassem a ASPCA[4], desde que houvesse alguém à sua procura.

O silêncio completo era enervante. Não esperava buzinas de carros ou foguetes de sinalização, mas algum sinal de que havia outros seres humanos no planeta seria bem-vindo.

A falta dos sons ou movimentos que lhe teriam dado esperança, reforçava a consciência de isolamento profundo. Como sobreviveriam ali, sem água e sem forma de fazer fogo?

Continuando a fazer o que tinha feito. Era essa a resposta. Tinha uma tonelada de roupa que podia usar como cobertura, tinham alguma coisa que comer e havia água em forma de neve. Também tinha o canivete de Justice...

Oh merda. Onde estava o canivete?

Continuava no seu bolso, pensou com alívio. Usando-o, poderia construir algum tipo de abrigo, o suficiente para os proteger do vento. Mas a primeira tarefa na sua lista era alimentar Justice.

Subindo de volta ao avião, terminou de retirar a roupa das malas, pondo de parte os chocolates quando finalmente os achou, bem como os pacotes de toalhetes que trouxera. Com as malas finalmente vazias e os sacos de lixo com a roupa no chão, conseguiu içá-las por cima dos bancos depois de as fechar. Poderiam ser úteis. Mais tarde pensaria como.

Regressando até junto de Justice, ajoelhou-se a seu lado e examinou minuciosamente o conteúdo do estojo de primeiros-socorros. Ao lado do cobertor espacial havia tesouras, que dariam jeito, muita gaze e pensos-rá-pidos, um rolo de adesivo, bolas de algodão e cotonetes, um tubo de

[3] *Federal Aviation Administration* (Administração Federal de Aviação). (N. do T.)

[4] *American Society for the Prevention of Cruelty to Animais* (Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade para com Animais). (N. do T.)

pomada desinfectante, toalhetes embebidos em álcool e tintura de iodo, toalhetes anti-sépticos, luvas de borracha, analgésicos de venda livre e... que alegria... linha para cosedura. Havia muitas outras coisas como talas de dedo e um tubo luminoso com duração de doze horas, mas a sua preocupação imediata era verificar se o estojo conteria os meios para tratar o corte na cabeça de Justice.

Continha, o que significava que não teria desculpas se lhe faltasse a coragem. Para acabar de selar o seu destino, havia um guia de primeiros-socorros.

Folheou-o, procurando instruções para coser feridas. E ali estavam, incluindo ilustrações. Infelizmente, a primeira linha dizia: «Lave meticulosamente a ferida com água durante cinco minutos. Em seguida, use sabonete.»

Claro. Nem sequer tinha água suficiente para molhar a ferida, quanto mais para a «lavar meticulosamente». Teria de fazer o melhor possível e rezar para não haver detritos no golpe.

Foi então que lhe ocorreu. Tinha elixir de limpeza bucal!

Rapidamente, abriu o saco de lixo contendo os seus produtos de higiene e retirou o saco de plástico selado em que guardara o champô e o elixir de limpeza bucal. Retirando o frasco, voltou-o ao contrário e leu a composição, não aprendendo nada porque não tinha conhecimentos suficientes de química. No entanto, dizia no rótulo frontal que matava germes. Era líquido, matava germes e tinha meio litro.

Também tinha o saco de plástico. Encheu-o com neve, selou-o e colocou-o sobre uma pedra. Se tivesse sorte, enquanto lidasse com o ferimento de Justice, o sol aqueceria a pedra o suficiente para derreter a neve e teriam água. Não muita, mas qualquer quantidade, mesmo que mínima, seria importante.

Com o necessário disposto sobre um dos sacos de lixo, estava prestes a acordar Justice quando percebeu que, provavelmente, também ele teria elixir bucal. Indo à sua mala, abriu-a e encontrou o seu estojo de barba cheio até ao limite sobre, como esperara, uma única muda de roupa. O estojo tinha dois fechos. Abrindo o da esquerda, descobriu uma escova de cabelo, um frasco de viagem contendo champô e cerca de uma dúzia de preservativos. Homens. No compartimento da direita, havia uma escova de dentes, um pequeno tubo de pasta dentífrica, uma lâmina descartável e um frasco de viagem com elixir bucal.

— Bolas — disse, suspirando. Já o usara pelo menos uma vez. Cerca de metade tinha desaparecido e, mesmo que estivesse cheio, não seria grande coisa. Dez centilitros não fariam diferença. Deixou o frasco onde estava, voltando a correr os fechos do estojo de barba e devolvendo-o à mala.

Teria de se servir do que estava disponível. Esperava que fosse suficiente para o impedir de desenvolver uma infecção galopante.

No entanto, em primeiro lugar, era necessário colocar-lhe açúcar no sistema e, depois, talvez fosse boa ideia um par de analgésicos por prevenção.

Com cuidado, afastou a camisa que lhe cobria a face. Mesmo que lhe conhecesse o estado, quase estremeceu quando confrontada com a realida-
de. Tinha a cara completamente coberta de sangue seco, acumulando-se sobre os olhos, as orelhas, as narinas, os cantos da boca. Pior ainda, a testa inchava, forçando os limites do corte a abrirem-se. Não antecipara o inchaço e perturbava-a pensar em cosê-lo como estava. Mas o inchaço não iria melhorar e esperar também não era uma opção.

— Justice — disse, estendendo o braço sob as camadas de roupa para lhe tocar. — Acorde. O espectáculo vai começar.

Ouviu-o inspirar profundamente.

— Estou acordado.

A voz parecia mais forte. Talvez tivesse acertado quando pensara em aquecê-lo antes de fazer algo acerca do corte.

— Tenho aqui uma barra de chocolate. Quero que coma duas dentadas, está bem? Dentro de pouco tempo, se tivermos sorte, poderemos beber um gole ou dois de água. A seguir, quero que

tome dois comprimidos de ibuprofeno. Consegue engoli-los sem água? Se não conseguir, coloco-lhe um pouco de neve na boca, mas não pode engolir muita porque isso irá baixar-lhe a temperatura corporal. Hmm... pensando melhor, talvez seja melhor tomar primeiro os comprimidos para começarem a actuar.

— Vou tentar.

Abriu o quadrado selado contendo os dois comprimidos genéricos de ibuprofeno e colocou-lhe um entre os lábios. Viu-lhe o maxilar mover-se um pouco enquanto passava o comprimido de um lado para o outro, acumulando saliva e engolindo. Deu-lhe o outro comprimido. Justice repetiu o processo e disse:

— Missão cumprida.

— Óptimo. Agora a comida. — Abrindo o invólucro do chocolate, partiu um pequeno pedaço de *Snickers* e levou-lho à boca. Obediente, rece-beu-o e começou a mastigar.

— *Snickers* — disse, identificando o sabor.

— Acertou. Normalmente, prefiro o meu chocolate puro, mas achei que os amendoins seriam boa ideia pelo conteúdo proteico. Foi por isso que trouxe *Snickers.* Sou esperta, não acha?

— Parece-me que sim.

Esperou um minuto para ver se o chocolate o deixava maldisposto. Movia-se em terreno desconhecido e não sabia se poderia começar a vomitar ou não. Sabia que, depois de doarem sangue à Cruz Vermelha, os dadores recebiam algo para beber para recuperar o líquido perdido e algumas bolachas ou biscoitos para prevenir o choque. Com o *Snickers,* achou que cobriria metade do procedimento.

Após alguns minutos, deu-lhe mais um pedaço de chocolate.

— Gostava de ter algo para lhe adormecer a pele do couro cabeludo e da testa — murmurou. — Até gel para bebés com a primeira dentição seria melhor do que nada, mas o estojo de primeiros-socorros parece não ter sido feito a pensar nos bebés.

Justice mastigou, engoliu e disse:

— Gelo.

O estojo de primeiros-socorros tinha um pacote de gelo instantâneo, mas hesitou em usá-lo.

— Não sei. Se não estivesse já parcialmente em estado de choque, se o frio não fosse um problema, não me preocuparia. Mas um pacote de gelo na cabeça iria arrefecê-lo por todo o lado e não quero isso. — Mordeu o lábio por um momento, pensando. — Por outro lado, a dor também provoca choque no organismo. E, se os efeitos serão os mesmos, porquê fazê-lo suportar a dor?

— Menos dor parece-me uma boa opção.

Retirou o pacote de gelo do estojo, leu as instruções e começou a mover o tubo de plástico. O pacote não era suficientemente grande para cobrir todo o golpe, mas, se fosse posicionado da forma correcta, conseguiria que cobrisse a maior parte do inchaço e a área do couro cabeludo em que a ferida parecia mais profunda. Quando o pacote ficou tão frio que quase não conseguia segurá-lo, cortou um pedaço de gaze do rolo e cobriu o corte com uma camada única, aplicando cuidadosamente o gelo sobre a gaze.

Ouviu-o inspirar fundo quando o gelo lhe tocou a pele. Imaginou que aquilo lhe provocaria uma dor atroz na cabeça, mas não o ouviu queixar-se.

— Enquanto isto actua, vou limpar algum deste sangue seco. Aposto que gostaria de abrir os olhos, hã?

Foi relatando o que fazia enquanto abria uma saqueta de toalhetes húmidos tratados com aloé, extraindo um e começando a limpá-lo em redor dos olhos. Descobriu que o sangue seco não era fácil de limpar. A superfície mais áspera de uma toalha teria funcionado melhor. O sangue acumulava-se nas suas sobrancelhas e pestanas, duas áreas em que não podia esfregar. Não queria que o corte recomeçasse a sangrar e, por isso, tinha de ser delicada nas sobrancelhas e não poderia esfregar-lhe os olhos, mesmo sem o ferimento. Foi limpando como pôde e, quando o toalhete ficou completamente vermelho, pô-lo de lado e retirou um limpo.

Voltando a olhá-lo, com o toalhete novo na mão, viu que tinha os olhos parcialmente abertos

e que a observava. O azul acinzentado das íris contrastava com a escuridão das pestanas.

— Olá. Prazer em vê-lo — disse-lhe ela.

Esboçou novamente um daqueles sorrisos ténues. Lentamente, como se o movimento dos olhos fosse doloroso, ele olhou em redor tanto quanto
lhe era possível sem se levantar do chão e sem mover a cabeça. Quando viu o avião destroçado atrás dela, abriu um pouco mais os olhos e disse:

— Santo Deus.

— Sim, eu sei. — Não lhe custava concordar com aquele sentimento. O facto de estarem vivos e inteiros, apesar de algumas mazelas, era chocante quando comparado com os danos estruturais que o avião sofrera. Lidava com o choque recusando-se a contemplar a situação geral e, ao invés, concentrando-se nos pormenores da sobrevivência e nas tarefas à sua frente. Os pormenores eram, pela sua própria definição, coisas pequenas. E conseguia lidar com as coisas pequenas, uma de cada vez.

Gradualmente, foi-lhe limpando a cara de cima para baixo, passando às orelhas, ao pescoço, ombros e peito. Mesmo os braços e as mãos estavam ensanguentados. Manteve-o coberto tanto quanto possível, descobrindo uma secção de cada vez e voltando a cobri-la depois de estar limpa.

Também as calças estavam sujas de sangue, mas poderiam esperar até conseguir lidar com isso sozinho, pensou. A primeira camada de roupa com que o cobrira já estava manchada. O sangue secara e não havia nada que pudesse fazer a esse respeito. Mas precisava de lhe limpar os pés e de lhe calçar meias secas para evitar mazelas provocadas pelo frio.

Alcançando o fundo da pilha, dobrou as roupas para trás, esforçou-se por lhe descalçar as meias e os sapatos ensanguentados e, tão rapidamente quanto possível, limpou e secou-lhe os pés. Libertos das manchas avermelhadas, o frio tornava-os brancos. Preparando-se para o choque, ergueu as bainhas das suas camisas múltiplas e inclinou-se para a frente para que os pés dele lhe ficassem encostados ao estômago. Estavam tão frios que estremeceu com o contacto, mas manteve-se firme. Começou a tocar-lhe os dedos dos pés sobre as camadas de tecido.

— Sente isto?

— Oh sim. — Havia uma nota grave na sua voz, uma espécie de ronronar subtil. Como o de um tigre que estivesse a ser massajado.

Levou um segundo a perceber que os dedos frios dos seus pés estavam aninhados por baixo dos seios, dos seus seios nus. Não havia maneira de o evitar porque os pés dele eram grandes, talvez um quarenta e cinco ou mais, e não conseguia alongar o tronco. Logicamente, os dedos alcançariam os seios. Deu-lhe uma palmada na perna.

— Comporte-se — disse, em tom severo. — Ou deixo-o ao frio.

— Não tem sutiã — disse ele, em vez de responder ao que lhe dissera. Ou talvez fosse aquela a resposta, como se o facto de não ter sutiã fosse desculpa suficiente para o agitar muito ligeiro dos dedos.

— Molhou-se quando o arrastava para fora do avião sobre a neve e tirei-o. — Manteve o tom severo.

Foi o suficiente para perceber a indirecta. Não tinha sutiã apenas devido ao que fizera para o salvar. Conseguiu fazê-lo retrair-se um pouco.

— Está bem, está bem. Mas são tetas nuas. Não me pode culpar.

— Quer apostar? — Ocorreu-lhe que o gélido e antipático comandante Justice não falaria habitualmente daquela forma e que, quase de certeza, teria sofrido uma concussão e estava dorido e confuso. Não o conseguia imaginar a ser rude e directo, mas, desde que recuperara a consciência, a sua linguagem fora tão informal como se falasse com outro homem. Era significativo, pensou, que uma concussão lhe melhorasse a personalidade.

— E não me agrada a palavra «tetas».

— Mamas. Melhorou?

— Algum problema com «seios»?

— Pelo que consigo sentir, não há problema nenhum. — Os seus dedos voltaram a mover-

se.

Voltou a bater-lhe na perna.

— Esteja quieto ou aqueça os pés sozinho.

— Não tenho mamas a que possa encostá-los e, mesmo que tivesse, não conseguiria erguer os pés até ao peito. Não pratico ioga.

Estaria seguramente a sentir-se melhor e mais desperto. Respondia com frases e não apenas com uma ou duas palavras de cada vez. O chocolate seria realmente uma droga milagrosa.

— Ponha implantes, dedique-se ao ioga e estará lançado para a vida.

— Avaliando que já se teria divertido o suficiente, retirou-lhe os pés para fora das camisas, calçou-lhe o par de meias limpo e voltou a cobri-lo. — Acabou-se a diversão. Já tem a testa gelada.

— Parece-me que sim.

— Deixe-me acabar de ler as instruções e acabamos com isto. — Pegou novamente no livro.

— A propósito, já que não temos água para limpar a ferida, vou usar elixir bucal. Pode arder.

— Óptimo — havia um mundo de ironia contido numa única palavra.

Bailey escondeu um sorriso enquanto lia.

— Muito bem... etc, etc... Já percebi essa parte. «Segure a agulha com a pinça de forma a que a extremidade se curve para cima.» — Olhou a agulha curva e o conteúdo restante do estojo de primeiros-socorros. Não havia pinça alguma. — Perfeito — disse, com sarcasmo. — Preciso de uma pinça. Normalmente, traria uma no meu saco de maquilhagem, mas nunca me ocorreu que fosse necessária em férias.

— Há uma caixa de ferramentas pequena no avião.

— Onde?

— Presa no compartimento da bagagem.

— Não a vi quando fui buscar as malas — disse, pondo-se de pé para verificar novamente.

— De que tamanho é?

— Tem cerca de metade do tamanho de uma pasta. São apenas ferramentas essenciais. Martelo, alicate, algumas chaves.

Sentindo que já entrara e saíra tantas vezes nos destroços que começava a marcar um sulco na neve, Bailey voltou a subir até ao avião, intro-duzindo-se pela porta e espreitando o compartimento da bagagem. O piso estava amolgado pelo impacto e tudo fora projectado de um lado para o outro, mas a rede de carga impedira que o conteúdo fosse projectado como acontecera à sua bolsa. No momento em que abria a boca para lhe dizer que não estava lá nada, ouviu-o dizer:

— Deverá estar preso contra a parede traseira, do lado de dentro da porta do compartimento. Vê?

Olhou o local que referiu e ali estava, firmemente presa. Procurara no chão e não nas paredes.

— Sim, já a tenho. — Com a caixa de ferramentas na mão, saiu para o exterior.

Sentiu-se um pouco zonza quando se endireitou, permanecendo imóvel por um momento. Seria outra vez efeito da altitude, mesmo que tivesse tido cuidado para se mover lentamente? Ou precisaria de um pedaço de chocolate? Depois de a tontura passar, decidiu-se pelo chocolate.

— Acho que também preciso de comer — disse, ajoelhando-se ao lado dele e partindo um pedaço do *Snickers.* — Não quero desmaiar enquanto lhe estiver a espetar uma agulha. — Àquele ritmo e, com alguma sorte, conseguiria acabar de cosê-lo quando o sol se pusesse.

Lembrar o pôr-do-sol fê-la pensar no tempo e percebeu que não olhara o relógio uma única vez. Não fazia ideia do tempo que passara desde que recuperara os sentidos ou do tempo que levara a desempenhar as suas tarefas, muito menos do tempo que lhe restava no dia. Automaticamente, ergueu a manga esquerda e olhou o braço nu, no ponto em que antes estivera o relógio.

— O meu relógio desapareceu. Como terá acontecido?

— Talvez tenha batido com o braço contra alguma coisa, soltando um parafuso ou partindo uma peça de ligação. Era caro?

— Não. Era barato e à prova de água. Comprei-o para as férias. Vou... ia descer rápidos com o meu irmão e a mulher.

— Pode apanhar o grupo amanhã ou no dia seguinte.

— Talvez. — Mastigou lentamente o chocolate, não partilhando com ele a terrível sensação de isolamento, que a fazia pensar que a salvação estaria muito distante.

Permitiu-se apenas um pedaço para afastar a tontura e forçou-se a voltar à tarefa que a esperava. Depois de dobrar cuidadosamente o invólucro sobre o que restava do chocolate e de o guardar, retirou o pacote de gelo da testa de Justice.

— Preciso de o mover para ficar deitado com a cabeça para baixo. Pelo menos, até conseguir lavar o corte. A não ser que queira elixir bucal na cara toda e a escorrer por si abaixo.

— Não, obrigado. Mas acho que consigo mover-me sozinho. Di-ga-me o que quer que faça.

— Comece por deslizar em direcção a mim. Não quero que saia de cima do cobertor. Muito bem. Agora rode o rabo... espere, deixe-me pôr-lhe este pedaço de vinil por baixo da cabeça. Já está. — Os movimentos dele provocaram uma derrocada na pilha de roupas e teve de perder um minuto a reconstruí-la.

Para impedir que o elixir bucal lhe entrasse nos olhos, Justice inclinou a cabeça para trás, tanto quanto conseguia.

— Muito bem. Aqui vamos nós -— disse Bailey, usando a mão esquerda como protecção contra pingos dispersos e começando a despejar cuidadosamente o elixir sobre a ferida. Justice estremeceu uma única vez e deixou-se ficar muito quieto.

Procurou detritos ou poeira que pudessem ter entrado na ferida, mas apenas viu sangue. As instruções diziam para não desalojar massas óbvias de sangue coagulado e, por isso, tentou não deixar o elixir bucal cair directamente sobre o corte. Quando gastou todo o líquido, recolocou a tampa no frasco vazio e colocou-o de parte, abrindo o invólucro de um dos toalhetes embebidos em álcool para começar a limpeza.

Não se permitiu pensar na seriedade do corte, na facilidade com que Justice desenvolveria uma infecção em condições de esterilidade nula. Ao invés, concentrou-se no que tinha de fazer, passo a passo. Limpou as mãos, a agulha e a pinça com outro toalhete de álcool. Depois, calçou as luvas de borracha descartáveis e tornou a limpar tudo. Limpou-lhe a testa com um toalhete de tintura de iodo. Depois de fazer tudo o que estava ao seu alcance para matar os germes, preparou a linha, inspirou fundo e começou.

— As instruções mandam começar pelo meio — murmurou enquanto lhe furava a pele com a agulha curva e a forçava até ao outro lado do golpe. — Presumo que seja para evitar um amontoado de pele numa das extremidades se não o coser em condições.

Não lhe respondeu. Tinha os olhos fechados e respirava com contenção. Mesmo com o gelo e o ibuprofeno, Bailey sabia que era doloroso, mas, obviamente, não fora o sofrimento o efeito que mais receara. Pelo menos, não se encolhia de cada vez que espetava a agulha. Prosseguiu com lentidão e receando errar. Cada ponto precisava de ser atado e cortado para ser independente dos outros e as instruções referiam a importância de garantir que o nó assentasse sobre a pele e não directamente no corte. Forçou-se a pensar na tarefa como se fizesse a bainha de um par de calças, o que não aiudava muito porque a costura estava longe de ser a sua actividade preferida e, de qualquer forma, não tinha grande jeito para fazer bainhas a calças.

O corte tinha uns bons dez centímetros de comprimento. Não fazia ideia de quantos pontos devia aplicar por cada centímetro e limitou-se a partir do centro e aplicar os pontos que lhe parecessem certos. Quando terminou, as mãos tremiam-lhe e estava certa de ter levado pelo menos uma hora a completar a tarefa. Limpou cuidadosamente os pontos de linha negra, secando o sangue onde a agulha furara a pele. A seguir, hesitou. Deveria aplicar a pomada desinfectante antes de cobrir a ferida com uma ligadura? Não lhe parecia que os médicos o fizessem, mas era habitual fazerem as suas coseduras em ambientes esterilizados, com toda a medicação e parafernália necessária. Justice e ela estavam perdidos na encosta de uma montanha, sobre a neve e com muito pouca comida. Achou que o sistema imunitário dele necessitaria de toda a ajuda possível.

Com cuidado, aplicou a pomada, que continha também um analgésico ligeiro. Isso só poderia ser positivo. A seguir, cobriu a ferida com ligadura esterilizada e rodeou-lhe a cabeça com gaze. Quando terminou, usou a ligadura elástica sobre a cabeça para ajudar a manter a ferida limpa.

— Pronto — disse, por fim, caindo sobre o traseiro ao lado dele. — Está pronto. Próxima tarefa na lista: arranjar abrigo.

9

Bolas, como era sensual.

Cam nunca antes o achara, mas agora não conseguia evitar. E não pelo aspecto porque, naquele momento, estava medonha. O cabelo estava um desastre, a cara estava suja de sangue e terra e tinha manchas negras por baixo dos olhos que, no dia seguinte, se tornariam provavelmente mais escuras. O seu guarda-roupa presente fazia-a parecer uma mistura entre montanhês e pedinte. E, apesar do facto de ter passado uma hora a furar-lhe a testa (ou talvez precisamente por isso), queria beijá-la.

Corrigiu interiormente o último pensamento. Beijá-la, uma ova. Queria fazer muito mais do que isso e percebeu que era positivo o facto de a sua condição física não ser a melhor ou teria já arriscado ficar sem cabeça com um avanço sério e implacável.

Sempre se questionara sobre o que fazia um louva-a-deus macho cortejar a morte ao acasalar com uma fêmea. Seria por não terem um cérebro capaz de compreender que fodiam literalmente até à morte ou por algo ter entrado em curto-circuito ao longo da evolução? Afinal, um processo que terminava na morte do macho não poderia ser bom para a espécie. Ao mesmo tempo, nutria alguma admiração pelos pequenos sacanas. Só um macho dedicado conseguia continuar em acção enquanto a cabeça lhe era arrancada e comida. Pela primeira vez, quase conseguia compreender a motivação. Arriscaria muito para a ter nua e por baixo de si.

Não que a Sra. Wingate... Qual era o seu nome próprio, raios? Sabia-o, mas estava habituado a pensar nela como Sra. Wingate e não lhe ocorreu de imediato. Naquele momento, o seu cérebro não estava propriamente a funcionar a todo o vapor. No entanto, parecia-lhe importante recordá-lo, como se não estivesse correcto pensar em despi-la sem saber como se chamava.

Com esta motivação, concentrou-se no esforço de memória. Era algo invulgar... como uma marca de bebida. Começou a passar nomes em revista: *Johnny Walker, Jim Beam, J&B, Baileys...* Bailey. Era isso! Sentiu-se triunfante. Podia fantasiar de consciência limpa.

De qualquer forma, a Sra. Wingate não... Bailey, bolas! Bailey não lhe arrancaria a cabeça, mas sentiu que não seria fácil em qualquer sentido da palavra. Era um desafio tanto a nível físico como mental. Erigira uma muralha em seu redor e suspeitou que poucas pessoas conseguissem ultrapassá-la para alcançar a mulher barricada no interior. Apenas a situação de emergência provocada pelo desastre a fizera emergir dessa fortaleza, permitindo ver a mulher real.

Mas vira-a realmente e gostava do que vira.

Se alguma vez tivesse imaginado como seria estar perdido numa ilha deserta com ela, e não o tinha feito, teria pensado que seria lamechas, inútil e insuportável ou uma cabra exigente e igualmente insuportável. Fosse como fosse, teria sido insuportável. Ao invés, revelara-se calma e competente, enfrentando cada problema e situação com tamanho bom-senso e engenho que nunca teria acreditado se não tivesse visto. Fizera o que fora necessário e, provavelmente ter-lhe-ia salvado a vida. Não hesitara em aquecer-lhe os pés gelados contra o seu corpo quente, nem corara ou ficara irritada quando descobriu que não tinha sutiã.

Gostava desse tipo de compostura e da segurança que revelava. O seu divórcio ensinara-lhe algumas verdades acerca de si próprio e não as esquecera em relações subsequentes com mulheres. Era um antigo oficial e piloto, dois grupos presumivelmente inacessíveis às personalidades tímidas e reservadas. Era confiante e autoritário. Estava acostumado a assumir o mando, a tomar decisões e

a ver pessoas fazerem o que lhes ordenava, có uma mulher forte conseguiria lidar com ele de igual para igual, mas, à heira dos quarenta, uma relação em igualdade apelava-lhe muito mais do ue outra em que tivesse de se conter para não ferir os sentimentos de uma mulher ou para não a sufocar. Também não lhe agradavam os jogos e não nueria uma mulher que tentasse escravizá-lo aos seus caprichos.

Talvez as mulheres nessas condições fossem raras ou talvez tivesse procurado nos sítios errados, mas não encontrara muitas que combinassem esse tipo de apelo mental com um apelo físico forte. Karen, por exemplo, era forte e sabia impor-se, mas não sentia por ela qualquer atracção sexual. No caso de Bailey, o desprezo que sentira pelo que pensara ser uma personalidade gélida sobrepusera-se a qualquer interesse físico que pudesse ter sentido.

As coisas tinham-se alterado. Não sabia porque construíra ela uma muralha tão alta e fria em seu redor, mas descontraíra temporariamente e baixara a guarda. Ele conseguira penetrar na muralha e não tinha qualquer intenção de sair. O acidente forjara um laço entre ambos, um laço de sobrevivência. Quando chegasse ao fim, quando fossem salvos, ela tentaria devolver a relação aos moldes originais. Mas ele não permitiria que isso acontecesse. De alguma forma, no tempo que restava, precisava de lhe conquistar a confiança de forma duradoura.

Tinha a desvantagem de estar deitado de costas e, avaliando pelo que sentia, era provável que assim permanecesse durante mais um dia ou dois. Tinha uma concussão e sofrera uma grande perda de sangue. Duvidava que uma missão de salvamento conseguisse alcançá-los antes do pôr-do-sol e quaisquer trabalhos de busca nas montanhas seriam suspensos até à manhã seguinte porque continuá-los seria demasiado perigoso para os envolvidos. Isso significava que precisavam de sobreviver àquela noite, quando as temperaturas caíssem a pique e a possibilidade de morte por hipotermia se tornasse real. Por um lado, estavam em sérios apuros. Por outro, o que restava do dia e a noite seria todo o tempo de que dispunha para provocar nela algum efeito duradouro.

Não conseguia mover muito a cabeça sem desencadear dores lancinantes, mas, se voltasse cuidadosamente os olhos para a esquerda, conseguia mantê-la no seu campo de visão. Apanhava alguma coisa e examina-va-a, mas não conseguia perceber o que era.

— Isto quase funcionou — disse ela, voltando para junto dele e agachando-se. Trazia na mão um saco de plástico transparente selado, ao uindo do qual havia algo que se assemelhava a neve parcialmente derretida- — Tentei derreter neve para bebermos, deixando-a no saco sobre uma pedra. Está mole e talvez com mais tempo tivéssemos água a sério, mas isto terá de servir porque precisa de líquidos. — Olhou em redor. — Por acaso não tem uma palhinha à mão? Ou uma colher?

A pergunta divertiu-o um pouco.

— Receio que não.

Viu-a franzir o sobrolho e unir os lábios enquanto olhava em redor como se conseguisse fazer qualquer objecto surgir do nada apenas pelo poder da sua vontade. Agora que percebera o seu engenho, quase conseguia ouvir as engrenagens movendo-se enquanto procurava uma solução para o dilema do momento. A seguir, a sua expressão suavizou-se e disse «Aha!» em tom satisfeito.

— Aha o quê? — perguntou, com a curiosidade desperta, enquanto ela se endireitava e lhe saía do campo de visão.

— Tem uma lata de *spray* desodorizante. Sei porque lhe vasculhei as coisas.

— E? — Não lhe importava que tivesse revistado a mala. Nas circunstâncias em que se encontravam, não o ter feito seria estúpido e estúpida era algo que, decididamente, ele não era. Precisara de conhecer os recursos de que dispunha.

— E essa lata tem uma tampa.

Aha, realmente. A tampa da lata era essencialmente idêntica à tampa de um termo, sendo apenas mais pequena. Devia ter feito a ligação sozinho.

Ouviu o som familiar de uma tampa de plástico a ser removida de uma lata de *spray*.

— Poderá ter um sabor um pouco esquisito — disse. — Vou lavar a tampa com neve. Deverá ajudar na eventualidade de ter vestígios do conteúdo. Há alguma coisa no desodorizante que não fosse positivo misturar na água?

— Tudo, provavelmente — respondeu. — Trouxe laca? — A laca talvez fosse menos tóxica do que o desodorizante. O desodorizante não tinha um tipo qualquer de alumínio na sua composição? Não conhecia os componentes da laca, além do álcool, mas o álcool seria melhor do que o alumínio.

— Não — respondeu, atrás de si. Parecia um pouco ausente, como se estivesse concentrada em algo além do diálogo. — Ia descer rápidos, lembra-se? Para que me serviria a laca? Hmm... Talvez consiga improvisar um funil e despejar isto no frasco do elixir bucal, se não quiser correr riscos com a tampa do desodorizante.

— Lave-a com neve. Deverá ser suficiente. — Agora que referira a água, percebeu repentinamente a sede que tinha e não queria esperar até encontrar algo que pudesse usar como funil. Correria o risco dos vestígios de desodorizante.

— Muito bem.

Ouviu-a mover-se por um minutos. A seguir, ouviu o som nítido do saco de plástico. Segundos mais tarde, estava agachada junto a ele, segurando a tampa azul na mão esquerda.

— Não tente erguer-se — instruiu. — Se desmaiar e cair, poderá fazer-me deixar cair a água. — Enquanto falava, colocou o braço direito por baixo do pescoço dele, colocando-o numa posição que lhe encostava a cara contra os seios. Conseguiu sentir a sua firmeza e o cheiro vagamente doce e quente da pele de uma mulher. A vontade repentina de voltar a cara para ela era tão intensa que apenas uma pontada de dor conseguiu impedi-lo.

— Tenha cuidado — murmurou ela, erguendo-lhe a tampa até aos lábios. — É apenas um gole ou dois. Tente não desperdiçar uma gota.

Mal conseguiu beber um gole, ela afastou a tampa. A neve parcialmente derretida tinha um gosto mineral vago, misturado com o sabor do plástico, e estava tão fria que quase lhe fez doer os dentes. O líquido deslizou sobre o tecido seco e inchado da boca e da garganta, sendo absorvido quase tão rapidamente quanto conseguia engolir. Quando Bailey ergueu novamente a tampa para mais um gole, impediu-a, abanando brevemente a cabeça, sendo esse o máximo de movimento que conseguia.

— É a sua vez.

— Eu como neve — respondeu. — Mexo-me. Comer neve não baixará tanto a minha temperatura corporal como baixaria a sua. — A sua expressão tornou-se carregada. — Quanto tempo acha que levarão a encon-trar-nos? Passaram várias horas desde o seu *mayday,* mas nem sequer ouvi um helicóptero, quanto menos vê-lo. Se acha que demorará muito mais, terei de encontrar uma forma melhor de obter água. Derreter neve não é muito eficiente.

Não. Porque era necessária grande quantidade de neve para produzir um pouco de água e vice-versa. Respondendo à sua pergunta, disse-lhe:

— Será provável que, na melhor das hipóteses, um grupo de busca só consiga chegar até nós amanhã.

Não pareceu surpreendida, apenas preocupada e irritada.

— Porquê tanto tempo? Passaram horas desde o *mayday.* — Enquanto falava, levou-lhe a tampa de plástico aos lábios para beber mais um gole.

— Porque ninguém terá começado a procurar-nos — disse ele, depois de engolir.

O ar de irritação dela tornou-se mais severo.

— Porque não? — perguntou, com rispidez.

— Só darão o alerta quando perceberem que não chegámos a Salt Lake City para reabastecer. Se não dermos sinal de vida no par de horas seguintes a essa escala falhada, organizarão uma operação de busca.

— Mas enviou um *mayday!* Transmitiu a nossa localização.

— Poderá ter sido ouvido ou não. Mesmo que tenha sido, não iniciariam uma busca de imediato. São muito caras e as equipas de salvamento têm recursos limitados. Têm de se certificar de que o *mayday* era legítimo de que um idiota qualquer não achou engraçado enviar um *mayday* quando não havia qualquer problema. Por isso, esperam até que um avião não surja onde era

esperado antes de iniciarem o processo. Estamos em Junho, os dias são longos, mas, mesmo assim, duvido que uma equipa consiga localizar-nos antes que anoiteça. Parariam durante a noite e recomeçariam de manhã.

Olhou-a enquanto processava a informação, varrendo com o olhar a imensidão em redor. Após alguns minutos, suspirou.

— Esperava que fosse suficiente encontrar uma forma de nos abrigar do vento, mas precisaremos de muito mais, não é?

— Se quisermos sobreviver até amanhã, sim.

— Era o que receava.

Deu-lhe o que restava da água e, a seguir, baixou-lhe cuidadosamente a cabeça até ao cobertor, retirando o braço. Esboçou um sorriso triste enquanto lhe alcançava o canivete por baixo da pilha de roupa.

— Então é melhor deitar mãos à obra. Vai levar tempo.

— Não tente nada elaborado. Precisa de ser suficientemente pequeno para que o nosso calor corporal consiga aquecer o ar em redor. Quanto mais pequeno for, melhor será. Desde que caibamos os dois. Traga o que conseguir do avião. O couro dos bancos, qualquer fio que possa usar para unir varas e paus, coisas desse género.

Ouvindo as instruções, ela não conteve a ironia.

— Elaborado? Vá sonhando. Para que saiba, sou péssima na construção.

10

Ouvir Justice confirmar o que soubera por instinto, que ninguém os procurava, abalou Bailey mais do que queria dar a entender. Precisara realmente de ouvir que seriam resgatados em breve porque improvisar algum tipo de abrigo levaria as forças que lhe restavam ao limite. Não sabia durante quanto tempo conseguiria continuar.

Descansar ao lado de Justice e aquecer-se enquanto o aquecia ajudara, mas qualquer esforço mínimo parecia provocar agora tonturas, o que não era bom, considerando a inclinação da encosta que tentava subir. Um passo falhado ou um tropeção seriam suficientes para a fazer deslizar pela montanha abaixo e, com aquele terreno acidentado, isso quase garantiria, no mínimo, uma perna ou braço partidos. O único ponto positivo que conseguia vislumbrar era que, ainda que a dor de cabeça fosse contínua, não parecia aumentar de intensidade. Que rico ponto positivo. Não servia para lhe dar esperança.

As vidas de ambos dependiam dela e teria de ter uma cautela extrema. No entanto, a cautela exigia tempo e o tempo era quase tão limitado como as suas forças. A temperatura, que dificilmente teria estado acima de um grau negativo durante todo o dia, cairia a pique mesmo antes de o dia escurecer por completo. Assim que o sol se escondesse atrás dos cumes das montanhas que se erguiam acima deles, e isso poderia acontecer horas antes do pôr-do-sol, a temperatura começaria a cair. Teria de conseguir água antes disso e tinha de conseguir erguer um abrigo rudimentar.

Segurando o frasco vazio do elixir bucal, agachou-se e começou a enfiar neve pelo gargalo estreito. O processo não era rápido, precisamente porque a abertura era tão estreita. Sentia as mãos frias mesmo antes de começar. Um minuto depois, a dor nos dedos era insuportável. Precisou de parar e colocar as mãos debaixo dos braços, fechando os olhos e abanan-do-se para trás e para diante enquanto a dor acalmava lentamente e o calor lhe penetrava a carne. Precisava de algo para cobrir as mãos e depressa.

Automaticamente, começou a listar as suas opções. Trouxera dois pares de luvas impermeáveis para segurar os remos, mas não tinham dedos e, sendo boas para impedir bolhas, não lhe manteriam os dedos quentes. Podia enfiar meias nas mãos como luvas improvisadas, mas dificultariam os movimentos e molhar-se-iam, o que lhe deixaria os dedos ainda mais frios. As

meias seriam úteis mais tarde.

Esqueceu as luvas. Precisava de um método relativamente eficiente de enfiar neve no frasco que não exigisse o uso das mãos. Que poderia usar como pá ou espátula improvisada?

Deixando o frasco deitado sobre a neve (a neve que continha não derreteria nem escorreria para fora), dirigiu-se aos sacos de lixo que agora continham o que restava das suas roupas e objectos pessoais, sentando-se sobre um deles e começando a retirar metodicamente dos outros tudo o que não fosse roupa. Considerou cada objecto, tentando imaginar-lhes usos alternativos.

O seu desodorizante em barra era perfeitamente inútil para qualquer coisa além de manter as suas axilas livres de maus cheiros. Supôs que podería usá-lo se necessitasse de algum material espesso, mas não lhe ocorria qualquer possibilidade de utilização no momento. Escova de cabelo, maquilhagem básica (base, protector solar, batom), os livros e revistas que trouxera poderiam ser usados de inúmeras formas, mas nada disso a ajudaria a enfiar neve num frasco de elixir bucal. Tinha a sua luz de leitura, bastante útil, mas não naquele momento. Tinha duas canetas, um pequeno bloco de notas, um rolo de adesivo que colocou de parte porque lhe faria falta quando trabalhasse no abrigo, um baralho de cartas, repelente de insectos, um poncho, que também colocou de parte, lenços de papel e papel higiénico (também postos de parte), bem como quatro toalhas de microfibra e um monte de pequenas escovas de dentes descartáveis feitas de esponja.

Bolas, pensou, com irritação. Porque não trouxera algo útil como uma caixa de fósforos? Podia ter dentes limpos e hálito fresco quando descobrissem o seu cadáver gelado, mas de que lhe serviria?

Observou a colecção arbitrária de objectos que achou poderem ser úteis num acampamento de duas semanas e suspirou em desespero... depois voltou a olhar para o baralho de cartas. Eram novas e a caixa ainda estava selada com plástico. Pegou-lhe, mordeu um canto do plástico e começou a abri-lo. De seguida, abriu a caixa e retirou uma carta. Era plastificada e resistiria bem ao uso.

Serviria, pensou com uma ligeira pontada de satisfação.

A carta seria suficientemente rígida e suficientemente flexível para conseguir enrolá-la e enfiá-la na abertura do frasco. Abanando-o e batendo com o fundo contra uma pedra, fez a neve compactar-se para que coubesse mais. Quando o frasco ficou cheio, recolocou a tampa no lugar e enros-cou-a com cuidado.

— Isto não vai saber bem — avisou, quando regressou para junto de Justice. Estivera deitado com os olhos fechados enquanto lidava com o problema da água e abriu-os lentamente quando a ouviu falar. Tinha a face pálida, o que não surpreendia, mas os cantos da boca ergueram-se num sorriso seco.

— Grande novidade. Mostrou-lhe o frasco de neve.

— Não será muita água quando derreter, mas foi o melhor que consegui. O truque será fazer com que a neve derreta. Preciso de colocar o frasco nalgum sítio quente e adivinhe onde será.

— Aposto que não será debaixo da sua camisa. — O sorriso dele era sardónico.

— E aposta bem. — Ignorou a referência à forma como lhe aquecera os pés. O facto de ter sentido os seus seios nus não a incomodava, mas, por outro lado, não se sentia propriamente confortável com a mudança abissal e abrupta no seu relacionamento, se pudesse chamar-se relacionamento à frieza antipática. Subitamente, haviam-se tornado melhores amigos, apenas raue tinham sobrevivido juntos a um desastre aéreo? Por outro lado, não h via lugar para a hostilidade. Precisavam um do outro para sobreviver. E, além disso, depois de presenciar o esforço hercúleo dele para controlar a nueda e possibilitar a sobrevivência, o que sentia por ele era, acima de tudo, respeito e admiração. Indo directamente assunto, era o seu herói.

Suspirou. A verdade era que não sabia o que pensava ou sentia. Forcando a concentração no que realmente interessava naquele momento e que era mais importante do que o que sentisse ou deixasse de sentir, deslizou o frasco por baixo da roupa que o cobria, contra a sua anca.

— Espero que isto não o faça recomeçar a tremer. Está muito frio?

— Não. É suportável. Tenho duas camadas de roupa entre o frasco e a pele. Está a esforçar-

se ao máximo. O melhor que posso fazer será derreter neve.

— Tem razão.

Daquela vez, o sorriso foi real, exibindo os dentes e uma pequena cova acima do canto esquerdo da boca. Só nesse momento percebeu como a sua resposta foi pouco graciosa e abanou a cabeça.

— Desculpe. Fui mal-educada.

— Mas sincera. — Mantinha a cabeça imóvel, o que era compreensível, mas os seus olhos pareciam divertidos e voltou a ver-se a cova. Era espantoso como um sorriso transformava o comandante Ranzinza num homem muito atraente, mesmo com a cabeça ligada e a cara ferida.

— Bom... sim.

— Ainda bem que disse que sim. Se não o tivesse feito, teria pensado que perdera por completo o contacto com a realidade.

— Tenho um contacto muito próximo com a realidade — replicou ela secamente, antes de suspirar. — Infelizmente, a realidade diz-me que é melhor fazer-me ao trabalho ou morreremos de frio esta noite. A altitude começa a afectar-me seriamente. Tenho de me mover com lentidão e cautela.

O olhar dele aguçou-se enquanto lhe estudava a cara.

— A altitude fá-la sentir-se mal?

— Dói-me a cabeça e tenho tonturas. A dor de cabeça poderá ser em parte por ter batido com a cabeça, mas, no conjunto, acho que será a altitude.

A sua expressão tornou-se sombria.

— E eu não posso fazer nada para a ajudar. Bailey, não se force além do limite. Será perigoso. A altitude pode matá-la.

— A hipotermia também.

— Conseguiremos sobreviver à noite. Há roupa suficiente aqui para cobrir dez pessoas e podemos partilhar o calor corporal.

Teriam de o fazer de qualquer forma. Bailey não tinha ilusões acerca das suas capacidades na área da construção de abrigos. Também não tinha quaisquer ilusões acerca das temperaturas que se fariam sentir nas montanhas à noite ou da precariedade da condição em que Justice se encontrava Pesando as adversidades de forma objectiva, a hipotermia e as complicações decorrentes da altitude não eram perigos iguais. Para ela e, certamente para ele. Considerando o sangue que perdera, ele corria um risco superior ao dela de morrer durante a noite que se aproximava.

— Terei cuidado — disse, pondo-se de pé. Ergueu os olhos para o avião, quase virado de lado na encosta por cima deles. Pensar em voltar a subir os metros que a separavam dos destroços bastou para se sentir exausta, mas precisava da rede de carga, bem como do couro dos bancos. E dos fios que encontrasse, claro. Conseguia ver muitos fios pendurados da asa partida e escapando-se pelo buraco aberto onde antes estivera a asa esquerda e parte da cabina.

A enormidade da tarefa que a esperava quase a fez entrar em pânico. Tinha fome, sede e frio. Sentia dores por todo o corpo. A ferida no braço direito, que quase esquecera, fazia sentir a sua presença. Mesmo com uma refeição decente, bastante água e o vestuário adequado, bem como uma fogueira quente e viva, não lhe teria agradado saber que era responsável pela construção de um abrigo que não desmoronasse. A arquitectura aborrecia-a. Nem sequer construíra alguma vez castelos de areia.

Para se guiar, tinha apenas os documentários sobre sobrevivência que vira no canal *Discovery*, sem se recordar realmente de quaisquer pormenores. Sabia que estariam mais quentes com uma camada de alguma coisa entre eles e o chão. Sabia que precisavam de algum tipo de tecto sobre as cabeças para os proteger de possível queda de chuva ou neve. Além disso, ocorria-lhe que também precisavam de se proteger do vento. E era suposto conseguir tudo aquilo com paus e folhas.

Arrastando-se até aos destroços, desprendeu a rede de carga e atirou-a pela porta fora. Essa tarefa não fora propriamente exigente a nível físico. E o mesmo se aplicava à remoção do couro dos bancos. Para manter o material em retalhos tão grandes quanto possível, usou cuidadosamente a

extremidade do canivete para cortar as costuras. O banco traseiro era um assento único com dois encostos individuais e respectivos apoios para os braços. Viria do assento traseiro o maior retalho e era um facto que o vento não conseguia penetrar no couro. Era por isso que os motociclistas o usavam.

Cortar todos os pontos levou tempo, mais tempo do que previra. Não conseguiu evitar cortar parte do couro porque era impossível soltá-lo mesmo depois de abrir as costuras. Retirando o couro, viu a esponja grossa do stofo. Facilmente lhe descobriu uma utilidade e os blocos de esponja não tardaram a seguir os pedaços de couro. O revestimento do piso forneceu mais vinil. O saque resgatado do avião que quase os matara ainda poderia salvá-los, pensou.

11

— **Sabe** que mais? — disse Bret, quase cantarolando, ao chegar de manhã ao escritório da *J&L* com o seu passo confiante. — Parece que o Cam tinha razão a respeito da reacção alérgica. Foi... — Parou a meio da frase, com a boa disposição desaparecendo-lhe da face e os olhos azuis vivos fixando-se na cara de Karen. — O que se passa?

Karen fitou-o sem conseguir falar. Estava lívida, ostentando uma expressão sinistra. Segurava o auscultador do telefone e pousou-o lentamente.

— Ia ligar-lhe — disse, com voz débil e inexpressiva.

— O que foi?

— Foi o Cam.

Bret olhou para o relógio.

— Já ligou? Fez um tempo fenomenal.

— Não, ele... não ligou. — Karen falava como se mal conseguisse mover os lábios. Engoliu em seco. — Não chegou a Salt Lake City para a escala de abastecimento.

Um pequeno músculo no maxilar de Bret começou a latejar.

— Fez escala noutro sítio — disse, secamente, após um momento. Antes de chegar a Salt Lake. Se tivesse havido algum problema, teria...

Lentamente, vacilando um pouco, Karen abanou a cabeça.

Bret deixou-se ficar onde estava, olhando-a enquanto interiorizava o que lhe dizia. A seguir, correu para o seu gabinete, ergueu o cesto dos papéis e vomitou.

— Deus — disse, com voz tensa, quando conseguiu voltar a falar, ressionou os dois punhos contra os olhos. — Santo Deus. Não consigo… Não consigo acreditar...

Karen atravessava-se na porta.

— Foi lançado um alerta.

— Que se foda o alerta — ripostou, selvaticamente, voltando-se para ela. — Uma busca...

— Conhece o protocolo.

— Estão a desperdiçar tempo! Têm de...

A sua única resposta foi um novo e agonizante abanar de cabeça. Furioso, Bret pontapeou a cadeira, lançando-a contra a parede.

— Merda! — bradou. — Merda, merda, merda!

De seguida, pegou no telefone e começou a marcar números, sendo-lhe dito uma e outra vez que o protocolo seria seguido e que, se Cam não fosse localizado no espaço de duas horas, iniciar-se-ia uma busca.

Batendo com o telefone uma última vez, foi até ao mapa na parede e traçou uma linha de Seattle a Denver, marcando a rota que Cam teria seguido.

— São mais de mil e seiscentos quilómetros — murmurou. — Poderá estar em qualquer sítio. Há muita coisa que poderia ter corrido mal. Falou com Dennis? O Mike registou alguma coisa no *Skylane* ontem?

As duas questões foram dirigidas a Karen, que ouvira os telefonemas, esperando contra tudo o que sabia que conseguisse antecipar a busca.

— Já conferi — respondeu. — Não havia nada. O Dennis disse que o *Skylane* tem sido sujeito apenas a manutenção normal. — Hesitou. — O que tenha acontecido... não terá necessariamente de ser um problema mecânico. Podem ter sido atingidos por um pássaro ou ele poderá ter adoecido e perdido os sentidos... — A sua voz falhou.

Bret continuava a olhar o mapa. A rota de Cam sobrevoara algum do território mais remoto e acidentado no país.

— Pode ter aterrado — insistiu. — Num campo, num desfiladeiro, numa estrada de terra. Se houvesse alguma possibilidade, Cam seria capaz.

— Estão a monitorizar comunicações — disse Karen. — Se conseguiu aterrar, entrará em contacto via rádio. A transmissão acabará por ser captada por um PAA. — A voz vacilou-lhe um pouco quando disse: — Apenas podemos esperar.

Os Postos de Assistência Aérea eram unidades de tráfego aéreo que desempenhavam inúmeras funções. Entre elas, a monitorização constante da frequência aérea de emergência. Cam registara um plano de voo de acordo com a Regulamentação de Pilotagem Visual, o que o colocava no sistema de avaliação de níveis de emergência dos PAA. Quando não chegou a Salt Lake City à hora prevista, o sistema entrou em estado de alerta. Uma monitorização de comunicações notificou todos os postos rádio e aeroportos ao longo da sua rota de que estava atrasado, solicitando qualquer Informação disponível.

Segundo o protocolo, após uma hora, se o avião não tivesse sido enntrado, a monitorização de comunicações seria intensificada e expandida, conferindo-se todos os locais possíveis de aterragem. Após mais uma hora sem resultados, os PAA passariam a busca para os serviços de resgate. Os amigos e parentes de Cam seriam contactados. Apenas após três horas iniciariam as acções de busca em campo. Um satélite captaria o sinal do transmissor de localização de emergência do avião, levando a equipa de resgate até ao local, mas, dependendo de quão remoto fosse o local, isso poderia levar várias horas.

Karen estava certa. Apenas podiam esperar.

Bret andava de um lado para o outro. Karen voltou à sua secretária e sentou-se, fitando o vazio, movendo-se apenas para atender o telefone quando tocava. Os minutos passavam com tamanha lentidão que o tempo parecia ter-se tornado uma variante da tortura chinesa da água.

Karen atendeu o telefone uma última vez e disse, com a voz embargada:

— Sim, obrigada. — Desligou e começou a chorar.

Bret aproximou-se, respirando fundo. Deixou-se ficar, imóvel, com os punhos cerrados.

— Encontraram destroços? — perguntou.

— Não. — Karen limpou os olhos e tentou controlar-se. — Não receberam pedidos de ajuda e não foi estabelecido contacto via rádio. Se aterrou de emergência algures... — Não precisou de concluir. Se Cam tivesse aterrado, teria entrado em contacto, mas aterrar e despenhar-se eram duas coisas muito diferentes. — Iniciaram as operações de busca.

Bret empalideceu e deixou cair os ombros.

— Acho que... É melhor contactar o Seth Wingate. — Regressando a sua secretária, deixou-se cair sobre a cadeira e procurou a agenda telefónica. Karen abriu o ficheiro da família no seu computador e ditou-lhe o número.

— Sim, o que se passa? — disse-lhe uma voz algo arrastada do outro lado da linha. Ouvia-se uma televisão com o som elevado ao fundo.

Já estava bêbado? A meio da tarde?

— Seth?

— O próprio.

— Fala Bret Larsen da *J&L*. — Bret apoiou os cotovelos na secretária e cobriu os olhos com uma mão.

— Pensei que estivesse a levar a cabra... perdão... a minha querida Madrasta para Denver

hoje.

— O Cam... o comandante Justice ocupou-se do voo no último minuto. — Sentiu que perdia o fôlego e inspirou fundo. O melhor seria desp$_a$, char o que tinha a fazer. — Perdemos o contacto com o avião. Falharam a escala de abastecimento em Salt Lake.

Incrivelmente, Sefh riu-se.

— Está a gozar.

— Não. Já se iniciaram as operações de busca. Estão a...

— Obrigado por ligar — disse Seth, voltando a rir. — Parece que há desejos que se concretizam, hã?

Bret ouviu o sinal de chamada.

— Filho da mãe! — rugiu, resistindo à tentação de atirar o telefone para longe. — Cabrão! Imbecil!

— Presumo que não esteja desgostoso — disse Karen. Continuava pálida, mas tinha os olhos secos e a expressão apática de alguém que se esforçava para ultrapassar um choque imenso.

— O filho da mãe riu-se. Disse que se tinha concretizado um desejo.

— Talvez com alguma ajuda dele — disse Karen, sem disfarçar o ódio.

A primeira coisa que Seth fez foi tirar o som à televisão e ligar à irmã, Tamzin. Quando esta atendeu, percebeu pelos guinchos e pelo som da água ao fundo que estava sentada junto à piscina, vigiando os seus dois fedelhos. Não gostava dos sobrinhos. Também não gostava propriamente da irmã, mas, pelo menos naquela frente, eram aliados.

— Não vais acreditar nisto — disse, com satisfação. — Parece que o avião de Bailey se despenhou a caminho de Denver.

Tal como sucedera com ele, a sua primeira reacção foi o riso.

— Estás a brincar!

— Bret Larsen acaba de ligar. Devia ter sido ele o piloto, mas o outro, o alto, substituiu-o.

— Santo Deus, isso é óptimo! Mal consigo acreditar... quer dizer... sei que não devíamos festejar, mas ela tem sido tão... Como conseguiste fazê-lo?

A fúria apossou-se de Seth. Era tão estúpida. Tinha identificação de chamada e sabia que lhe ligava de um telemóvel, sem qualquer garantia de segurança, e dizia algo assim? Estaria a tentar arranjar forma de ser preso?

— Não sei do que falas — respondeu, friamente.

— Não me venhas com histórias. Madison! Não... Vou cancelar a brincadeira com os teus amigos se tu... — berrou de repente. — Olha o que fizeste! A mamã ficou toda molhada! Acabou-se. Não podes trazer cá ninguém durante um mês!

Mesmo pelo telefone, conseguia ouvir o choro irritante da sobrinha, som particularmente atroz que assinalava o início de uma manobra a desgastar a mãe e conseguir o restabelecimento dos seus privilégios. Tamzin nunca cumpria nenhuma das suas ameaças e os filhos sabiam-no, bastava-lhes choramingar durante tempo suficiente e Tamzin cederia apenas para os calar. Colocou dois dedos sobre a cana do nariz.

— Não consegues calá-la? Parece o apito de um comboio.

— Estão a dar comigo em doida hoje. Não seria preciso muito, pensou Seth.

— O que fazemos? — perguntou Tamzin. — Temos de ir buscar o corpo ou alguma coisa assim? Porque não quero saber se a enterram ou não. Não vou gastar um cêntimo no funeral.

— Ainda não há nada. Estão à procura do avião.

— Quer dizer que nem sabem onde está?

— Que outro motivo haveria para o procurarem? — Apertou os dedos com mais força sobre o nariz.

— Como podem dizer que se despenhou se não sabem onde está? Seria de esperar que alguém tivesse reparado no desaparecimento do avião do ecrã do radar.

Pensou em explicar que os voos em questão não ocupavam as mesmas altitudes da aviação comercial e não eram acompanhados pelo radar até se aproximarem do espaço aéreo controlado,

mas decidiu poupar o fôlego.

— Não cumpriu a escala de abastecimento planeada.

— Então pode não se ter despenhado? Não sabem ao certo? — A desilusão na sua voz era inconfundível.

— Estão tão seguros quando possível.

— Quando passamos a controlar o nosso dinheiro?

— Suponho que seja quando encontrarem os corpos e emitirem uma certidão de óbito. — Não fazia ideia. Os problemas jurídicos podiam levar algum tempo a resolver.

— Quanto tempo levará? É ridículo que não possamos mexer no nosso dinheiro. Odeio o pai por me ter feito isto. Odeio-o! Tenho de fingir e dizer aos meus amigos todos que a deixámos viver na casa por bondade e que sou contida nas despesas quando a verdade é que ela raciona cada cêntimo como se fosse seu.

— Não sei — respondeu Seth com impaciência. — Liga ao teu advogado se tens de saber de imediato.

— Além disso, não me vou vestir de preto e não fingirei qualquer pesar.

— Sim, sim. Eu também não. — Subitamente, deixou de suportar falar com ela por mais um minuto que fosse. — Aviso-te quando souber alguma coisa mais concreta.

— Podias ter ligado antes. Tenho tido um dia de merda e, se me tivesses dado a notícia de manhã, a minha disposição estaria muito melhor.

Seth desligou e, num ímpeto de raiva, atirou o telefone para longe. O que começara como satisfação pura deixava-lhe agora um gosto amargo na boca. Indo até à casa de banho, engoliu um copo de água e olhou-se ao espelho como se nunca antes se tivesse visto, pensando se as pessoas que o viam veriam alguém capaz de matar para atingir os seus objectivos. Os lábios estreitaram-se quando os comprimiu e afastou-se do seu reflexo.

Regressando à sala, pegou no copo de uísque que bebia, o seu terceiro do dia, e levou-o à boca. A seguir, sem beber, voltou a pousá-lo. Precisava de manter a cabeça lúcida. Não podia beber mais por enquanto.

Teria de ter muito cuidado ou a estúpida da irmã diria algo que o levaria à prisão.

12

Bailey deu um passo atrás para observar os frutos do seu trabalho e não por se sentir impressionada pela beleza. O «abrigo», esperava que fosse suficientemente sólido para merecer essa designação, parecia-se tanto com um simples amontoado de objectos e tinha uma forma tão bizarra que seria certamente rejeitado, mesmo num qualquer país do Terceiro Mundo. Sentia os joelhos trémulos. Depois do esforço de construção, estava prestes a cair ao chão.

A cabeça latejava-lhe com a dor. Tinha tanta sede que a boca lhe parecia forrada a algodão e comer neve apenas proporcionava um alívio breve. Além disso, fazia-a sentir ainda mais frio. Tinha fome. Doía-lhe todo o corpo, com os músculos a protestar cada movimento que fazia. E as tonturas eram tantas que, no fim do trabalho, fora forçada a gatinhar, ensopando as calças e baixando ainda mais o calor corporal.

Mas conseguira terminar. Tinham sítio para dormir e, se o abrigo não lhes desabasse em cima, proporcionaria alguma protecção do vento gélido. O que não era fácil.

Apenas com o canivete de Justice como ferramenta cortante, teve de usar os ramos partidos que conseguiu encontrar. O avião partira muitos, mas nem todos tinham sido arrancados por completo. Conseguiu libertar alguns dos nue se mantinham parcialmente presos às árvores, os que exigiam menos esforço, mas não conseguia gastar muita energia nessa tarefa. Erguer dois ramos partidos do chão, mesmo que não fossem tão sólidos como os que haviam resistido, era muito mais fácil do que efectuar amputações com um canivete.

Depois de seleccionar um local vagamente favorável entre um aglomerado denso de árvores aninhado contra a concavidade de um penedo, sobretudo por se tratar de um ponto relativamente plano e pela ausência de grandes raízes erguendo-se do chão, varreu tanta neve quanto possível e cobriu a área limpa com os ramos mais flexíveis. Todas as árvores pareciam ser coníferas e os ramos, com as suas agulhas, seriam um colchão adequado entre os seus corpos e o chão.

Talvez fosse a ordem inversa de fazer as coisas, mas achou que deveria fazer a cama primeiro e construir o abrigo a seguir para conseguir compreender melhor a dimensão necessária.

Como Justice dissera, quanto menor fosse, melhor seria. Preocupando-se em construir algo com comprimento suficiente para conseguir esticar as pernas, colocou-se a seu lado e mediu-o cuidadosamente com passos. Era um pouco maior do que sete dos seus passos.

Ele observou-a enquanto ela o fazia, com uma expressão intrigada na face.

— Está a fazer algum teste de sobriedade?

— Estou a medi-lo. Passa em cerca de dois centímetros o comprimento de sete pés. Falo de pés reais e não da unidade de medida. Não quero que o abrigo seja demasiado curto.

Tentou fazer a cama um pouco maior do que essa medida. Ou melhor, tentou fazer um dos lados maior porque a forma como as árvores se posicionavam em redor não permitia simetria. Ocuparia o lado mais curto.

Sobre os ramos e agulhas, colocou a esponja que retirara dos bancos do avião. Tinha seis blocos curtos e um longo do assento traseiro e achou que seria mais confortável do que sacos-cama. No entanto, se dependesse dela, teria optado pelo saco-cama. Pelo menos, ficaria quente. Permanecer quente sem uma fogueira seria um verdadeiro desafio.

Quando posicionou os blocos de esponja, começou a trabalhar nos ramos maiores. Obviamente, precisava de algum tipo de armação e teria de usar o rolo de adesivo para os unir, mas sentia-se estranhamente relutante. O rolo era pequeno e não duraria muito. Se usasse farrapos de tecido para unir o esqueleto, estes poderiam voltar a ser usados se não acertasse à primeira, enquanto o adesivo só poderia ser usado uma vez. O casaco de seda arruinado era perfeito para desfazer em pedaços.

A princípio, tentou construir algo em forma de V invertido, mas isso estava evidentemente além dos seus talentos de construção, o que não era surpreendente. Após o terceiro colapso da armação rudimentar, tomou uma decisão e deixou de desperdiçar tempo com esse método.

Regressando ao local em que Justice permanecia deitado sob urna pilha de roupa, agachou-se a seu lado e disse:

— Lembra-se de ter dito que era péssima na construção? Ele abriu os olhos.

— É a sua forma de me dizer que vamos passar a noite ao relento?

— Não. É a minha forma de pedir ajuda. Socorro! Dê-me instruções. Dicas. Qualquer coisa. Se tem alguma experiência nisto, mesmo que mínima, saberá mais do que eu.

— Pensava que já tivesse acampado.

— É verdade. Mas gostava de dizer em minha defesa que é raro acampar-se no alto de uma montanha coberta de neve.

— Nunca montou uma tenda?

A resposta foi um grunhido de desprezo.

— Era estudante universitária. Claro que não. Dormíamos em sa-cos-cama à volta de uma fogueira.

— Muito bem. — Pensou por um momento. — Que tentava construir? Uma armação em A ou um tecto inclinado?

— Armação em A. Não consigo mantê-la de pé.

— Comece por fazer a base. Delimite os lados longos com dois ramos paralelos. Depois, coloque as traves, uma em cada extremo, e prenda os quatro cantos.

Parecia simples. Regressando ao local do colapso, procurou entre os ramos os que melhor se ajustassem ao comprimento da cama, colocan-do-os um de cada lado. A seguir, posicionou dois ramos mais curtos, um em cada extremidade, e usou os farrapos de seda para atar cada ramo curto

aos dois mais longos. Quando terminou, abanou a armação para avaliar a sua solidez, apertando cuidadosamente cada nó e voltando a abanar. Era aceitável.

— E agora? — gritou.

— Agora precisa de definir a altura. Procure quatro ramos de comprimento superior à altura desejada.

Era fácil, mas os quatro ramos tinham galhos e agulhas. Usando o canivete, retirou o que conseguiu.

— Já está.

— Pegue em dois e faça uma cruz. O ponto da intersecção será a altura do abrigo. Terá de atar o segundo par no mesmo ponto em que o primeiro se cruza. Depois, use dois pedaços menores e coloque-os por baixo do ponto de intersecção das cruzes, como suportes.

Achou que percebia onde Justice queria chegar com tudo aquilo. Aplicou-se com os farrapos de seda e, quando terminou, tinha o que se assemelhava a um par de AA com chifres no topo.

— Agora prendo estes à base?

— Primeiro, apoie outro ramo sobre as cruzes e prenda as duas extremidades de forma a que a estrutura superior seja tão longa como a inferior. A seguir, prenda tudo à base.

Mesmo com instruções, a armação do abrigo inclinava-se ligeiramente para a esquerda e caía atrás, mas, quando procurou o sol, viu que se tinha escondido atrás das montanhas e o tempo era demasiado curto para tentar melhorar o trabalho. Atou ramos de suporte onde lhe pareceram mais necessários, ou seja, um pouco por todo o lado. Quando achou que a estrutura era suficientemente sólida para se aguentar de pé, passou ao telhado.

Achou que sacos pretos de lixo espalhados por cima não seria verdadeiramente um telhado, mas eram o mais próximo que tinha de uma lona. Prendeu os sacos à armação e cobriu-os com a rede de carga para evitar que voassem se o vento aumentasse de intensidade. Para aumentar o isolamento, introduziu os ramos maleáveis com as agulhas intactas por entre a rede.

Os sacos de lixo não cobriam por completo os lados da armação, mas não tinha número suficiente para o conseguir. Colocou mais alguns ramos para cobrir as aberturas e começou a enfiar amontoados de agulhas onde conseguisse. Mantendo-se atenta à luz cada vez mais ténue e à temperatura em queda, esqueceu-se de manter os movimentos lentos. Ao invés, foi tomada por uma sensação de urgência cada vez mais crescente até a sua respiração se fazer com esforço audível.

Levantando-se para alcançar outro ramo e cobrir um pequeno vão em que apenas reparara naquele momento, deixou de conseguir ver. Cambaleou, esticou os braços em pânico, tentando agarrar alguma coisa, mas não conseguiu e caiu com a cara sobre uma das árvores.

Quando a visão regressou, estava de joelhos na neve, com um braço em redor de uma conífera esguia e o coração batendo em ritmo acelerado pelo pânico. Não querendo correr o risco de cair, manteve-se de joelhos, cerrando os dentes enquanto cobria atabalhoadamente o pequeno vão. Uma náusea oleosa e acre ergueu-se na sua garganta e forçou-se a engolir.

Ainda tinha de cobrir as extremidades e a única forma de o conseguir seria rastejando. Depois de erguer ramos para cobrir a traseira, amontoou neve contra eles. A neve não derreteria e seria uma barreira eficiente contra o vento feroz. Conseguiu cobrir apenas parcialmente a abertura dianteira porque precisavam de conseguir entrar. Mais ramos, dos lados para dentro, deixando apenas o espaço suficiente para Justice rastejar. Para tapar a entrada, prendeu o maior pedaço de couro ao interior da armação e deixou-o pendurado. Não cobria por completo a abertura, mas não era necessário que cobrisse. Conseguia tapar o que restava com um dos sacos contendo a sua roupa.

O maior problema que enfrentava naquele momento era endirei-tar-se e manter-se de pé, conseguindo de alguma forma trazer Justice até ao abrigo. Não podia arrastá-lo porque se arrastava a ela própria. Endireitou-se com cuidado, apoiando-se numa das árvores. Os joelhos ameaçavam ceder e a cabeça doía-lhe com tanta intensidade que quase voltou a perder os sentidos. Quando o perigo passou, olhou, fatigada, para a estrutura insegura e inclinada. Serviria porque tinha de servir. Não tinham outras opções.

Vacilante e trémula, conseguiu descer a encosta até o local em que Justice permanecia deitado. A

distância não era muita, não indo além dos nove metros, o suficiente para ficar fora da trajectória do avião se os destroços começassem a deslizar. Mesmo assim, pelo esforço necessário para percorrer esses nove metros, poderia ser quilómetro e meio.
— Está pronto — disse, com esforço, ajoelhando-se a seu lado. O frio tornava-lhe as mãos dormentes e as montanhas giravam lentamente em seu redor, enquanto lutava novamente contra a náusea. — Mas não sei como chegará lá. A não ser que consiga rastejar.
Os seus olhos abriram-se, revelando as íris pálidas entre a pele enegrecida.
— Acho que me consigo pôr de pé. Se não conseguir, conseguirei rastejar. — Percebeu a palidez da pele dela, a forma como tremia, a roupa molhada dos joelhos para baixo e franziu o sobrolho. — Que raio fez a si própria? — perguntou, com severidade. — Esqueça. Esteve a matar-se para nos construir um abrigo. Bolas, Bailey...
Sentiu-se ridiculamente magoada, como se o que ele pensasse lhe fosse importante e, porque a mágoa a irritava, o tom da resposta foi igualmente severo.
— Não precisa de dormir lá dentro. Pode morrer gelado aqui, se preferir.
Um braço musculado e nu saiu de baixo das roupas e uma mão forte rodeou-lhe o antebraço. Quando deu por isso, estava deitada sobre o cobertor. Enfurecia-a que, fraca e ferida como estava, se sentisse tão fraca depois de todo o esforço que não conseguiu resistir-lhe.
Os olhos cinzentos de Justice tornaram-se gélidos.
— Dormimos juntos, no abrigo ou aqui. Mas, em primeiro lugar
_- disse, com dureza — vai enfiar-se por baixo destas roupas comigo e ficar aqui deitada durante uns momentos antes que perca a consciência. — Enquanto falava, virava-se com esforço sobre o seu lado esquerdo para ficar voltado para ela.
Poder deitar-se proporcionou um prazer quase infinito ao seu corpo dorido e cabeça zonza. A ideia de ficar quente era um sonho de tal forma delicioso que quase chorou ao pensar nessa possibilidade. A mágoa e a dor fizeram-na querer afastar-se e deitar-se no abrigo em gloriosa solidão, mas, na realidade, não se sentia capaz de ir a qualquer lado. Sem a satisfação da resistência física, recorreu às palavras.
— Seu sacana ingrato. Sempre o achei um parvo e, agora, tenho a certeza. Não pense que volto a partilhar o meu chocolate consigo.
— Sim, sim — disse ele, puxando-a para si e debatendo-se com as pesadas camadas de roupa para conseguir colocá-las sobre ela. Quando conseguiu, puxou-a ainda para mais perto até a aninhar nos braços, contra o seu corpo seminu.
Bailey sentiu-se envolvida por algo semelhante à baforada de uma fornalha. Sabia que não era real e que, no máximo, seria apenas moderadamente quente, mas estava tão fria que, por comparação, se sentia agora como se estivesse em chamas. Pressionou a face fria contra o pescoço dele e sentiu um braço rodeando-lhe as costas e apertando-a ainda mais. A sensação de calor nas suas mãos geladas e trémulas era, ao mesmo tempo, tão dolorosa e fantástica que quase começou a chorar. Ao invés, deslizou as mãos sobre os lados nus do seu tronco à procura de mais calor. Sentiu-o estremecer e ouviu-o praguejar, mas sem as afastar.
Continuou o seu discurso de infelicidade, murmurando contra a garganta quente dele.
— Quando adormecer, vou arrancar-lhe os pontos da cabeça. Vai ver se não o faço. E também levo a minha roupa. Pode aquecer-se com a sua. Com as três peças que trouxe. E quero que me devolva o meu frasco de elixir bucal.
— Xiu — murmurou ele. A sua mão movia-se lentamente sobre as costas dela, para cima e para baixo. — Descanse. Pode continuar a descom-por-me quando se sentir melhor.
— Descomponho-o quando me apetecer. Não será você a decidir. Está a sorrir? — perguntou, furiosa, movendo a cabeça para ver porque seria capaz de jurar que tinha ouvido uma nota incriminatória na sua voz.
Se tivesse sorrido, ele teria agido de forma a que ela não o pudesse ter visto.
— Quem? Eu? Nunca. Vá, baixe a cabeça — disse, movendo a mão para a nuca dela, aplicando um pouco de pressão. — Aproxime-se mais.

Mais? A única forma de poder aproximar-se mais seria se também se despisse. Cedeu à insistência da sua mão, pressionando novamente a face contra o calor da sua pele.
— Pare de ser condescendente. Odeio isso e não funcionará.
— Nunca achei que pudesse funcionar.
Raios. Continuava a fazê-lo. Pensou em beliscá-lo, mas isso exigiria esforço e sentia-se dominada por uma imobilidade avassaladora. Não queria nada mais além de passar o futuro próximo ali deitada, com a cabeça dorida sobre a almofada quente do ombro dele.
Não se atreveu a adormecer. A escuridão avançava sobre eles como um comboio desgovernado e ainda havia muito a fazer.
— Preciso de me levantar. Está a ficar escuro...
— Ainda nos resta uma boa hora de luz. Podemos perder cinco minutos a descansar e aquecer um pouco mais. Tenho enchido o frasco de neve enquanto derretia. Temos cerca de meio litro de água se precisar de beber.
E precisava realmente. Não notara que se movia, mas tinha estado ocupada e isso não era nenhuma surpresa. Retirou o frasco de baixo da roupa que os cobria.
Conseguia ver pequenas manchas de terra flutuando na neve derretida, mas não a incomodavam minimamente. Sentia tanta sede que poderia ter bebido toda a água, mas permitiu-se apenas três goles, bochechando com o líquido maravilhoso na boca, aquecendo-o antes de engolir.
— Estava a precisar — disse, com um suspiro, voltando a fechar o frasco. Justice devolveu-o ao seu local por baixo das roupas e voltou a puxá-la para si.
Rodeada pelos braços dele, rodeada pelo seu calor, Bailey deixou-se libertar de toda a tensão. Por mais que a tivesse irritado, a verdade era que estavam naquilo juntos. Perante o frio brutal de uma noite passada a grande altitude, podiam viver juntos ou morrer separados. Seria apenas uma noite. No dia seguinte, seriam salvos. Juntar-se-ia a Logan e Peaches, que deviam estar já loucos de preocupação, e talvez conseguissem reunir-se ao grupo nalgum ponto do percurso planeado. Navegar rápidos parecia pouco depois de um acidente aéreo, pensou, meio a dormir. Havia aventura e aventura. Nada como uma situação de vida ou morte para descarregar adrenalina.
Gradualmente, apercebeu-se de outra dura verdade.
Justice estava meio morto depois de todo o sangue perdido. Tinha a cabeça aberta e certamente uma concussão. Estivera próximo de um estado letal de hipotermia e não havia forma de saber que outros ferimentos teria sofrido. Passara por tudo isso... e o raio do homem estava com uma erecção.

13

— **Merda** — disse Bailey, exagerando apenas um pouco o tom culpado. — precisa de urinar, não é? Desculpe. Devia ter perguntado há muito tempo. Passou-se um par de segundos antes que ele dissesse:

— Estou bem. Posso esperar.

— Bom, se tem a certeza...

— Tenho a certeza. — O seu tom era de desagrado vago.

Não lhe permitiu nem mesmo um indício de sorriso porque, com a sua cara pressionada contra ele como estava, sentiria o movimento nos seus músculos faciais. Se Justice tivera pensamentos acerca de sexo conveniente (ela era conveniente e, por isso, poderiam ter sexo), atribuir a sua erecção a uma função fisiológica e não a um ditame masculino fá-lo-ia ter a certeza de que, certamente, não estaria a pensar em sexo. Não fazia ideia de como poderia ele acreditar-se capaz de fazer alguma coisa, mas reparara noutras ocasiões que alguns homens perdiam a noção da realidade no que dizia respeito aos seus pénis.

No entanto, a noção de realidade dela era intensa e dizia-lhe que estavam em circunstâncias difíceis. Mesmo que ele não estivesse ferido, não tinha tempo ou espaço na sua lista de tarefas para uma sessão de brincadeira. Além disso, havia sempre o motivo clássico para dizer não. Tinha uma dor de cabeça, uma dor de cabeça real e tão intensa que apenas a necessidade urgente de construir

um abrigo para a noite a mantivera em movimento.

Pensando no abrigo, decidiu que estava na altura de se levantar, pondo de lado os queixumes físicos.

— Se está certo de não querer urinar...

— Estou certo — rosnou ele. Agora parecia realmente irritado.

— Então vamos a isto, comandante Justice.

Mais de uma hora depois, arrastou-se até ao abrigo ladeada por ele e caiu sobre os pedaços de esponja, depois de os cobrir com o cobertor espacial, lembrando-se que o calor se desloca em movimento ascendente, fazendo com que estivessem mais quentes deitados sobre o cobertor do que Por baixo dele. Fazia-lhe sentido e aceitou a teoria.

Justice estava pálido de exaustão e dor quando conseguiu levá-lo até ao cimo da encosta.

Percorrendo a distância curta, o avanço esforçado tora um pesadelo que os deixara ambos a tremer. Antes, com a sua ajuda, vestira-lhe roupa limpa. Descera e voltara a subir a encosta, arrastando os sacos com a roupa e com outros mantimentos até que, por fim, tudo estava Pronto e a noite caiu.

Tremia novamente de frio, mas conseguiu esticar-se e arrastar um dos sacos cheios para mais perto até o fazer cobrir a maior parte da abertura do abrigo. Permaneceram deitados em total escuridão durante alguns segundos, com a respiração laboriosa de ambos produzindo os únicos sons. A seguir, Bailey ligou a sua luz de leitura a pilhas. A luz cobriu a cara dele com sombras severas enquanto se esforçava para se aproximar mais dela, sem que a sua expressão revelasse o quanto lhe custava mover-se.

Em silêncio, voltou a abraçá-la e apertou-a tanto quanto podia, dispondo as pilhas de roupa sobre ambos. A seguir, desligou a luz para poupar a bateria e aguardaram até a respiração dela normalizar e até quase deixar de tremer.

— Quando lhe apetecer — disse ele, com voz grave e calmante na escuridão completa que os rodeava —, terminamos a barra de *Snickers* e bebemos o resto da água. E acho que ambos precisamos de uma aspirina.

— Hmm hmm. — Foi tudo o que conseguiu como resposta. Estava tão cansada que lhe doía cada célula do corpo. Sim, tinha fome, mas, se comer exigisse mover-se, dispensava o esforço. Os blocos de espuma pareciam tão confortáveis ao seu corpo exausto como qualquer cama em que tivesse dormido e havia algo de profundamente confortante em estar tão próxima dele que conseguia sentir a sua respiração no cabelo e o movimento do peito quando respirava. O seu cheiro e calor rodeavam-na. Apoiando-lhe a cabeça dorida no ombro, adormeceu.

Cam percebeu de imediato que ela adormecera. A tensão nos seus músculos desapareceu, a respiração estabilizou-se e tornou-se mais profunda e ficou perfeitamente inerte, deitada contra ele.

Encostou os lábios à sua testa fria por um momento e, de seguida, voltou a cabeça um pouco, ficando com a face encostada à dela e podendo partilhar o pouco calor que tinha. Se sobrevivessem à noite, seria devido à sua determinação inabalável. E à quantidade absurda de roupa que trouxera.

Observara-a tanto quanto conseguira, ainda que os movimentos da cabeça lhe acentuassem as dores com severidade quase cegante. Sempre que entrava no seu campo de visão, via-a cambalear e rastejar e enfurecia-o não conseguir ajudá-la, forçado a permanecer ali deitado como um pedaço de merda inútil enquanto ela quase se matava a tentar cuidar de ambos. Forçara-se além do limite em que a maioria das pessoas teria desistido, dizendo: «Não posso mais.» E, ao cuidar dele, negligenciara grandemente a própria saúde.

Suspeitou que estava desidratada porque, se parara para atender a necessidades fisiológicas durante o dia, não reparara e, desde que recuperara os sentidos, prestara-lhe grande atenção, ouvindo-a quando não conseguia

vê-la. Ela permitira-se apenas alguns goles de água, mas, ao mesmo tempo, esforçara-se fisicamente durante todo o dia.

Por outro lado, Cam tentara restabelecer o volume de líquidos que perdera. Bebeu

regularmente, mesmo que não fosse muito de cada vez, do frasco de elixir bucal enquanto a neve no interior ia derretendo, voltando a enchê-lo com a neve que conseguia alcançar. Em dado momento, colo-cou-se dolorosamente de lado e urinou, com o cuidado de apontar para longe do local em que obtinha a neve, e Bailey estivera tão concentrada em desempenhar as suas tarefas que parecia nem sequer ter notado.

Estava de tal forma exausta que a deixou dormir um pouco antes de a acordar para comer e beber. Abraçá-la não era propriamente um tormento. Mesmo com todas as camadas de roupa entre ambos, conseguia sentir a firmeza do corpo dela e dos seus seios. Mantinha-se em forma, quase demasiado magra para o seu gosto, mas os músculos tonificados diziam que o fazia com exercício e não passando fome.

A boa massa muscular ajudaria a mantê-la quente naquela noite, mas, mesmo assim, custar-lhe-ia mais lidar com o frio do que a ele próprio. Era outro motivo para a deixar dormir enquanto podia. Com a descida da temperatura, ficaria mais fria. Ambos ficariam, mesmo com todas as roupas que os cobriam. O calor corporal partilhado seria o suficiente para os manter vagamente confortáveis, mas suspeitou que, por volta do amanhecer, a temperatura rondasse os quinze graus negativos, com o vento a fazê-la baixar para os trinta. Seria bastante frio para os padrões de qualquer um. O abrigo conseguia protegê-los do vento, mas não era isolado. Teria de aguentar e manter-se aninhado com ela durante toda a noite.

Que sacrifício.

Não escapava a aproveitar-se da intimidade forçada da situação, pelo menos tanto quanto seria capaz de aproveitar-se do que fosse. Porém, não de forma demasiado clara. Era suficiente que passassem a noite literalmente nos braços um do outro, pelo menos por enquanto. Mesmo que fossem resgatados ao início da manhã, o que não lhe parecia muito provável, aquela noite seria sempre um elo entre eles. Teriam dormido juntos, usando o calor corporal um do outro para se manterem vivos, conversando pelas longas horas de escuridão. Seria impossível regressar à frieza anterior. Não lhe pareceu que fosse essa a sua intenção, mas, se fosse, não lho permitiria.

Cam não costumava insistir com muitas mulheres. Nunca fora realmente necessário. A maioria dos pilotos não o fazia, a não ser que tivessem nascido horrendamente feios. Crescera no Texas e jogara futebol americano no liceu, algo que servia como garantia de popularidade com as raparigas. Daí, passara directamente à academia da força aérea, com as fardas
apelativas e toda a masculinidade militar, o que facilitava muito o campo das conquistas. A seguir, fora para a escola de pilotos, conseguira as suas asas e começara a subir na hierarquia. Casara com a filha de um coronel e rejeitara todas as atenções femininas. Depois, saído da força aérea e divorciado, não mudara grande coisa. Continuava a ser piloto e passara a ser um empresário. Apesar de não ser propriamente um perdigueiro como Bret, quando queria sexo, raramente lhe era difícil consegui-lo.

Bailey apresentava todos os sinais de ser difícil. Não se sentira embaraçada pela sua erecção, mas também não mostrara qualquer interesse. Porque fora casada, presumia que não fosse lésbica e, por isso, ou não tinha qualquer interesse nele ou a culpa era da maldita muralha que construíra em seu redor. De qualquer forma, previa um desafio. Quase sorriu com satisfação de predador.

Quando lhe pareceu que a deixara dormir cerca de uma hora, ele ligou a pequena luz de leitura para lhe permitir ver quem era sem se assustar. De seguida, abanou-a com delicadeza.

— Bailey. Está na altura de comer.

Despertou um pouco, para voltar a adormecer mal parou de a abanar. Abanou-a com mais força.

— Vamos, querida. Precisa de beber água mesmo que não queira comer.

Abriu os olhos, pestanejando lentamente e olhou em redor por um momento como se não soubesse onde estava. A seguir, fixou o olhar nele e, por baixo do monte de roupas que os cobria, a mão livre dela apertou-lhe a cintura.

— Justice?

— Cam. Agora que dormimos junto, acho que devia começar a tra-tar-me pelo primeiro

nome.

Ela esboçou um pequeno sorriso ensonado.

— Tenha calma. Não pode apressar estas coisas.

— Não digo a ninguém. — Estudou-lhe a face tão bem quanto conseguia com a pouca luz.

Não havia forma de dizer ao certo, mas achou que continuava pálida. Tinha o lado direito da cara um pouco inchado e uma nódoa negra marcava-lhe a pele por baixo do olho. Forçara-se além do limite, mas continuara em frente. — Tem um olho negro — disse, movendo a mão para lhe tocar com cuidado na face.

— E daí? Você tem dois.

— Não é a primeira vez. Bocejou.

— Estou tão cansada — disse, com voz arrastada. — Porque me acordou?

— Precisa de água. Está desidratada. E precisa de comer alguma coisa se puder.

— Foi você que perdeu muito sangue. Precisa mais de água do que eu.

— Passei o dia inteiro a beber enquanto a neve derretia. Vamos, não discuta. Beba. —

Ergueu o frasco de elixir bucal do local onde repousava contra a sua anca. Observou-a enquanto bebia um par de goles, mas estava tão exausta que percebeu que até aquilo fazia com esforço. O frasco inclinou-se na sua mão, ameaçando perder o precioso conteúdo líquido e apressou-se a retirar-lho, tapando-o.

— Óptimo — disse, como encorajamento. — E o resto daquela barra de *Snickers?* Apetece-lhe dividi-la comigo?

— Só quero dormir — disse, com esforço. — Dói-me a cabeça.

— Eu sei, querida. Lembra-se das duas aspirinas que íamos tomar? Precisa de alguma coisa no estômago para as aspirinas não a fazerem sen-tir-se mal. Morda. — Ergueu-lhe o chocolate até aos lábios e deu uma pequena dentada. Observou enquanto mastigava e engolia antes de morder também um pedaço. De seguida, fê-la comer novo pedaço e ficou com o que restava.

Precisava de abrir o estojo de primeiros-socorros, trazido por ela para dentro do abrigo, e isso implicava erguer-se sobre o cotovelo. O movimento fez protestar todos os seus músculos e a cabeça começou de imediato a rodopiar. Fez uma pausa, lutando contra a náusea, até que a dor atordoante se acalmasse, passando de insuportável a uma mera agonia contida.

Quando conseguiu voltar a abrir os olhos, encharcados com lágrimas provocadas pela dor, viu que ela voltara a fechar os seus.

— Bailey, acorde. Aspirina.

Novamente, esforçou-se por manter os olhos abertos. Com cuidado, Cam procurou no estojo até encontrar as duas de doses de aspirina seladas em quadrados individuais de plástico. Usando os dentes, abriu-os a ambos, engolindo dois comprimidos antes de passar os outros dois a Bailey.

Beberam cada um mais um gole de água para engolir as aspirinas. A seguir, Cam guardou o frasco por baixo das roupas para impedir que a água congelasse durante a noite.

Desligando a luz de leitura e voltando a deixá-los na escuridão, confortou-a com o toque, voltando-a até que ficassem face a face, com as pernas entrelaçadas. Recordando a forma como ela lhes cobrira as cabeças anteriormente, puxou uma peça de roupa para cima. Restava uma abertura para entrada de ar. Sentia o vão frio como se fosse gelo sólido, mas o ar que respiravam era apenas ligeiramente mais quente.

— Boa noite — murmurou ela, arrastando as palavras enquanto se aproximava mais e lhe pressionava a face contra o ombro.

— Boa noite — respondeu Cam. Beijou-lhe a testa e colocou-lhe o braço sobre a anca, tentando dormir o que lhe fosse possível.

14

Foi acordada pelo frio. Bailey emergiu de um sono agitado, tremendo. Doía-lhe o corpo todo e

sentia-se miserável. Estava rodeada pela escuridão completa e quase entrou em pânico. Teria entrado em pânico sem a sensação inconfundível de estar rodeada com firmeza pelos braços de alguém. A um nível subconsciente, reconheceu o cheiro e a sensação dele e soube que não havia motivos para alarme.

Ou talvez houvesse, já que a sua mão esquerda lhe estava enfiada por baixo dos elásticos das calças e da roupa interior, sobre a nádega nua.

Assim que ela introduziu as suas mãos sob a camisa dele, percebeu que estava à procura do calor da sua pele.

O ar gelado penetrava as pesadas camadas de roupa que os cobriam. Sentiu arrepios na espinha. Haveria pontos expostos na cobertura? Levou uma mão atrás para ver se desalojara as roupas.

— Está acordada? — perguntou Cam em voz baixa, para que a pergunta não a perturbasse. Conseguia sentir a vibração ténue do som no peito dele, quase como um profundo ronronar masculino. Fazia-a sentir vontade de se aninhar ainda mais perto, se tal fosse fisicamente possível.

— Tenho frio — respondeu, com um murmúrio. — E importa-se de mover a mão?

— Qual mão? Esta? — Os dedos dele moveram-se contra o rego entre as nádegas, assustadoramente perto de... Bom. Assustadoramente perto.

— Justice! — disse, em tom severo de advertência, estreitando-lhe os olhos, mesmo que a treva pesada inutilizasse a expressão.

— Tenho lesões cerebrais, lembra-se? Não sou responsável pelas minhas acções. Ou pelas acções da minha mão, que agiu de sua livre vontade e sem o meu consentimento.

Ela emitiu um ruído baixo de censura, mas lutava contra um sorriso. Estar deitada assim com ele, na escuridão, era sedutor, percebeu. Faziam-no para sobreviver, mas o motivo não enfraquecia a sensação de intimidade
que as circunstâncias haviam forjado entre ambos. A sua cautela inata fez soar um alarme. Se não tivesse cuidado, podia acabar por derivar precisamente para o tipo de relacionamento impulsivo que vira provocar tantos problemas em tantas vidas, incluindo na vida dos seus pais. Com uma experiência pessoal tão intensa do caos provocado por más escolhas pessoais em famílias inteiras, sempre tivera cuidados acrescidos para não permitir que as emoções lhe governassem a cabeça.

Bailey não era impulsiva. Não o era na vida financeira e, certamente, não o seria na vida pessoal. Não conhecia Cam Justice. As suas vidas tinham-se cruzado alguns anos antes, mas não o conhecia. E o seu relacionamento não fora cordial. Duvidava que tivesse mudado muito nas últimas doze horas e sabia que ela própria não mudara. Passar de uma tolerância ténue a dormirem juntos, ainda que apenas no sentido literal da expressão, num período de tempo tão curto era suficientemente incómodo sem permitir que a situação a fizesse tomar decisões estúpidas.

Por isso, em vez de rir, disse:

— Tire a mão ou fica sem ela.

— Não será antes «use-a ou fica sem ela»? — Parecia divertido, mas retirou a mão e fez subir os dedos, introduzindo-os por baixo da camisa. Não a incomodou. Afinal, continuava a aquecer as mãos nele.

E gostava de lhe tocar. Esta percepção fez despertar novo alarme, mas, não reconhecer o facto quando confrontada com ele parecia ainda mais perigoso. Que motivo haveria para não gostar? Era alto e estava em perfeita forma, com o corpo coberto de músculos duros. Não era bonito, mas a masculinidade agressiva das suas feições agradava-lhe. Imaginou aquela cara sobre ela na cama, aqueles braços fortes apoiados de cada lado enquanto as suas pernas lhe rodeavam as ancas...

Forçou-se a abandonar a fantasia. «Não vás por aí.» Não acreditava em agir por atracção sexual porque, qualquer situação em que as hormonas Se sobrepusessem à capacidade decisória do cérebro seria trágica. Quanto mais forte a atracção, maior o controlo que exercia. Aliás, fazia questão de evitar homens que a atraíssem muito. Nunca tivera um caso apaixonado, nunca se apaixonara e não pretendia começar. O amor e a paixão deviam trazer avisos bem visíveis dizendo:

Cuidado. Pode Causar Estupidez.

As pernas e as costas doíam-lhe tanto que não conseguia posicionar-se de forma confortável.

Moveu-se, procurando uma posição melhor. Depois do dia anterior, seria provável que estivesse coberta de nódoas negras e não [ef]a surpreendente que se sentisse dorida depois de estar envolvida num acidente aéreo. Estremeceu quando foi atravessada por novo arrepio.

— Que horas são? — perguntou. Quando o dia clareasse, seria capaz de se mexer e a temperatura começaria a subir.

Sentiu-o mover novamente a mão esquerda, erguendo-a e pressionando um botão no relógio, iluminando o mostrador por um instante.

— São quase quatro e um quarto. Dormimos cerca de quatro horas. Como se sente?

Perguntava-lho a ela? Era ele que tinha o corte enorme na cabeça. Era ele quem quase sangrara até à morte, que quase entrara em hipotermia. Tinha uma concussão e mal se conseguia mover sozinho. Duvidou que conseguisse andar dez metros sem ajuda. Talvez um tamanho afastamento da realidade fosse defeito provocado pelo cromossoma masculino.

— Dói-me a cabeça. Doem-me os músculos todos e tenho frio — respondeu, sucintamente. — Além disso, estou bem. E você?

Em vez de responder, ele tocou-lhe a face com os dedos frescos.

— Acho que tem febre. Diz que tem frio, mas a sua pele parece-me quente. Aliás, seria provável que eu tivesse frio sem o seu calor.

— Não tenho febre — disse, irracionalmente, sentindo-se insultada pela sugestão. — Teria de estar doente para ter febre e não estou doente. Realmente doente, pelo menos. A altitude afectou-me e, de acordo com aquele guia de primeiros-socorros, a altitude não provoca febre. Provoca dores de cabeça e tonturas. Tenho as duas coisas. Não estou tonta neste momento, mas também não estou de pé.

Não podia estar doente. Tinha coisas a fazer. Estava de férias. Assim que fossem resgatados daquela estúpida montanha, iria descer rápidos com Logan e Peaches e recusava-se a deixar que um vírus estúpido lhe arruinasse os planos.

— Como disse, acho que tem febre. — Ignorando a sua negação da ideia, prosseguiu. — Sabe se esteve exposta a alguma coisa ultimamente?

— Não. E, se estou doente, também você ficará porque temos bebido do mesmo frasco. É melhor rezar para que não esteja. — Irritada, voltou-se sobre o lado direito, virando-lhe as costas.

Quando o fez, sentiu uma dor no braço direito. O que...?

— Merda — murmurou, repetindo em tom mais elevado — Merda!

— Merda o quê? Há algum problema? — Ligou a luz de leitura e a lâmpada fluorescente quase a cegou.

— Está sem sorte. Não estou doente. Tinha um pedaço de metal espetado no braço hoje de manhã... ontem de manhã. Arranquei-o e esque-ci-me. Agora dói-me o braço. Acho que infectou — disse, sombriamente. Pronto. Tinha febre. Bolas.

— Então cuidou de mim mas não de si própria. — Havia um indício de reprovação na sua voz. — Qual é o braço?

— O direito.

— Mostre-mo.

— Pode esperar até o amanhecer. Nem sequer conseguimos sen-tar-nos aqui dentro, por isso...

Sentiu-o começar a desabotoar a camisa que usava por fora. Percebendo que não daria ouvidos à razão, afastou-lhe as mãos e ocupou-se pessoalmente da tarefa.

— Muito bem. Não vejo que diferença fariam algumas horas, mas, se ficar mais descansado por me aplicar pomada antibiótica e um penso no
braço...

— É sempre assim tão resmungona quando acorda?

— Não. Sou sempre assim quando tenho febre — ripostou, esforçando-se por despir a

primeira camisa e começando a trabalhar na segunda. — Bolas. Merda! Não tenho tempo para ficar doente. — Despiu a segunda camisa.

— Apenas por curiosidade — comentou ele, observando os esforços com interesse —, quantas camisas traz vestidas?

— Três ou quatro. Tinha frio e dei-lhe o meu rico colete de penas.

— Pelo qual fiquei bastante grato.

— Não me lixe, Justice — murmurou ela. — Estava praticamente inconsciente e não sabia o que se passava.

Quando chegou à última camisa, parou. Não tinha sutiã e não se ia despir para o deixar apreciar o panorama. Sentindo-se ludibriada, tentou rebolar para ficar deitada de bruços. Considerando as camadas que a cobriam, a ideia era muito mais fácil do que a execução.

Finalmente, sentindo-se um peixe aos saltos sobre o leito de um regato, conseguiu deitar-se de bruços e retirou o braço dorido de dentro da manga da camisa.

— Aqui — murmurou, falando para o cobertor espacial.

— Bolas, Bailey, nem sequer limpou a ferida! — O desagrado era-lhe notório na voz.

— Não. Estava preocupada com outras coisas. Por exemplo, com formas de o impedir de sangrar até à morte e, a seguir, de evitar que congelássemos — disse, com sarcasmo, tão irritada como ele. — Para a próxima, terei mais cuidado com as prioridades.

— Onde guardou os toalhetes?

Vasculhou dentro do abrigo com a mão esquerda, encontrou o pacote e passou-lho.

— Aqui tem.

O toalhete estava frio, mas sabia-lhe bem senti-lo no braço. Estremeceu quando lhe tocou na ferida e sentiu uma pontada de dor no músculo.

— Au!

— Grande surpresa. Parece-lhe que algo a espeta?

— Sim, mas...

— Não é para admirar. Acho que conseguiu arrancar o pedaço maior, mas deixou este. Parece uma agulha... espere... apanhei-o.

Cerrou os dentes, tentando conter a dor. A pressão que exercia no seu tricípite fazia a ferida sangrar, limpando o sangue com a mão livre. Não era agradável, mas ele permanecera em silêncio enquanto lhe cosia a cabeça e ela seria capaz do mesmo enquanto ele lhe cuidava do braço.

— A pele está quente e um pouco inchada — ouviu-o dizer. — Diria que será isto a provocar-lhe a febre. Mas não vejo manchas vermelhas. — Sentiu o frio da pomada, seguindo-se a pressão quando aplicou uma ligadura adesiva sobre a ferida... ou feridas. Não sabia se havia uma ou duas. — Esperemos que isto seja suficiente para manter a infecção sob controlo.

Esforçou-se por voltar a vestir a camisa, mantendo as costas voltadas para ele enquanto a abotoava. Pensou em tomar ibuprofeno para reduzir a febre e para se sentir mais confortável, mas achou melhor não o fazer. A febre não era grave. Era apenas suficientemente elevada para lhe provocar dores, mas o calor era uma das defesas do organismo contra a infecção. Conseguia suportar um pouco de desconforto enquanto o seu sistema imunitário e as bactérias invasoras travavam uma batalha.

— Beba o resto da água — instruiu ele, erguendo o frasco de elixir bucal. — Não discuta. Com a febre, poderá ficar seriamente desidratada se não beber.

Não argumentou, bebendo sem queixumes. O sol nasceria dentro de poucas horas e poderiam derreter mais neve. Por enquanto, queria repousar e talvez sentir-se um pouco mais quente.

Encolheu-se, deitada de lado e puxando os pés para cima. Justice começou a empilhar mais roupas sobre ela, até a pilha ficar tão pesada que mal conseguia mover-se. A seguir, colocou-lhe o braço sobre a cintura e puxou-a para junto de si, com as costas contra o seu peito, o rabo contra o fundo do seu ventre, as coxas entrelaçadas nas suas.

Aninhar-se em concha era... agradável, pensou. E surpreendentemente quente. Conseguiria

suportá-lo durante algumas horas... apenas até ao nascer do sol.

Mas ainda bem que estava ferido e que seriam resgatados no dia seguinte porque, de outra forma, as resistências dela necessitariam de reforço urgente.

15

Seth Wingate não costumava levantar-se cedo, mas, na manhã seguinte, isso não constituiu problema porque não chegara a deitar-se. Se tivesse seguido a sua rotina, teria estado num dos estabelecimentos nocturnos mais movimentados de Seattle desde as dez e meia ou onze da noite anterior, passando a outro por volta da meia-noite. Engataria uma beldade, talvez fumasse alguma erva, fodeiam nalgum recanto vagamente resguardado se lhe apetecesse, beberia muito e chegaria a casa antes do despontar do sol para adormecer no sofá se não conseguisse chegar à cama. Isto se tivesse seguido a sua rotina. O que não aconteceu.

Em vez de passar a noite de discoteca em discoteca, ficou em casa. Todos os canais locais falavam do avião desaparecido. Alguns repórteres, tanto da televisão como da imprensa, tinham ligado e deixado mensagens. Tamzin ligara duas vezes, deixara mensagens em ambas as ocasiões, mas nem a ela retribuíra os telefonemas. Não queria falar com a cabra estúpida. Não havia maneira de prever que comentário incrivelmente idiota faria a seguir. As mensagens que deixara no seu atendedor automático eram suficientemente más: «Liga-me quando chegares a casa. Quanto conseguirás colocar o dinheiro à nossa disposição? Já agora, obrigado. Não sei como conseguiste, mas és brilhante!»

Também lhe enviara mensagens de texto para o telemóvel, que conseguiram irritá-lo ainda mais. Acabou por desligar ambos. Teria de deitar fora o atendedor e comprar um novo. O que tinha era digital. Mesmo que apagasse as mensagens, não podia ter a certeza de que algum génio informático forense não conseguiria recuperar as mensagens apagadas de qualquer forma. Seria melhor prevenir do que remediar.

Era uma forma nova de ver as coisas porque a «prevenção» nunca fizera parte do seu vocabulário.

Nem a «sobriedade», mas acrescentara-a naquela noite. Precisava urgentemente de uma bebida ou de droga, de alguma coisa, mas não se atrevia sequer a beber um único copo para descomprimir. Se as autoridades, quem quer que fossem as «autoridades» naquele caso, lhe viessem bater à Porta com questões acerca da madrasta e da queda do avião, precisaria de toda a sua argúcia.

Deixara que o temperamento e a bebida o motivassem a fazer algo estúpido. Agora, precisava de se mover com muita cautela ou estaria em apuros sérios.

Andou de um lado para o outro pela noite dentro. Percorreu o seu apartamento grande e caro, olhando tudo como se pertencesse a um estranho. Vagueava como um fantasma à procura da sua alma, entrando saindo dos quartos, lutando contra a tentação de uma bebida e, ao mesmo tempo, enfrentando a escuridão das suas profundezas mais íntimas.

Quando a manhã chegou, sentiu-se ténue e insubstancial, como fosse realmente um fantasma. A manhã era o período do dia em que se sentia menos capaz de fazer fosse o que fosse, mas, ao mesmo tempo necessidade nunca fora tão urgente. Sentiu aproximar-se de um ponto de retorno impossível. Se não agisse naquele momento, não sabia se voltaria a ter a oportunidade ou a vontade de agir.

Quando o céu se iluminou, revelando o belo cume nevado do Monte Rainier a sudeste, sabia o que tinha a fazer.

Começou por ir à cozinha ver o que conseguia reunir para o pequeno-almoço. Raramente comia no apartamento e não tinha muita coisa disponível. Encontrou no frigorífico fatias de queijo bolorentas, cuja embalagem não tinha sequer aberto. Deitou-as fora. Não havia pão para fazer torradas. Tinha café e preparou uma cafeteira cheia. Havia no armário meia caixa de bolachas de água e sal bafientas e uma maçã que ainda não apodrecera, definhando numa taça. A maçã e as bolachas conseguiram preencher-lhe o vazio no estômago inquieto. O café fê-lo sentir-se menos

grogue. Não completamente alerta e desperto, mas menos grogue. E isso teria de servir.

Tomou banho e barbeou-se, vestindo o mais conservador dos seus três fatos. Tinha uma enorme provisão de roupa informal, roupa de sair à noite, roupa desportiva, mas passara a maior parte da sua vida evitando o tipo de situações em que necessitaria de se sentir apertado dentro de um fato, o que explicava a selecção limitada. O seu pai, por outro lado, teria cerca de cinquenta fatos.

Pensou no que Bailey, a cabra, teria feito deles. Provavelmente tê-los-ia deitado fora.

Olhou-se novamente ao espelho, tal como fizera no dia anterior. Tinha sombras por baixo dos olhos e a sua expressão era... estranha. Era a única forma de a descrever. Aos seus próprios olhos, não se parecia consigo.

Meteu-se no carro e fez algo que jurara nunca fazer. Dirigiu-se à sede do *Grupo Wingate*, juntamente com todos os outros lemingues.

Surpreendeu-o e aborreceu-o não conseguir passar pela segurança porque não tinha um crachá de funcionário. Era um edifício de escritórios e não a bendita Casa Branca ou mesmo um posto dos correios. Quando o pai era vivo, Seth pudera entrar e sair a seu bel-prazer, mesmo que, na maioria das ocasiões, não quisesse. Achava que não vinha ali há... cinco, seis anos. Talvez há mais tempo. Certamente, não reconhecia nenhum dos seguranças.

Olhou em redor enquanto esperava que um dos guardas ligasse ao administrador, W Grant Siebold. Enquanto crescera, Siebold fora «o tio Grant» mas isso mudara. Não via ou tinha notícias de Grant desde o funeral do pai e, além disso, o filho da mãe quase se enfiara pelo cu de Bailey dentro, próximo como estava dela, o que levou Seth a não se esforçar por manter o contacto. Divertiu-o de forma algo sombria pensar que a atitude de Grant talvez mudasse bastante agora que Bailey saíra de cena e já não controlava todos aqueles milhões de dólares.

Finalmente, foi autorizado a entrar com um passe temporário preso bolso do peito e indicações sobre como chegar ao gabinete do Sr. Siebold, como se precisasse de indicações, considerando que o gabinete fora do seu pai.

Mas a disposição do gabinete mudara. O elevador abria para um átrio espaçoso, alargando-se numa zona de espera com várias cadeiras confortáveis, vegetação luxuriante, um aquário de peixes tropicais embutido na parede e bastante material de leitura. Era evidente que as pessoas que ali vinham esperavam muito. A guardar tudo aquilo havia uma mulher de profissionalismo empenhado, parecendo estar a meio caminho entre os quarenta e os cinquenta anos, cuja secretária se posicionava ao lado de um par de portas esculpidas. De acordo com a placa na secretária, chamava-se Valerie Madison. Nunca a vira antes. Da última vez que vira a secretária de Grant, era uma cinquentona grisalha e de óculos que sempre lhe oferecia doces. Presumiu que estivesse reformada ou morta.

— Sente-se, por favor — disse-lhe Valerie Madison, erguendo o auscultador do telefone. — Informarei a assistente do Sr. Siebold de que chegou.

Ah. Então não era a secretária de Grant? Agora a secretária... ou melhor, a assistente também tinha uma secretária?

Seth não se sentou. Observou as bolhas erguendo-se lentamente dentro do aquário, vendo os peixes nadar em círculos. Não chegavam a qualquer parte, mas descreviam os seus círculos contínuos pelo aquário como se fosse aquele o seu propósito de vida. Eram demasiado estúpidos para serem infelizes.

Por trás, o telefone da secretária emitiu um som discreto e breve. Ouviu-lhe o murmúrio da voz, demasiado baixo para perceber as palavras que dizia. O auscultador foi recolocado no lugar, a secretária ergueu-se e abriu a porta. Seth acenou-lhe com a cabeça em silêncio, passou pelas portas abertas e deu consigo noutra antecâmara. Esta era mais pequena, mais confortável e assemelhando-se mais a uma sala decorada com gosto do que a um gabinete. Música suave, uma merda *New Age* qualquer, jorrava dos quatro cantos. Enlouqueceria se tivesse de ouvir aquela treta durante todo o dia.

A mulher sentada por trás de uma antiga secretária francesa, sobre a qual se erguia o suporte curvo de um *Mac* de ecrã plano, era um pouco mais velha e um pouco mais redonda do que a versão

no exterior, mas a postura de perfeito profissionalismo era a mesma. O seu cabelo com madeixas grisalhas estava preso com uma espécie de nó em forma de oito junto à nuca e os olhos de azul vivo eram calmos e neutros.

— Sente-se, por favor — disse. — O Sr. Siebold recebê-lo-á logo que termine a chamada.

Procurou-lhe o nome, gravado numa placa de latão. Dinah Brown. Era tão directo como a titular. Disse:

— Estou a tentar recordar-me do nome da secretária anterior do Grant.

— Refere-se a Eleanor Glades.

— A Sra. Glades! — lembrou-se, estalando os dedos. — Isso mesmo. Costumava dar-me doces. Quando se reformou?

— Não se reformou — respondeu Dinah Brown. — Morreu de ataque cardíaco fulminante há doze anos atrás.

Doze anos. E não fizera ideia. Porque faria? Mas não deveria o seu pai tê-lo referido, mesmo que a mãe não o tivesse feito? Os Siebold haviam sido seus amigos próximos e a perda da secretária teria deixado Grant abalado.

Talvez o tivessem referido e, simplesmente, não tivesse prestado atenção. Era frequente que não prestasse atenção aos seus pais. Aliás, conseguira mesmo elevar a falta de atenção a uma forma de arte.

— Pode entrar — disse ela, erguendo-se e abrindo-lhe a porta. — Sr. Siebold, o Sr. Wingate para falar consigo.

Seth entrou no gabinete que pertencera ao seu pai. Pelo menos, estava praticamente certo de que era o mesmo gabinete. Estava no mesmo sítio. Tudo o resto mudara demais para lhe permitir afirmar que era o mesmo. O pai preferira linhas simples e espaço desimpedido, colocando a funcionalidade acima do estilo. O mobiliário era de couro. O gabinete de Grant Siebold estava decorado da forma confortável, requintada mas convidativa, que caracterizava a antecâmara. Não havia estofos. Felizmente, a música *New Age* não se ouvia ali.

— Seth. — Grant Siebold ergueu-se por trás da secretária. Estava tão em forma como sempre estivera, esbelto quase a roçar a magreza. Perdera algum cabelo, tornado muito grisalho. O seu olhar era astuto e penetrante. — Teve notícias de Bailey?

Sentiu-se um pouco abalado por o velho ter perguntado e ainda mais surpreso por detectar uma nota de preocupação genuína na sua voz. Por alguma razão, Seth presumira que a sua antipatia por Bailey seria universal entre os velhos amigos e sócios do pai. Mesmo que não fosse pela forma rorno abrira caminho na horizontal até ao controlo de uma imensa fortuna, sê-lo-ia, no mínimo, pela sua mãe. Sabia que, desde a morte do pai, a socialização com Bàiley tinha sido suspensa, uma circunstância que lhe dera grande prazer.

— Nada — foi a sua única resposta.

— Que coisa terrível. Passei a maior parte da noite acordado, esperando ouvir alguma coisa — disse Grant, indicando uma das cadeiras com um aceno da mão. — Sente-se. Café?

— Sim, obrigado. — Seth achou que nova dose de cafeína não seria de desprezar. Sentou-se. — Sem açúcar. — Grant não lhe estendera a mão, uma omissão que poderia apenas ser deliberada. No mundo dos negócios, os apertos de mão eram tão automatizados como a respiração. Duvidou que a ausência do gesto se devesse ao facto de Grant o considerar um velho amigo, quase um filho. Não. A mensagem subtil era que Grant não estava feliz por vê-lo e não queria ser hipócrita ao ponto de lhe dar as boas-vindas.

Esperou até a chávena de café lhe chegar à mão e até Grant se voltar a sentar antes de passar ao assunto que o trouxera ali.

— Agora que Bailey morreu...

— Morreu? — perguntou Grant, erguendo as sobrancelhas. — Pensei que não soubesse de nada.

— E não sei. Mas parece-me lógico. O avião desapareceu e não foram encontrados destroços em parte alguma. Se tivesse havido um problema mecânico e o piloto tivesse conseguido

aterrar nalguma pista remota, numa estrada ou num campo de cultivo, tê-lo-íamos sabido. Teriam estabelecido contacto por rádio. Não deram sinais de vida, o que significa que o avião se despenhou e que estão mortos.

— Um tribunal não veria as coisas dessa forma — disse Grant num tom frio. — Até a morte de Bailey estar confirmada ou até ter passado um período de tempo razoável que permita declará-la morta, continua a deter a responsabilidade pelo seu fundo.

Seth conseguiu vê-lo na face de Grant. Pensou que fosse esse o motivo da vinda, descobrir quando poderia aceder ao seu próprio dinheiro, parte do qual estava aplicado em acções do *Grupo Wingate*. Grant era também um dos gestores do fundo, mas apenas como conselheiro. Todas as decisões finais haviam sido de Bailey.

— Não pode exercer essa responsabilidade se não está aqui — disse, esforçando-se por manter a raiva longe da voz.

— Foram tomadas provisões imediatas para delegação de poderes. Não precisa de se preocupar. Continuará a receber a sua mesada.

Mesada? A palavra foi-lhe queimada a ferro na cabeça. Tinha trinta e cinco anos e via-se rebaixado ao nível de uma criança de dez. A indignidade nunca antes lhe ocorrera. Vira o fundo como a sua herança legítima e não como uma mesada.

— Quero uma auditoria — ouviu-se dizer. — Quero saber quanto é que a cabra desviou.

— Absolutamente nada — bradou Grant, com os olhos astutos estreitando-se com o aumentar do seu desagrado. — Aliás, o fundo tem tido um crescimento muito saudável graças a ela. Porque acha que o seu pai a escolheu?

— Porque o fodeu até ficar cego e estúpido! — ripostou Seth.

— Pelo contrário. A ideia foi sua desde o início! Teve de a convencer do casamento e de toda a... — Grant interrompeu-se, abanando a cabeça. — Não interessa. Se o Jim não lhe contou o seu plano, eu não o farei. Conhecia-o melhor do que alguma vez eu conhecerei. Direi apenas isto: Bailey tem sido tão cuidadosa com o seu dinheiro como foi com o dela e isso será dizer muito. É uma das investidoras mais cautelosas que alguma vez conheci e não foi retirado um cêntimo do fundo além dos desembolsos mensais para si e para Tamzin.

A atenção de Seth foi desperta e ignorou tudo o que Grant dissera acerca do dinheiro.

— Plano? Que plano?

— Como disse, não me compete dizer-lhe. Se é tudo, acho que...

— Não é tudo. — Seth olhou para a chávena de café na mão, furioso por se ter deixado desviar. Não viera ali para falar acerca de Bailey ou para pedir o dinheiro que lhe pertencia. Hesitou por um momento, tentando pensar na melhor forma de abordar o assunto, mas nada lhe ocorreu além de se limitar a dizer o que tinha em mente. A necessidade deixava-o pouco à vontade, mas seria naquele momento ou nunca.

— Preciso de um emprego. Gostaria de começar a aprender o negócio. .. se houver uma vaga. — Odiava ter de pedir. A empresa pertencera ao seu pai. Automaticamente, devia ter ali uma vaga, mas distanciara-se deliberadamente e o automatismo perdera-se.

Grant não respondeu de imediato. Recostou-se na sua cadeira, mantendo um olhar de tubarão que não permitia adivinhar nada. Após um momento, perguntou:

— Que tipo de emprego?

Seth quase disse «vice-presidente parece-me bem», mas conteve as palavras. Percebia, de forma dolorosa, que estava ali a pedir, que não fizera depósitos de boa-vontade de onde pudesse efectuar levantamentos.

— Qualquer coisa — foi a sua resposta.

— Nesse caso, pode começar amanhã na sala do correio.

A frase enregelou-o. Sala do correio? Não esperara um gabinete de topo, mas esperara um gabinete... ou, no mínimo, um cubículo. Bolas. Se assim era, porque não pô-lo a fazer limpezas? A seguir, esboçou um sorriso frio quando lhe ocorreu uma resposta.

— Presumo que a limpeza seja feita por uma equipa de profissionais,

— Precisamente. Se a sua intenção de trabalhar aqui é séria, levará o emprego a sério, sem se importar com a sua natureza. Se der cabo da oportunidade, se chegar atrasado ou faltar ao trabalho, saberei que está apenas a brincar como é habitual. O meu tempo é valioso. Não vejo qualquer motivo para o gastar consigo até me provar que não será desperdiçado.

— Compreendo. — Seth odiava ter de dizê-lo, odiava estar em posição de súplica, mas fora ideia sua. Não podia culpar mais ninguém. — Obrigado. — Pousou a chávena de café sobre a mesa e ergueu-se. Como Grant referira, o seu tempo era valioso.

— Uma coisa — disse Grant. Seth parou, expectante.

— O que provocou isto?

Novo sorriso frio, desta vez infiltrado pela amargura.

— Olhei-me ao espelho.

16

Bailey empurrou o saco de lixo cheio de roupa para fora da abertura de entrada no abrigo e rastejou para a luz opaca da manhã. Parou com uma mão sobre a neve, olhando a brancura em redor.

— Merda.

— O que se passa? — perguntou Justice atrás dela.

— Nevou mais — rugiu. — O avião está coberto. — Não por completo, mas quase. A neve dificultaria ainda mais que fossem avistados do ar, mesmo que a montanha não estivesse envolta em neblina, como sucedia. A visibilidade não passaria os cinquenta metros. Este último desenvolvimento era como colocar sal na ferida. Porque não podiam ter uma onda de calor? Uma brisa quente que derretesse alguma neve e facilitasse um pouco a espera por resgate? Tinha frio e queria calor. A cabeça ainda lhe doía. Doía-lhe o corpo todo. A febre mantinha-se. Queria apenas ser salva daquela maldita montanha e, em vez disso, obtivera mais neve. Perfeito.

Deixara-se cair num sono irregular antes da aurora. Agora, o sol ia alto, não que o conseguisse ver por entre as nuvens, e precisava de atender a um chamamento urgente da natureza. Justice também, e ela sentiu-se dividida entre a necessidade de o ajudar e a percepção de que não conseguiria aguentar durante tanto tempo. A sua urgência saiu vencedora.

— Volto já! — disse, apressando-se, tanto quanto conseguia, e embrenhou-se entre as árvores. Quando regressou, descobriu que ele o conseguira sozinho. Estava debruçado contra uma árvore, de costas voltadas.

Parou onde estava, para lhe dar um momento de privacidade. Aquele breve esforço deixara-a completamente exausta e fechou os olhos. Sentiu-se abalada ao perceber como estava doente. Não correria risco de vida, mas era suficiente para se sentir frágil e isso era perturbador. Com a febre, o frio, os efeitos da altitude e a falta de comida e bebida, não seria capaz de grande coisa naquele dia.

Ainda bem que não precisava de fazer muito. Podiam comer outra barra de chocolate, derreter mais neve para beber e repousar no abrigo enquanto esperavam que uma equipa de salvamento os encontrasse.

Justice estava melhor do que no dia anterior. Conseguira dar alguns passos sem auxílio, mas continuava a ter péssimo aspecto, com o grande aglomerado de ligadura cobrindo-lhe o topo da cabeça, dois olhos negros que o inchaço quase fechava e todos os outros cortes e arranhões que sofrera. A sua capacidade física também não permitiria muito mais do que ficar deitado no abrigo.

Sentiu-se um pouco indignada pela injustiça de ser ela a ter febre quando era ele que tinha o ferimento medonho na cabeça, uma concussão e tendo sido cobaia de medicina improvisada e inexperiente, enquanto ela tinha apenas uma pequena ferida. Onde estaria a lógica nisto? No entanto, em retrospectiva, também deveria ter despejado parte do elixir bucal sobre o braço.

— Já pode abrir os olhos — disse Justice e, lentamente, foi o que ela fez.

Ele mantinha-se apoiado à árvore e a sua postura dizia-lhe que o esforço o deixara esgotado.

Formava-se uma nuvem de vapor à frente da sua face com cada expiração e era perceptível que tremia. O único calçado que tinha eram os ténis pretos e não faziam grande coisa para lhe proteger os pés da neve. As calças eram as do fato. Nem sequer tinha uma camisola de manga curta como camada adicional por baixo da camisa branca formal. Rodeara os ombros e o pescoço com um par de camisolas para obter algum calor adicional, mas não havia muito mais que pudesse fazer para se proteger dos elementos. Vê-lo recordou-lhe que teria de ser ela a zelar pelas necessidades de ambos.

Lentamente e com cautela, avançou sobre as pernas inseguras, descendo a encosta até junto dele, colocando-lhe o braço sobre os ombros enquanto o segurava pela cintura e lhe agarrava o cinto para o segurar se ameaçasse cair.

— Vamos levá-lo de volta ao abrigo. Como está a cabeça?

— Dói-me. E a sua?

— Praticamente o mesmo. Vê a dobrar? Sente náuseas?

— Não. Nada disso. — Usando-a para se apoiar de um lado e usando a mão livre para se apoiar nas árvores pelo caminho, dava cada passo com esforço. Por vezes vacilava, e Bailey precisava de o amparar até conseguir firmar novamente as pernas, mas o processo não era tão esgotante nem demorado como fora antes.

Justice parou e ergueu a cabeça para olhar as montanhas em redor. Era notório que tentava ouvir alguma coisa, mas Bailey não ouviu nada além do que ouvira desde o início: o vento soprando por entre as montanhas silenciosas.

— Ouve alguma coisa?

— Nada.

Percebeu o tom sinistro na voz dele.

— Por esta altura, devíamos ouvir helicópteros ou algo assim, não?

— Esperava que sim, mas não necessariamente. O tempo pode tê-los atrasado. Sabemos que nevou, o que pode significar a passagem de algum tipo de frente atmosférica. Uma estimativa mais realista seria por volta do meio-dia, no mínimo. — Tremeu, com o frio tornando-lhe todo o corpo tenso. Em seguida, disse, prosaicamente: — Não faz sentido ficarmos aqui a gelar quando não há nada que possamos fazer.

Bailey concordou plenamente e ajudou-o a percorrer os poucos metros que restavam até ao abrigo. Enquanto Justice rastejava e se arrastava para o interior, disse-lhe:

— Dê-me o frasco e volto a enchê-lo com neve. Está preparado para o pequeno-almoço?

— Qual é a ementa? — Mesmo inchados e enegrecidos como estavam, os seus olhos cinzentos continuavam a reluzir com boa disposição enquanto lhe passava o frasco.

— O mesmo que comemos ao jantar. Uma barra de chocolate. Tenho três. Por isso, podemos comer uma inteira cada um, se quiser.

O humor desapareceu-lhe da expressão.

— Será melhor racioná-las — disse, finalmente. — Jogando pelo seguro.

Para o caso de não serem salvos naquele dia, era o que queria dizer. A possibilidade era quase insuportável. Outra noite na montanha, no escuro e ao frio? A escuridão não fora absoluta, mas tinham usado a luz de leitura com moderação. Era enervante não saber quando uma equipa de salvamento conseguiria alcançá-los. E se não surgisse ninguém também no dia seguinte?

Em silêncio, levou o frasco até um amontoado de neve limpa. Calçava um par de meias nas mãos, que dificultavam um pouco o enchimento do frasco com neve, usando a carta de jogar, mas não se deixaria ficar tão fria como no dia anterior.

A tarefa era ligeira, insignificante quando comparada com os trabalhos hercúleos que enfrentara no dia anterior, mas era quase mais do que conseguia suportar. Fatigada, rastejou de volta ao abrigo, grata pela protecção do vento. O ar no interior parecia-lhe mais quente, fosse pela ausência de vento ou pelo seu calor corporal. Não lhe interessava saber o que a fazia sentir-se mais quente. Apenas que era isso o que sucedia.

A luz infiltrava-se por pequenas aberturas. O abrigo estava pouco iluminado, mas não escuro. Não havia necessidade de ligar a luz de leitura para descobrir onde pusera as barras de

chocolate. Estava faminta, mas, quando começou a mastigar a primeira dentada da sua metade, o apetite desvaneceu-se subitamente e parecia-lhe que o chocolate lhe crescia na boca. Lutou contra a náusea e conseguiu engolir, mas dobrou o invólucro em redor do que restava e devolveu-o ao saco de plástico selável.

— Não tem fome? — perguntou ele, com expressão severa.

— Tinha até começar a comer. Comerei outra dentada daqui a pouco. — Sentia a boca suja. Procurou as escovas de dentes descartáveis, retirou duas, enfiou uma na boca e passou-lhe a outra. — Tome.

— O que é isto? — perguntou ele, olhando com cautela o círculo rosa de esponja cortada como se estivesse vivo.

— Uma escova de dentes descartável. Não precisa de água. Este abrigo é demasiado pequeno para hálito matinal sobreposto ao hálito de ontem e de toda a noite. Por isso, use-a.

Esboçou um sorriso enquanto pegava no pequeno pau e começava a passar a esponja pelo interior da boca. Bailey sentiu-se agradavelmente surpresa pelo sabor mentolado e pela forma como a boca lhe parecia mais limpa quando terminou. Ficava a faltar-lhe apenas um bom duche quente...

Continua a sonhar, disse a si própria, descontraindo o corpo dorido sobre a esponja e cobrindo-se com uma pilha de roupa. As roupas cobri-la-iam melhor se estivessem direitas e dispostas em camadas, mas sentia-se demasiado cansada e doente para se dar ao trabalho. Justice esti-cou-se atrás dela, puxou-a para perto e ajeitou as roupas sobre ambos até não restar nada a separá-los além da roupa que usavam.

Como era estranho, pensou, que, numa única noite, tivessem já estabelecido uma espécie de rotina. Já conheciam e procuravam automaticamente as posições em que melhor se encaixavam e que lhes proporcionavam maior conforto. Ele era uns bons quinze centímetros mais alto do que ela, talvez mais, e, de costas para ele, encaixavam quase na perfeição. O braço dele rodeou-lhe a cintura e a mão enfiou-se por baixo da camisa em busca de calor, repousando-lhe sobre o estômago. Surpreendia-a a rapidez com que a situação forjara uma sensação de familiaridade ou mesmo de intimidade, mas supôs que se trataria de um mecanismo de sobrevivência. Juntos, tinham maiores hipóteses de saírem vivos da montanha do que sozinhos.

— Acho que podemos jogar às cartas — disse ela, pensando nas horas à sua frente.

— Ou podemos ficar aqui deitados — contrapôs ele.

— Parece-me bem. — Ficar deitada era tudo o que lhe apetecia fazer. Após mais um momento de silêncio, sentiu-se adormecer.

Cam não achou que a febre de Bailey estivesse mais alta do que antes, mas era óbvio que estava doente. Quando acordasse, examinar-lhe-ia o braço à procura de manchas vermelhas em redor da ferida. Esperou efeitos benéficos da pomada antibiótica e da febre porque, se a infecção tivesse começado, a situação em que se encontravam passaria de séria a crítica. Entretanto, o melhor para ela seria dormir. O melhor para ambos. Gastariam menos calorias e necessitariam de menos comida e água.

Acreditara realmente que o transmissor de localização de emergência teria trazido um helicóptero até eles, mas o clima complicava a situação. Um helicóptero não poderia aterrar naquele terreno, claro, mas poderia indicar a sua localização à equipa de salvamento e lançar mantimentos muito necessários. Graças à tonelada de roupa de Bailey, conseguiam manter-se quentes, mas um fogareiro de campanha teria sido agradável, bem como algumas garrafas de água e barras energéticas.

Pensar em barras energéticas fê-lo lembrar-se das barras de cereais que guardara no bolso do casaco na manhã do dia anterior. Não sabia onde estaria o casaco, mas gostaria de o recuperar e as barras de cereais seriam um maná celestial. O problema era que nenhum dos dois estava em condições de procurar e, mesmo que encontrassem o casaco, as barras poderiam ter caído. Claro que, se fossem salvos naquele dia, não se importaria com o casaco ou com as barras de cereais.

Achou que estava mais ou menos bem fisicamente. A perda de sangue deixara-o fraco, a

concussão fazia-lhe doer muito a cabeça, mas era óbvio que não tinha ferimentos no cérebro ou em outros órgãos internos. Se tivesse, supôs que não teria conseguido sobreviver à noite. Não tinha febre ou, pelo menos, seria tão ligeira que não se apercebia. Um dia ou dois de repouso, comida e água e estaria pronto para outra.

Mas Bailey preocupava-o. Os efeitos da altitude não podiam ser en carados de ânimo leve e muito menos uma ferida infectada. O pior de tudo era que ambos os problemas se deviam ao facto de ela se ter concentrado em cuidar dele, esquecendo-se de cuidar de si.

Porque não havia mais nada a fazer, abraçou-a enquanto dormia. Ouviu-a respirar e manteve-se alerta a quaisquer sinais de aumento da febre. Também se manteve atento ao ruído das pás de um helicóptero e rezou para que fossem encontrados em breve.

17

Bret ficara no escritório durante toda a noite, pousando ocasionalmente a cabeça sobre a secretária para uma breve sesta. Karen fora a casa mudar de roupa e comer alguma coisa. Regressou de calças de ganga e camisola de manga curta e trazendo uma embalagem de comida chinesa. Vinha acompanhada pelo seu namorado barbudo, vestido de cabedal, tatuado e com *piercings*, cujo nome era Larry.

Era óbvio que Larry estava ali para cuidar de Karen porque lhe trazia café quando queria, massajava-lhe o pescoço e os ombros, abraçava-a quando chorava. Karen que, habitualmente, era incrivelmente dura, sentiu-se destroçada pela possibilidade de Cam estar morto.

O pequeno aeródromo costumava encerrar à meia-noite, mas as notícias do desaparecimento do avião mantiveram algumas pessoas no local. Era impossível ir para casa como se as coisas estivessem normais e fazer alguma coisa rotineira até terem descoberto ao certo o que acontecera. O mecânico-chefe, Dennis, andava de um lado para o outro com expressão consternada, questionando-se se teria havido alguma coisa que lhe tivesse escapado durante a manutenção.

A situação foi discutida a fundo durante a refeição de comida chinesa. Todos pareciam pensar que teria sido avaria mecânica. Houvera uma frente atmosférica que produziria alguma turbulência, mas nada suficientemente drástico para fazer cair o avião. Cam não cometia erros no ar. Não se enganava na leitura do altímetro nem se esquecia da altitude de uma montanha. Não improvisava. Mantinha-se atento e calmo. Ou acontecera algo que o fizera perder os sentidos ou fora um problema mecânico do avião.

A queda de um pequeno avião exigia uma operação de salvamento, mas não uma investigação minuciosa do NTSB[5] da mesma forma que a queda de um avião comercial de passageiros. A busca nem sequer seria coordenada a partir de Seattle e Bret não tinha ideia do que fazia toda aquela gente no terminal a não ser que, como lhe sucedia a ele, os nervos não lhes permitissem dormir, achando melhor permanecer ali.

Conhecia o procedimento. O primeiro passo seria encontrar o avião. Até localizarem os destroços, ninguém sabia o que enfrentavam. Não se enviariam equipas de salvamento às cegas porque a área a cobrir era demasiado vasta. Mas a espera era agonizante, aguardando notícias, aguardando saber ao certo.

Por volta das nove dessa manhã, quando estavam todos à beira da exaustão, Karen atendeu uma chamada. Quem quer que fosse, a sua expressão desmoronou-se antes de engolir em seco e recuperar a compostura.

— É para si — disse a Bret, com voz quebrada. — O irmão da Sra. Wingate.

[5] *National Transportation Safety Board* (Departamento Nacional de Segurança nos Transportes). (N. do T.)

Bret estremeceu e foi atender no seu gabinete.

— Fala Bret Larsen.

— Chamo-me Logan Tillman. Sou o irmão de Bailey Wingate. Que raio se passa? — rugiu a voz do outro lado da linha. — Não conseguimos saber nada e, quando liguei para casa de Bailey para ver se alguém tinha notícias, atendeu a enteada e riu-se na minha cara, dizendo que a minha irmã teve o que merecia. O que queria dizer com isto? Têm suspeitas de que o avião foi sabotado? De que isto foi intencional?

As questões vieram demasiado rápidas e implacáveis para Bret responder. Mas ele conseguiu dizer:

— Ei. Ei! Ninguém falou sequer na possibilidade de sabotagem. Não sei o que Tamzin queria dizer, mas não seria isso. — Pelo canto do olho, viu Karen de pé à porta do seu gabinete, sem sequer tentar disfarçar que escutava a conversa. O mesmo se aplicava a Dennis ou às outras duas pessoas que ocupavam o escritório à espera de notícias.

— Disse-o com toda a clareza. — Logan Tillman estava furioso. A sua voz elevava-se. — Alguma coisa a respeito de apenas idiotas se atreverem a irritar o seu irmão.

Bret apertou a cana do nariz.

— Tamzin não... hmm... joga com o baralho completo. Diz o que lhe vem à cabeça, quer seja baseado na realidade ou não. Nesta altura, não suspeitamos de sabotagem ou de qualquer outra coisa. Onde está agora?

— Em Denver. Onde nos deveríamos encontrar com Bailey.

— Estão num hotel?

— Não. Passámos a noite toda no aeroporto, esperando... — a voz de Logan quebrou a meio da frase.

— Sim, também estivemos aqui toda a noite. Ouça, vá para um hotel descanse. Esgotar-se não servirá de nada. Sim, eu sei. Devia seguir o meu próprio conselho. Dê-me o número do seu telemóvel e ligo-lhe assim que souber de alguma coisa. Também lhe darei o meu. Ligue-me quando quiser — Enunciou o seu número e anotou o de Logan. — Não perca a esperança Cam, o meu sócio, já passou por apuros antes. É o melhor.

Quando desligou, Bret apoiou a cabeça nas mãos. Bolas. Estava exausto. Se houvesse alguma coisa que pudesse fazer, qualquer coisa que o mantivesse ocupado. A espera era terrível e, no entanto, era tudo o que podia fazer, tudo o que qualquer um deles poderia fazer.

— É uma possibilidade — disse Karen da porta. Bret ergueu a cabeça.

— O quê?

— Que tenham mexido no avião. Seth Wingate ligou ontem a perguntar pelo voo da Sra. Wingate, pela hora de partida. Sabe disso. Nunca o fez antes. — Tinha o queixo firme e os olhos faiscavam.

— Tenha cuidado com o que diz — advertiu Bret. — Não há qualquer prova de que alguém tenha sabotado o avião. Se tivesse sido realmente sabotado, acha que Tamzin o diria às pessoas?

— Como disse, chefe, ela não joga com o baralho completo, pois não? Podia estar sob influência de qualquer substância, legal ou ilegal, quando o disse. Isso não significa que não seja verdade.

Chefe. A palavra permaneceu no ar como uma espada flamejante. Era um título que reservava a Cam, para melhor atiçar Bret no seu duelo interminável. Bret fechou os punhos e voltou-se para olhar pela janela.

Dormitaram todo o dia, saindo do abrigo apenas quando necessário, para encher o frasco com neve ou para atender às suas necessidades fisiológicas. De cada que vez que Bailey acordava, Justice fazia-a beber água, mas ela insitiu também com ele para beber o seu quinhão. Em determinado momento, Justice insistiu que trocassem de posição dentro do abrigo, com ela a ocupar o lado contra a parede, passando ele para a frente da abertura. Bailey não percebeu que diferença faria, mas rastejou para a posição indicada e deixou-o ficar com o seu lugar.

Percebeu a diferença quando foi a vez dele de rastejar para fora para trazer mais neve.

— Devia ser eu a fazer isso — protestou, quando voltou. — Troque de lugar comigo outra vez.

— Não — respondeu, calmamente. — Estou fraco mas bem. Deve ficar quieta e deixar o corpo ajustar-se à altitude.

Preparava-se para perguntar porquê, já que seriam resgatados, mas hesitou porque ainda não tinham ouvido as pás de helicóptero que espe-ravam. O dia começava a aproximar-se novamente do fim e começava a aceitar que seria previsível mais uma noite na montanha. Essa percepção deu-lhe vontade de chorar, mas não serviria de nada e não podia desperdiçar fluidos.

— Sofreu uma concussão — referiu a Justice. — Também devia permanecer quieto.

— Não vou correr por aí, acredite. E não tenho febre.

Bailey resmungou um pouco porque continuava a parecer-lhe uma grande injustiça ser ela a ter febre, mas continuava muito cansada e, pouco depois, voltou a adormecer.

Ao fim da tarde, Cam disse:

— Preciso de lhe ver o braço enquanto há luz.

Olhou-o de olhos semicerrados porque, se falava de luz do dia, esperaria que saísse do abrigo.

— Quer que me dispa lá fora?

— Sim. A ligadura precisa de ser mudada. Pode levar um monte de roupa consigo e enrolá-lo em seu redor, deixando apenas o braço de fora.

Arrastou-se para fora, levando o estojo de primeiros-socorros. Bailey começou a despir as suas três camisas ainda dentro do abrigo, puxando o braço direito para fora da manga. Tentou olhar por cima do ombro para o tricípite, tentando ver se existiam manchas vermelhas, mas, na obscuridade, era impossível perceber. Enrolando-se num amontoado de roupas para não lhe expor os seios, rastejou também para fora.

Não havia nada onde se pudesse sentar sem molhar as calças e, por isso, manteve-se de pé, de costas para ele enquanto lhe puxava o braço e lhe retirava a ligadura.

— Não parece pior — disse, para seu alívio. — Continua vermelho em redor da ferida, mas a vermelhidão não alastra. — Colocou mais antibiótico, aplicou uma ligadura e Bailey voltou a enfiar o braço na manga, abotoando-se.

— Já que aqui estamos, talvez deva examinar-lhe a cabeça — disse. Levou a mão ao amontoado espesso de ligadura na cabeça.

— Há gaze suficiente para refazer isto?

Havia, mas apenas para mais uma vez. E se não fossem resgatados no dia seguinte? Pensá-lo fê-la sentir um arrepio. Ou talvez fosse provocado pela febre. De qualquer forma, a possibilidade de uma terceira noite na Montanha era horrenda. Mas a ligadura precisava de ser mudada.

— Não terei de usar igual quantidade desta vez — acabou por dizer — Coloco uma compressa sobre o corte e enrolo-lhe a ligadura à volta da cabeça para proteger os pontos de detritos.

Sem sítio para se sentar e com a diferença considerável de alturas desenrolar a ligadura seria um processo bizarro. Finalmente, Justice puxou um dos sacos de lixo e ajoelhou-se cuidadosamente sobre ele enquanto ela se mantinha de pé.

— Está melhor assim?

— Muito melhor. — Cuidadosamente, retirou o resto da ligadura, esperando que a pomada antibiótica que colocara sobre os pontos impedisse a gaze de colar. E impedira quase por completo. Houve alguns pontos em que precisou de puxar para a libertar, mas nada de drástico. Pelo menos, não o ouviu gritar ou praguejar, ficando-lhe grata por isso.

O seu trabalho de reparação tinha um aspecto quase tão atroz como o corte, pensou, mordendo o lábio. Sangue seco formava uma crosta em redor dos pontos e numa linha estreita ao longo do corte, fazendo-a pensar se teria unido as extremidades com firmeza suficiente. A seguir, percebeu que parte do inchaço diminuíra, o que significava que os pontos não estavam tão apertados quanto deviam.

— Vai deixar uma cicatriz medonha — advertiu. — Talvez precise de cirurgia plástica.

A expressão na face dele era de vaga incredulidade.

— Por uma cicatriz?

— Não sou médica, lembra-se? Isto não é exactamente um trabalho impecável. — Sentiu-se envergonhada, como se tivesse falhado algum teste, apesar de não saber o que mais poderia ter feito. Deixar o corte aberto até o inchaço desaparecer? Não lhe parecia uma alternativa viável. Além de ser provável que o corte infectasse, deixá-lo aberto não pioraria ainda mais a cicatriz?

— A cicatriz incomoda-a? — perguntou ele.

— Não está na minha cabeça. Se não o incomoda a si, não se preocupe com ela.

Ele sorriu, enquanto Bailey usou um toalhete embebido em álcool para limpar o sangue seco.

— Não está a ser um poço de compreensão, pois não?

— Não sou poço de nada. Lamento.

— Queria saber se a incomoda olhar.

— Não olharei porque vou colocar uma ligadura por cima. Mas, em geral, as cicatrizes não me incomodam, se é isso que quer saber.

Pegando no tubo de pomada, esguichou uma linha sobre os pontos, de uma extremidade à outra. Cobrindo a ferida com dois rectângulos de gaze esterilizada, usou adesivo para os manter no sítio e voltou a rodear-lhe a cabeça com a ligadura.

— Pronto. Não está como novo, mas está melhor do que ontem.

— Graças a si — disse ele, pondo-se de pé. Estendeu a mão para o ajudar, amparando-o até se certificar de que não cairia. Cam rodeou-a com um braço forte, inclinou-lhe o queixo para cima e beijou-a.

18

Bailey permaneceu imóvel e perturbada, presa no seu abraço surpreendentemente poderoso. Detestava ter de lidar com questões sexuais. Tinham-se dado tão bem. Porque teria ele de estragar tudo com um avanço? Estava mais forte do que esperara, dada a sua condição física, o que significava que teria de aplicar os músculos para o afastar, mas não o queria fazer cair e piorar a concussão...

Mas o beijo foi ligeiro e breve, com os lábios dele frios contra os seus e a cabeça erguendo-se antes que pudesse passar do pensamento à acção.

— Obrigado — voltou a dizer, libertando-a.

Deixou-se ficar de pé, perplexa e ao frio. Estava verdadeiramente confusa. Tinha sido um avanço ou não? Se fora essa a sua intenção, conseguira o avanço menos sexual que alguma vez presenciara, o que arruinava de certa forma o objectivo. Se o beijo se destinara a ser um agradecimento, dizer «obrigado» teria sido suficiente.

Era a primeira a admitir não ser a melhor na interpretação de sinais sexuais, e parecia-lhe que os seus relacionamentos haviam sido suficientemente enervantes sem que uma ou ambas as pessoas envolvidas agissem com base em suposições falhadas. Acreditava ser melhor perguntar e ter a certeza, mesmo que não fosse assim que se lidasse habitualmente com situações como aquela.

Libertou-se do choque ligeiro e voltou a ajudá-lo a regressar ao abrigo, apoiando o ombro por baixo do braço esquerdo dele e rodeando-lhe a cintura com os dois braços.

— Foi um avanço? — perguntou, olhando-o com severidade. Cam parou, olhando para baixo com expressão tranquila.

— Porque pergunta?

— Porque não consegui perceber. Se foi um avanço, quero que saiba desde já que o sexo está fora de questão. Se não foi, esqueça.

Ele riu-se, apertando o braço em redor dos seus ombros num breve abraço.

— Confie em mim. Quando fizer um avanço, perceberá. Foi apenas um agradecimento.

— Um «obrigado» seria suficiente.

— Um «de nada» também — foi a resposta seca. Bailey sentiu a face pálida ruborizar.

— De nada. Desculpe. Estava a ser desagradável sem querer.

— Não faz mal. — Tinham percorrido os quatro metros que os separavam do abrigo. Cam afastou o braço dela e deu um passo ao lado, indicando-lhe que deveria entrar em primeiro lugar. Foi o que fez, percebendo pela primeira vez como era mais fácil entrar e sair sem outra pessoa no interior. — Espere. Deixe... — tentou dizer, mas ele rastejava já atrás dela. Encolheu as pernas para lhe dar o máximo espaço de manobra. Viu-o voltar-se, com os movimentos dificultados pelas longas pernas e, a seguir, esticou-se de bruços e puxou o saco de lixo para mais perto, bloqueando a entrada.

Instalaram-se, endireitando-se e compondo a pilha de roupas para conseguirem cobrir-se melhor. Bailey suspirou enquanto descontraía o corpo dorido, deitada de lado e voltada para ele. Após ter passado a maior parte do dia sem fazer nada além de ficar deitada e dormitar, deveria sentir-se aborrecida e inquieta, mas, ao invés, continuava tão cansada que parecia ter pesos presos às pernas e aos braços. Além disso, também se sentia incrivelmente imunda. De alguma forma, estar suja e doente conseguia ser muito pior do que estar limpa e doente.

A depressão cobriu-a como um cobertor molhado.

— Porque não vieram hoje? — perguntou, notando-se a desolação na voz.

Antes de responder, pousou a cabeça sobre o pedaço de esponja que lhes servia de almofada. Estavam deitados de frente um para o outro, próximos e banhados pela luz mortiça enquanto o sol se aproximava do horizonte, tornando cada vez mais inevitável uma nova noite gélida. Bailey olhou-lhe a face marcada. Conseguia ver ainda a curvatura das pestanas e a barba de um dia que lhe adornava o queixo, mas, em breve, seria apenas uma sombra mais escura na penumbra do abrigo, antes que a escuridão se tornasse completa.

— Não sei — ouviu-o dizer por fim. — O transmissor de localização de emergência devia ter conduzido um helicóptero até nós.

— Talvez esteja danificado — sugeriu, sentindo o coração a bater
enquanto a possibilidade se interiorizava. Se ninguém soubesse onde estavam. ..

— Os TLE são muito resistentes, sobretudo quando o avião permanece relativamente intacto como aconteceu.

— Intacto? — repetiu ela, incrédula. — Tem olhado para ele ultimamente? A asa esquerda desapareceu! Metade da cabina foi-se!

Ele ergueu um canto da boca num sorriso ténue.

— Mas estamos ambos vivos e inteiros. E a maior parte do avião continua inteira. Já vi destroços em que restaram apenas alguns pedaços chamuscados de metal.

— Como aconteceria se tivéssemos caído sobre a encosta rochosa? — Por um momento, lembrou os momentos insuportáveis antes do impacto, quando olhou as rochas escarpadas aproximando-se cada vez mais e sabendo que iria morrer.

— Exactamente. Foi por isso que quis aproximar-nos da linha de árvores. Não podia evitar que caíssemos, mas as árvores fizeram a diferença entre a vida e a morte.

— Amorteceram o impacto. — Estremeceu um pouco, recordando a força incrível da colisão, a sensação de ser atirada ao chão por um gigante. Não conseguia imaginar como teria sido sem as árvores, mas sabia que não teriam sobrevivido.

— Sim. As árvores no limiar são muito finas e não ajudariam muito, mas não quis ir tão longe que se tornassem demasiado sólidas. Acho que precisava de árvores de tamanho entre o pequeno e o médio. Suficientemente robustas para nos abrandarem a queda e absorverem o impacto, mas suficientemente flexíveis para ceder.

— Boa ideia. Funcionou.

— Parece que sim. Estamos vivos.

Queria dizer-lhe que ficara muito impressionada com ele na altura, vendo-o esforçar-se ao limite contra as correntes de ar, desafiando a gravidade, usando toda a sua perícia e força para os manter no ar durante tanto tempo quanto possível, mas, mesmo que a garganta estivesse perfeitamente funcional, as palavras não se formaram. Para seu horror, sentiu lágrimas nos olhos e cerrou os dentes, tentando evitar derramá-las. Não era lamechas por natureza, apesar das alturas irritantes em que acordara com lágrimas na face. Não percebia o motivo. Mas sabia que se recusava a deixar-se transformar numa criatura fraca e chorosa apenas devido à pressão e ao medo.

Finalmente, conseguiu dizer num tom razoavelmente neutro.

— Salvou-nos a vida.

Mesmo na penumbra, pouco escapou aos olhos astutos dele. A expressão suavizou-se-lhe enquanto ele lhe tocava o cabelo, afastando-lhe uma madeixa da cara.

— E, a seguir, salvou a minha. Teria entrado em choque e morrido se não tivesse estancado a hemorragia. Acho que estamos quites.

Ela sentiu um impulso estranho mas potente para voltar a cara para a sua mão e para a beijar. Que se passaria com ela? Primeiro as lágrimas e depois aquilo? Talvez a febre estivesse a piorar. Talvez sofresse de *stress* pós-traumático. A queda de um avião era bastante perturbadora. Tinha direito a algum descontrolo nervoso.

— Fez algum curso de sobrevivência, de reacção a emergências ou alguma coisa desse género? — perguntou ele com curiosidade.

A mudança de assunto permitiu-lhe resgatar-se ao remoinho emocional em que parecia afundar-se. Mesmo assim, teve de engolir algumas vezes antes de poder voltar a falar e sentia o coração acelerado, como se tivesse escapado por pouco de algum perigo.

— Não. Porquê?

— Porque tomou muitas decisões de senso comum e fez tudo o que era necessário com os recursos limitados disponíveis.

— Senso comum é comigo — respondeu, com uma gargalhada seca surpreendente. Conhecia bem o caos provocado por decisões de momento, tomadas porque um dos seus pais ou ambos sentiam desejos repentinos ou queriam alguma coisa, sem pararem para ponderar como isso seria devastador para os filhos. Nunca quisera ser assim. — Foi pelo meu senso comum que o Jim me escolheu para gerir... — Parou, não querendo falar da sua vida pessoal.

— Todo aquele dinheiro? — Cam completou-lhe a frase e sorriu, vendo-a arregalar os olhos de surpresa. — É sabido. A nossa secretária falou-me disso, mas ela é uma mulher assustadora e tem um pacto com o demónio. Sabe tudo.

Bailey riu-se.

— A Karen? Espere até lhe contar esse comentário do pacto com o demónio!

— Bolas! Conhece a Karen? — O choque fê-lo erguer-se sobre um cotovelo, olhando-a com consternação.

— Claro que conheço a Karen. Há quantos anos trabalha o *Grupo Wingate* com a *J&U* Antes de casar com o Jim, era eu que lhe telefonava para marcar os voos.

— Devia ter pensado nisso — murmurou. — Bolas. Merda. Se lhe contar, vai fazer-me a vida miserável até morrer ou até rastejar sobre carvões em brasa para lhe implorar perdão. — Deitou-se de costas e olhou para cima. — Prometa-me que não lhe dirá.

— Não me diga que tem medo da sua secretária. — Riu-se, deleitada nor descobrir aquela faceta do comandante Ranzinza Justice. Conseguiu ver o sorriso que ameaçava esboçar e adorou que reconhecesse e apreciasse secretamente os benefícios de uma secretária com eles no sítio.

— É ela quem manda em nós — disse, com consternação exagerada. — Sabe onde está tudo, como tudo funciona e tudo o que se passa. Resolve tudo. Bret e eu precisamos apenas de aparecer, assinar o que nos pede para assinar e pilotar os aviões.

— Podia despedi-la — sugeriu, apenas para o provocar.

— Não brinque — ripostou ele. — No Texas aprendemos a ser mais espertos do que isso. Teria de fazer mais do que apenas assinar papéis se não estivesse lá.

— É do Texas?

— Não me diga que não percebeu o sotaque. — Voltou a colocar-se de lado, dobrando o braço por baixo da cabeça.

— Não. Mas li algures que os pilotos adoptam uma maneira de falar própria e poderia ser de qualquer sítio.

— A síndrome Yeager — disse. — Não precisei de adoptar uma maneira de falar. Nasci com ela, apesar de o Yeager ser da Virgínia Ocidental e de eu ser um texano de gema e de os sotaques serem completamente distintos.

— Se o diz. — Deixou que a dúvida impregnasse cada palavra.

— Ianque. É preciso nascer com a musicalidade da língua para perceber as variações.

Não conseguiu evitar o riso, sobretudo quando o tom ligeiramente provocador na sua voz a convidava a fazer precisamente isso. Quis dizer-lhe que «a musicalidade da língua» parecia algo saído do *«Kama Sutra»*, mas conteve o comentário a tempo. Se não lhe permitiria aventurar-se no campo sexual, não deveria ser ela própria a liderar uma expedição.

— De onde é? — perguntou ele.

— Originalmente do Kansas. Mas vivi no Ohio, na Califórnia, no Oregon, no Maryland e no Iowa.

— Na infância ou depois de adulta?

— Sobretudo na infância. Quando deixei a faculdade, escolhi um sítio e deixei-me lá ficar.

— Ter raízes era agradável. A estabilidade também.

— Os meus pais não se mudaram. Ainda vivem em Killeen.

— Onde fica isso?

— Não aprendeu geografia nas escolas todas que frequentou? Fica a meio caminho entre Dallas e San António.

— Desculpe — disse, revirando os olhos. — Não davam grande ênfase à geografia do Texas nas escolas que frequentei.

— O nível de ignorância nos dias que correm é chocante. Como pode uma escola ignorar o Texas?

— Não faço ideia. Então cresceu em Killeen?

— Sim. Os meus pais ainda vivem na mesma casa em que cresci. Tenho um irmão e duas irmãs, todos andámos na mesma escola e muitas vezes tivemos os mesmos professores. Mas viajei muito na força aérea. Era divertido conhecer sítios novos, mas as mudanças eram uma chatice. Porque viveu em tantos sítios diferentes?

— Pingue-pongue do divórcio — respondeu ela. — Jogado com miúdos em vez de bolas.

— É complicado. Tem irmãos e irmãs?

— De variedade infinita.

— Há mais algum tipo além de masculino e feminino? Ela riu-se, apreciando a conversa.

— Um irmão e uma irmã, dois meios-irmãos que nunca vejo, três meias-irmãs que nunca vejo e um monte de irmãos e irmãs por afinidade cujos nomes recordo com dificuldade e a maioria dos quais não reconheceria se chocasse com eles na rua. — Achava-se capaz de reconhecer o tipo de cabelo ruivo e queixo fendido, mas nunca se recordava do seu nome. Era um dos filhos do segundo marido da sua mãe com a segunda mulher (a mãe fora a terceira). Pensar no assunto, piorava-lhe a dor de cabeça.

— Sente-se próxima do seu irmão e da sua irmã?

Reparou que não lhe fez perguntas sobre os pais, mas era um tipo esperto e teria percebido que seria uma pergunta inútil.

— Do meu irmão Logan. Era com ele e com a mulher, Peaches, que ia navegar nos rápidos. Não tanto com a minha irmã. Tem os seus problemas próprios.

Percebeu o conforto que sentia, não a nível físico, mas mental. Seriam resgatados no dia seguinte e todo aquele pesadelo chegaria ao fim. Não recomendaria quedas de avião a ninguém, não era divertido a nenhum nível, mas achou que ganhara um amigo com a experiência. Sentiu uma

ligeira pontada de espanto por considerar o rígido comandante Ranzinza Justice um amigo, mas descobriu que não era rabugento e a rigidez resumia-se sobretudo ao aspecto firme do seu rabo, que era absolutamente delicioso.

— Está a adormecer — referiu ele. — Consigo perceber pela forma como respira.

Murmurou uma confirmação gutural. Sentiu-o ajustar a sua posição, puxando-a para mais próximo e deixou-se aninhar nos seus braços, sentindo-lhe o calor, como se sempre ali tivesse dormido.

19

Na terceira manhã, o dia nasceu soalheiro e radioso. Quando Cam rastejou para fora do abrigo, descobriu que se sentia consideravelmente mais forte do que no dia anterior e que, além disso, a dor de cabeça amainara. O inchaço nas pálpebras também parecia menor. Não se sentia capaz de saltar obstáculos ou correr maratonas, mas caminhava sem ajuda, ainda que lentamente, e sem precisar de se amparar.

Bailey também se sentia melhor. A febre acalmara durante a noite, depois de a ensopar em suor. Não fora agradável, sobretudo com temperaturas negativas. Fizera-o virar-se para o lado oposto e substituíra a roupa húmida por roupa seca. Considerando o espaço muito limitado no abrigo, Cam teria gostado de ver a manobra, mas não arriscara espreitar. Depois de ela se ter transformado numa estátua quando a beijara, não queria voltar a assustá-la. No mesmo espírito, ela certificara-se duplamente de que não lhe sentira a erecção, apesar de ter acordado várias vezes com grande vontade. Mas o momento aproximava-se...

Primeiro, tinham de sair daquela maldita montanha.

A situação alimentar começava a tornar-se crítica. Restavam duas barras de chocolate e a falta de comida enfraquecia-os. O facto de ambos terem passado a maior parte das trinta e seis horas anteriores a dormir ajudara porque não tinham queimado muitas calorias, mas, se passassem mais um dia sem serem salvos...

Não revelara a Bailey como se sentira perturbado pelo facto de não terem sido encontrados no dia anterior. O sinal do TLE deveria ter sido captado por um satélite e, mesmo que a montanha tivesse passado o dia envolta em neblina, uma equipa de resgate poderia ser deixada mais abaixo, num ponto mais acessível, subindo ao seu encontro.

O problema era que o TLE era alimentado por uma bateria e transmitiria apenas entre vinte e quatro e quarenta e oito horas. Tinham passado a barreira das vinte e quatro horas na manhã do dia anterior e aproxima-vam-se rapidamente das quarenta e oito. Se o sinal não fosse captado até então, não seria captado de todo. Quando percebeu que não chegaria nenhuma equipa de resgate no dia anterior, começou a preocupar-se com a possibilidade de a bateria do TLE estar fraca, tendo-se esgotado antes do início das buscas.

Olhou para cima, enquanto Bailey atravessava as árvores de regresso ao abrigo, parando à entrada e olhando-o com determinação.

— Tem de ficar aqui fora por um bocado — disse ela, com um tom de voz que não lhe dava alternativas. — Não aguento mais. Cheiro mal. Não me interessa o frio que esteja. Tenho de me limpar e vestir roupa limpa. E, quando terminar, será a sua vez.

— Vestiu roupa limpa na noite passada — referiu ele, apenas como provocação. — E eu não tenho roupa limpa.

— Por culpa sua — ripostou ela. — Não sei o que lhe passou pela cabeça para achar que precisava apenas de uma muda de roupa para ficar uma noite fora.

— Talvez o facto de ser o que sempre levo.

— Mas é preciso planear para as emergências. E se entornasse café sobre a camisa limpa ao pequeno-almoço? Ficaria em sarilhos.

Cam sentiu vontade de rir, mas não o fez. Talvez tivesse sido a sua postura hirta ou o posicionamento determinado do maxilar a fazê-lo mudar de ideias. Mas tinha piada ouvi-la repreendê-lo por causa da roupa. Talvez, se ainda vestisse as calças e o casaco sofisticados que usara quando entrou no avião, a palestra não tivesse parecido tão deslocada, mas a sua aparência presente fazia muitas sem-abrigo parecerem ícones da moda.

Vestia tanta roupa que perdera a forma, e a camisa de flanela sobre a cabeça era a coroa de glória. Não. Talvez fossem as meias enfiadas nas mãos. Mas também era verdade que ele tinha as camisas e calças dela enroladas em seu redor porque, obviamente, não as podia vestir. Se ela tivesse melhor aspecto do que ele, isso seria francamente mau. E, se conseguisse enfiar as mãos dentro de um par das meias dela, também o faria.

— Ganhou — disse, com um sorriso. — Devia ter trazido mais roupa. Vou espreitar dentro do avião enquanto se limpa. Leve o tempo que quiser.

De imediato, os olhos verdes carregaram-se de preocupação.

— De certeza que tem forças suficientes para...

— De certeza — interrompeu. — Sinto-me muito melhor hoje. — Era verdade que «muito» era um exagero, mas não suportava passar mais tempo deitado e queria verificar algumas coisas.

Bailey mordeu o lábio inferior.

— Chame se começar a sentir-se tonto ou alguma coisa assim — acabou por dizer, antes de se ajoelhar e rastejar para dentro do abrigo.

Cam voltou-se e olhou os destroços, estudando-os com olhos de piloto. Observou a trajectória, marcada por um rasto de árvores partidas. Viu onde a asa esquerda mergulhara e ficara presa numa saliência rochosa. Fora provavelmente ali que a perdera. O avião virara violentamente à direita e quase passara da mancha de árvores à encosta rochosa, o que teria sido desastroso.

O que os salvara fora o facto de o combustível não se ter incendiado.

Muitas vezes, o impacto das quedas de aviões permitia a sobrevivência, mas o incêndio resultante não. Mesmo com o motor desligado, os fios eléctricos poderiam ter desencadeado um incêndio. Talvez Bailey tivesse conseguido sair viva, mas ele não.

A fuselagem não estava assente no chão. Permanecia parcialmente apoiada sobre a asa direita partida e empalada numa árvore. Era o ramo que o trespassava a manter o avião ancorado, impedindo-o de se voltar. Enquanto o ramo resistisse, o avião permaneceria no sítio. Esperou que não partisse enquanto estivesse dentro do *cockpit.* Isso seria mau.

Içou-se até ao que fora o banco do co-piloto, antes de Bailey ter arrancado a esponja e o couro, deixando apenas pouco mais do que uma armação. A primeira coisa que verificou foi o TLE.

— Foda-se — disse em voz baixa mal activou o interruptor. A luz de funcionamento permanecia apagada. A bateria estava gasta. A grande questão era: teria um satélite captado o sinal antes de a bateria se esgotar ou estaria esgotada desde o início? Os TLE eram inspeccionados uma vez por ano de acordo com as regras. A bateria podia estar gasta há meses porque a realidade era que, além da inspecção anual, ninguém se preocupava com as malditas coisas.

Se o satélite tivesse captado o sinal, estava relativamente certo de que uma equipa de salvamento teria chegado até eles durante o dia anterior. Não acontecera e pensava agora que não aconteceria. Pelo menos, a tempo de fazer alguma diferença. O que o perturbava mais era não terem ouvido aviões da Patrulha Aérea Civil a sobrevoá-los em padrões de busca ou um helicóptero. Transmitira a sua localização e, apesar de não terem caído nesse ponto, estavam suficientemente próximos para conseguirem ouvir um helicóptero que sobrevoasse a área.

Sabia que se montara uma operação de busca. Um avião não desaparecia durante dois dias sem que ninguém se preocupasse em procurá-lo. Então onde estariam a procurá-los?

Questionou-se se a transmissão via rádio teria sido efectuada com sucesso. E se a PAC não fizesse ideia real de onde deveria procurá-los? Matematicamente, a área em questão podia ser obtida através da quantidade de combustível e da distância de voo máxima, mas seria muito terreno.

Logicamente, tinha de assumir que teriam de ser ele próprio e Bailey a sair da montanha sozinhos, algo que era mais fácil de dizer do que de conseguir.

O painel do *cockpit* estava despedaçado e o rádio destruído, o que não o surpreendeu. Procurou em redor, atento a qualquer coisa útil que Pudesse ter escapado a Bailey, mas ela fora meticulosa. O que restava na cabina que pudesse ter alguma utilidade reduzia-se praticamente aos cintos de segurança. Puxou-os ao máximo antes de os cortar. Não eram longos, mas podiam ser úteis. Eram fortes e podiam ser aproveitados para os ajudar a transportar carga. Não podiam voltar a encher as malas de Bailey, fazendo-as rebolar pela montanha abaixo, mas talvez pudesse usar os cintos e transformar uma das malas numa espécie de mochila para transportar os objectos mais essenciais. Se a sua mala de viagem fosse suficientemente grande, seria o ideal.

A lanterna que sempre guardava no *cockpit* tinha desaparecido. Estava certo de que estaria algures por ali, mas talvez estivesse coberta pela neve que caíra entretanto e era impossível saber para onde teria sido projectada com o impacto. Precisariam dela se tivessem de se mover, mas as probabilidades de a encontrar não eram altas.

De igual forma, precisava do seu casaco e das barras energéticas no bolso. Mais das barras do que do casaco. O casaco seria agradável, mas conseguiria aguentar como até ali. As barras energéticas eram essenciais.

Agora que tinha consciência da provação que enfrentavam, olhou para os destroços de outra forma. Pedaços aguçados de metal ou vidro poderiam ser transformados numa faca rudimentar, na eventualidade de o seu canivete se perder ou de se partir a lâmina. Era sempre bom ter um plano de contingência. Talvez pudesse fazer também sapatos de neve, usando algum do material com que Bailey construíra o abrigo. A teoria era suficientemente simples. Restava saber se o terreno seria demasiado acidentado, porque os sapatos de neve não permitiriam passos muito seguros.

Quanto mais descessem, mais comida haveria. Era um rapaz do Texas. Crescera a montar armadilhas para coelhos e esquilos. Conseguiriam encontrar comida depois, mas precisavam dela agora.

Contornou o avião até ao lado oposto. A encosta era muito mais íngreme dali, com áreas de rocha quase nua que teriam tornado a marcha impossível se não se pudesse segurar às árvores. Subiu pelo caminho que o avião percorrera a descer, usando a força dos membros superiores para se endireitar quando não podia fincar os pés.

A neve estalava por baixo dos sapatos, cobrindo-os e entrando no interior, molhando-lhe as meias e gelando-lhe os pés. Não podia sair dali com sapatos de cerimónia, mas não tinha ideia melhor. Podia ignorar o frio por enquanto. Talvez Bailey voltasse a aquecer-lhe os pés contra os seios. Isso faria valer a pena ter os pés frios.

Havia fragmentos espalhados por toda a encosta. Pedaços de metal torcido, fios arrancados, ramos fracturados. Os pedaços de fio que tinham tamanho suficiente para terem utilidade, ele recolhia-os, enrolava-os e guardava-os no bolso. Encontrou um suporte amolgado de uma asa e, a seguir, a porta deformada do lado do piloto. Olhando os estragos, conseguia apenas pensar que tivera sorte por se safar com uma concussão e um corte na cabeça. Mais ao lado, conseguia ver uma forma redonda que só poderia pertencer a um dos pneus cobertos de neve.

Chegou junto de uma árvore que parecia ter sido atingida por um relâmpago, com a casca arrancada e os ramos partidos. A diferença era que os cortes na madeira eram recentes. Os danos erguiam-se a uma altura entre seis e sete metros pelo tronco acima. Olhou em redor e viu fragmentos pequenos, mas nada suficientemente grande para poder ter sido a asa.

Subiu mais acima, movido pela curiosidade, mas não viu nada Finalmente, o frio venceu-o, forçando-o a voltar para trás. Sentia-se sem fôlego e trémulo, o que não era surpreendente, tendo em conta a quantidade de sangue que perdera. O único ponto positivo de estar demasiado ferido para se mover fora que o tempo de imobilidade lhe permitira ajustar-se à altitude.

Parou por um momento, para se orientar. Estava acima e à esquerda do local do embate, com o pequeno abrigo à direita dos destroços, um pouco acima na encosta. Não via Bailey, o que significava que continuava no interior com os seus toalhetes humedecidos, libertando-se do odor

corporal e do resíduo pegajoso de suor febril. Sorriu, questionando-se se sairia a correr, seminua, se gritasse por socorro. Poderia fazê-lo, mas, a seguir, matá-lo-ia. Isso fê-lo conter-se. Vê-la-ia nua, mas a seu tempo.

O seu olhar passou além do abrigo, subindo a montanha, procurando o cume...
... e encontrou a asa. A cerca de trinta metros de distância.

— Raios me partam — exclamou. Procurara a asa à esquerda dos destroços, talvez por ter suposto que a asa esquerda cairia do lado esquerdo, não se recordando de ter pensado muito na localização além de reparar onde atingira a árvore. Pelo contrário, quando foi arrancada, a asa rodopiara para cima e para o lado, caindo do lado direito. Estava quase directamente por trás do abrigo, mas fora do limite máximo das suas explorações em redor.

Com cautela, avançou até ao local. Quando lá chegou, sentia-se extremamente cansado mas respirava com facilidade relativa.

Havia forças inimagináveis em acção na queda de um avião. O metal estava torcido e dobrado como se fosse tecido, os rebites saltavam, as porcas e os parafusos pareciam cortados. A asa estava dobrada ao meio pela força do impacto contra a árvore. Conseguia ver a armação, os metros de fios pendurados da extremidade onde se unira ao avião, os cabos e o tanque de combustível rebentado.

Algo semelhante a um balão vazio pendurado do tanque de combustível captou-lhe a atenção. Manteve-se ali, fitando-o, sentindo na nuca a súbita percepção do perigo.

Deixou-se dominar pela fúria, uma fúria tão poderosa que a sua visão pareceu toldada por uma nuvem escarlate.

Não fora falha mecânica. O avião fora sabotado.

20

Não havia sinal de Cam quando Bailey rastejou para fora do abrigo. Estava tão limpa quanto possível sem tomar um banho a sério e sentia-se um pouco trémula, mas incrivelmente melhor. A dor de cabeça mantinha-se, mas não era tão intensa como nos dois dias anteriores. Com a febre finalmente superada, apenas sentia dor nos pontos em que fora ferida. A tontura e a náusea não tinham desaparecido por completo e sentia-se fraca devido à combinação da febre e da falta de comida. Mas conseguia sentir uma grande melhoria na sua condição física.

— Cam? — chamou. Não houve resposta e um arrepio de preocupação percorreu-lhe a espinha. Ele estava demasiado fraco para deambular sozinho. E se tivesse caído? Alarmada, seguiu-lhe as pegadas até ao avião e viu que o contornara. Não o via em lado algum.

— Cam! — voltou a chamar, desta vez mais alto. — Cam!

— Estou aqui em cima.

A sua voz ouvia-se mais acima na encosta. Vòltou-se e conseguiu vislumbrá-lo descendo entre as árvores.

— O que faz aí?

— Procuro a asa.

Que diferença faria a localização da asa? Não a podia voltar a unir ao avião para voarem dali para fora. Talvez fosse uma coisa de piloto querer saber onde estavam todas as peças. O que a preocupava era o facto de se ter afastado do abrigo, sozinho e enfraquecido, calçado com sapatos de cerimónia. Teria as pernas ensopadas até ao joelho e os pés gelados.

Irritada, começou a subir a encosta para se encontrar com ele a meio do caminho, em parte para lhe prestar assistência se dela precisasse, mas também para o poder repreender pela sua falta de cuidado. A irritação crescia com cada passo difícil. Precisava de se segurar às árvores, de rastejar praticamente sobre as rochas e, por uma vez, pisou um buraco escondido e uma das suas pernas afundou-se na neve até à coxa. Guinchou do choque e disse:

— Bolas!

— Que aconteceu? — perguntou prontamente Cam. Contornava uma saliência rochosa que o ocultava.

— Pisei um buraco — replicou Bailey, lançando-lhe um olhar de censura, mesmo que ele não a conseguisse ver. Içou-se do buraco e sacudiu a neve das calças. Alguma tinha-se infiltrado nas botas de caminhada e conseguia sentir o frio espalhando-se pela perna. Descalçou a meia da mão direita e começou a limpar a neve invasora do topo da bota antes que a deixasse ainda mais molhada.

Cam contornou o rochedo. Usava as árvores como apoio, tal como ela.

— Torceu o tornozelo?

— Não. Mas entrou-me neve na bota — respondeu, com desagrado. Endireitou-se e voltou a calçar a meia na mão, erguendo os olhos para ele. O que viu sobressaltou-a e quase se preparou para um golpe.

Já lhe vira a cara fria e sem expressão, já vira a forma como a boca se inclinava quando estava divertido, vira-o sorrir, vira a centelha maldosa nos seus olhos quando fazia um comentário sarcástico. Aquela expressão, no entanto, revelava uma pessoa inteiramente diferente. A boca era uma linha fina e os olhos cinzentos, estreitos e iluminados com uma raiva fria que lhe provocava arrepios. A face estava pálida de fúria, tornando-lhe os olhos ainda mais vivos e penetrantes. Não se lembrava se alguma vez vira alguém com uma expressão assassina, mas era o que via naquele momento.

— Qual é o problema? O que aconteceu? — Permaneceu imóvel, arregalando os olhos e vendo-o aproximar-se.

Ele chegou até ela, pegou-lhe no cotovelo com a mão, voltou-a na direcção oposta e puxou-a consigo.

— Alguém tentou matar-nos — disse, com palavras bruscas. — Ou melhor, acho que alguém tentou matá-la a si. Eu era um efeito secundário.

Bailey cambaleou, chocada e incapaz de falar por um momento.

— O quê? — perguntou, incrédula, com a voz tornando-se aguda. Sentiu o coração acelerar.

A mão forte dele amparou-a até ela recuperar o equilíbrio, com os dedos firmes em redor do cotovelo.

— O tanque de combustível foi sabotado para indicar um conteúdo superior à realidade.

Os pensamentos dela dividiram-se em duas direcções. Parte da sua mente concentrou-se no tanque de combustível, tentando perceber como, enquanto o resto do seu cérebro se dedicava à afirmação directa de que alguém tentara matá-la.

— A mim? Como? Porquê... — Uniu os lábios, bloqueando o discurso incoerente e inspirou fundo. — Comecemos pelo princípio. O que o faz pensar que o tanque de combustível foi sabotado e porque acha que era eu o alvo?

— Quando a asa foi arrancada, o tanque de combustível rebentou.

— Fez uma pausa. — Sabia que os tanques de combustível se situam nas asas, não?

— Nunca pensei no assunto — respondeu, com sinceridade. — Não me importa onde se situem, desde que tenham combustível no interior.

— Alcançaram o abrigo e pararam, ambos ligeiramente sem fôlego pelo esforço.

Cam voltou-se para ela, segurando-lhe os cotovelos. A boca severa esboçou um breve e frio sorriso enquanto a olhava.

— Havia um saco de plástico transparente no tanque. Extremamente artesanal. Enche-se o saco de ar, fecha-se e ocupa volume no tanque. Consegue-se enganar a válvula, fazendo-a indicar que o tanque está cheio quando, na realidade, a maior parte do espaço é ocupada pelo saco. E, por ser transparente, torna-se invisível quando há combustível no tanque.

— Mas... mas... porquê? — Notava-se na sua voz uma angústia contida. Toda aquela experiência fora um pesadelo, mas conseguira suportá-la. Lidara com o horror da queda. Lidara com a responsabilidade solitária pela sobrevivência dos dois no primeiro dia. Lidara com o frio,

com o vento, com a falta de comida, o desconforto e a febre e até com a sujidade. Não sabia se conseguiria lidar com a ideia de que alguém tentara deliberadamente matá-los. — Porque acha que era eu... — Não conseguiu dizer mais nada.

— Porque Seth Wingate ligou para a *J&L* no dia antes de partirmos, fazendo perguntas sobre o seu voo — respondeu, sem rodeios. — Nunca o tinha feito antes.

As palavras atingiram-na com violência.

— Seth... — Mesmo com toda a sua hostilidade, nunca acreditou que fosse capaz de a magoar fisicamente. Nunca tivera medo dele, apesar de, por vezes, ter um temperamento quente. Conseguia compreender a sua hostilidade para com ela e também a de Tamzin porque estava certa de que sentiria o mesmo se estivesse na sua posição. Isso não significava que lhe agradasse, mas compreendia. Saber que alguém a odiava o suficiente para tentar matá-la revolveu-lhe o estômago. Não era um anjo, mas também não era um monstro que merecesse morrer.

— Não — disse, atordoada e abanando a cabeça. Não por não acreditar nele, mas o cenário era-lhe difícil de aceitar. — Oh não... — Na sua memória, ouviu o eco do rugido de Seth quando lhe disse «Puta. Hei-de ma-tar-te» da última vez que falara com ele, quando permitiu que a provocasse até ameaçar uma possível redução dos pagamentos do fundo. Nunca antes reagira a nenhum dos seus insultos ou acusações, preferindo agir como se não tivesse ouvido nada. Se fora aquilo a fazer transbordar o copo... a culpa era sua.

Procurou falhas na teoria de Cam. Alguma inconsistência na sua lógica.

— Mas... mas têm mais de um avião... Como poderia saber qual era?

— Basta saber alguma coisa sobre aviões para perceber qual iríamos usar para o seu voo até Denver. O *Lear* não. É o maior e usamo-lo para voos de longo curso. O *Skyhawk* não atinge a altitude necessária para passar as montanhas. Teria de ser o *Skylane* ou o *Mirage.* Teria usado o *Mirage,* mas estava a ser reparado e, agora, isso faz-me pensar se não terá sido propositadamente danificado, forçando a utilização do *Skylane.*

— Mas porquê? Que diferença faria?

— Talvez se sinta mais familiar com aviões *Cessna.* Sei que já fez perguntas ao Bret acerca de lições de pilotagem e que Bret o encaminhou para um instrutor. Saber pilotar não é o mesmo que saber sabotar, mas mostra que estava interessado. E, seja como for, a informação não é difícil de obter. Não sei como conseguiu. Pode ter danificado pessoalmente o *Mirage* ou pode ter falado com o Dennis e descoberto que o *Mirage* estava a ser reparado. A única forma de sabermos ao certo será perguntando ao Dennis ou ir directamente à polícia e deixar que sejam eles a fazer as perguntas. Seria essa a minha opção.

— Quando nos resgatarem... — começou Bailey, mas ele abanou a cabeça, interrompendo-a.

— Bailey... não virá ninguém. Ninguém sabe onde estamos.

— O TLE. Disse que o TLE...

— Está morto. A bateria está gasta. Ou o TLE também foi sabotado. Seja como for, não funciona. Nem posso ter a certeza de que o rádio funcionava naqueles últimos momentos. Sei que funcionava no início do voo, mas, pensando no assunto, não me consigo lembrar do último momento em que ouvi o controlo de tráfego aéreo.

— Mas como se poderia programar isso? — perguntou. — Como se pode fazer um rádio parar de funcionar num determinado momento? Como poderia alguém saber onde estaríamos quando se esgotasse o combustível?

— Determinar a localização seria simples matemática. Um boletim meteorológico permitiria conhecer os ventos, viajaria a velocidade normal, o *Skylane* tem um alcance conhecido. Não se poderia determinar a nossa posição exacta, mas alguém inteligente poderia calcular o tamanho que o saco deveria ter para bloquear X litros de combustível e garantir que tínhamos o suficiente para chegar às montanhas. — Ergueu a cabeça e olhou em redor para o silêncio majestoso da paisagem incrivelmente agreste. — Diria que as montanhas seriam um elemento crucial no plano. Um local remoto onde os destroços do avião teriam poucas probabilidades de serem localizados Hells Canyon é muito remoto. Os percursos de caminhada não abrem até ao mês que vem e não há ninguém nas

montanhas que pudesse ver o avião cair e dar à equipa de salvamento uma ideia acerca do local onde procurar.

— Como sabe que era eu o alvo? — perguntou, desolada, sentindo-se morrer por dentro. — Como sabe que não era você?

— Porque deveria ter sido o Bret o piloto — respondeu. — Queria ser ele, mesmo estando doente. Karen ligou-me para casa no último minuto para o substituir porque era demasiado teimoso para admitir que não estava em condições de voar. Aceite os factos, Bailey. — Terminou com uma nota de impaciência na voz.

— Então... — Sentiu dificuldades para falar e a náusea erguia-se-lhe na garganta. Engoliu, tentando retomar o controlo da voz. — Então você foi o...

— Fui o sacana azarado a quem calhou morrer consigo. Isso mesmo.

As palavras fizeram-na estremecer e sentiu lágrimas de ódio ardendo-lhe nos olhos. Não choraria. Não permitiria que acontecesse.

— Bolas — disse ele, amparando-lhe o queixo com a mão fria e in-clinando-o para cima. — Quis dizer que ele veria as coisas assim. E não eu.

Bailey conseguiu esboçar um sorriso ténue mas suficientemente convincente, apesar de a dor crescer no seu interior. Lidou com ela como sempre fizera, trancando-a em lugar seguro.

— Precisa de ver as coisas assim. Teve a má sorte de substituir um amigo e isso quase o matou.

— Há outro ângulo.

— Ah sim? Não me parece.

Não estava preparada para a mudança na sua expressão, ultrapassando o frio e transformando a raiva dos minutos anteriores em algo que seria quase mais alarmante. O seu olhar inflamou-se, a boca curvou-se como a de um predador aproximando-se da presa. Ajustou os dedos sobre o seu queixo de forma a que o polegar lhe tocasse o lábio inferior e o abrisse um pouco.

— Se não tivesse escapado à morte por muito pouco — disse ele — poderia nunca ter descoberto que o seu número de cabra fria era apenas isso. Um número. Considere-se desmascarada, querida. E não pode voltar atrás.

21

Bailey emitiu um ronco de desprezo, feliz pela distracção momentânea e suspeitando que fora esse o motivo para ter mudado o rumo da conversa.

— A esse respeito, achei que era um rabugento arrogante. — Sabia que não tinham dito tudo o que havia para dizer acerca da sua tentativa de homicídio, mas precisava de tempo para absorver os pormenores, para acalmar as emoções.

— Ah sim? — Puxou-lhe o lábio inferior antes de a libertar. — Discutiremos isso mais tarde. Teremos muito tempo. Afinal, não sairemos daqui até passar um dia ou mesmo dois.

Bailey olhou em redor. Era estranho como tudo se tornara familiar e como se sentia segura ali, por comparação com o que sentiria quando se aventurassem sozinhos. Havia o abrigo. Não podiam levá-lo consigo e pensar em construir um novo todos os dias era aterrador. Por outro lado, não havia comida ali em cima. Se ninguém os viesse resgatar, teriam de se salvar a si próprios e isso implicava sair daquela montanha gelada antes de ficarem demasiado fracos para conseguir fazê-lo.

— Muito bem — disse, pondo as mãos nos ombros. — Vamos preparar-nos.

Viu-o erguer os lábios daquela sua forma característica.

— Tenha calma, disse ele. Acho que não conseguiria chegar muito longe hoje e talvez nos faça falta mais um dia para nos adaptarmos à altitude.

— Se esperarmos mais um dia, vamos ficar sem comida antes de partirmos — referiu ela.

— Talvez não. Se conseguirmos encontrar o meu casaco. Guardei um par de barras de

cereais no bolso. Não o referi antes porque nenhum de nós seria capaz de o procurar. Além disso, esperava que fôssemos resgatados e não precisaríamos delas.

Um par de barras de cereais duplicaria as suas provisões de alimento e poderia significar a diferença entra vida e a morte. Além disso, Cam precisava também de um casaco, de qualquer casaco, antes de começarem a marcha. Pensar em roupa desviou o pensamento de Bailey para outro caminho.

— Não pode sair daqui com esses sapatos. Viu-o encolher os ombros.

— Tenho de sair. Não tenho outros.

— Talvez haja uma solução. Temos o couro que cortei dos assentos e muito fio para usar como atacadores. Não pode ser assim tão difícil fazer uma espécie de cobertura em forma de mocassim para os seus sapatos.

— Talvez seja mais difícil do que pensa — respondeu, secamente — Mas é uma excelente ideia. Vamos aproveitar o dia de hoje para nos prepararmos. Precisamos de beber tanto quanto possível, para nos hidratarmos antes de partir. Se conseguíssemos derreter neve com maior rapidez poderíamos beber mais.

— Uma fogueira seria agradável — concordou, com uma ponta de sarcasmo. A única fonte de calor de que dispunham era o seu calor corporal, que conseguia derreter a neve no frasco de elixir bucal, mas com lentidão. — É pena que nenhum de nós tenha trazido uma caixa de fósforos.

Cam ergueu a cabeça e o seu olhar tornou-se mais aguçado. Voltou-se e olhou o avião. Toda a sua postura gritava que acabara de se recordar de alguma coisa.

— O que foi? — exigiu saber Bailey, impaciente, percebendo que não diria nada. — O que foi? Se me disser que tem uma caixa de fósforos escondida algures naquele avião, juro que lhe tiro a minha roupa toda.

Parou por um momento, pensativo.

— É possível que essa seja a ameaça mais peculiar que alguma vez me fizeram. — De seguida, dirigiu-se para o avião.

Bailey apressou-se a segui-lo, calcando a neve.

— Se não me disser...

— Ainda não há nada a dizer. Não sei se funcionará.

— O quê? — gritou para as suas costas.

— A bateria. Talvez consiga fazer fogo com a bateria se não estiver demasiado descarregada e se o tempo não for demasiado frio. Tanto quanto sei, pode estar vazia. Ou danificada. —

Começou a afastar os ramos que cobriam os destroços.

Bailey pegou num ramo e começou também a puxar. As hélices não giravam aquando do embate e as árvores sofreram danos menores do que teriam sofrido de outra forma, mas isso significava que havia menos ramos partidos, dificultando a sua remoção. Onde estava uma machada quando precisava dela?

— Consegue fazer fogo com uma bateria? — perguntou ela, ofegante, enquanto o ramo voltava à posição inicial. Cerrou os dentes e voltou a atacar.

— Claro. Gera electricidade e electricidade equivale a calor. É uma visão simplista, mas se restar carga suficiente na bateria... — torceu um ramo até o partir e lançou-o para o lado. — Posso ligar um pedaço deste fio a cada um dos pólos e, depois, a um outro pedaço de fio descarnado. Com sorte e carga suficiente, isto aquecerá o fio descarnado o bastante para incendiar um pedaço de papel ou ramos secos que consigamos encontrar.

— Temos papel — respondeu prontamente. — Trouxe um pequeno bloco de notas e alguns livros e revistas.

Cam parou e olhou-a.

— Porquê? Um livro é perceptível, mas ia descer rápidos. Também já o fiz e sei como é cansativo. Estaria demasiado esgotada para conseguir ler. E para que era o bloco?

— Por vezes, é-me difícil adormecer.

— Ter-me-ia enganado. — Resmungou ele, puxando outro ramo. Adormeceu como uma

pedra em ambas as noites.

— As circunstâncias não são propriamente comuns, pois não? — disse, docemente. — O sono foi provocado pelo tédio.

Ele riu-se.

— Considerando o tempo que passámos a dormir ontem, é de espantar que tenhamos conseguido adormecer durante a noite.

— Creio que serão os benefícios da doença e da concussão.

Quando conseguiram desimpedir suficientemente a área para chegar até à bateria, Cam emitiu um sonoro suspiro de alívio.

— Parece estar tudo bem. Tive medo de que não estivesse, considerando os estragos que há aqui atrás.

— Consegue retirá-la?

Ele abanou brevemente a cabeça enquanto observava o metal amolgado e torcido que cobria parcialmente a bateria.

— Impossível. Só com ferramentas para cortar metal. Mas, se conseguir enfiar aqui a mão sem amputar os dedos...

— Deixe-me tentar — disse ela, prontamente, pondo-se a seu lado. — As minhas são mais pequenas do que as suas.

— E também são mais fracas — referiu ele, inclinando o ombro contra uma árvore e estendendo a mão direita tanto quanto possível. Ao fazê-lo, Bailey reparou que tinha as unhas azuladas com o frio e estremeceu. Sabia por experiência própria como era miserável e doloroso ter mãos nuas com aquele frio e vento.

— Precisa de aquecer as mãos antes que o frio lhes provoque danos irreparáveis — disse ela.

A resposta foi um daqueles roncos masculinos que poderia significar «concordo» ou «não chateie» e, além disso, não lhe prestou qualquer atenção. Não podia forçá-lo a aquecer as mãos e, por isso, limitou-se a cruzar os braços e a calar-se. Era inútil desperdiçar o seu fôlego a falar com ele. Quanto mais depressa falhasse ou tivesse sucesso, mais cedo pararia para tomar conta de si próprio.

Ele aguentou durante cerca de três segundos.

— Um caso clássico de envenenamento por testosterona — afirmou.

Cam tinha a cabeça parcialmente voltada, mas viu-lhe a bochecha erguer-se quando sorriu.

— Está a falar comigo?

— Não. Estou a falar com esta árvore. O resultado é quase o mesmo.

— Estou bem. Se conseguir fazer uma fogueira, poderei aquecer-me.

Um espírito diabólico segredou-lhe ao ouvido.

— Se tem a certeza...

— Tenho a certeza.

— Porque achei que lhe podia aquecer as mãos da mesma forma que lhe aqueci os pés, mas, se está bem... deixe estar.

As palavras pairaram no ar. Questionou-se se teria perdido o juízo, mas não podia voltar atrás e esforçou-se ao máximo para parecer casual.

Cam ficou muito quieto e recuou lentamente, endireitando-se e voltando-se para ela.

— Talvez me tenha precipitado. As mãos doem-me muito.

— Então é melhor despachar-se a fazer a fogueira — disse ela, jovialmente, fazendo um gesto com as mãos para o despachar. — Ao trabalho!

Cam lançou-lhe um olhar que dizia «há-de pagar-mas» e voltou a enfiar a mão nas entranhas do avião. O ângulo em que repousava dificultava alcançar o que quer que fosse e a presença das árvores complicava ainda mais. Finalmente, disse:

— Muito bem. Agora, vamos cortar o fio. Precisamos de ter tudo pronto antes de tentar porque, se restar carga, poderá não ser muita e teremos apenas uma tentativa.

— Que precisamos de fazer?

— Em primeiro lugar, encontrar um local tão abrigado do vento quanto possível e fazer um círculo de pedras. A seguir, encontrarmos ramos secos que possamos usar como acendalha. Talvez alguns dos que usou no abrigo para cobrir os buracos tenham secado. Duvido que encontremos alguma coisa mais seca. Se tratar disso, começarei a arrancar pedaços de casca a estas árvores.

O vento era o principal problema. Soprava por entre as montanhas, sem permitir áreas abrigadas. Por fim, frustrada, ela abriu as suas malas e ergueu-as sobre um dos lados, alinhando-as e criando uma barreira rudimentar em forma de gancho à frente do abrigo. Era uma solução imperfeita porque as malas não podiam estar demasiado perto do fogo para não se incendiarem e ofereciam apenas uma protecção parcial contra o vento.

Limpou a neve da área protegida e, em seguida, Cam usou a chave de fendas da caixa de ferramentas para quebrar a camada de gelo, escavando a terra solta com um martelo. O buraco tinha apenas alguns centímetros de ororundidade quando bateu em pedra, mas teria de servir.

Havia uma enorme quantidade de pedras soltas para rodear o buraco. Cam reuniu-as enquanto Bailey procurava madeira seca. Como previra, a madeira mais seca que conseguiu encontrar era a que usara no abrigo. De cada vez que puxava um ramo, cobria o buraco aberto com um ramo novo arrancado a uma árvore. Teriam de dormir no abrigo por mais uma noite e queria que fosse tão confortável quanto possível.

Usando o canivete, Cam retirou um pedaço da casca exterior de uma das árvores e arrancou a casca interior até conseguir encher as duas mãos com o que parecia ser material de construção para ninhos de pássaro. Cuidadosamente, dispôs a casca e pedaços de papel amarrotado arrancados do bloco de notas, sobrepondo as acendalhas e alguns pedaços de madeira maiores por cima.

— É madeira verde. Não arderá com grande intensidade, mas, pelo menos, não arderá rapidamente — disse. Bailey pensou que seria positivo se conseguissem que ardesse de qualquer forma, mas achou melhor não o dizer.

Se a bateria funcionasse, necessitariam de alguma forma de trazer a chama do avião até junto do abrigo. O vento era incessante, o que significava que Cam não podia limitar-se a passar a chama para uma folha de papel. Bailey despejou o material de primeiros socorros da caixa de metal verde e entregou-lha. Usando novamente a chave de fendas, Cam abriu buracos numa das extremidades da caixa, cobriu o fundo com terra solta, arrancou algumas agulhas a uma das coníferas e colocou-as sobre a terra. Enrolou outra folha de papel e cortou uma tira de gaze, enfiando-a dentro da bola de papel.

Bailey observou em silêncio. Parara de falar durante a meia hora anterior porque os preparativos eram demasiado importantes. Ter uma fogueira era demasiado importante. A possibilidade quase a alegrava.

Restava o fio. Cam arrancou por completo o isolamento de um pe-uaço curto e descarnou as extremidades de dois pedaços muito maiores. A seguir, uniu uma extremidade de cada um dos pedaços mais longos ao Pedaço curto, torcendo os fios de cobre reluzente para uni-los.

Aproximaram-se do avião lado a lado. Bailey segurava a caixa e Cam levava os frios.

— Se isto funcionar, quando o papel começar a arder, feche a tampa e leve a caixa para junto do abrigo — instruiu. — Terei de retirar os fios à bateria para não desperdiçarmos energia. Poderá ser necessário voltar a repetir o processo. Enrolar o papel abrandará a chama. Terá bastante tempo para chegar ao abrigo. Pode ir ateando a fogueira.

Respondeu com um aceno afirmativo. Sentia o coração bater com tanta força que quase a deixava agoniada. Funciona, por favor, implorou eni silêncio. Precisavam daquilo com tanta urgência.

Manteve-se a seu lado, segurando um dos fios isolados e posicionando-o de forma a que a extremidade descarnada tocasse num canto da folha de papel. Cam precisou de se entalar entre uma árvore e os destroços, cerca de trinta centímetros acima do solo, para conseguir alcançar a bateria com as duas mãos e prender os dois fios longos, um ao pólo positivo e o outro ao negativo. Quando terminou, permaneceu nessa posição, com os olhos astutos fixos na caixa de primeiros-socorros nas

mãos de Bailey.

Esta tentava não tremer enquanto segurava o fio junto ao papel.

— Quanto tempo vai levar?

— Dê-lhe uns minutos.

Sentiu que passava uma hora. O tempo arrastava-se enquanto observavam o papel com a agonia da antecipação, esperando ver um fio de fumo, uma mancha negra, rezando para que acontecesse alguma coisa.

— Por favor, por favor, por favor — ia repetindo Bailey em voz baixa. Não acontecia nada. Fechou os olhos porque não aguentava mais. Talvez, se não olhasse, o papel começasse a fumegar. Era uma esperança infantil, um pensamento tolo, como se o seu olhar impedisse o sucesso do esforço.

— Bailey! — Cam elevava a voz.

Sobressaltada, abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi o fino e delicado fio de fumo, tão transparente como uma miragem. Serpenteava para cima quase hesitante, sendo disperso pelo vento. Rapidamente, mudou um pouco de posição, aproximando mais a caixa da protecção do corpo.

Uma mancha castanha começou a crescer no papel, espalhando-se até à gaze no interior. Uma chama luminosa e minúscula começou a dançar sobre a gaze. As arestas do papel começaram a curvar-se enquanto ardiam.

— Vá — disse Cam e, com cuidado, Bailey fechou a tampa quase por completo, apressando-se a chegar até ao local que haviam preparado para a fogueira. Ajoelhando-se junto à pirâmide atarracada de acendalhas, papel e madeira, abriu a caixa com cautela, tentando escudar tanto quanto podia a frágil chama. O papel estava consumido pela metade.

Cuidadosamente, deixou sair o papel da caixa, colocando a extremidade que ardia no ninho de casca arrancada e papel, ao centro da pirâmide.

Com uma faísca, a pequena e adorável chama tornou-se mais brilhante e mais alta, saltando até envolver todo o papel e, depois, a casca. Enquanto observava, os pequenos ramos que serviam de acendalha começaram a fumegar e a brilhar quando foram tocados pela chama.

Começou a rir-se, tão deliciada que achou poder também começar a horar. Voltou-se para ver Cam descendo até ela, exibindo um amplo sorriso. Com um grito de alegria, saltou e correu para ele, lançando-se nos seus braços. Cam apanhou-a, ergueu-a do chão e fê-la rodopiar um pouco.

— Funcionou! — disse Bailey, quase guinchando, abraçando aqueles ombros largos e rodeando-lhe a cintura com as pernas para melhor se apoiar.

Cam não disse nada. As suas mãos seguraram-lhe o rabo, puxando-a mais para ele. Uma erecção dura como pedra pressionou avidamente a macieza entre as pernas dela. Sobressaltada, olhou para cima, com o riso quebrando-se a meio. Viu que ele a fitava com olhos cinzentos vivos, reluzindo de calor e desejo e, a seguir, beijou-a.

22

Tinha os lábios frios, mas havia calor no beijo, uma avidez irresistível e uma perícia que provocou nela uma reacção imediata. O alarme habitual soou-lhe no cérebro, mas, de alguma forma, era menos urgente e, pela primeira vez em muito, muito tempo, talvez desde sempre, ignorou-o. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e retribuiu o beijo, abrindo os lábios perante a insistência dos seus e permitindo que a ligeira penetração da língua dele a provocasse a retribuir.

Sentiu-se dominada por uma mistura confusa de culpa e prazer. Não fora sua intenção precipitar aquilo, não pretendera percorrer aquele caminho e, no entanto, agora que percorria, pretendia seguir em frente.

Sabia que devia baixar as pernas que lhe rodeavam a cintura, assumindo uma postura menos sexual, mas não o fez. Sentir a intensidade da sua reacção era excitante e o prazer cativante do que a

esperava, se conseguisse descontrair e deixar-se levar, era um canto de sereia tentador. Além disso, havia o simples prazer de ser abraçada, a necessidade muito humana ue contacto físico. Passara tanto tempo faminta e, subitamente, não consegue continuar a negar-se esse prazer.

Dormira nos braços dele e ele nos seus durante duas noites e pensou que a proximidade física tivesse resultado de uma necessidade de partilha e de calor corporal para permanecerem vivos, mas essa crença não diminuiu a confiança elementar e o sentimento de união formado durante essas horas longas e escuras. Nunca antes o sentira, nunca antes o quisera. A melhor forma de salvaguardar as suas emoções fora manter as pessoas à distância confiando apenas em si própria. Aprendera-o com lições precoces e duras.

No entanto, ali estava ele, próximo, forte e quente e não queria libertá-lo.

Foi ele a interromper o beijo, erguendo a boca e baixando até ela um olhar de pálpebras pesadas. As manchas negras por baixo dos olhos e os arranhões na face deveriam ter diminuído a potência daquele olhar, mas, de alguma forma, isso não sucedeu. Ardia nos seus olhos uma determinação tórrida, prometendo mais. As mãos dele continuavam a segurar-lhe o rabo continuando a pressioná-la contra o seu pénis intumescido num ritmo lento que lhe acelerava o coração e lhe tornava a respiração ofegante. A seguir, os cantos da sua boca ergueram-se num sorriso.

— Odeio ter de interromper isto — disse ele —, mas estou prestes a cair.

Bailey fitou-o sem perceber durante um segundo.

— Bolas! Esqueci-me! Desculpe... — Enquanto falava, apressou-se a afastar as ancas das pernas dele e deslizou para o chão, com a face ruborizada. Como poderia ter-se esquecido que estava fraco? Ainda no dia anterior, mal fora capaz de se mover pelos seus próprios meios!

Viu-o cambalear um pouco e colocou-lhe o ombro por baixo do braço, abraçando-lhe a cintura para o manter de pé.

— Não acredito que me esqueci — murmurou, ajudando-o a aproximar-se do fogo.

— Pessoalmente, ainda bem que se esqueceu. Gostei muito, mas o pouco sangue que me resta desceu e senti a cabeça leve por um minuto. — Piscou-lhe o olho enquanto deixava que o ajudasse a sentar-se à frente da fogueira. A única coisa em que podiam sentar-se era o saco de lixo *com* roupas que usavam para tapar a entrada do abrigo, mas, já que usavam as suas roupas para tudo, porque não usá-las como banco?

— Isto sabe tão bem — gemeu ele, estendendo as mãos para a chama e Bailey olhou, surpreendida.

Também se esquecera do fogo. Como seria possível? Fora a excitação pela fogueira que a fizera correr para ele. Mas, assim que a beijara, tudo o resto que tinha na mente se eclipsou. E se a chama começasse a fraquejar. E se precisasse de ajustar as malas para a proteger do vento? Aquela fogueira era preciosa. Deveria tê-la vigiado, cuidado dela em vez de saltar para os braços de Cam Justice, cavalgando-o como se fosse um potro de *rodeo.*

— Sou uma idiota! — murmurou, vendo o fumo erguer-se antes o ser dissipado pelo vento. Os ramos mais verdes haviam começado a arder o fumo era intenso, muito mais intenso do que teria sido com uma fogueira realmente aceitável, mesmo que aquela fosse perfeitamente milagrosa. — Devia vigiar a chama.

— Mas não nos teríamos divertido tanto — referiu ele. — Pare de se massacrar. Não é responsável pelo mundo.

— Talvez não, mas se esta chama se tivesse apagado nenhum de nós ficaria feliz. — Mantendo-se tão próxima quanto ousava, estendeu cautelosamente as mãos. Conseguia sentir o calor da fogueira na face e a sensação era tão agradável que quase gemeu. As pessoas viam como adquiridas coisas como o calor, a comida e a água. Não lhe parecia que voltasse a viajar sem uma caixa de fósforos à prova de água na bagagem, bem como outros apetrechos, tal como um telefone-satélite. E roupa interior longa e impermeável. E algumas dúzias de embalagens de rações de combate.

— Teríamos sobrevivido. Vivemos sem fogo durante dois dias. Apenas nos torna um pouco

mais confortáveis.

Fisicamente, talvez, mas era um enorme incentivo à sua moral, que sofrera já alguns golpes severos naquele dia e a manhã ainda ia a meio.

— No entanto — reflectiu Cam —, gostava de me ter lembrado da bateria há mais tempo.

— Porquê? Nenhum de nós seria capaz de fazer alguma coisa — referiu ela. — Estava demasiado ferido para se mover e eu demasiado doente.

— Se soubesse qual seria a compensação por atear uma fogueira, ter-me-ia arrastado nu sobre a neve para chegar à bateria.

Bailey não conteve uma gargalhada. O ridículo da imagem era demasiado para conseguir resistir. Não no que dizia respeito à nudez, porque lhe pareceu que seria um espectáculo digno de se ver, julgando pelo que já vira, mas ao facto de alguém estar disposto a arrastar-se nu sobre a neve por um beijo.

Cam estendeu o braço e pousou-lhe os dedos sobre a cintura, segurando-a pelo cós das calças.

— Sente-se — instruiu. — Precisamos de conversar.

Havia um tom férreo de comando na sua voz. Bailey ergueu as sobrancelhas.

— Esse tom de voz deveria fazer-me bater os calcanhares e pôr-me em sentido?

— Funcionou nos homens que comandei.

— Eu não sou um deles — referiu.

— Graças a Deus. Se fosse, há normas contra alguns dos planos que tenho para si. Quer saber quais são? Se quiser, sente-se.

Voltou a puxá-la. Ligeiramente atordoada, deu consigo a sentar-se a seu lado sobre o saco de lixo cheio. O conteúdo estava um pouco desnivelo e empurrou-o para um dos lados. Cam rodeou-lhe os ombros com o braço para a manter direita.

— Estou a ser honrado — disse, lançando-lhe um olhar reluzente — e faço-lhe um aviso. Mas será provavelmente a única vez. Por isso, não se habitue.

Preparava-se para perguntar o motivo do aviso, mas receou conhecer a resposta. Talvez «receou» fosse o termo errado. Estava alarmada. Perturbada. Amedrontada. E, acima de tudo, excitada.

— Quando achei que seríamos resgatados, esforcei-me ao máximo para a afastar — disse ele, casualmente, como se discutissem o mercado bolsista. — Soube que voltaria ao seu mundo, capaz de assumir o controlo e de me evitar se avançasse demasiado cedo. Mas agora, sei que não virá ninguém e que a terei só para mim durante dias, talvez semanas. É justo que lhe diga que planeio despi-la dentro de aproximadamente um dia, assim que descermos a uma altitude menos fria e estejamos mais fortes e em melhor condição.

Bailey abriu a boca para dizer algo, qualquer coisa, mas voltou a fechá-la porque não lhe ocorreram quaisquer palavras. Tinha a mente estranhamente vazia. Devia sentir-se.... O quê? Todas as suas reacções habituais a um avanço pareciam ter ido de férias porque não conseguia lembrar-se de uma única. Tentou novamente dizer alguma coisa, apenas para voltar mais uma vez a fechar a boca. Deveria afastá-lo, da forma que afastava as pessoas que tentavam forçar as suas defesas, e não conseguiu compreender porque não conseguia.

— Há algum motivo para estar a imitar um peixe de aquário? — perguntou ele com um pequeno sorriso, inclinando a cabeça para o lado.

Receando não ser capaz de dizer algo coerente, Bailey respondeu abanando a cabeça.

— Há perguntas?

Sentiu um milhão de perguntas rodopiando-lhe no cérebro, a maioria sem palavras, e todas impossíveis de proferir. Voltou a abanar a cabeça.

— Nesse caso, precisamos de deitar mãos à obra. Temos muitos preparativos a fazer.

Começou a erguer-se, mas foi a vez de Bailey o segurar pelo cós das calças.

— Deixei o pacote de toalhetes de aloé e a sua muda de roupa interior ali dentro — disse, indicando o abrigo. Estava feliz por a voz lhe ter voltado a funcionar, apesar de o que dizia parecer

completamente vazio. — Precisa de se limpar ou, esta noite, dorme ao relento.

Cinco minutos depois, ainda o ouvia rir dentro do abrigo.

Precisou de se esforçar para fazer a mente voltar a assuntos práticos, mas sentia-se galvanizada pela percepção do que tinha de ser feito para conseguirem sair da montanha.

Uma das primeiras coisas, como dissera Cam, seria reidratarem-se e isso implicava derreter tanta neve quanto possível e tão rapidamente como conseguissem. As pedras que colocara em redor do fogo absorviam calor, mas pareciam não ser suficientemente quentes para derreter o plástico do frasco de elixir bucal e, por isso, encheu-o de neve e colocou-o do lado de fora do círculo, apoiado contra as pedras.

A segunda coisa a fazer, em sua opinião, dizia respeito a Cam. Não estava minimamente preparado para aquele clima. Bailey trouxera muita roupa, mas nada lhe serviria. Por outro lado, talvez duas peças juntas servissem. Os seus sapatos eram o grande problema, mas tinha o couro dos assentos. Precisava de fazer um tipo de cobertura isoladora, que mantivesse a neve fora dos sapatos e facilitasse a caminhada, o que seria pedir muito, visto que não era propriamente sapateira. E não podia desperdiçar couro ao cortá-lo de uma forma que não funcionasse.

Pegou no bloco de notas e na caneta e tentou desenhar um esquema da forma como precisaria de dobrar o couro para poder trabalhar nos cortes. Arrastou a ponta da caneta ao longo do papel, mas este permaneceu em branco. A tinta estava gelada. Contendo a frustração, apoiou-a também numa das pedras quentes. Viu que parte da neve no frasco já tinha derretido. Não havia dúvidas. O fogo era uma coisa maravilhosa.

O avião fora sabotado e a lógica de Cam sobre o responsável era difícil de refutar. Seth tentara matá-la e não lhe fizera diferença matar também Cam. Era difícil de aceitar, difícil de compreender. Os dois dias anteriores tinham sido um pesadelo de dor, frio gélido e doença, de forçar os limites da sua resistência. Mas, ali sentada a observar as chamas, sentiu que o seu espírito se fortalecia. Não admirava que os homens primitivos dançassem em redor do fogo. Estariam possivelmente afectados pela alegria histérica de terem calor e luz. Inclinou-se para a frente, estendendo os braços e sentindo o calor na palma das mãos. Nunca, jamais, voltaria a ver o calor como algo garantido.

Sentiu-se melhor. O inchaço e a vermelhidão no braço tinham diminuído. Cam estava melhor. Ninguém viria salvá-los e teriam de se salvar a si próprios. Pela primeira vez, sentiu-se confiante de que sobreviveriam porque, agora, tinham fogo.

E, quando voltassem a Seattle, haveria contas a ajustar.

23

O escritório da *J&L* parecia uma morgue. Uma necessidade física incontornável forçara Bret e Karen a irem dormir para casa na segunda noite, mas tal como dissera Karen ao sair:

— É como sentir que o estamos a abandonar.

A Patrulha Aérea Civil não encontrara nada nas suas buscas. Bret pedira todos os registos de serviço do *Skylane* e, juntamente com Dennis, o mecânico-chefe, tinham-nos examinado minuciosamente, procurando algum problema por resolver que se tivesse tornado catastrófico. Não havia nada. O *Skylane* fora um avião fiável, sujeito a manutenção rotineira e à reparação de elementos menores como o sistema anticongelante da janela do piloto.

O responsável pelas buscas, um homem encorpado e grisalho chamado Charles MaGuire mostrava-se empenhado mas pessimista. Era um veterano de buscas daquele género e sabia que raramente produziam resultados positivos. Se houvesse sobreviventes, saber-se-ia quase de imediato. De outra forma, se a queda tivesse ocorrido num local remoto, os corpos ou o que deles restasse acabaria por ser recuperado eventualmente... na maioria das vezes.

— O sinal de localização foi captado... aqui pela última vez — disse, apontando um ponto a

este de Walla Walla. — Nesta área da Floresta Nacional Umatilla. Concentrámos a pesquisa aqui. Mas um PAA captou uma transmissão de *mayday* com interferências cerca de quinze minutos depois. Tinha muita estática e só se perceberam algumas palavras. Não sabemos se é o mesmo avião, mas não temos mais nada que pudesse justificar um *mayday*. Obviamente, não sabemos a velocidade ou a altitude, mas teremos de presumir que o avião estava em dificuldades quando o sinal de localização desapareceu.

— O Cam teria entrado em contacto por rádio. Não teria esperado mais quinze minutos — referiu Bret.

— Talvez tenha tentado. Terá havido também algum problema com o rádio. Não sei se um problema eléctrico poderia ter afectado ao mesmo tempo o rádio e o transmissor de localização, mas um acidente de algum tipo... Talvez tenham sido atingidos por alguma coisa.

— Se o avião conseguiu ficar no ar tanto tempo, Cam teria conseguido aterrar — disse Bret, convicto. — Estamos a falar de um tipo incapaz de entrar em pânico e que praticamente nasceu com asas.

— Se alguma coisa atingiu o avião, ele pode ter ficado ferido — disse MaGuire. — A passageira, a Sra. Wingate... será o tipo de pessoa que entraria em pânico, tornando-se inútil, ou teria tomado conta dos comandos, impedindo uma queda a pique?

— Teria tomado conta dos comandos — respondeu, de imediato, Karen. Como habitualmente, estava presente, ouvindo cada palavra. — E o rádio. Não é preciso ser um génio para perceber o funcionamento do rádio. Mas ia no banco traseiro. Teria de se inclinar sobre os bancos e sobre Cam para chegar à *manche.*

— Pode ter acontecido qualquer coisa lá em cima. Se perderam o vidro dianteiro, falamos de vento com uma velocidade tremenda, mas não se pode reduzir a velocidade o suficiente para fazer alguma diferença ou o avião despenha-se. E é provável que não soubesse como reduzir a velocidade. — MaGuire encolheu os ombros. — A questão é que algo de muito errado se passou com o avião. Podemos pensar em cenários, mas não sabemos o que foi, apenas que aconteceu alguma coisa. Se pegarmos no ponto onde o sinal de localização foi interrompido e fizermos uma estimativa da distância que poderão ter percorrido até ao *mayday,* alargamos a área de buscas até HelTs Canyon. É uma área enorme e das mais acidentadas do país. Os meus homens estão no ar durante todo o dia, mas isto vai levar tempo.

Bret era membro da Patrulha Aérea Civil, mas vários motivos o excluíam das buscas, o mais premente dos quais era o facto de a *J&L Transporte Aéreo Executivo* não ter fechado as portas com o desaparecimento do avião de Cam. Havia que manter o negócio funcional e pensar nas pessoas que dele dependiam para viver. Não voara no dia anterior porque não dormira nada, mas naquele dia, tinha de pilotar um voo *charter.* Karen recusou-se a deixar que a empresa parasse, mesmo com olhos inchados de chorar e mesmo que, a intervalos regulares, corresse para a casa de banho para sucumbir às lágrimas. Bret faria o voo que marcara ou teria de a ouvir.

— Também existe a possibilidade de o avião ter sido sabotado — disse Karen a MaGuire, lançando um olhar de desafio a Bret. Mantinha-se fiel à sua teoria, independentemente do que Bret dissesse. Viu-o apertar a cana do nariz em desagrado.

MaGuire pareceu sobressaltar-se.

— O que a leva a dizer isso?

— O enteado da Sra. Wingate ligou no dia anterior ao voo, fazendo perguntas. Nunca o fez antes. Não têm relações amistosas e isso é um grande eufemismo. É ela que controla o dinheiro todo e ele quere-o.

Coçando a face, MaGuire olhou brevemente para Bret.

— É sugestivo, mas não quererá dizer nada por si só. O enteado poderá ter tido acesso ao avião e saberia como sabotá-lo de forma que ninguém se apercebesse antes do voo?

— Tem alguns conhecimentos de aviação — disse Bret. — Creio que teve algumas lições de pilotagem. Mas, quanto a saber ou não o suficiente. — encolheu os ombros.

— Poderá ter contratado alguém — interpôs-se Karen, irritada. — Não disse que foi ele a

fazê-lo.

— É verdade — admitiu MaGuire. — E quanto ao acesso? Bret passou a mão pela cara.

— É um aeródromo pequeno. Usado sobretudo por aviões privados e pelo nosso serviço de aluguer. Há uma cerca em redor e câmaras de vigilância, mas nada como o que existiria num aeroporto comercial.

MaGuire caminhou até à janela e olhou para fora, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— É melhor não pensar em mão criminosa. E posso dizer que, nos anos em que tenho feito isto, nunca vi nada que me fizesse pensar que um avião foi sabotado. Até alguém apresentar provas, não vejo motivo de preocupação. Por outro lado, é sempre bom pensar na segurança. Há alguém aqui vinte e quatro horas por dia?

Bret olhou Karen. Viu que ela semicerrava os olhos e que assumia uma pose beligerante, mas não disse nada. Calculou que, se MaGuire trabalhasse ali, a sua correspondência pessoal desapareceria durante o milénio seguinte.

— Por vezes. Depende. Os mecânicos podem trabalhar até tarde ou podemos ter um voo marcado. Pode chegar ou partir um avião privado. Diria que não há um padrão previsível.

— Não saber quando poderia aparecer alguém tornaria difícil planear algo assim. Sem, digamos, um buraco na cerca ou uma entrada forçada no terminal, creio que não deveremos seguir essa linha de investigação. Seria mais proveitoso dirigir os recursos disponíveis para a localização do local da queda.

Era a reacção correcta de um homem habituado a tomar decisões difíceis, mas Karen não gostava de ver a sua teoria rejeitada. Aceitara que Cam estava morto, mas ainda não aceitara que não houvesse alguém que pudesse culpar.

— Então enfiem a cabeça na areia — exclamou, saindo do gabinete de Bret com passos apressados.

Bret suspirou e deixou-se cair sobre a cadeira.

— Desculpe — murmurou. — Tem tido dificuldades para aceitar isto. Acho que ambos tempos. Examinei a folha de serviço do *Skylane* e o registo de reparações juntamente com o mecânico à procura de alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse indicar o que correu mal. É difícil sem saber o que aconteceu.

— Lamento — disse MaGuire. — Gostava de poder fazer mais. Estas situações, em que sabemos que partiram mas não conseguimos encontrá-los, são as mais difíceis de enfrentar. As pessoas precisam de saber. De urna forma ou de outra, precisam de saber.

— Sim — respondeu Bret, com pesar. Como se o gesto fosse automático, pegou no dossier do *Skylane* e voltou a abri-lo, folheando cada cópia dos relatórios de manutenção, os registos de abastecimento, a miríade de pedaços de papel exigida por cada avião. Karen tinha tudo em suporte informático e com cópias de segurança num banco de dados online, mas, nos primeiros tempos, tinham perdido os arquivos devido a uma catástrofe informática e tratar dos impostos fora um pesadelo. Desde então, passaram também a manter arquivos em papel por mais que fosse redundante e arcaico. Bret e Dennis compararam cada relatório com o ficheiro informático correspondente, procurando algo que tivesse sido deixado de fora ou registado de forma incorrecta, sem dizer uma palavra a Karen porque lhes arrancaria a cabeça pela ousadia de sugerirem que ela cometera um erro.

MaGuire observou-os com compreensão, conhecendo a dificuldade de aceitar que, por vezes, as coisas aconteciam sem explicação.

Subitamente, Bret endireitou-se e folheou o dossier até ao início. MaGuire franziu o sobrolho, interpretando a sua linguagem corporal e posicionando-se a seu lado.

— Não me diga que achou alguma coisa.

— Não sei — respondeu Bret. — Talvez tenha lido mal. Era o registo de abastecimento da manhã em questão. — Retirou a terceira página a contar do início e olhou-a. — Isto não está bem! — exclamou. — Isto não está nada bem!

— O quê?

— Isto! Olhe para o número de litros. É impossível. MaGuire olhou o registo.

— Cento e quarenta e sete litros.

— Sim. A capacidade utilizável do *Skylane* é de trezentos e trinta litros. Não faz sentido. A ordem era abastecer os tanques até ao limite. Completamente abastecido, teria de pousar em Salt Lake City para voltar a abastecer. É impossível que tenha descolado com menos de metade do que necessitaria para chegar lá. Mesmo que o tivesse feito, quando visse a leitura, teria comunicado por rádio e reabastecido em Walla Walla. Não teria seguido viagem.

— Sim. — MaGuire olhou o registo com consternação, pensando em silêncio. Karen aproximara-se da porta e manteve-se ali, observando e ouvindo, com cada célula do corpo alerta. — Precisamos de entrar em contacto com a empresa de combustíveis e descobrir o que consta nos seus registos. Talvez seja um erro.

O abastecimento era da responsabilidade de uma empresa externa Uma chamada telefónica obteve a informação de que os seus registos indicavam que tinham abastecido um *Skylane* às 6:02 da manhã no dia do voo com cento e quarenta e sete litros e todos os seus registos do dia em questão batiam certo com a indicação do veículo de abastecimento. Mais telefonemas e não tardaram a falar com o operador do camião, que se limitou a dizer:

— Enchi os tanques conforme a ordem. Verifiquei a leitura da válvula e também fiz uma verificação visual. Estranhei que tivesse sido deixado tanto combustível nos tanques, mas pensei que um voo pudesse ter sido cancelado depois de o avião ter sido abastecido.

Um avião, sobretudo um avião de aluguer ou comercial, não transportava combustível desnecessário. O combustível era pesado e, quanto maior a carga, maior a potência necessária para chegar ao destino. Habitualmente, o reabastecimento era o suficiente para a viagem, apenas com uma pequena quantidade adicional para a eventualidade de uma mudança de rumo ou de um atraso na aterragem. «Pequena» era um termo relativo, claro, mas Mike, que pilotara o *Skylane* até Eugene no dia anterior, nunca teria levado meio tanque a mais do que o necessário. Para ter a certeza, Bret consultou os registos de abastecimento do dia em que Mike levara o avião. Era impossível que tivesse chegado a Eugene e regressado, deixando tanto combustível nos tanques.

— O que quer isto dizer? — perguntou ferozmente Karen. — O Cam pensou que tinha combustível suficiente para chegar a Salt Lake City, mas não tinha? Alguém mexeu no indicador de combustível? — Cerrou os punhos, com os nós dos dedos tornando-se brancos.

A face de MaGuire parecia ter adquirido rugas adicionais.

— Significa que existe a possibilidade de os tanques terem parecido cheios quando não estavam.

Bret fechou os olhos. Pareceu agoniado.

— A forma mais simples seria enfiar um saco de plástico transparente no tanque — disse a Karen. — Cheio de ar, ninguém o conseguirá ver e o tanque não levará tanto combustível como deveria. Não é complicado.

— Eu disse-vos! — exclamou ela, tremendo com a fúria acumulada. — Devia ter algo em mente ou não teria ligado naquele dia!

— Acho que devemos verificar se existem vídeos de segurança — disse bruscamente MaGuire.

24

Seth preencheu a documentação necessária para se tornar empregado do *Grupo Wingate*, encontrou-se com o seu supervisor, foi-lhe explicado a quem devia reportar e recebeu um crachá de funcionário. Soube que Grant Siebold lhe facilitou o processo. Não precisou de mijar num copo para um teste de drogas como qualquer outro candidato. Presumiu que a «omissão» seria descoberta

em data posterior, depois das drogas que fumara ou engolira terem tempo de se dissipar no seu organismo. Percebeu muito bem a mensagem. Se ignorasse aquele aviso óbvio e insistisse nos seus velhos hábitos, quando se detectasse a presença de drogas na sua urina, seria posto na rua.

Teria de fazer uma pesquisa na internet para descobrir quanto tempo a marijuana permanecia detectável. Felizmente, fumar um pouco de erva fora o máximo consumo que praticara. O seu anestésico preferido era o álcool. Mas até isso passara a estar fora de questão.

A seguir, foi às compras. Percebera qual o código de vestuário na sala de correio: calças escuras, camisa branca e gravata. Os sapatos podiam ter atacadores ou não, mas nada que se assemelhasse a calçado desportivo. Meias pretas.

Sempre desprezara os insectos corporativos e os seus aborrecidos códigos de vestuário, mas, agora, aplicava-se empenhadamente em ficar igual a eles. Conseguiu atingir o objectivo com uma visita à *Nordstrom's*, onde resistiu às opções de maior estilo. No caminho para casa, ouviu as mensagens do seu *voicemail*. A maioria era de pessoas com quem costumava sair, perguntando onde estivera na noite passada. Não ligou a ninguém. As mensagens de Tamzin foram apagadas sem se dar ao trabalho de as ouvir.

Ocorreu-lhe que não tinha comida em casa e fez um desvio pelo supermercado. Novamente, o que comprou escapou ao habitual porque nem sequer se aproximou dos corredores do vinho e da cerveja. Papas de aveia. Cereais. Fruta. Sumo de laranja. Leite. Café. O estômago dava-lhe saltos ao pensar em pôr aquilo na boca, mas sabia que tinha de comer. Bolachas salgadas e sopa de lata complementaram os seus menus planeados.

A vida como a conhecera chegara ao fim. Se conseguisse sobreviver, não podia arriscar mais escolhas erradas ou comportamentos irresponsáveis. A amargura preencheu-o, fazendo-lhe desfilar perante a vista uma parada interminável de semanas, meses e anos, todos parecendo exactamente iguais e sem prometer um único momento de alegria. Assim teria de ser. Fizera por merecer uma vida cinzenta.

Depois de regressar a casa e guardar as compras no frigorífico, despiu-se e deitou-se na cama, esperando conseguir dormitar. A noite em claro deixara-o exausto, mas não conseguia dormir. As memórias agitavam-se dentro da sua cabeça como uma coluna de formigas guerreiras em marcha.

Devia ter acabado por dormir eventualmente porque o toque do telefone o fez erguer-se e sentar-se na cama. Pegando no telefone, tentou focar o olhar na identificação de chamada. Sentiu o coração dar um salto quando reconheceu o número. Pressionou o botão e disse num tom cauteloso e incrédulo:

— Bailey?

— Bailey! — Ouviu a gargalhada cacarejante de Tamzin. — Santo Deus! Vira essa boca para lá!

Foda-se. Seth endireitou-se e colocou os pés no chão.

— Tamzin. Que raio fazes em casa de Bailey?

— Esta casa não é de Bailey — respondeu, com ferocidade. — Era a casa da nossa mãe e agora é minha. Tu não precisas de nada tão grande. Tenho família e tu não.

— Como entraste?

— Não mudou o código do alarme. Continua a ser o mesmo de quando o pai estava vivo. E, claro, tenho uma chave.

Não havia «claro» nenhum. Seth pensou que teria surripiado a chave durante uma visita, talvez mesmo antes da morte do pai de ambos.

— Sai daí — disse-lhe. — Legalmente, Bailey continua viva e não podes tocar em nada.

— Que queres dizer com isso de legalmente ainda estar viva? Não emitiram já uma certidão de óbito?

— Nunca vês as notícias? — replicou. — Ainda não encontraram os destroços. Não há cadáver. Sem cadáver nem vestígios do avião, não pode haver certidão de óbito.

— Então porque demoram tanto? De quanto tempo precisam para encontrar um avião? Não

pode ter caído no milheiral de um camponês qualquer sem que ninguém tenha dado por isso.

A onda de desprezo que o percorreu era tão intensa que teve de morder o interior da bochecha para conter as palavras. Não podia permitir que o temperamento lhe levasse a melhor. Não poderia voltar a dizer a primeira coisa que lhe viesse à cabeça sem pensar nas consequências.

Ao invés, disse:

— Se não está morta e descobre que te instalaste no que considera ser a sua casa, vai reduzir o teu envio de dinheiro a vinte dólares por mês. Podes acreditar no que te digo.

Houve uma pausa e Tamzin perguntou num tom de voz radicalmente diverso:

— Quer dizer que há realmente hipótese de voltar?

— É melhor não correr riscos. A casa não sairá daí. Se precisarmos de seis meses para que a declarem morta, continuará no mesmo sítio.

— Mas já contei às pessoas... Bom, perceberam tudo mal. Vais rir-te disto. O estúpido do irmão dela ligou... aquele que veio ao funeral do pai. Ia ter com ele a Denver. Disse-lhe que era uma cabra e que estamos felizes por ter morrido.

Oh, foda-se.

— O que disseste ao certo?

— Disse-lhe tudo. Não suportava a forma como quis ser simpático quando o nosso pai acabara de morrer. Disse-lhe que apenas idiotas se atreveriam a irritar-te e que tinha tido o que merecia.

A satisfação na voz dela era insuportável e, num repente, Seth percebeu que a irmã o odiava. Talvez pensasse que, se estivesse preso, teria o controlo completo de todo o dinheiro. Ou que poderia encomendar a sua morte para ficar com tudo para sempre. Talvez o ressentimento tivesse durado toda a vida, porque o pai deixara claro que queria que Seth lhe sucedesse no *Grupo Wingate.* Fosse qual fosse o motivo, percebeu subitamente e sem qualquer dúvida que ninguém o odiava tanto como a irmã.

— Para que saibas — disse ele, devagar —, tenho um testamento.

— E então? Não tens mais irmãos ou irmãs. — Ou seja, pretendia ficar-lhe com o dinheiro, com testamento ou sem ele.

— Se me acontecer alguma coisa, deixarei tudo à caridade. Não recebes um cêntimo. — Desligou e permaneceu sentado por um momento, tremendo. A seguir, ligou ao advogado e concretizou a ameaça.

No primeiro dia de trabalho, chegou meia hora mais cedo. Não conseguiu dormir muito e receava ficar preso no trânsito. Sentia-se estranhamente nervoso. Que dificuldade poderia haver em separar e entregar correio? Difícil seria enfrentar os olhares fixos porque tinha quase o dobro da idade do seu colega mais jovem. Pelo menos, ninguém o conheceria de vista, à excepção de alguns executivos de topo e duvidava que chegasse alguma vez a vê-los. Se levasse cartas e encomendas aos seus gabinetes, seriam os assistentes a recebê-las e não os próprios executivos. Estava grato pela barreira que os separava.

Os outros funcionários da sala do correio começaram a chegar, a maioria trazendo os inevitáveis copos do *Starbucks.* Seth nadava contra a corrente ali porque não se enquadrava no tipo do frequentador de cafetarias. O café era agradável, mas gostava dele simples e sem sabores adicionais e não seria um drama se não pudesse bebê-lo. Talvez devesse cultivar esse gosto para melhor se integrar. Ou comprar um copo da zurrapa, despejá-la algures e encher o copo com a sua mistura habitual. Pensou no tempo que durariam os copos antes de se desintegrarem.

Os outros funcionários olharam-no, não sabendo o que pensar a seu respeito. Talvez pensassem que trabalhasse nos andares de cima. Que interessava? Eram jovens e ele não. Por isso, decidiu dar o primeiro passo.

— Chamo-me Seth — disse. — Começo a trabalhar aqui hoje. Trocaram olhares. Uma das jovens, uma rapariga alta e magra com olhos frios de mangusto disse:

— Aqui? Na sala do correio?

— Isso mesmo. Mais olhares.

— Saiu da prisão ou alguma coisa parecida? «Estou a tentar manter-me fora dela.»

— Não — respondeu, casualmente. — Estive em coma durante quinze anos e acordei finalmente.

— A sério? — disse um dos tipos, parecendo espantado. — O que aconteceu?

— Inalei uma lata de *spray* antiaderente.

— Treta — disse o mangusto. — Ficaria com danos cerebrais graves depois de tanto tempo em coma.

Maldosa, mas mais esperta do que o resto dos miúdos.

— E quem disse que não os tenho? — perguntou, afastando-se.

O supervisor da sala do correio era uma mulher baixa, atarracada e grisalha com o improvável nome de Candy Zurchin e o sentido de moda de uma boneca russa. O seu guarda-roupa parecia resumir-se a casacos azul-escuros, saias cinzentas e sapatos com atacadores pretos e geria a sala do correio com uma rigidez inabalável que faria envergonhar os colégios de freiras.

Conseguiria certamente dominar todos os jovens sob o seu comando, incluindo o mangusto, que lhe dizia «sim, senhora» sempre que Candy a mandava fazer alguma coisa. E dizia-o sem sarcasmo, o que era surpreendente.

Seth conteve o ego, o orgulho e o temperamento e fazia o que lhe fosse ordenado, em silêncio e sem queixas. O trabalho não exigia grande capacidade cerebral, mas, quando olhava as tarefas de forma objectiva, conseguia perceber que era uma boa formação porque, sendo imensamente aborrecidas, exigiam também atenção ao pormenor e disciplina. O impulso para o desleixo era quase irresistível. Alguns dos funcionários estavam longe de se empenhar ao máximo. No entanto, sabia que, se fosse um executivo de topo, daria ouvidos às recomendações e comentários de Candy Zurchin.

Dois dias antes, não lhe teria prestado qualquer atenção.

O trabalho era simples: separar e entregar todas as cartas e encomendas que chegassem, recolher os envios, colocar os selos ou etiquetas adequados, empacotar o que houvesse a empacotar e encaminhar tudo no próprio dia. Uma e outra vez. Raramente havia variações e nunca terminava.

Surpreendeu-o o volume de correspondência. Aquelas pessoas não conheceriam o e-mail? Mas o email parecia limitado à comunicação entre departamentos e entre funcionários. Correspondência com contactos exteriores e coisas importantes como contratos continuavam a seguir em papel.

Talvez Siebold tivesse instruído Candy a não o deixar esconder-se na cave porque, nesse mesmo dia, mandou-o levar um carro cheio até acima com cartas, envelopes selados e encomendas.

— A maneira de aprender é fazendo — disse, bruscamente. — Os gabinetes estão marcados de forma clara. Se não encontrar alguém pergunte.

Os gabinetes em que teria de fazer as encomendas situavam-se, obviamente, nos pisos superiores. Se o reconhecimento o humilhasse e o levasse a demitir-se, Grant Siebold queria que acontecesse tão cedo quanto possível.

Seth aprendeu muitas coisas. Que os funcionários da sala do correio eram basicamente invisíveis, por exemplo. Aprendeu que uma assistente tinha unhas perfeitas porque dedicava muito tempo a cuidar delas. Aprendeu quem jogava jogos de computador. Aprendeu quem era apreciado e quem não era, algo facilmente perceptível pela disposição das assistentes. Um vice-presidente bebia no local de trabalho. Sentiu o odor inconfundível logo que entrou no gabinete, empurrando o seu carro. Também sentiu o perfume do desodorizante que fora usado para anular o cheiro. A assistente percebeu que cheirava o ar e lançou-lhe um olhar frio que dizia: «Não sabe nada, não vê nada, não cheira nada.» Acenou com a cabeça e seguiu caminho.

Aprendeu também que tinha a mania das grandezas porque ninguém o reconheceu.

25

Na mesma tarde, Cam testou as suas novas protecções de sapato feitas de couro. Eram rudimentares, os atacadores eram os dos seus sapatos com fio eléctrico a substituir o que faltava e os buracos tinham sido abertos no couro com o canivete. Mas eram eficientes. Cobriam os sapatos de cerimónia e erguiam-se acima do tornozelo. Bailey fizera-as suficientemente grandes para conseguir enfiar pedaços de tecido (sacrificara uma camisa) em volta dos pés para conseguir algum isolamento. Além disso, porque retirara os atacadores aos sapatos, conseguiu rodear os pés com tecido antes de os calçar. Tinha os pés muito mais protegidos e, graças ao fogo, estavam realmente quentes.

O dia fora extremamente ocupado, mas, estranhamente, não fora esgotante. Tinham permanecido sentados lado a lado no saco de lixo à frente da fogueira, ela trabalhando na cobertura para os sapatos, ele fazendo um trenó improvisado para arrastar equipamento precioso e também sapatos de neve rudimentares. Iam bebendo a neve no frasco de elixir bucal à medida que derretia. Porque derretia com maior rapidez agora que tinham uma fogueira, puderam beber o suficiente pela primeira vez desde a queda e a sede deixou de ser uma constante.

Bailey estava estranhamente satisfeita, sentada ao lado dele em silêncio quase completo enquanto trabalhavam. Não era por não se preocupar. Isso seria impossível. Esperava-os uma viagem longa e perigosa a que poderiam não sobreviver. As montanhas eram traiçoeiras e incrivelmente acidentadas, não tolerando erros. Mesmo que conseguissem sair dali, havia ainda o facto de alguém ter tentado matá-los e todos os indícios apontavam para Seth.

Provar que fora ele o responsável poderia ser difícil. Por um lado, as provas estavam ali, espalhadas pela encosta. Mesmo que conseguissem localizar novamente os destroços, os vestígios forenses poderiam ter já sido destruídos pelos elementos. Por outro lado, o frio poderia preservar as provas. Mas não sabia como. Precisava de encarar a possibilidade muito real de que, mesmo que tanto ela como Cam soubessem que alguém tentara matá-los, não conseguissem provar quem fora. Como poderia continuar a viver como antes sabendo isso? Como poderia encarar Seth? Não podia. Teria de renegar o seu acordo com Jim e, mesmo naquelas circunstâncias, não lhe agradava fazê-lo.

Mas tudo isso fazia parte do futuro, presumindo que teria um. Percebia que apenas o presente estava garantido. O conceito era ao mesmo tempo libertador e confortante. Não continuava a esperar um salvamento que sabia agora que não viria. Tinham um plano e punham-no em acção, confiando em si mesmos e no seu engenho, na sua determinação e força.
Aceitara a situação.

Depois de fazer as coberturas para os sapatos, começou a pensar no problema da roupa de Cam. Pegou em duas camisas de flanela (grata por ter trazido várias, antecipando as duas semanas de descida de rápidos) e abotoou-as juntas, formando um agasalho grande e feio a partir de dois. O resultado era bizarro, mas não havia outra maneira de alguma coisa conseguir abranger os seus ombros e peito largo. As mangas eram demasiado curtas e as duas mangas adicionais ficavam penduradas nas costas, mas era uma camada de protecção que não tinha antes e que não precisava de ajuste constante. Ele vestiu-a de imediato. As duas camisas não combinavam uma com a outra e o aspecto não era o mais apelativo, mas nenhum dos dois se iniportou. O que importava era o calor.

Decidiram que devia ser ela a usar o colete de penas. O facto de lhe servir era um motivo perfeitamente válido. Cam estrearia o seu poncho impermeável, que não proporcionava grande aquecimento, mas, pelo menos, escudaria o vento. Tinha algumas ideias para camadas adicionais. Precisava apenas de definir pormenores.

Manter as pernas dele quentes era um problema. Bailey podia vestir dois pares de calças de licra sobrepostos, mas ele tinha apenas as suas calças. Mesmo com a cintura elástica das calças de licra, não conseguiria enfiar-se dentro delas. Era demasiado alto e ela era demasiado magra devido a todo o exercício que fazia.

Finalmente, teve uma ideia.

— Acho que consigo fazer algo que se assemelhe a sobrecalças de vaqueiro.

Cam desviou os olhos do sapato de neve que fazia com ramos e arame, erguendo as sobrancelhas em espanto fingido.

— Não me diga que também trouxe uma pele de vaca na mala.

— Espertalhão. Pode morrer de frio só por essa. Cam inclinou-se e encostou o ombro contra o dela.

— Peço desculpa. Qual a última produção da Fábrica de Ideias?

— Tenho quatro toalhas de microfibra.

Viu-o pensar no assunto antes de acenar com a cabeça.

— Sim. Consigo perceber porque se levariam toalhas para acampar durante duas semanas. Faz sentido.

— Obrigada, Sr. Céptico — replicou ela, antes de continuar. — Se cortar aberturas estreitas ao longo dos limites, sem cortar o limite, mas cerca de um centímetro atrás, conseguirei enfiar uma tira de tecido pelas aberturas para servir de cinto e que permita atar-lhe esse lado à cintura, repetindo o processo pelas pernas abaixo. E pronto. Fica com sobrecalças.

— Para alguém que não consegue costurar, é uma rapariga bastante Prendada.

Bailey não conseguiu conter o riso.

— Acho que é irónico. Sempre detestei tudo o que tivesse a ver com agulha e fio e, agora, não apenas tenho de fazer coisas, como lhe cosi literalmente a cabeça. Não é justo.

Cam olhou o sapato de neve nas suas mãos e riu-se.

— A quem o diz. Sempre detestei a neve e o frio. E olhe para mim agora.

— Se detesta neve, como sabe fazer sapatos de neve?

— O princípio é simples. Distribuir o peso sobre uma superfície ampla. Basta fazer uma espécie de rede que se possa prender aos pés.

Bailey observou-o enquanto construía com afinco o sapato a partir de ramos de conífera mais pequenos e flexíveis, com as mãos grandes revelando-se ágeis e seguras, como se o tivesse feito milhares de vezes. Percebeu novamente uma satisfação intensa, o sentimento de que estava onde pertencia. Não presa na montanha, mas naquele momento.

A luta pela sobrevivência, por mais esgotante e enervante que tivesse sido, fora externa. Por dentro, sentira-se estranhamente liberta de tensão porque as escolhas a fazer eram simples: fazer o que precisava de ser feito ou morrer. Construir um abrigo. Manter-se tão quente quanto possível. Derreter neve para beber. Não passava disso. Não havia nada complicado na sobrevivência. Por contraste, a vida parecia ter só complicações.

Mas, ao mesmo tempo, estava desejosa por ultrapassar aquilo. Queria um duche quente. Queria uma sanita com autoclismo. Queria um supermercado.

— Sabe o que adoraria comer agora? — perguntou num tom repleto de nostalgia.

O riso levou a melhor a Cam. A mente de Bailey deambulava pela secção de legumes, tão distante do sexo que o olhou, confusa, por um momento antes de perceber o que dissera.

— Não é isso. — Deu-lhe uma palmada. — Cale-se. Pensava numa grande panela de caldo de milho com batata, a fumegar, com pedaços de presunto e queijo desfiado por cima. — Sentiu água na boca, faltando-lhe apenas saborear o prato para completar a experiência.

Cam limpou as lágrimas de riso dos olhos e disse:

— Eu prefiro carne. — O olhar reluzente que lhe lançou fê-la perceber que não pensava em costeletas e sentiu-se corar.

Empurrou-o, tentando fazê-lo cair do saco.

— Saia! Afaste-se de mim, seu porcalhão de mente suja.

— Culpado — disse, sem se mover um centímetro. — De todas as acusações.

— Estou a falar a sério! Vá-se embora. Vá experimentar as botas. Ainda se ria quando ele se ergueu e se afastou. Bailey viu-o encaminhar-se para o avião, demorando inconscientemente o olhar no seu rabo e pernas longas antes de perceber o que fazia, forçando-se a desviar os olhos.

Apesar de não ser necessário, decidiu acrescentar mais um pedaço de lenha à fogueira.

Seduzia-a, percebeu. Seduzia-a realmente, usando palavras, o riso e a confiança forçada que existia entre os dois. Não conseguia afastar-se dele, não conseguia bloqueá-lo porque a sobrevivência dependia da sua proximidade, da sua cooperação.

Talvez devesse permitir que o fizesse, sussurrou a sua cautela inata, que ele tivesse sexo com ela. O processo de sedução pararia. Deixaria de ser necessário. Se lhe desse sexo, pararia com a ofensiva sobre o seu coração porque pensaria já ter ganho. As emoções permaneceriam a salvo.

Nunca se apaixonara, nem quisera apaixonar-se. Pela primeira vez na sua vida receava que esse perigo existisse, receava que Cam Justice conseguisse aproximar-se o suficiente para lhe provocar estragos quando seguisse em frente. Estava encurralada pelas circunstâncias e essa percepção era assustadora. Não conseguia afastar-se dele e não conseguia ser-lhe indiferente. Se fosse qualquer outro homem, conseguiria, mas ele era-lhe transparente. Não sabia como, mas era. De alguma forma, revelara-lhe demasiado e não havia forma de voltar atrás.

Detestava sentir-se vulnerável. Detestava a suspeita de que, num par de dias, gostaria mais dele do que alguma vez gostara de outro ser humano, talvez com a excepção do seu irmão e isso era totalmente diferente.

A vontade de seguir Cam com o olhar era enlouquecedora, como uma comichão. Acabou por ceder e viu-o agachar-se para examinar a asa direita. Não se via grande coisa do seu cabelo porque continuava a ter a cabeça rodeada com a ligadura, mas, pelo menos, isso protegia-o do frio. Parecia um pedinte, com o vestuário desconexo, a maior parte do qual enrolara em seu redor em vez de o vestir, mas, mesmo assim, mantinha o porte de alguém que estivesse fardado porque não se importava com o aspecto que tinha. Não o incomodava ter de usar roupas de mulher, mesmo que a selecção disponível de calças de licra e camisas de flanela não fosse propriamente feminina. Bailey suspeitou que não o incomodaria mesmo que tudo o que trouxera estivesse adornado com folhos. Que conseguiria um folho quando confrontado com aquele tipo de autoconfiança?

De repente, viu-o ajoelhar-se e começar a enfiar-se por baixo da asa. Alarmada, pôs-se de pé. Estaria doido? O avião não se movera durante aquele tempo todo, mas isso não queria dizer que não pudesse acontecer, sobretudo quando se movia por baixo, puxando-o e dando encontrões.

— O que está a fazer? — gritou, apressando-se a chegar junto dele, determinada a arrastá-lo se ele não viesse voluntariamente.

Cam rastejou para fora, arrastando algo preto consigo e com a cara ferida decorada com um sorriso.

— Encontrei o meu casaco — disse, em tom triunfal.

O avião era preto. O casaco era preto. Sobre a neve, confundindo-se com o fundo de metal negro amolgado e sombras escuras, o tecido permanecera invisível. Era óptimo que tivesse um casaco, mas apenas se importava com...

— As barras ainda estão no bolso? — perguntou ela, sem disfarçar a urgência.

Ele passou a mão sobre o bolso, sem parar de sorrir.

— Sim.

— Comemo-las agora ou de manhã? — Estava tão faminta que se achou capaz de comer meia vaca.

— De manhã. Para termos energia. Podemos dividir outra barra de chocolate hoje. Seja como for, passaremos a noite a dormir.

Bailey suspirou. Tinha razão. Detestava ter de concordar. De qualquer forma, era provável que as barras de cereais estivessem congeladas. Seria melhor deixá-las descongelar durante a noite.
Cam sacudiu a neve do casaco e Bailey tirou-lho das mãos. Precisaria de secar antes que o pudesse usar, mas tinham uma fogueira e poderiam secá-lo. Ele devia ter pensado o mesmo porque o viu erguer os olhos para o céu.

— É melhor juntar mais lenha enquanto temos luz. Há mais alguma coisa que precise de fazer?

— Acho que tenho de trabalhar nas suas sobrecalças de toalha. Não demorará muito, talvez meia hora. A propósito, que tal as coberturas dos sapatos?

— São perfeitas. A neve não entrou e consigo apoiar melhor os pés. — Ele colocou-lhe a mão sobre a nuca e aproximou-a para um beijo rápido que, por algum motivo, se prolongou. A seguir, afastou-se e encostou cuidadosamente a testa à dela. — Vamos terminar tudo para podermos ir para a cama.

26

Bailey receou que, ao falar em «cama», Cam tivesse mais em mente do que apenas «dormir», mas não só era um estratega demasiado bom para isso» como também era realista acerca da sua condição física. Comeram meio *Snickers* cada um, beberam água, escovaram os dentes e recolheram ao abrigo. A fogueira crepitava lá fora, fazendo penetrar uma luz difusa pelas paredes de ramos do abrigo e, pela primeira vez, a escuridão no interior não era completa. O calor que vinha de fora não podia ser muito, mas ou era o suficiente para fazer a diferença ou o impulso mental do fogo fê-los pensar que se sentiam mais confortáveis.

No entanto, o calor vago não era suficiente para tornar desnecessária a partilha de calor corporal. Rodeando-o com os braços, Bailey teve consciência de que, quando o fazia, aprofundava ainda mais a ligação que sentia com ele. Não podia fazer mais nada, não tinha forma de abandonar aquele caminho, nem forma de evitar o abismo emocional que se abria à sua frente. Mesmo que soubesse que caminhava para uma queda, podia apenas gozar o passeio.

Apesar de estar mais confortável a nível físico, o sono foi-lhe difícil. Dormitou, mas acordava de cada vez que ele deixava o abrigo para alimentar a fogueira. Numa ocasião, acordou sobressaltada quando ele a abanou, dizendo:

— Bailey. Bailey. Acorde. Está tudo bem, querida. Acorde.

— O que...? — perguntou ela, grogue, apoiando-se vagarosamente sobre o cotovelo e vendo-o à luz ténue. — O que se passa?

— Diga-me você. Estava a chorar.

— Estava? — Passou a mão pelas bochechas húmidas. — Bolas — exclamou, antes de voltar a deitar-se a seu lado. — Não se passa nada — murmurou, com embaraço. — Acontece-me às vezes.

— Chorar enquanto dorme? Estava a sonhar com quê?

— Com nada, tanto quanto me consigo lembrar. — Ergueu um ombro num gesto que esperou fosse visto como expressão de tranquilidade.

— Acontece. — E era estúpido. Detestava chorar, mas, quando não havia motivo, as lágrimas tornavam-se particularmente irritantes. Faziam-na parecer fraca, algo que não conseguia suportar. Voltou-se de costas para ele e apoiou a cabeça no braço. — Durma. Está tudo bem.

A mão quente dele deslizou-lhe sobre a anca e repousou-lhe no estômago.

— Há quanto tempo acontece isto?

Quis dizer-lhe que acontecera toda a vida para que achasse que não tinha importância e acabasse por esquecer, mas a verdade saiu-lhe pela boca antes que o cérebro pudesse fazer alguma coisa para a impedir.

— Há cerca de um ano.

— Desde a morte do seu marido. — A mão que sentia no estômago tornou-se subitamente tensa.

Suspirou.

— Cerca de um mês depois.

— Então amava-o.

Percebeu o súbito tom seco na sua voz, a vaga incredulidade e, de imediato, sentiu-se agoniada por viver com todas as suposições e preconceitos.

— Não. Respeitava o Jim. Gostava dele. Mas não o amava e ele também não me amava a

mim. Era uma relação de negócios pura e simples. E a ideia foi sua, não minha. — Podia soar defensiva e estava realmente a sê-lo. Defensiva e farta de tudo aquilo. Ao mesmo tempo, sentiu alívio por poder finalmente discutir o assunto com alguém. A única outra pessoa a saber toda a história era Grant Siebold e raramente o via desde a morte de Jim.

— Que tipo de relação de negócios?

Não conseguia adivinhar nada no seu tom, mas isso não a preocupou. Se ele pensasse mal dela por alinhar no esquema e lucrar com ele, seria melhor que o descobrisse naquele momento.

— O Jim tinha... um toque maquiavélico. Era muito bom a avaliar pessoas, muito bom a tomar decisões inteligentes nos negócios. Calculo que tenha sido por isso que se habituou à manipulação. Não me interprete mal. Era um homem de escrúpulos. E obedecia a um código moral inabalável.

— Sempre simpatizei com ele. Era afável e simples. — O tom mantinha-se neutro.

— Gostava de trabalhar com ele. Não enganava a Lena, não via as suas empregadas como brinquedos e não precisei de erguer as defesas com ele. Era simpático, interessado, dava-me dicas de investimento, que aceitava às vezes e outras vezes não. Dizia-me que era demasiado cautelosa. Eu respondia que não corria riscos com a minha reforma. Ria-se de mim, mas interessavam-lhe as minhas opções de investimento. — Inspirou fundo e tornou a expirar. — Depois, a Lena morreu.

— E sentiu-se sozinho.

— Não foi nada disso — respondeu, irritada. — O Jim e a Lena tinham feito os testamentos anos antes, quando Seth e Tamzin eram pequenos. Como a maioria dos casais, designaram-se um ao outro como beneficiários totais, deixando ao cônjuge sobrevivente a responsabilidade de pensar no que deixar aos filhos. Apesar de o Jim ter construído uma grande fortuna, não pensou muito no testamento e nunca o actualizou. Quando Lena morreu, percebeu que tinha de o mudar, mas, olhando para os filhos, não lhe agradou o que viu.

— Não terá agradado a mais ninguém — disse Cam. — Continua a não me agradar.

— Não podíamos concordar mais. — Sobretudo porque Seth era a única pessoa na sua lista de suspeitos. — Seja como for, trabalhava no estabelecimento de fundos para cada um dos filhos quando descobriu que tinha um cancro em estado avançado. Esperou sempre que Seth despertasse para a vida, assentasse e começasse a interessar-se pela empresa, mas, quando descobriu que iria morrer, não podia correr o risco de lhe dar mais tempo. Por isso, concebeu um plano.

— Deixe-me adivinhar.

— Faça favor.

O tom sarcástico motivou-lhe um ronco.

— É uma pessoa difícil, sabia? Terá sido provavelmente por isso que a escolheu. Muito bem. Aqui vai: quis contratá-la para zelar pelos fundos dos filhos, mas, sabendo que teria de lidar com Seth e Tamzin para o resto da vida, pediu-lhe uma quantia tão alta que a única forma de pagar seria casando consigo.

Bailey passou da irritação ao riso porque gostava de ter sido assim tão esperta.

— Quem me dera ter tido essa clareza de ideias. Mas está mais ou menos certo. Recorde que o Jim era um manipulador. Estava constantemente a manobrar isto ou a ajeitar aquilo, puxando um cordelinho aqui, atirando um osso ali. Não conseguia evitar. Fazia parte da sua personalidade. Não tinha quaisquer esperanças com Tamzin, mas nunca desistiu de Seth. Achou que, se casasse comigo e me desse o controlo dos fundos, Seth iria sentir-se de tal forma humilhado e indignado que veria a luz e daria a volta à sua vida.

— Sim, isso funcionou muito bem. Se Seth viu a luz, foi a luz por cima da porta do seu clube nocturno preferido.

— Sim — concordou ela, suspirando. — Se começasse a compor-tar-se como um adulto, devia passar-lhe o controlo dos fundos, mas Seth não poderia saber dessa parte do acordo. O Jim acreditava que o filho era suficientemente esperto para fingir o que fosse necessário durante tempo suficiente para obter o controlo, voltando depois ao seu estado anterior. Estava certo de que isto funcionaria. Até agora, não funcionou.

— Não precisava de ter casado consigo — referiu Cam. — Podia ter lidado com isto pela forma como estabeleceu os fundos.

— Casar comigo fazia parte da forma que escolheu para pôr Seth na ordem. Se fosse apenas uma gestora dos fundos, Seth poderia ficar irritado, mas não se sentiria humilhado. Há vários factores em consideração: Sou mais jovem do que Seth. Ter-me-ei, supostamente, aproveitado de um homem velho e moribundo. Mudei-me para casa da mãe deles. Divulgar-se que Jim me passaria o controlo do dinheiro dos filhos deveria ter sido o empurrão derradeiro.

— Isso responde a uma questão — disse ele.

— E qual é?

— O motivo para ter casado consigo.

Não era aquele o motivo de toda a conversa? Que mais havia?

— Qual é a outra questão?

— O motivo para ter casado com ele.

Bailey achou que tinha respondido. Lançou-lhe um olhar de desagrado sobre o ombro, apesar de ser provável que ele não tivesse percebido com tão pouca luz.

— Disse-lhe que fazia parte do acordo.

— Mas porque concordou? O casamento é uma decisão extrema.

Na sua família não era. Os pais viam o casamento como uma conveniência legal, passível de dissolução sempre lhes apetecesse seguir em frente. Mas não referiu nada disso. Ao invés, disse apenas, com algum cansaço:

— Nunca tinha estado apaixonada. Por isso pensei: porque não? Estava a morrer. Faria isso por ele e, em troca, certiíicar-se-ia da minha segurança financeira.

— Então deixou-lhe dinheiro.

— Não. — O alívio esbateu-se e a conversa começava a irritá-la. — Tenho privilégios como viver na casa, ter as despesas pagas e um salário muito generoso pela gestão dos fundos. Mas não herdei nada. Todos os privilégios cessarão se voltar a casar, mas o salário mantém-se enquanto fizer o trabalho.

— Compreendo. Nem sequer perguntarei o que entende por «salário muito generoso».

— Ainda bem. Porque não é da sua conta — disse, com severidade. Cam puxou-a para mais perto e pousou-lhe o queixo sobre o ombro.

— Mas há uma coisa que me intriga. Nunca se apaixonou? A sério? A mudança de assunto deixou-a desconfortável e não conseguiu manter-se quieta.

— Você já?

— Claro. Várias vezes.

Foi a palavra «várias» que a fez estremecer. Se fosse amor verdadeiro, não seria uma única vez? O amor verdadeiro não se esbateria. O amor verdadeiro expandir-se-ia, abriria espaço para crianças e animais de estimação e para uma multidão de amigos e parentes. Não vinha com uma data de validade, depois da qual se passasse à pessoa seguinte.

— Quando tinha seis anos, apaixonei-me perdidamente pela minha professora da primeira classe, a Sra. Samms — disse, recordando, e conseguia perceber pela voz o sorriso que esboçara.

— Acabara de sair da faculdade, tinha uns grandes olhos azuis e cheirava melhor do que alguma coisa que alguma vez tenha cheirado em toda a vida. Estava comprometida com um sacana qualquer que não a merecia e tinha tantos ciúmes dele que me apetecia bater-lhe.

— Presumo que tenha sido suficientemente esperto para não tentar — disse Bailey, descontraindo. Era impossível levar a sério a paixão de uma criança de seis anos pela sua professora.

— Foi à justa. Não quis que a Sra. Samms se sentisse incomodada por lhe matar o namorado.

Riu-se ao ouvir aquilo e foi punida com um beliscão.

— Não se ria. Era sério. Quando crescesse, pediria a Sra. Samms em casamento.

— E que aconteceu a esse grande amor?

— Passei para a segunda classe. Cresci e tornei-me mais maduro.

— Claro. Maduro.

— Escolhi um interesse amoroso mais adequado na ocasião seguinte. Chamava-se Heather, era da minha turma e, um dia, levantou a saia e mostrou-me as cuecas.

Ela conseguiu conter a custo mais uma gargalhada.

— Santo Deus. A Heather era rápida.

— Nem faz ideia. Fiquei com o coração partido quando a descobri a mostrar as cuecas a outro rapaz.

— É uma grande desilusão. Espero que tenha tido forças para seguir em frente.

— Depois, aos onze... a Katie. Ah, a Katie. Conseguia bater uma bola rápida como ninguém. Mudou-se antes de eu conseguir a coragem para avançar. Mas voltou quando tinha catorze anos. Aos dezasseis, a Katie atirou-me ao chão e aproveitou-se de mim.

— Aposto que sim! Há raparigas com um descaramento!

— Era forte — disse, com seriedade. — Tive tanto medo que a deixei fazer de mim o que queria durante um par de anos.

Bailey levou a mão atrás e retribuiu-lhe o beliscão.

— Au! Isso é maneira de tratar um homem? Estou a contar-lhe como fui usado e abusado e, em vez de manifestar solidariedade, abusa-me ainda mais.

— Pobre coitado. Percebo que ficou traumatizado. Foi por isso que chamou «Charlie Brincalhão» a uma determinada parte do corpo.

— Pensei em «Joe Demorado», mas decidi seguir o coração. Bailey perdeu o controlo do riso que se acumulara.

— Justice, é tão cheio de treta que quase precisamos de a tirar do abrigo às pazadas.

— Está a rir-se das minhas provações e atribulações no campo romântico? Não sei se deverei contar-lhe o resto.

— Quantas mais houve?

— Só mais uma. E esta foi a sério. Casei com ela.

Era realmente sério e o riso desapareceu. Conseguia perceber pela mudança no seu tom de voz que já não estava a brincar.

— O que aconteceu?

— Para ser sincero, não sei. Não a enganei e acho que não me enganou a mim. Casámos enquanto estava na academia. O pai era oficial. Cresceu dentro do estilo de vida militar e sabia o que esperar. Chamava-se. chama-se... Laura. Suportava tudo. As mudanças de base para base, as separações. Acho que não conseguia lidar com a vida de civil. Foi quando saí da força aérea que as coisas se foram abaixo. Se tivéssemos filhos, acho que conseguiríamos safar-nos, mas, sem eles, tornou-se incontornável o facto de já não nos amarmos o suficiente para nos mantermos juntos.

— Graças a Deus que não tinham filhos! — exclamou ela, antes de se recompor. — Desculpe. É que... bom...

— Já passou por isso.

— Demasiadas vezes.

— Presumo que seja por isso que receia deixar-se gostar de alguém — disse, fazendo-lhe o coração acelerar violentamente no peito. Sabia porque mantinha as pessoas à distância, mas nunca revelara tanto a seu respeito a ninguém. Percebeu demasiado tarde que aquela disposição jovial lhe minara as defesas e que lhe concedera uma vantagem enorme que não hesitaria em usar.

Como se pretendesse sublinhar a afirmação, ele emitiu um som baixo de satisfação, o som de um predador cuja presa caiu na armadilha, e disse:

— Apanhei-a.

27

— **Homens!** — murmurou Bailey enquanto avançavam pela neve. — Não se pode raciocinar com eles e também não se pode matá-los.

— Eu ouvi isso — disse Cam por cima do ombro. — Além disso, não tem uma arma.

— Talvez consiga asfixiá-lo durante o sono — disse entredentes. A sua voz foi abafada pelo tecido que cobria a metade inferior da cara, mas era óbvio que não fora abafada o suficiente.

— Também ouvi isso.

— Então presumo que ouça isto: É um machista teimoso, casmurro e, se ficar tonto e cair, é provável que parta ossos mesmo que a queda não o mate e prometo que o deixarei na neve a esvair-se em sangue! — A voz subiu de tom até acabar a gritar com ele.

— Eu também gosto muito de si. — Ele ria-se e ela ficou com vontade de o pontapear.

Raramente estivera tão furiosa com alguém como estava com ele, mas também era verdade que raramente perdia a paciência. Era preciso gostar de algo para a deixar irritada, um facto que a irritava ainda mais. Não queria gostar dele. Tomara o que lhe parecera uma decisão idiota e queria ser capaz de não se preocupar e esquecer, porque era adulto e conseguiria suportar as consequências da sua idiotia. Em vez disso, estava preocupada. Preocupada com ele. E deixava a sua imaginação descontrolar-se, criando todo o tipo de coisas terríveis que lhe podiam acontecer e não havia nada que pudesse fazer para as impedir porque ele era teimoso, casmurro e um machista idiota.

Arrastava o trenó rudimentar que construíra, carregado com as coisas que decidiram ser necessárias para a viagem, juntamente com um acréscimo feito na manhã: a bateria. Tirá-la dos destroços exigira um esforço hercúleo e deixara-os pálidos e suados, devendo-se isso em grande parte ao facto de a bateria pesar quase quarenta quilos. Mas Cam testara-a, para ver se ainda tinha carga, e decidiu que a deviam levar para conseguirem fazer uma fogueira se lhes acontecesse alguma coisa.

Bailey gritara-lhe que se sairiam bem mesmo sem uma fogueira. Ele disse que não e que, quando saíssem da neve, procuraria lenha seca e poderia fazer uma fogueira com o método da fricção porque fora escuteiro e sabia como.

— Óptimo — disse. — Então pode ensinar-me como é e não precisaremos de arrastar uma bateria de cinquenta quilos! Tem uma concussão. Perdeu muito sangue. Não devia forçar-se desta forma!

— Não pesa cinquenta quilos — replicou, ignorando por completo o resto do comentário, bem como o facto de a bateria não distar muito desse peso.

Esforçara-se por a arrastar até ao trenó e o peso fizera os suportes de madeira cravarem-se na neve. Vendo que não conseguia dissuadi-lo de levar a bateria, segurou as correias e começou puxar, mas ele afastou-a com firmeza para se ocupar do trabalho de cão de trenó.

— Pode levar a mochila — disse, enfurecendo-a e referindo-se à sua mala, a que acrescentara umas alças.

Bailey sentiu-se tão irada que ponderou acertar-lhe com uma bola de neve, mas receou os estragos provocados por uma pancada na cabeça, por mais ligeira que fosse. Também não queria molhar-lhe a roupa, não quan do se esforçara tanto para o manter tão quente quanto possível. Quanto asfixiá-lo durante o sono... era uma possibilidade.

O terreno era assustadoramente acidentado e a neve cobria perigos ocultos. Por vezes, a encosta era tão íngreme que precisou de segurar o trenó por trás para o impedir de passar à frente de Cam, arrastando-o pela montanha abaixo. Noutras ocasiões, era impossível descer sem cordas e equipamento de montanhismo, forçando-os a caminhar para os lados à procura de uma forma de descida menos traiçoeira. Depois de andarem durante o que ele dissera terem sido três horas, duvidava que tivessem conseguido descer mais de trinta metros, mas tinham ziguezagueado durante quilómetros. E continuava com fome.

Os sapatos de neve atrapalhavam a marcha e exigiam que erguesse os joelhos com cada

passo, como se marchasse numa banda. Os músculos ardiam-lhe com o esforço. Talvez não tivesse erguido o pé tanto quanto devia, mas a frente do sapato de neve direito prendeu-se subitamente em alguma coisa enterrada na neve e catapultou-a para a frente.

Conseguiu amparar a queda com as mãos, caindo sobre o joelho direito rebolando até ficar sentada. Ardiam-lhe as mãos e os joelhos, mas nada comparável à dor intensa no tornozelo direito. Praguejando em voz baixa, segurou a perna e rodou lentamente o tornozelo para ver se tinha sofrido algum dano estrutural.

— Está ferida? — Cam apoiou-se sobre um joelho a seu lado, no-tando-se a preocupação nos seus olhos cinzentos sobre a faixa de flanela vermelha que lhe cobria o nariz e a boca.

— Está torcido. Mas acho que passa se continuar a andar — disse. Flectir o tornozelo doía, mas, depois da pontada inicial, a dor parecia diminuir. Tentou levantar-se, mas foi impedida pelos sapatos de neve que permaneciam firmemente presos aos seus pés. Se o direito tivesse saído quando caiu, seria provável que o tornozelo não tivesse sofrido mazelas. — Ajude-me a levantar.

Segurando-lhe as mãos, Cam puxou-a para cima e amparou-a enquanto experimentava apoiar o peso no pé. O primeiro passo foi relativamente doloroso, mas o segundo foi menos.

— Estou bem — disse ela, largando-lhe as mãos. — Sem danos sérios.

— Pode ir no trenó se a incomoda — disse-lhe, franzindo o sobrolho ao estudar o seu andar, como se estudasse a condição de um puro-sangue.

Bailey parou, atingida pelo que ele acabara de dizer. Seria possível que o homem não tivesse qualquer bom-senso?

— Está doido? — gritou. — Não pode puxar-me pela montanha abaixo.

Viu-o erguer a face, com olhos frios e determinados.

— Não só poderia como farei o que for necessário para a fazer voltar a casa.

Por alguma razão, aquela afirmação simples abalou-a. Abanou a cabeça.

— Não devia sentir-se assim. Não foi por sua culpa que nos despenhámos. Quanto muito, a culpa será minha.

— Porque diz isso?

— Seth — disse. — Irritou-me, ameacei reduzir-lhe a quantia que recebe todos os meses e retaliou. A culpa é inteiramente minha. Não devia ter perdido a paciência.

Cam abanou a cabeça.

— Não importa o que tenha dito. Nada justifica tentar matar duas pessoas.

— Não lhe estou a justificar as acções. Estou a dizer que foram desencadeadas por mim. Por isso, não tem nenhum motivo para se sentir responsável. ..

Antes que terminasse, ele puxou a máscara facial para baixo.

— Não me sinto responsável pela queda.

— ... ou por mim — concluiu ela teimosamente.

— As coisas não são assim tão simples. Por vezes, a culpa não tem nada a ver com a responsabilidade. Quando se adora alguém, queremos zelar pela sua segurança.

«Adora». A palavra trespassou-a, lançando-a contra uma parede. Ele não devia dizer aquelas coisas. Os homens não diziam aquelas coisas, era contra a sua natureza.

— Não pode adorar-me — disse, distanciando-se automaticamente dele, ainda que não de forma física. — Não me conhece.

— Agora temos de discordar. Faça as contas.

A última frase deixou-a completamente à deriva.

— Que contas? Estamos a falar de matemática?

— Agora estamos. Vamos fazer uma pausa e explico-lhe tudo.

Prendeu as correias do trenó a uma árvore para que o mesmo não começasse a deslizar pela montanha abaixo. Sentaram-se lado a lado numa rocha que absorvera um pouco de calor do sol intenso. Bailey tinha tanta roupa vestida que não conseguia realmente sentir o calor, mas, pelo menos, não se infiltrava frio pelas camadas. Puxou também a máscara facial para baixo e fechou os olhos por um minuto, fingindo que o sol lhe aquecia a cara.

Beberam água e cada um deu uma dentada na barra de cereais que restava. Tinham dividido uma de manhã e concordaram em comer lentamente a outra durante o resto do dia, pensando que a sua energia seria menos durante o primeiro dia. Enquanto a altitude se ia reduzindo e com a maior abundância de oxigénio, teriam mais energia, pelo menos em teoria. Esperou que tivessem razão porque, até então, fora verdadeiramente penoso.

Cam disse:

— É o quarto dia, não é?

— Sim.

— Contando a partir das oito da manhã do primeiro dia, que foi quando descolámos, passaram já setenta e seis horas.

Ela acenou afirmativamente com a cabeça. O primeiro dia, o dia da queda, não contava como vinte e quatro horas completas. Contando a partir do momento da descolagem, as primeiras vinte e quatro horas haviam terminado às oito da manhã do segundo dia.

— Estamos de acordo até agora.

— Quanto tempo dura o encontro padrão? Talvez quatro horas?

— Quatro ou cinco.

— Digamos que são cinco horas. Setenta e seis a dividir por cinco equivale a... quinze encontros. Se dividir por quatro, vamos no nosso décimo nono encontro. Feita a média, estamos no décimo sétimo.

— Muito bem — disse ela, divertida pela criatividade da teoria, qualquer que fosse. — Dezassete encontros, hã? É praticamente um namoro.

— Namoro, uma ova. Estamos à beira de viver juntos.

Olhou-o momentaneamente para ver se ele estava a brincar, mas ele devolvia-lhe o olhar com uma determinação segura que a abalava até aos ossos. Falava a sério. Queria mais do que o que alguma vez dera a alguém. Queria mais do que sexo. Queria um compromisso... e nada no mundo a amedrontava mais.

Mas... disse que a adorava. Bailey não conseguia lembrar-se de alguém que, em toda a sua vida, tivesse posto o seu bem-estar em primeiro lugar, mas era precisamente o que Cam lhe dizia.

— Não posso... — começou, pretendendo dar-lhe alguma desculpa, qualquer coisa de que conseguisse lembrar-se como razão para não se envolver.

— Pode — interrompeu ele. — E fá-lo-á. Avançaremos devagar, para se habituar ao conceito. Compreendo que esteja a lidar com bagagem que vem da infância e é o tipo de bagagem que é difícil de desfazer. Mas, mais cedo ou mais tarde, acabará por confiar em mim e aceitará que alguém gosta de si.

Quis dizer-lhe que não era esse o problema. Já tinha havido pessoas a gostar dela. Logan gostava dela. Jim gostara dela. Tinha amigos... bom, tinha alguns conhecidos amistosos antes de casar com Jim, mas tinham-se distanciado, o que talvez significasse que não eram amigos verdadeiros. Até os pais tinham gostado dela e de todos os seus filhos, apesar de não gostarem tanto como gostavam deles próprios.

Quis dizer-lhe tudo isto. As palavras formaram-se no seu cérebro, mas recusaram passar à língua. Estaria a mentir. A confiança era realmente mn problema. A sua defesa contra pessoas que não gostavam de si seria antecipar-se e ser a primeira a não gostar delas. Nessa categoria, estava sempre à frente de quem conhecesse.

Excepto ele. Não conseguia afastar-se dele. Não conseguia esquecê-lo. Não conseguia não gostar dele.

E... ele dissera que a adorava.

Olhou aqueles olhos cinzentos intensos e sentiu que o chão lhe escapava por baixo dos pés. Estava perdida, completamente indefesa. Não conteve as lágrimas.

— Oh não — soluçou, mortificada. — Não posso chorar.

— Para quem não pode chorar, está a sair-se muito bem. — Abraçou-a e aproximou-a de si, embalando-a um pouco.

Estava a esquecer o óbvio. Bailey afastou-se e esforçou-se ao máximo para se conter antes de se meter em sarilhos reais.

— A sério. Ficarei com gelo na cara.

— Aposto que conseguiria derretê-lo — disse ele, esboçando lentamente um sorriso.

Maldito. Estava perdida.

28

Para terem tempo de construir um abrigo sólido, pararam a marcha às três. Continuavam no alto da montanha, à mercê de ventos gélidos, com temperaturas negativas e, possivelmente, com mais queda de neve, apesar de os céus estarem limpos. As frentes atmosféricas podiam chegar sem aviso e não tinham acesso ao *Weather Channel* para obter previsões. Outro motivo para a paragem foi terem passado por uma grande árvore caída sobre rochedos, que proporcionava um suporte central já preparado, poupando muito trabalho. Se continuassem por mais uma hora ou duas, poderiam não encontrar nada tão adequado.

Bailey estava exausta, mas, para seu alívio, os problemas derivados da altitude não tinham regressado. Pensou que, no dia seguinte, talvez pudessem cobrir uma distância um pouco maior. Estavam quase sem comida e quando a última barra fosse consumida, os seus níveis de energia cairiam a pique. Tinham de descer o suficiente para encontrar bagas, nozes, folhas comestíveis... qualquer coisa. Ou a sua situação não tardaria a piorar.

— Acho que a primeira coisa a fazer será uma fogueira — disse, ansiosa pelo calor e pelo impulso à moral.

— Hoje, pelo menos — disse ele, de maneira ausente, olhando a imensidão montanhosa. — Daqui em diante, preferia poupar a carga para quando estivermos mais abaixo, longe deste vento.

Olhou-o de lado com um olho fechado. A lógica parecia-lhe invertida.

— Não precisamos de uma fogueira agora?

— Para aquecer sim, mas sobrevivemos sem uma durante duas noites e sabemos que não é essencial. Pensava usar a fogueira para assinalar a nossa localização. Não o podemos fazer agora porque o vento dissipa o fumo e não consegui encontrar nenhum local completamente abrigado com a forma como o vento sopra de todos os lados.

Bailey voltou-se e olhou na mesma direcção que ele. O céu estava limpo e os pormenores da paisagem pareciam destacar-se com maior clareza no ar frio. As enormes montanhas erguiam-se no alto, com picos brancos delineados pelo azul intenso. Conseguia ver a fronteira entre a neve e um verde rico que prometia temperaturas mais elevadas e a possibilidade de comida.

— Até onde precisaremos de descer? A resposta foi um encolher de ombros.

— Não sei. Suponho que o manto de neve se prolongue por distância considerável. Estamos numa reserva federal e os serviços florestais man-têm-se atentos a fogos. Tudo o que parecer ser feito pelo homem é verificado.

Então poderiam ser salvos dentro de um dia ou dois, dependendo do que demorasse ultrapassar o vento. Dois dias antes, talvez mesmo no dia anterior, a possibilidade tê-la-ia deixado eufórica, mas agora... agora era demasiado tarde. Dois dias antes tinha o coração intacto. Seria agradável estar quente e bem alimentada, mas e se, quando deixassem de estar unidos pela necessidade, o interesse de Cam se desvanecesse? Não confiava nas emoções, de qualquer forma, e, certamente, não confiaria nelas em condições urgentes.

Sentia-se dividida e detestava que assim fosse. Por um lado, quanto mais cedo conseguisse afastar-se um pouco dele, melhor seria. Por outro, queria que durasse. Queria acreditar no «felizes para sempre», num amor que durasse uma vida. Conhecia gente que parecia amar-se durante esse tempo todo, como Jim amara Lena, mas uma dúvida insinuante impedia-a de aceitar a possibilidade. Talvez Jim tivesse amado Lena, mas e se Lena não amasse Jim? Jim era extremamente rico. Talvez

Lena tivesse olhado à sua volta sem encontrar algo melhor. Bailey não gostava de ser assim tão cínica, mas vira já demasiado para acreditar em amores de conto de fadas.

O amor era uma aposta, pensou. E nunca lhe agradara o jogo. Não sabia o que fazer ou como lidar com aquela situação. Parte dela queria dei-xar-se ir e aproveitar o tempo partilhado com ele enquanto durasse. Era irrealista esperar uma vida inteira de felicidade e, provavelmente, seria algo impossível de conseguir. Apenas um idiota conseguiria estar permanentemente feliz.

Conseguiria o período de felicidade compensar a tristeza que se seguia a uma separação? A maioria das pessoas parecia acreditar que sim, porque embarcavam no comboio do amor uma e outra vez. Depois de serem lançados para fora, deixavam-se ir abaixo por um momento, talvez fazendo alguma coisa estúpida, mas acabariam por regressar à estação, de bilhete comprado e prontos a embarcar. Não achara que o ganho momentâneo compensasse a dor e vira o comboio circular em seu redor. Agora que se sentia encurralada e lançada para o vagão das bagagens, parecia já não ter escolha.

Cam passou-lhe um dedo pela face.

— Está longe. Há cinco minutos que olha o vazio. Regressando ao presente, sentiu a mente momentaneamente vazia.

— Ah... pensava no que acontecerá quando regressarmos. — Congratulou-se. Grande jogada! Era uma resposta bastante razoável, tendo em conta as circunstâncias.

Pareceu-lhe abatido.

— Não sei dizer-lhe. Sem provas do que Seth fez, provavelmente nada e não podemos fazer acusações que não possam ser fundamentadas ou acabaremos processados por difamação.

— Ele adoraria isso. Dar-lhe-ia uma forma de tornar públicas as coisas que disse a meu respeito. E pode ter a certeza de que Tamzin o apoiará. — Sentiu-se agoniada ao pensar num processo em tribunal que incluísse cada partícula de lodo que Seth conseguisse encontrar ou fabricar. Não receava o lodo real, porque as pessoas que não corriam riscos raramente se sujavam. Não havia acontecimentos obscuros no seu passado. Nada de amantes casados, nada de drogas ou cadastro policial.

Mas nada disso conseguiria travar Seth. Seria certamente capaz de recrutar o testemunho de cinquenta pessoas que jurariam ter dormido com ela, ter consumido drogas a seu lado ou a quem teria confessado um plano asqueroso para casar com um moribundo e para o convencer a passar-lhe o controlo da fortuna. Aliás, o único motivo para não o ter feito era o facto de o controlo dos fundos não estar referido no testamento de Jim, onde poderia ser contestado. Jim estabelecera o fundo antes da morte e antes de terem casado, designando-a gestora, e o seu desempenho fora excelente Seth pareceria um tolo se o questionasse. Além disso, os envios mensais de dinheiro eram muito generosos. Nada comparado com a totalidade do fundo, mas generosos.

— Acho que temos de o fazer perceber que sabemos — disse Cam — E de partilhar as nossas suspeitas com mais alguém para que, se lhe acontecer mais alguma coisa suspeita, o dedo acusador aponte directamente para ele. A não ser que a droga o tenha enlouquecido, perceberá que não poderá fazer nada. — Inclinou-se e beijou-a, prendendo-lhe brevemente o lábio inferior entre os dentes e puxando com delicadeza. — Também sugiro que venha viver comigo para que ele não saiba onde encontrá-la. Seria uma loucura ficar sozinha naquela casa.

Sentiu o coração acelerar de entusiasmo e um nó no estômago de temor. Intrigada pela sua proposta e pela reacção mista que esta desencadeara, disse:

— Há um grande fosso entre alguns beijos e uma casa partilhada, Justice. Mudar de casa faz sentido. Ir viver consigo nem por isso.

— Acho que faz muito sentido — disse ele, em tom moderado. — Mas discutiremos o assunto mais tarde. Por agora, precisamos de deitar mãos à obra ou dormiremos ao relento.

Escavou um buraco para a fogueira enquanto Bailey recolhia pedras e também madeira para alimentar o fogo e para construir o abrigo. A árvore caída providenciou a maior parte da madeira porque caíra há tempo suficiente para a madeira estar seca na parte inferior, com ramos facilmente arrancados. Repetiram os mesmos procedimentos antes usados com a bateria e, meia hora depois,

havia chamas modestas dançando alegremente sobre a lenha.

Porque o trabalho era dividido pelos dois e porque Cam percebia melhor o que fazia do que Bailey, o abrigo não tardou a estar erguido. No ângulo a que estava apoiada sobre a rocha, a árvore criava no ponto mais alto um espaço suficientemente grande para se conseguirem sentar. Cam posicionara a fogueira de forma a que o calor fosse projectado contra a rocha e para dentro do abrigo. Proteger a fogueira do vento continuava a ser um problema e, para isso, formou uma barreira com paus amontoados, reforçando-a até que as chamas deixassem de se mover de forma tão selvática.

Concluído o trabalho, estavam um pouco suados e muito sujos. A sujidade fez Bailey torcer o nariz, mas o perigo vinha do suor. Cam sentou-se junto à fogueira enquanto Bailey rastejava para dentro do seu novo «lar», equipado com os pedaços de esponja que insistira em trazer. Pelo menos, não pesavam quase nada. Limpou-se e secou-se tão bem quanto podia.

Quando rastejou para fora, novamente coberta com as suas camadas de roupa, Cam rodeava cuidadosamente a fogueira com pinhas.

— Uau — disse ela. — Agora o acampamento vai cheirar a Natal. É um toque inesperado.

— Espertinha. Quando as pinhas estiverem torradas, podemos comer os pinhões no interior. Quem me dera ter-me lembrado disto ontem.

— A sério? Pinhões? Nascem realmente nas pinhas? — Não fazia sentido, mas achava que os pinhões se chamavam assim por uma razão arbitrária. Agachando-se junto às chamas, tocou as pinhas. Quem poderia imaginar? A possibilidade de comida deixava-a em êxtase. E era comida quente. Pinhões fariam muito para acalmar a fome que sentiam.

— É verdade. Vigie as pinhas e não as deixe arder — instruiu Cam antes de se introduzir no abrigo.

— Vou secar-me antes que o suor congele.

Bailey sentou-se e estendeu as mãos para o fogo. Após um momento, percebeu que se mantinha atenta aos sons produzidos por Cam enquanto se despia e se secava rapidamente, imaginando-o nu, mesmo sabendo que não estaria, tal como ela não estivera. Ter-se-ia também ele mantido à escuta, ouvindo-a mover-se e a retirar peças de roupa, imaginando-a nua? Ou teria estado demasiado ocupado a recolher pinhas?

Percebeu abruptamente que a limpeza de ambos poderia ser vista como um prelúdio do sexo, como se estivessem a preparar-se um para o outro. Não se sentira desconfortável com ele durante as três noites que passaram juntos, mas o sexo não fora uma possibilidade então. Passara a ser. E, ainda que o assunto não a deixasse desconfortável por si só, a perspectiva de sexo com ele era suficiente para a deixar nervosa e insegura.

Talvez visse na situação um significado que não existia. Afinal, ele continuava a recuperar de um ferimento relativamente sério na cabeça. Era um homem inteligente. Sabia que não se devia forçar.

Claro, pensou. Fora por isso que passara o dia a puxar um trenó.

Por outro lado, tinha realmente puxado um trenó durante todo o dia. Seria provável que estivesse exausto. O sexo seria provavelmente a última coisa que teria em mente.

Mas era o mesmo homem que tivera uma erecção no primeiro dia, quando estava meio morto, e que voltara a tê-las em várias ocasiões desde então. Pelo que conseguia perceber, o sexo era a última coisa em que pensava... antes de adormecer. E a primeira coisa em que pensaria ao acordar.

Fora muito contido, pensou. Não a forçara. Mas a sua personalidade não era contida. Era calmo, mas decidido e determinado. Decidia-se a fazer algo e fazia-o a qualquer custo. Isso não era contido.

A questão seria se queria ter sexo com ele. Sim! E não. Assustava-a que as coisas fossem tão longe entre eles e a sua objecção era simultaneamente mental e emocional. Num nível puramente físico, queria ter o seu peso sobre o corpo e as suas ancas entre as pernas. Queria senti-lo no seu interior.

Tinha de decidir. Sim ou não? Se dissesse não, pararia. A confiança que depositava nele era

total neste nível. Uma mulher inteligente diria não. Uma mulher cautelosa diria não. Bailey sempre fora inteligente e cautelosa.

Até àquele momento. Olhou a entrada do abrigo e cada instinto lhe sussurrou: sim.

29

Cam teve outra ideia. Esvaziou novamente a caixa metálica do estojo de primeiros-socorros e encheu-a de neve, colocando-a sobre os carvões incandescentes no limiar da fogueira, acrescentando uma mão cheia de agulhas de pinheiro. Disse que o chá seria nutritivo e que algo quente para beber aumentaria em muito o seu conforto.

Bailey estava tão agitada que mal conseguia sentar-se quieta. Meia hora antes, a possibilidade de uma bebida quente fá-la-ia dar pulos de prazer, mas não conseguia afastar os pensamentos da noite que se aproximava. Abriu uma pinha como ele lhe mostrara, procurando os pequenos pinhões negros. Nem todos os invólucros da pinha continham um. Na primeira pinha encontrou dez ou doze, mas eram tão pequenos que não serviriam de muito. Mas havia muitas pinhas. Assá-las e recolher os pinhões levava tempo, mas não tinham outros compromissos.

Conseguiram finalmente reunir pinhões suficientes para ambos sentirem que tinham comido alguma coisa. Para sua surpresa, mesmo que não tivesse comido mais do que o que conseguia segurar na palma da mao, Bailey sentiu-se cheia. Precisavam de estar mais torrados e o sabor não era grande coisa, mas não se importava. Comida era comida. Ainda não chegara à fase de comer larvas, mas, pela primeira vez, estava faminta ao ponto de as larvas não estarem fora de questão.

Enquanto a neve no estojo de primeiros-socorros ia derretendo, Cam acrescentava mais até haver líquido suficiente para que ambos bebessem aproximadamente uma chávena. Bailey viu a água esverdear enquanto as agulhas ferviam.

— Ensinam isto nos escuteiros? — perguntou, apenas para quebrar o silêncio. — Durante quanto tempo fez parte deles?

— Do princípio ao fim. Dos lobitos aos caminheiros. Era divertido e a experiência prévia foi útil quando precisei de estudar tácticas de fuga para a eventualidade de o meu avião ser abatido.

— Abatido? — olhou-o fixamente. — Pensei que pilotasse um avião de abastecimento.

— E pilotava. Isso não significa que um caça inimigo não disparasse um míssil ar-ar contra mim se tivesse oportunidade. Pense no assunto. Se abater um avião de abastecimento, muitos caças não conseguirão permanecer no ar. É por isso que um avião de abastecimento não viaja sozinho.

Sentiu-se agoniada com a imagem mental de um míssil atingindo um avião de abastecimento. Que probabilidades teria alguém de sobreviver a uma explosão daquelas e ao incêndio que daí resultaria?

Pensara que pilotar um avião de abastecimento fosse das tarefas mais fáceis para os pilotos. Agora percebia que era como estar sentado em cima de uma grande lata de gasolina enquanto idiotas lhe lançavam fósforos. Como conseguiriam as esposas de militares suportar a tensão? E que espécie de loucura teria a ex-mulher de Cam para conseguir aguentar isso até ele sair da Força Aérea?

Sem saber para onde se tinham encaminhado os pensamentos dela, Cam enfiou o dedo no chá e retirou-o rapidamente.

— Acho que está quente que chegue — disse. Bailey passou-lhe a tampa do desodorizante e ele mergulhou-a brevemente no líquido ligeiramente fumegante, enchendo metade antes de lha passar.

Bebeu um gole com cautela. O sabor era o que esperava de agulhas de pinheiro: a verde e a pinheiro, ligeiramente amargo. Mas não importava. Um calor maravilhoso espalhou-se pelas suas entranhas enquanto fechava os olhos de prazer.

— Deus. Que sensação fantástica — gemeu ela. Bebeu novo gole e passou-lhe a tampa. —

Experimente.

— Notei que referiu a sensação e não o sabor — disse, antes de beber. Viu-lhe na cara a mesma expressão que imaginara na sua. Rodeou com os dedos o plástico aquecido e suspirou. — Acertou em cheio.

Voltou a mergulhar a tampa e voltaram a partilhá-la.

— Aos escuteiros — disse ela, erguendo a tampa num brinde antes de lha passar.

Sentindo-se mais quentes do que nalgum momento dos quatro dias anteriores e com a fome temporariamente aplacada, permaneceram sentados a ver o sol descer para o horizonte. Nada lhe parecia invulgar, percebeu. Acostumara-se não apenas à altitude, mas a ele e a estar sozinha com ele. A televisão, as compras, fazer análises de mercado no seu computador pareciam-lhe coisas de outro mundo, de outra vida. A vida resumira-se rapidamente ao essencial: comida e abrigo.

— Acho que seria capaz de me habituar a isto — comentou. — Mas estaria a mentir.

Cam esboçou um sorriso.

— Acha que nunca será o tipo de mulher que aprecia as imensidões selvagens?

— Em doses pequenas é agradável. Como descer rápidos em férias. Mas quero muita comida, uma tenda e um saco-cama. Quero uma forma de partir quando me fartar. Esta treta da sobrevivência é para os pássaros.

— Era engraçado quando era miúdo, mas não morria de frio. Não tinha uma concussão e ninguém ensaiava os seus dotes de costura em mim... Sem anestesia.

Bailey olhou-o prontamente.

— Não gritou — referiu.

— Isso não quer dizer que tenha sido uma experiência recomendável.

A ligadura que lhe rodeava a cabeça estava suja, mas, com sorte, impedira que a ferida se sujasse. Não tivera febre, o que significava que não havia infecção. Sentia-se orgulhosa do trabalho que fizera ao cuidar dele.

Cam ergueu a mão e tocou na ligadura.

— Acha que posso tirar isto? Encolheu os ombros.

— Tem-lhe mantido a cabeça quente.

— E também me tem incomodado muito. Posso enrolar outra coisa qualquer à volta da cabeça. Uma ligadura mais pequena deve servir.

Obtendo a concordância dela, desenrolou a ligadura e retirou a gaze que cobria a ferida. O inchaço desaparecera e, apesar da enorme mancha negra na testa e da cicatriz que fazia lembrar a do monstro de Frankenstein, parecia estar relativamente bem. Ela retirou um toalhete de aloé do pacote e limpava cuidadosamente em redor do golpe, tentando remover o sangue seco. Cam suportou os seus cuidados durante cerca de um minuto.

— Dê-me isso — acabou ele por dizer, impaciente, tirando-lhe o toalhete e passando-o com vigor pelo cabelo.

— Sente comichão?

— Insuportável. — O toalhete ficou coberto por uma cor de ferrugem, devido ao sangue que lhe secara no cabelo. A maior parte fora retirada pelo elixir bucal que lhe despejara sobre a cabeça, mas, obviamente, a limpeza não fora total. Usou outro toalhete para se certificar de que retirara todo o sangue, deixando-lhe a cabeça muito húmida quando terminou e teve de usar uma camisa de flanela para o secar antes que congelasse.

Bailey inclinou-se para alcançar o equipamento de primeiros-socorros, mas ele abanou a cabeça.

— Deixe isso para amanhã. Ficarei bem esta noite.

Terminaram o chá de agulhas de pinheiro e Cam usou um pau para afastar a caixa de primeiros-socorros dos carvões incandescentes. Bailey teve uma ideia. Pegou noutra camisa e usou-a para pegar na caixa, enrolando rapidamente o tecido em redor desta.

— As pessoas costumavam aquecer tijolos, embrulhá-los em flanela e enfiá-los na cama para aquecerem — disse, enquanto rastejava para dentro do abrigo com o seu aquecedor

improvisado. Tinham colocado no abrigo toda a roupa adicional que usavam como cobertura e dispôs rapidamente tudo em camadas que melhor conseguissem mantê-los quentes, colocando a caixa aquecida no meio. Tinha dormido com as botas calçadas, mas descalçou-as, suspirando de alívio ao flectir os pés e os tornozelos e enfiando os pés por baixo da caixa de primeiros-socorros. O calor não tardou a infiltrar-se pelos dois pares de meias que trazia calçadas.

Cam rastejou atrás de si. Vendo o que fizera, riu-se e começou a desatar as coberturas dos sapatos, retirando-as e também aos sapatos. O seu ombro chocou com o dela quando se sentou a seu lado, permanecendo de costas encostadas à rocha e com os pés juntos.

Bailey sentiu o coração acelerar. A conversa era mundana, mas, por baixo da aparência calma, percebia o fervilhar constante do desejo. Quando os dedos de ambos se tocavam ao passarem a tampa com o chá ou quando lhe tocou a cara enquanto desenrolava a ligadura, a necessidade de intensificar o toque fê-la tremer. Quis que entrelaçassem os dedos. Quis apoiar a palma da mão sobre o seu queixo que a barba tornava áspero e sentir a força do osso por baixo da pele. Quis sentir os seus braços rodeando-a, apertando-a como fizera durante as noites anteriores.

Nunca na vida se sentira inteiramente segura e não o percebera até dormir nos seus braços. Não fazia sentido que se sentisse assim com ele porque nunca antes correra tamanho risco, mas era a realidade. Encaixavam como duas peças de um *puzzle.*

— Devíamos dormir — disse ele, observando atentamente a sua expressão. — Tivemos um dia cansativo.

O sol pusera-se e a escuridão apressava-se a substituir o ocaso. Seria em breve, pensou ela, esticando-se e aninhando-se por baixo da roupa.

Cam calçou os sapatos para sair e alimentar a fogueira, voltando para se deitar a seu lado. O braço pesado rodeou-lhe a cintura e puxou-a para si, voltando-a para que ficasse com a face encostada ao seu pescoço. Ele cheirava a aloé, a fumo e a homem.

Colocou a mão por baixo das camisas que usava, rodeando-lhe o seio e passando o polegar áspero sobre o mamilo, tornando-o erecto. Bailey inspirou bruscamente. Quisera permanecer calma, mas a calma estava fora do seu alcance. O coração batia-lhe com tanta força que mal conseguia respirar. Não devia ser assim tão importante. Ele não devia ser tão importante. Infelizmente, o que devia ou não devia ser não tinha qualquer relação com o que era.

Beijou-a ao de leve. Estava tão tensa que, por um momento, não conseguiu descontrair ou reagir. Justamente quando começava a entregar-se a ele, quando começava a retribuir-lhe a pressão dos lábios, Cam beijou-a na têmpora.

— Boa noite.

Boa noite?

Boa noite! A incredulidade bloqueou-a. Deixara-a cair num frenesim de preocupação e antecipação e agora queria dormir?

— Não! — protestou, com um tom de voz ultrajado.

— Sim. — Beijou-a novamente, ainda com a mão pesada sobre o seio. — Está cansada. Eu também. Durma.

— Quem o pôs a comandar a situação? — perguntou, furiosa. Fantástico. Descera ao nível das provocações adolescentes. Deixara que destruísse a sua pose duas vezes num dia. A ela, que nunca permitia que a agitação abalasse a superfície calma da sua vida. Sempre tivera tanto cuidado para não deixar que alguém se lhe tornasse tão importante. E precisamente por aquela razão...

Permaneceu imóvel, abdicando do que restava do distanciamento, que, de qualquer forma, não funcionava. Podia racionalizar e calcular tanto quanto quisesse, mas desperdiçava tempo e forças. Poderia ter-se apaixonado por ele em apenas quatro dias? Tal como ele referira, o tempo que tinham passado juntos equivalia a dezanove ou vinte encontros. Estava certo. Logicamente.

Era amor. Era daquilo que as pessoas falavam, aquela dolorosa, vertiginosa, triste, alegre e confusa explosão de emoções que não obedecia a razão. Era como estar embriagada sem os efeitos entorpecentes que tornavam mais lento o pensamento e a acção. Era sentir-se indefesa e entusiástica ao mesmo tempo, como se a pele fosse demasiado apertada para acomodar o corpo.

Cam não respondeu à sua provocação, limitando-se a beijar-lhe a testa como se compreendesse a agitação que a dominava. Porque não compreenderia? Estivera apaixonado antes. Tinha experiência. Talvez com experiência suficiente que pudesse evitar agir como uma tonta, mas esperava nunca voltar a sentir-se assim. Uma vez bastava. Se não resultasse, iria para um convento ou talvez se mudasse para a Florida, onde ficaria rodeada por pessoas com idade para serem seus pais e não voltaria a sentir-se tentada.

Afastou a mão dele do seio e desviou-a para o lado.

— Se não vai haver sexo, guarde as mãos para si.

Perceber que estaria provavelmente apaixonada por ele serviu apenas para a deixar mais irritada. Além disso, perceber que estava à beira de uma birra era humilhante. Nunca lhe imploraria por sexo. Nunca o permitiria mesmo que fosse ele a implorar-lhe. Quis pontapeá-lo. Quis pegar-lhe no pénis e torcê-lo. Isso ensiná-lo-ia. Em vez do «Charlie Brincalhão», teria de passar a chamar-lhe «Charlie Saca-Rolhas».

Conseguia senti-lo a tremer, apenas um pouco, sentindo a brusquidão das suas inspirações. O maldito ria-se, apesar de ter o bom senso de tentar escondê-lo.

Bailey afastou-se dele, com fúria renovada pelo simples facto de não se conseguir mover sem o tocar. Tinham de se tocar. Tinham de permanecer deitados um junto ao outro, precisavam de partilhar o seu calor.

Para lhe mostrar o pouco que lhe interessava, adormeceria. E esperava ressonar.

A tentação roía-a. Queria matá-lo. Queria estropiá-lo. Bolas. Tinha de ser amor.

Preferia que fosse a peste. Pelo menos, era curável.

Levou uma boa meia hora a acalmar-se, meia hora durante a qual o sentiu acordado e atento, ouvindo cada uma das suas inspirações. Como se atrevia a preocupar-se com ela? Se estivesse assim tão preocupado, ter-lhe-ia dado o que queria.

O facto de ter conseguido adormecer foi testemunho da sua força de vontade.

30

Bailey acordou lentamente com o prazer da sua mão quente movendo-se de um seio para o outro, massajando e acariciando. Não houve qualquer sentido de desorientação. Reconheceu-o de imediato, percebendo quem a segurava com tamanha firmeza. Puxou e beliscou delicadamente os seus mamilos, endurecendo-os com mão lenta e segura. Sentiu o prazer irradiar-lhe dos seios em ondas, fluindo através do corpo, começando a invocar o calor e a plenitude do desejo.

Flutuou, entorpecida, entre o prazer e o sono. Se quisesse mais, bastar-lhe-ia pressionar-se contra a erecção que sentia. Bastaria esse convite simples...

Abriu os olhos de repente, quando a memória lhe regressou.

— Afaste essa coisa de mim! — exclamou, afastando-se e tentando libertar-se das pesadas camadas de roupa, bem como do braço que a aprisionava. Se pensava que estaria disposta a obedecer aos seus caprichos, a sua capacidade de percepção não era grande coisa.

Ele deitou-se de costas, rindo com tamanha intensidade que Bailey achou que poderia sufocar. Ocorreu-lhe que poderia ajudá-lo a atingir esse fim. Finalmente, conseguiu deitar-se de bruços e ergueu-se sobre os cotovelos. Olhou através da cortina de cabelo pendurada sobre a cara. Devia ter alimentado o fogo, apesar de não a ter acordado quando deixara o abrigo. A luz das chamas reflectia-se da rocha iluminando suficientemente o interior do abrigo para conseguir vê-lo relativamente bem enquanto segurava o estômago com as mãos e rugia de riso. Com os olhos reduzidos a nesgas, esperou que percebesse que não via qualquer graça na situação.

— Não posso desatarraxá-lo e guardá-lo no bolso quando não estiver em uso — conseguiu dizer, finalmente, limpando as lágrimas dos olhos.

— Não me interessa onde o guarde — replicou, secamente. — Mas pare de me espetar com ele.

— Perguntaria se está com melhor disposição do que quando adormeceu, mas parece-me que a resposta será negativa. — Continuava a sorrir quando se virou de lado, apoiando a cabeça sobre um braço musculado e esticando o outro para lhe rodear a cintura, puxando-a para a posição original. Cedeu, contrariada e descontente com a situação, mas sabendo que eram praticamente forçados a dormir assim. As únicas alternativas seriam dormir abraçados e voltados um para o outro, o que não estava disposta a fazer, ou ser ela a aninhá-lo, o que também não pretendia. As coxas dele deslizaram contra as suas e os ombros de Bailey repousavam contra o seu peito, sentindo novamente o calor dele rodeá-la... e o volume nas calças unido ao seu rabo, tal como antes.

Cam afastou-lhe uma madeixa da cara e ela, irritada, afastou a cabeça do seu toque.

— Há meia hora que tento acordá-la — murmurou.

— Não sei porquê. Queria que dormisse. Estava a dormir. Deixe-me em paz.

Os seus braços apertaram-na.

— Tentava ser razoável. Estava tão nervosa que não lhe teria agradado — explicou.

Bailey apertou os lábios.

— Como pode saber isso? Não me deu hipótese.

— Não fazia sentido correr riscos. Tornou-se cada vez mais tensa durante toda a tarde. Não sei o que a incomodava, mas mal podia esperar que estivesse pronta a discutir o assunto ou preparada para ultrapassar o que fosse.

— Pare de tentar ser tão compreensivo — ripostou. — Não lhe fica bem. — Mas não lhe deu uma cotovelada quando se aproximou mais.

— Então está pronta para falar?

— Não.

— Ultrapassou o que a preocupava, fosse o que fosse?

— Não! Já lhe disse que me deixasse em paz. Quero dormir. — Não tinha qualquer sono, mas ele não precisava de saber isso.

Sentiu-o afastar-lhe o cabelo para o lado e tocar-lhe o pescoço com o nariz, com os lábios e a pele quentes sobre a sua pele.

— Sei que não é fácil para si confiar em alguém — murmurou, movendo os lábios numa carícia ténue. — Gosta de estar só.

Não gostava. Sentia-se mais confortável se estivesse só. Havia uma diferença.

— Gostar de alguém é arriscado — prosseguiu ele no mesmo tom suave, mal se erguendo acima de um sussurro. A voz acalmou-a como uísque velho e sedoso. — E não gosta de correr riscos. Manteve as pessoas à distância porque sabe que tem um coração de manteiga e a melhor forma de se proteger será não permitindo que se aproximem.

Sentiu-se dominada pelo choque, seguido de perto por uma onda de pânico.

— Não tenho coração de manteiga. — Comportava-se com calma e distanciamento porque era uma pessoa calma e distante. Não chorava porque não era chorona. Decididamente, não tinha coração de manteiga.

— Tem sim — insistiu ele. — Acha que não me recordo de ter falado comigo depois da queda, quando ainda pensava que era um ranzinza arrogante? A sua voz era terna como se falasse com um bebé. Acariciou-me.

— Não fiz tal coisa. — Teria feito?

— Fez, sim. Talvez tivesse.

— Não me lembro — resmungou. — Mas, se fiz, foi por sentir gratidão.

— Uma ova. Ter-me-ia arrastado para fora do avião por gratidão Não se teria quase matado para tentar cuidar de mim. Não me teria dado a sua peça de roupa mais quente quando estava a morrer de frio e precisava dela

Inspirou.

— Levo a minha gratidão a sério.

— Claro. Acho que se derrete por qualquer coisa. — Repetiu a acusação enquanto movia o braço para baixo, contornando-lhe a cintura e enfiando-o por baixo das suas camisas, acabando por repousar a mão sobre o estômago. A aspereza ligeira das pontas dos dedos contrastava com a suavidade da pele quando começou a descrever com elas pequenos círculos.

— Mas isso agrada-me. Agrada-me o seu sabor e o que sinto ao tocá-la.

— Moveu os lábios da base do pescoço até à curva do ombro e colocou os dentes sobre o músculo, mordendo muito ligeiramente.

Bailey sentiu todo o corpo estremecer. A onda de desejo foi tão repentina e intensa que lançou a cabeça para trás enquanto arqueava a coluna.

— Gosto de a morder. — A língua acalmou a dor praticamente imperceptível antes de voltar a morder o músculo enquanto subia a mão até aos seios e duplicava o gesto nos mamilos.

Ela sentiu o batimento cardíaco acelerado de forma abrupta e o fôlego vinha-lhe em ondas pequenas e rápidas enquanto começava a sentir um latejar profundo entre as pernas. Nunca antes se sentira excitada de forma tão rápida e intensa, mas o seu corpo já se tinha acostumado ao toque dele. Era a quarta noite que passava nos seus braços. Beijara-a, tocara-a. O corpo estivera preparado muito antes de a mente o acompanhar.

Numa longa carícia, deslizou novamente a mão pelo estômago abaixo, enfiando os dedos por baixo do elástico das calças. O calor da palma da mão queimava-lhe o rabo frio enquanto a mão descia e tornava a subir. Quando voltou a inverter o caminho, sentiu-o a puxar-lhe as calças para baixo, expondo-a.

A tensão fazia-a tremer, mas era uma tensão muito diferente da que antes sentira. Mesmo continuando completamente vestida, à excepção das nádegas, coberta por todas as camadas protectoras, sentiu aquela parte do corpo insuportavelmente despida, com as pregas húmidas entre as pernas expostas e vulneráveis.

Foi precisamente aí que se dirigiu, ao seu âmago. Os dedos magros e duros tocaram as pregas, descobrindo-a, abrindo-a.

— Isto também me agrada — murmurou, enquanto ele a penetrava com dois dedos. — Sumarenta e quente. Ergue um pouco as pernas, querida. Assim mesmo.

Brincou com ela. O movimento lento da mão sobre terminações nervosas incrivelmente sensíveis fazia-as despertar com intensidade. Conteve um gemido enquanto ele prosseguia, deixando-a louca e satisfazendo-a ao mesmo tempo. A seguir, os dedos saíram do seu interior, do interior do seu corpo, deixando-a ofegante e trémula, ansiosa por mais. Permaneceu imóvel, com a antecipação deixando-a paralisada e os olhos firmemente fechados enquanto o ouvia abrir o fecho, seguindo-se uma sequência de sons vagos enquanto abria o invólucro de um preservativo e o deslizava sobre si, ajustando um pouco a posição que ocupava e pressionando-se contra ela.

Susteve a respiração, presa na agonia da antecipação enquanto esperava. Ergueu o braço para o levar atrás e tocar-lhe a cara e a nuca.

Lentamente, muito lentamente, sentiu-o entrar... apenas um pouco. A seguir, voltou atrás. A sua carne mal começara a ceder-lhe, a abrir-se para ele. Esperou que voltasse, com um agradável movimento de vaivém que aplicava a pressão suficiente para começar a entrar dentro dela antes de voltar a sair novamente.

— Cam... — sussurrou o seu nome, deixando o som flutuar pela escuridão. O ar era frio, mas estavam protegidos no abrigo, aninhados um contra o outro, sentindo o calor que os queimava nas partes em que a sua carne nua se tocava. Disse o seu nome, apenas o seu nome, e nada mais seria necessário.

Voltou a aproximar-se dela. A palma da mão firmou-se sobre o seu estômago, segurando-a enquanto aplicava maior pressão e a mantinha. Sentiu-se humedecer e abrir. A ânsia de pressionar para trás e acelerar o processo era quase irresistível, mas o que ele fazia era demasiado delicioso. Ouviu um gemido, soube que era seu, e, mesmo assim, manteve-se firme.

Nunca antes estivera tão consciente do seu próprio corpo ou da realidade quente do acto sexual. A cabeça grossa e arredondada do seu pénis limitava-se a pressionar, pedindo entrada e,

lentamente, o corpo cedeu ao Pedido até que, por fim, a rendição foi completa e contorceu-se quando a extremidade a penetrou.

Não avançou mais, mantendo-se ali enquanto ela estremecia e tremia, acostumando-se ao volume quente da sua intrusão. Surpreendeu-a a intensidade da sensação, rondando a dor. Passara-se muito tempo e esperara algum desconforto, mas não aquela sensação de choque que ameaçava dominá-la.

Com o mesmo movimento lento e dolorosamente gradual, saiu de dentro dela. A sua carne libertou-o com a mesma relutância com que o havia aceitado. Os músculos internos flectiram-se, tentando segurá-lo. Sen-tiu-o expirar quando se libertou.

— O que estás a fazer? — protestou Bailey.

— Brinco — respondeu, com uma única palavra quase gutural. Novamente, as suas ancas voltaram a avançar, a carne cedeu-lhe e alojou a cabeça dentro dela antes de a retirar. Aceitou aquela penetração superficial uma e outra vez até a entrada e a saída se tornar fácil e até o seu corpo arder, com a mente tão enevoada que apenas o sentia a ele, apenas o queria a ele. Apercebeu-se vagamente de que também ele tremia com o esforço que fazia para se controlar, de que a sua respiração era irregular, com sons baixos e ásperos rasgando-lhe a garganta com cada introdução do pénis no corpo dela. Sentiu-se feliz por também ele sofrer. Queria vir-se, precisava desesperadamente de se vir, mas as posições que ocupavam impediam-no. Queria rodeá-lo com as pernas. Se não pudesse ter o que queria, era justo que ele também não.

Não sabia quanto tempo tinha passado quando, subitamente, a «brincadeira» dele se tornou insuportável para os dois por mais um minuto que fosse. Cam saiu de dentro dela e fê-la voltar-se para si, puxando violentamente as calças num esforço para lhas despir. Bailey tentou ajudar, esperneando e agitando-se para as alcançar e conseguiu tirar uma perna para fora antes de ele se deitar sobre ela, introduzindo as pernas entre as suas e afastando-as antes de a penetrar até à base com uma estocada intensa.

Rodeou as pernas dele com as suas e apertou-lhe as nádegas com as mãos, puxando-o para dentro de si tanto quanto podia, vindo-se com aquela primeira estocada, arqueando as costas como um animal e emitindo sons selváticos. Não cessou de a penetrar e, quando o orgasmo dela começou a esmorecer, deixando-lhe o corpo mole, ele começou a estremecer, atingindo também o clímax.

Ela sentiu-se como se tivessem voltado a despenhar-se.

Deixou-se vaguear, elevando-se até à consciência antes de voltar a afundar-se. O coração batia-lhe com força, com um eco invulgar que não tardou a reconhecer como o batimento do coração dele. O peito de Cam subia e descia como um fole de ferreiro em pleno funcionamento. O calor erguia-se dos seus corpos em ondas e, apesar de estar seminua e completamente descoberta, não sentia frio. Achou que não voltaria a ter frio na vida.

— Santo Deus — disse ele por fim, com voz esgotada.

A mão dela permaneceu inerte por um momento antes de conseguir tocar-lhe levemente no ombro.

Com esforço, ele saiu de cima dela e caiu a seu lado, puxando algumas das roupas que tinham sido lançadas para longe até conseguir arrastar uma peça ou duas para cima dos seus corpos.
— Não adormeças — advertiu ele, apesar de parecer estar já a meio a caminho. — Temos de compor isto... temos de te vestir... tenho de ver a fogueira... — A voz perdeu-se.

Após um minuto, praguejou e forçou-se a sentar-se.

— Se não o fizer agora, acabo por adormecer. — Retirou o preservativo e limpou-se, passando alguns segundos a compor-se antes de rastejar para fora para atender ao fogo.

Era a vantagem dos preservativos, pensou Bailey, meio adormecida. Não precisava de se limpar. Limitar-se-ia a dormir.

Sentiu um sopro de ar frio e estremeceu. Lá se ia a convicção de nunca voltar a sentir frio na vida. Erguendo-se, conseguiu desenlear as calças, vestiu-as e puxou-as para cima, começando a restaurar alguma ordem no caos completo das camadas de roupa. Cam regressou ao abrigo, bloqueando momentaneamente com os ombros largos a luz do fogo. Ajudou-a a instalar-se e deitou-

se a seu lado, ajeitando a camada superior de roupa sobre ambos antes de cair de costas, puxando-a para junto de si.

Bailey aninhou-lhe a cabeça no ombro, com um encaixe tão natural como se dormissem juntos há anos. Sentiu-se um pouco alheada. Não. Sentiu-se muito alheada. E descontraída. E saciada. Talvez até um pouco dorida. Mas, acima de tudo, sentia que estavam juntos de uma forma que se tornava assustadora por ser tão perfeita.

31

Logan Tillman, o irmão de Bailey, veio ao escritório da *J&L* na manhã do quinto dia. Bret reconheceu-o de imediato, mesmo antes de se apresentar. Não era por ser muito parecido com Bailey. Logan era mais alto, tinha o cabelo mais escuro e os olhos mais azuis. Mas havia uma semelhança na expressão, uma reserva determinada, que os marcava como parentes. Além disso, a sua face estava marcada pelo pesar, tal como a da mulher alta e sardenta a seu lado.

— Sou Logan Tillman, o irmão de Bailey — disse, apresentando-se a Karen. — Esta é Peaches, a minha mulher. Eu... Nós não podíamos ficar mais tempo em Denver sem contactos e sem notícias. Preferimos estar aqui. Há alguma coisa?

Bret saiu do seu gabinete para os cumprimentar.

— Não. Nada. Lamento. — Tinha uma aparência tão abatida como a deles. Limitara-se a dormitar desde a queda do avião. Mesmo assim, recomeçara a pilotar porque o negócio devia seguir em frente.

Estava em queda financeira, algo que nunca previra quando formou sociedade com Cam. Tinham segurado inteligentemente o avião e eles próprios para a empresa sobreviver a algo que acontecesse a um dos dois, mas não tinham contado com a inclinação natural da seguradora para se agarrar ao dinheiro.

Mesmo que o avião tivesse desaparecido do radar sobre terreno extremamente acidentado, significando que se tinha despenhado, o facto de não terem sido encontrados os destroços ou de não se ter recuperado o corpo de Cam significava, do ponto de vista da seguradora, que continuava vivo até se encontrar um cadáver ou até um tribunal o declarar morto. A fria realidade era que Bret tinha um avião e um piloto a menos e, portanto, havia menos dinheiro a entrar. Andava de um lado para o outro de noite, preocupando-se com as dívidas que se aproximavam. Não conseguia acreditar que tivessem... que tivesse tido vistas tão curtas. Teria de contratar outro piloto, claro, mas encontrar alguém com as qualificações exigidas levaria tempo.

Percebeu que Karen lhe lançava um dos seus olhares de pálpebras semicerradas que prometia retribuição se não fizesse o que queria. Inspirou fundo. Esperava que falasse ao irmão de Bailey da discrepância do combustível.

Tinha razão. Logan precisava de saber. Bret não queria ter de lhe dizer, mas não tinha escolha.

— Vamos para o meu gabinete — disse com severidade. — Querem café?

Peaches olhou o marido, como se tentasse perceber se precisava ou não de uma dose de cafeína.

— Sim, por favor — respondeu, segurando Logan pela mão. Este retribuiu-lhe o aperto e conseguiu esboçar algo que se assemelhava a um sorriso.

Bret levou-os para o seu gabinete e fê-los sentarem-se nas duas cadeiras à frente da secretária.

— Como preferem o café?

— Natas num e o outro sem nada — respondeu Peaches. A sua voz era como a da fada Sininho, aguda e acelerada. Bret passara muito tempo a falar com Bailey quando pilotara os seus voos e recordava como ela gostava da cunhada. Logan parecia ser a única família com quem

mantinha contacto. Era o único que mencionava.

O seu pesar era tão intenso que pairava sobre eles como um véu de sofrimento. Tinha de se afastar.

— Vou buscar o café — disse, saindo e vendo que Karen já o preparava porque, obviamente, tinha estado à escuta. Olhou-o momentaneamente, lendo-lhe a expressão.

— Aguente, chefe — disse, obtendo como resposta um olhar desconsolado. Nada de compreensão, mas também era verdade que quem esperasse compreensão de Karen Kaminski não teria grande sorte. Reparou que tinha pintado novamente o cabelo. Antes, havia madeixas negras entre o ruivo, mas, agora, o preto era a cor dominante. Pensou se seria aquela a sua forma de luto.

Encontrara um pequeno tabuleiro algures e pousara três chávenas sobre ele, alguns pacotes individuais de natas, colheres e, finalmente, o café. Em silêncio, Bret ergueu o tabuleiro e levou-o para o seu gabinete, onde o depositou sobre a secretária.

Logan inclinou-se para a frente, pegou numa chávena de café simples e passou-a à mulher. Quando o viu despejar natas na sua chávena, Bret recordou que era também assim que Bailey bebia o seu. A memória foi inesperadamente aguda, inesperadamente dolorosa. Sentia o impulso de dizer algo a Cam cem vezes por dia, mas isso não era surpreendente, considerando o tempo que passaram juntos como amigos e associados. Apesar de os encontros com Bailey terem sido casuais e esporádicos, gostava dela. Quando se abria, conseguia ser engraçada e sarcástica e não se levava demasiado a sério.

Cam não simpatizava com ela e o sentimento parecia ser recíproco. Era irónico que acabassem por morrer juntos.

Bret pegou na sua chávena e manteve-se com as costas voltadas para eles, olhando pela janela, esforçando-se por controlar a expressão.

— Há uma discrepância nos registos de abastecimento de combustível — acabou por dizer, com um tom de voz neutro.

Houve uma pausa. Uma ausência completa de som.

— O que está a dizer? — perguntou Logan, cauteloso. — Que tipo de discrepância?

— O avião não tinha combustível suficiente. Descolou com menos de metade do que seria necessário para chegar a Salt Lake City, onde deviam fazer o reabastecimento.

— Que tipo de piloto levanta voo sem combustível suficiente? E porque não aterraria algures para corrigir o erro? — Logan parecia irado e Bret compreendia como se sentiria. Voltou-se para o irmão de Bailey.

— Em resposta à sua primeira questão — disse, lentamente —, um piloto que achasse ter combustível suficiente porque o indicador de combustível assim lho dizia. Essa será também a resposta à sua segunda questão.

— Como poderia não saber? Está a dizer que o indicador de combustível do avião estava enganado? Como pode saber isso se os destroços não foram encontrados?

Logan era inteligente. Bret reconhecia-o. Percebeu de imediato o que dizia, fazendo as perguntas certas.

— Os tanques de combustível do avião estavam quase vazios quando aterrou no dia anterior. Mas, quando foi reabastecido nessa manhã, levou apenas cento e quarenta e sete litros, menos de metade da capacidade de um dos tanques das asas.

— Então o responsável pelo abastecimento enganou-se, mas isso não explica porque acha que o indicador de combustível estava avariado. — Logan começava a irritar-se. Percebia-se pela impaciência crescente no seu tom de voz.

— Não disse que o indicador de combustível estava avariado — disse Bret, com o mesmo tom cuidadoso que Logan usara um momento antes. — Não me parece que estivesse.

— Então...

— Há formas — continuou, escolhendo as palavras com cautela —, de fazer um tanque de combustível dar indicação de cheio quando não está.

O silêncio voltou a instalar-se. Logan e Peaches olharam um para o outro e, a seguir,

ergueram as sobrancelhas ao mesmo tempo e Logan disse:

— Quando falámos ao telefone, contei-lhe o que Tamzin tinha dito e não lhe deu importância. Está a dizer agora que é provável que tenha havido sabotagem?

— Não sei. Até os destroços serem encontrados, apenas poderemos conjecturar. — Esfregou a testa com cansaço. — Mas é a única possibilidade que faz sentido. Cam era o piloto mais cuidadoso que alguma vez conheci. Verificava tudo uma e outra vez. Não via nada como garantido em questões de aviação. É impossível que não tenha notado um indicador de combustível que mostrasse os tanques meio vazios.

— A que ponto seria difícil enganar o indicador?

— Não é difícil de todo — admitiu Bret. — E não é preciso tocar sequer no indicador, mas nos próprios tanques. São preparados para parecerem cheios quando não estão.

— Comunicou isto às autoridades? — perguntou Logan, elevando a voz. — E também o que disse Tamzin?

Bret acenou com a cabeça.

— Sem provas, sem encontrar os destroços, nada poderá ser feito.

— Mas existirão certamente cassetes de videovigilância. Afinal, isto é um aeroporto!

— Um aeroporto muito pequeno e sem voos comerciais. Mas sim, há cassetes de videovigilância.

— E?

— E a empresa de segurança não permite que se aceda a elas sem uma ordem judicial. MaGuire, o investigador do NTSB, tem feito pressão, mas ainda não obteve quaisquer resultados.

— Porque se recusam a cooperar? — Pálido e agitado, Logan pôs-se de pé e andou pelo gabinete.

— Talvez por recearem um processo em tribunal. Ou poderá ser apenas o que determinam as suas normas de procedimento e algumas pessoas apegam-se às normas como se não conseguissem funcionar sem elas.

— Mas a polícia não interrogou Sefh Wingate depois do que Tamzin disse?

— Mais alguém a ouviu dizer-lhe isso? — perguntou Bret. — É verdade que não é conhecida pela estabilidade emocional. E Seth é um Wingate. Não fez nada na vida, mas continua a ser um Wingate e esse nome traz consigo uma carga pesada.

— Bailey tinha o mesmo nome — replicou Logan, voltando-se para esconder a emoção. Com os olhos brilhantes de lágrimas, Peaches levan-tou-se e foi até junto dele, repousando-lhe a cabeça contra as costas. Foi só isso, mas conseguiu acalmá-lo e voltou-se para a rodear com um braço.

Bret não disse nada. Não explicou que Bailey não fora uma pessoa muito popular. Os círculos sociais em que os Wingate se moviam ti-nham-na ostracizado depois da morte do marido. Viam-na como alguém que se aproveitara de um homem doente de meia-idade que perdera a esposa e que, pouco depois, descobrira que estava a morrer. Quando partiu, Bailey ficou para trás, habitando a casa que, por direito, deveria pertencer aos seus filhos e controlando a vasta fortuna Wingate. Mas não diria nada disso ao seu irmão enlutado.

— Então não há nada a fazer.

— Por agora não. Quando se encontrarem os destroços, se houver indícios de sabotagem, a situação será outra.

— Se os destroços forem encontrados.

— Serão — disse Bret com confiança. — Eventualmente. Eventualmente. Era essa a dificuldade. «Eventualmente» poderia significar em dois dias, dois anos ou no século seguinte. Até lá, era possível que alguém permanecesse impune de um homicídio.

— **Não** consigo aceitar — disse Logan nessa noite enquanto andava de um lado para o outro no seu quarto de hotel. Fizera-o durante muito tempo desde que fora informado do desaparecimento do avião em que seguia Bailey.

— O próprio registo de combustível deveria ser suficiente para convencer um juiz de que algo se passou.

Peaches encolhia-se na cama, com a pele sardenta tornada pálida Nenhum dos dois comera ou dormira grande coisa durante os dias anteriores. Não saberem era o pior de tudo. E, no entanto, sabiam, pelo menos, que Bailey estava morta. Parecia particularmente cruel aceitá-lo e não conseguir recuperar o corpo. Deveria ter um funeral, deveria ter uma cerimónia que assinalasse o fim da sua vida. Peaches não se permitiu pensar no que acontecia aos corpos perdidos na imensidão selvagem, mas sabia que Logan pensara e que isso o devorava por dentro.

Uma batida na porta sobressaltou-os a ambos porque nenhum dos dois tinha encomendado serviço de quartos, preferindo procurar um sítio mais barato para comer. Depois de gastarem tanto dinheiro nas suas férias canceladas, que apenas seria parcialmente devolvido, tendo de pagar um hotel ou motel durante vários dias, começavam a preocupar-se com as finanças.

— Talvez seja o Larsen — disse Logan, o que era lógico, visto que Bret sabia onde ficavam. Podiam apenas tentar adivinhar o que viera ali fazer em vez de lhes telefonar para voltar a falar com eles.

Logan abriu a porta e estacou. Avaliando a sua linguagem corporal, Peaches saiu da cama e colocou-se a seu lado, olhando intrigada o homem alto e de cabelo escuro que ali se encontrava. Não o reconheceu, mas uma pontada de inquietude permitiu-lhe adivinhar.

— Que raio quer daqui? — perguntou Logan com tamanha hostilidade que a assustou. — Como descobriu onde estávamos?

— Vim para conversar. E encontrar-vos foi fácil. Perguntei. Ligaram para casa e disseram onde estariam. Bastou-me dizer que tinha perdido o vosso número e que tinha notícias acerca do acidente.

— Não tenho nada para conversar consigo. — Preparava-se para fechar a porta, mas Seth Wingate estendeu a mão e segurou-a. Era um homem de constituição física poderosa, com uma cara que poderia ser atraente se houvesse algo na sua expressão além de um total cansaço da alma.

— Então ouça — disse, com frieza. — Não tive nada a ver com a queda do avião.

— Alguém teve — disse Logan, firmando o maxilar e endurecendo o olhar. — A sua irmã gabou-se de como é perigoso irritá-lo e disse que Bailey teve o que mereceu.

— A minha irmã — disse Seth, com grande determinação —, é uma cabra sem coração que poderá estar a preparar-se para me incriminar.

Logan quis esmurrá-lo na cara, mas conteve-se. Peaches estava a seu lado e, apesar de não rejeitar uma luta, nunca arriscaria deliberadamente magoá-la.

— É comovente a vossa lealdade fraternal — disse, com tom sarcástico.

A boca de Seth contorceu-se num sorriso amargo.

— Nem imagina — disse. — Queria apenas dizer-lhe que não fui eu. — A seguir, voltou-se e afastou-se, deixando Logan e Peaches junto à porta do seu quarto de hotel, vendo-o desaparecer pelo corredor fora.

32

Durante a sua última deslocação de manutenção da fogueira, Cam encontrou o estojo de primeiros-socorros entre o emaranhado de roupa, desembrulhando-o e levando-o para fora para tornar a enchê-lo com neve. A criatividade de Bailey em usar a caixa para aquecer a cama fê-lo sorrir. Tinha um talento incrível para ver além da utilização convencional de um objecto e para o adaptar às suas necessidades. Se tivesse sido necessário permanecer no local da queda do avião durante mais tempo, não tinha dúvidas de que o abrigo de ramos se transformaria numa cabana de lama e que teria construído um moinho de vento a partir do metal e dos componentes do avião para alimentar a bateria, de forma a poderem fazer as fogueiras que quisessem.

Depois de alimentar as chamas, colocou o estojo perto dos carvões incandescentes. Ter algo quente para beber seria óptimo. Poder passar o dia inteiro na cama seria ainda melhor, mas, com a sua situação alimentar como estava, não tinham essa opção.

Esperou até a neve derreter, aproximando-se o mais possível da fogueira, mas sem deixar de tremer com o vento gelado. Depois de acrescentar mais neve, bem como uma mão-cheia de agulhas de pinheiro, rastejou para dentro do abrigo para mais uma hora de sono antes do nascer do sol e do início de mais um dia fatigante.

Bailey não acordou, mas não acordara em nenhuma das ocasiões em que ele saíra para atiçar o fogo durante a noite. Esticou-se a seu lado e ela aproximou-se dele, aninhando-se numa posição confortável sem acordar Com sorte, todas as noites que lhes restavam seriam passadas assim, mas não queria dar nada como garantido. Era óbvio que cada passo de um relacionamento era um grande esforço para ela. Deixar-se levar era para ela um conceito estranho e a confiança emocional era algo a evitar.

Percebia a tarefa árdua que tinha pela frente, contornando ou desmantelando as minas da sua infância. O divórcio era duro para todos, sobretudo para as crianças, mas a personalidade de Bailey tornara essa provação desastrosa. Precisava de segurança a um nível mais profundo do que a maioria e passara a vida adulta certificando-se de que estava tão segura quanto possível. Se isso significasse não se permitir gostar de ninguém, assim seria.

O melhor seria encarar os factos, disse para si próprio. Os seus dias de solteiro tinham chegado ao fim. Teria de ir até ao fim com aquilo. Ela não seria capaz de tolerar que fossem apenas amantes por um período indefinido, mas, ao mesmo tempo, entraria em pânico com a ideia de um casamento real, com um compromisso real. Não sabia como a convenceria a correr o risco, mas seria capaz e divertir-se-ia muito no processo.

— Aqui está o teu café da manhã — disse Cam, acordando-a com um beijo e estendendo-lhe a tampa do desodorizante meio cheia com chá de agulhas de pinheiro.

— Hmm, café! — Ensonada, esforçou-se por se sentar, movendo-se até conseguir encostar-se à rocha e recebendo a tampa das suas mãos. O primeiro gole era maravilhoso pelo calor e pela gentileza do gesto, não pelo sabor. Nunca ninguém lhe trouxera nada pela manhã. Fora sempre ela a ir buscar aquilo que quisesse. Bebeu novo gole e, a seguir, ofereceu-lhe a tampa. — Está óptimo. Feito com as melhores agulhas de pinheiro que a América tem para oferecer.

Cam abanou a cabeça, sentando-se a seu lado.

— Já bebi. O resto é teu.

Comparado com outras bebidas matinais, o chá de agulhas de pinheiro não tinha a potência do café ou do chá real, mas não se queixava. Estava grata por ele. Aliás, estava ridiculamente feliz naquela manhã, o que era assustador. Afastou o pensamento para exame posterior e disse:

— Qual é a agenda para hoje? Compras, passeio e almoço?

— Achei que pudéssemos fazer uma caminhada pelas montanhas.

— Rodeou-lhe os ombros com o braço, puxando-a para si enquanto lhe cobria as pernas com as roupas espalhadas. Mesmo com a fogueira lá fora, mesmo com a bebida quente, o ar continuava gélido e o abrigo estava longe de ser isolado.

— Parece-me um bom plano.

— Temos de nos esforçar hoje. — Pareceu severo e olhou-o por um instante. — Talvez possamos fazer uma corda e descer-nos a nós e ao trenó por uma das paredes verticais. Conseguiremos ganhar algum tempo. Precisamos de nos afastar hoje do vento para podermos criar uma coluna de fumo.

Não precisou de dizer a Bailey porquê. Os pinhões mantê-los-iam, mas precisavam de mais comida do que uma mão-cheia de pinhões por dia. Não sabiam quantas vezes mais a bateria poderia ser usada para começar uma fogueira antes de perder a carga e as pinhas precisavam de ser aquecidas para terem acesso aos pinhões, o que os tornava uma fonte de alimento incerta. Estavam num dia de vida ou morte. Esperou que não fosse de forma literal, mas a possibilidade existia e estivera presente desde o primeiro dia. A situação era precária.

Depois de comerem um punhado de pinhões, apressaram-se a arrumar o equipamento, cobrindo a fogueira e pondo-se a caminho. Bailey quase se sentiu feliz por não haver oportunidade para troca de carícias ou outros comportamentos apaixonados ou mesmo para voltar a fazer amor. A oferta do chá de agulhas de pinheiro ultrapassava qualquer gesto e, quanto a fazer amor, estava um pouco dorida da brincadeira dele, o que não era surpreendente, levando em conta o tempo que passara desde a sua experiência sexual anterior.

Além disso, precisava de tempo para digerir os acontecimentos. Apesar de se adaptar rapidamente ao ambiente envolvente, era muito menos flexível a nível emocional. Um dia de esforço físico sem quaisquer exigências emocionais era precisamente daquilo que necessitava.

E ainda bem. Porque foi precisamente isso que teve. Cam definiu um ritmo exigente, tão exigente que a fez preocupar-se com ele. Seguia à frente e, se pisasse um ponto aparentemente sólido que revelasse ser um poço de neve e cedesse sob o seu peso, desapareceria antes que ela pudesse esboçar uma reacção e arrastaria sobre si o pesado trenó.

Subitamente, esse cenário tornou-se tão real que lhe gritou que parasse e, quando o fez, apressou-se a ultrapassá-lo.

— Eu vou à frente — disse, bruscamente, recomeçando a andar ao mesmo ritmo por ele definido.

— Que raio...? Ei! — gritou atrás dela, praguejando enquanto tentava acompanhá-la.

— Tu puxas o trenó. Eu testo o caminho.

Não lhe agradou ouvi-lo, mas, até conseguir alcançá-la, não poderia fazer grande coisa a esse respeito e não conseguiria alcançá-la enquam puxasse o trenó. Viu-a ajeitar as alças da mochila improvisada sobre os om bros e seguir em frente.

Pegou num ramo longo e firme para ir espetando no chão à sua fren te, certificando-se de que o terreno era sólido, mas não deixou que isso abrandasse. A possibilidade de serem salvos naquela tarde ou no dia seguinte deu-lhe forças. Como queria sair daquela montanha! Conseguiu encontrar um ritmo, com o espetar do ramo no solo seguido pelo deslizar dos seus sapatos de neve sobre a sonora camada superficial. Os sons eram monótonos e embaladores, o que constituía um perigo. Espetar, deslizar deslizar, espetar, deslizar, deslizar. Teve de se forçar a prestar atenção.

Serpentearam por descidas que teriam contornado no dia anterior. A maioria não poderia ser ultrapassada sem o ramo e, em cada uma, precisaram de descalçar os sapatos de neve para melhorarem a tracção. Bailey descia primeiro e Cam descia o trenó até ela, usando com cuidado a corda que fizera com peças de roupa atadas. Em seguida, Bailey segurava o trenó enquanto ele descia, voltando a puxá-lo.

Cam não manifestou vontade de seguir à frente. O sistema adoptado, com ela a testar o caminho, funcionava tão bem que teria sido tolo se insistisse. E, se havia coisa que Cam não seria, pensou Bailey, seria tolo. Tinha um ego amplo, mas também tinha um cérebro que se sobrepunha a tudo o resto. Agradava-lhe assim. Não. Amava-o. Repetiu a palavra para si mesma várias vezes. Amar, amar, amar. Levou algum tempo a habituar-se, mas não sentiu um pânico tão intenso como a princípio.

Pouco antes do meio-dia, uma das correias do seu sapato de neve direito partiu-se. Soltou-se a meio de um passo e caiu para a frente, mantendo um sapato preso ao pé. O ramo espetado na neve impediu-a de cair com a cara na neve. Limitou-se a cair sobre um joelho, voltando rapidamente a pôr-se de pé. Puxou a máscara para baixo e inspirou fundo.

— Estou bem — disse, quando Cam a alcançou, examinando-a com minúcia à procura de estragos antes de se baixar para pegar no sapato de neve.

— Consigo repará-lo — disse, após observar brevemente a correia. — De qualquer forma, preciso de uma pausa.

Sentaram-se no trenó e descansaram enquanto passavam o frasco de elixir bucal com água de um para o outro. Cam retirou a correia rasgada, substituindo-a por outra tira de tecido cortada de outra peça de roupa. Àquele ritmo, pensou Bailey, sorrindo, se não fossem salvos em breve, não restariam roupas para os cobrir durante a noite.

— Temos avançado a bom ritmo — disse ele, olhando em redor. — Acho que estaremos cento e cinquenta metros abaixo do ponto de partida.

— Cento e cinquenta metros — murmurou ela. — Sinto que percorremos oito quilómetros pelo menos.

Viu-o mostrar os dentes num sorriso.

— Não chegou a tanto, mas estes cento e cinquenta metros são significativos. Não notas a diferença no vento?

Ergueu a cabeça. Agora que falava nisso, conseguia notar. As árvores não se agitavam tanto e, apesar de o vento ser frio, faltava-lhe o toque gélido que suportaram desde a queda. Além disso, porque não tinham sido capazes de descer a direito, sendo forçados a mover-se na diagonal, pareciam dirigir-se mais para este, para longe da encosta fustigada pelo vento. A temperatura estaria um grau ou dois mais quente, mas a diferença na velocidade do vento tornava as coisas mais agradáveis em comparação com a situação anterior.

Antes, sentira-se confiante, mas esse efeito tornou-se ainda mais intenso. Olhou-o e sorriu.

— Afinal, poderás conseguir fazer a fogueira de sinalização ainda esta tarde, «Tonto»[6].

Cam riu-se e deu-lhe um beliscão ligeiro, acabando de aplicar a correia nova ao sapato de neve.

— Está como novo — exclamou, baixando-se junto a ela para o prender à sua bota. — Pronta para continuar?

— Pronta. — Estava faminta e cansada, mas não mais do que ele estaria, talvez um pouco menos porque a maior massa muscular dele queimaria mais calorias, mesmo permanecendo sentado, do que a sua. Estavam no quinto dia e achou que perdera cerca de cinco quilos devido ao frio e à falta de comida, mas ele teria perdido no mínimo sete. Sem nada para comer, começariam a perder as forças. Corriam contra o tempo para chegar a uma zona mais temperada. Forçarem-se de tal forma fazia-os perder mais calorias, mas, se o resultado final fosse conseguirem ser salvos naquela tarde ou na manhã seguinte, valeria a pena o esforço.

Quando se ergueram, Cam flectiu os ombros e os braços, libertando-se da rigidez antes de voltar a puxar o trenó. Bailey podia apenas imaginar o esforço que fazia, puxando o trenó pesado sobre terreno acidentado. Conseguia ver as marcas na sua face, assinaladas com linhas de fadiga. Quanto tempo mais conseguiria seguir em frente?

Recomeçaram a marcha, usando o mesmo método. Mesmo com a curta pausa, mesmo com todo o exercício que normalmente fazia, sentia os músculos das pernas a arder. Mas, se Cam conseguia continuar, ela também conseguiria.

Algures pelo caminho, ouviu-o gritar. Olhando para trás, viu-o debater-se com o trenó. Um dos suportes passara o limite de um roched ameaçando arrastar tudo para baixo. A altura não era muita, seriam quase dois metros, mas era suficiente para o trenó ficar danificado sem qualquer reparação possível. Esforçou-se para chegar rapidamente ao local, atrapalhada pelos passos impostos pelos sapatos de neve, passou por ele e segurou a traseira do trenó. Não havia um local onde pudesse segurá-lo com firmeza e limitou-se a segurar o suporte que deslizara para fora, puxando-o para cima e para trás com toda a sua força. Ouviu um ruído assustador, mas não se atreveu a largar, fincando as pernas e puxando para cima enquanto Cam aplicava toda a sua força e o seu peito a puxar para trás. Com o centro de gravidade do trenó de volta ao ponto em que deveria estar, voltou a deslizar com os dois suportes sobre a neve e Bailey afastou rapidamente a mão antes que os dedos lhe ficassem presos.

Os pés de Bailey deslizaram-lhe para a frente e, com um grito, caiu do rochedo abaixo.

Aterrou com uma batida seca, suficientemente intensa para lhe estremecer todos os ossos do corpo, erguendo-se sobre as mãos e os joelhos.

— Bolas!

— Bailey!

[6] Um índio, personagem da banda desenhada norte-americana. (Nota do Editor)

O alarme na voz grave de Cam era notório e ela respondeu-lhe:

— Estou bem. Não tenho nada partido. — Mas conseguira acréscimos significativos à sua já extensa colecção de nódoas negras. Pôs-se de pé e sacudiu a neve das mãos e dos joelhos, procurando a melhor forma de subir até junto dele. Infelizmente, precisou de percorrer quase trinta metros na direcção oposta, trepando por um desnível íngreme coberto com pedras soltas escondidas por baixo da neve que dificultavam a escalada. Arfava com o esforço quando conseguiu reunir-se a Cam.

Nenhum dos dois disse nada porque não valeria a pena desperdiçarem o fôlego valioso. Ele estava bem, ela estava bem, o trenó estava bem. Retomaram o caminho.

Pouco antes das cinco, Bailey parou de repente, olhando desconsolada a forma em semicírculo do penhasco a seus pés. As paredes de rocha eram verticais, salpicadas a espaços por manchas brancas onde a neve encontrara repouso precário. Tinham-se aproximado de lado e, durante os momentos anteriores, o caminho tinha-se tornado cada vez mais íngreme, de tal forma que, nalguns pontos, se viu forçada a caminhar ao lado do trenó, empurrando-o para o fazer seguir em frente. Confrontados com o penhasco, não podiam continuar a seguir em frente. A não ser que quisessem que as últimas centenas de metros do seu percurso fossem percorridos à velocidade de um corpo em queda livre. À direita, o terreno descia de forma tão pronunciada que não havia maneira de descer com o trenó. Para contornarem o penhasco, teriam de subir e Bailey não sabia se conseguiria subir naquele momento. A outra opção seria voltar para trás.

— Calculo que seja aqui que fazemos a fogueira — disse Cam, apoiando o trenó contra uma grande pedra para não deslizar pela montanha abaixo. Com um cansaço notório, libertou-se do arnês improvisado e limpou o suor da face.

— Aqui? — Não era nada positivo. Se não fossem salvos, não havia nenhum local propício à construção de um abrigo, por mais rudimentar que fosse. Até as árvores eram relativamente escassas naquela área, o que dificultaria o processo de recolha de lenha. Suspirou. Não tinham grande escolha. Era o fim do caminho. — Aqui.

Cam esticou-se, virou a cabeça para um lado e para o outro. A seguir, riu-se e disse:

— Olha.

Bailey olhou para onde ele indicara e viu que a neve terminava não muito abaixo deles. Não havia uma fronteira definida, mas uma diminuição gradual da cobertura de neve e um aumentar da concentração de árvores. Infelizmente, não podiam chegar lá por enquanto.

Ergueu a face ao vento e percebeu que não era muito mais do que uma brisa. O fumo da fogueira poderia manter-se unido e ser notado. Se não fosse naquela noite, talvez no dia seguinte. Fariam uma fogueira grande e fumarenta e mantê-la-iam até que alguém reparasse e viesse investigar.

Cam já se ocupava dos trabalhos de preparação, afastando neve, cavando um buraco raso. Bailey deixou a mochila escorregar-lhe dos ombros e foi procurar lenha. Não conseguiu juntar muita de uma vez só porque precisava de um braço livre para trepar. Na viagem de regresso, reparou que havia três buracos abertos.

— Porquê três?

— O três é o sinal universal de emergência. Três apitos, três fogueiras, três montes de pedras. Use-se o que se usar, devem ser três.

— As coisas que aprendi nestas férias — disse, em tom neutro, retornando à sua tarefa. Em termos práticos, três fogueiras implicavam que teria de reunir três vezes mais madeira. Que bom.

Com a lenha disposta nos três buracos e usando papel e pedaços de casca de árvore como acendalhas, Cam acendeu mais uma fogueira com faíscas da bateria. Cuidadosamente, deixou que as chamas crescessem, acrescentando mais lenha e, usando um ramo para atear as outras duas. Em breve, havia três fogueiras de chamas altas, mas não parecia haver grande fumo. Bailey esperava enormes espirais de fumo, formando uma coluna que se erguesse a quilómetros de altitude.

Era óbvio que Cam pensaria o mesmo porque acrescentou lenha verde às três fogueiras. O fumo que não tardou a erguer-se foi mais gratificante.

— Agora esperamos — disse, abraçando-a e puxando-a para junto de si para lhe aplicar um beijo longo e profundo. Bailey encostou-se a ele, demasiado exausta para conseguir mais do que rodear-lhe a cintura com os braços

Cam arrastou os sacos de lixo com roupas para fora do trenó e posi-cionou-os lado a lado. Com o conteúdo moldado na forma certa, os sacos de lixo funcionavam quase como pufes e ambos se afundaram com gratidão nos seus assentos improvisados. Permaneceram em silêncio durante vários minutos, poupando as forças que lhes restavam. Quando Cam falou Bailey surpreendeu-se com o rumo do seu pensamento.

— Quando regressarmos, não te atrevas a afastar-te de mim.

Não podia dizer que não se tivesse lembrado disso mesmo por diversas vezes desde que percebeu pela primeira vez como se tornava importante para ela. No entanto, só entrara verdadeiramente em pânico quando percebeu que era demasiado tarde para se afastar.

— Não o farei — foi a sua única resposta, voltando a cabeça para lhe sorrir. Estendeu a mão. Ele aceitou-a, rodeando-lhe os dedos com os seus e erguendo-a até à cara.

Pouco antes do pôr-do-sol, continuavam sentados sobre os sacos de lixo, olhando as montanhas como dois turistas, quando ouviram a batida inconfundível das pás de um helicóptero. Cam pôs-se de pé, abanando os braços enquanto o helicóptero se tornava visível, avançando sobre eles como uma traça atraída por três chamas.

33

O helicóptero pairou sobre ambos com tamanha proximidade que o vento provocado pelas pás soprava em seu redor e Bailey conseguia ver os óculos escuros do piloto. A seu lado, tinha outro homem. Os dois pareciam envergar algum tipo de farda e presumiu que fossem dos Serviços Florestais. Não havia lugar onde o helicóptero pudesse pousar, mas o que importava era que alguém sabia onde estavam e que vinha ajuda a caminho. Esperou que chegasse em breve. Não tinham construído um abrigo, mas, se fosse necessário, permaneceriam sentados junto à fogueira durante toda a noite para permanecerem quentes.

Sentia-se tão cansada que, de qualquer forma, se achou incapaz de construir um abrigo. Nem sequer se pôs de pé para acenar ao helicóptero, apesar da excitação do salvamento iminente ou relativamente iminente, dependendo do tempo que uma equipa de resgate levasse a alcançá-los.

Cam fazia sinais com a mão ao piloto.

— Diz-lhes para irem buscar sacos-cama e para os trazerem até nós — disse-lhe. — E uns termos de café. E uma dúzia de *donuts*. Ah e um *walkie-talkie* seria agradável. — A fadiga entorpecia-a, mas não se importava.

O helicóptero ergueu-se sobre a montanha e voltou na direcção de onde viera. Bailey suspirou ao vê-lo afastar-se. De alguma forma, aquilo parecia-lhe um anticlímax.

Cam ria-se quando se sentou a seu lado.

— Os sinais de mão não permitem tantos pormenores.

— O que lhe disseste?

— Que somos dois, que ambos conseguimos mover-nos, significando que uma equipa de resgate não deverá arriscar a vida para chegar até nós, e que estamos aqui há cinco dias.

Bailey esticou as pernas e cruzou os tornozelos. Era quase como ficar sentada num alpendre algures a admirar a vista, que era espectacular, mas, em vez do alpendre, estava numa encosta montanhosa, com um penhasco a pouca distância à sua esquerda.

— Talvez devêssemos preparar-nos para a noite. Recolher mais lenha, construir um abrigo, esse tipo de coisas.

Voltou a face para ela, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos sobre os joelhos enquanto lhe estudava a expressão, percebendo a sua completa exaustão. Pegou-lhe na mão.

— Eu vou buscar lenha, mas não estou capaz de construir um abrigo. Está mais quente aqui

em baixo sem o vento. Passamos a noite aninhados junto à fogueira.

— Está bem. Consigo aninhar-me. — Parecia ansiosa. — Calculo que não houvesse forma de lhes dizer os nossos nomes para poderem informar as nossas famílias?

Cam abanou a cabeça.

— Não me deixei pensar na minha família — respondeu, após um minuto. — Sei que estão a passar por um inferno, mas pareceu-me mais importante concentrar-me na sobrevivência. Talvez estejam no quartel-general das buscas, onde quer que seja, porque não houve qualquer busca perto de nós. — Fez uma pausa e disse, consternado: — Preciso de os ver.

Bailey pensou em Logan e Peaches, em como se deveriam sentir, em como deveriam estar preocupados, mas não pensara por um momento que nenhum dos outros, nem mesmo os seus pais, se preocupassem minimamente com ela. A mãe podia derramar uma lágrima ou duas, usar a sua história de pesar para suscitar simpatia, mas esperar no quartel-general de uma operação de resgate até encontrarem o corpo da filha? Não aconteceria. O pai talvez nem desperdiçasse uma lágrima.

Aceitara anos antes que os três filhos mais velhos estavam fora do seu alcance. Cam tinha sorte com a sua família, sabendo sem hesitar que estariam à sua espera.

— Para bem da tua mãe — disse-lhe ela —, espero que possas limpar-te antes que te veja. E também precisas de roupa. E de uma ligadura sobre o corte porque precisa de ter a certeza de que estás bem antes de o ver. Confia em mim. — Olhou-o à luz trémula das chamas. Sobre a barba de cinco dias, as manchas por baixo dos olhos adquiriam uma desagradável tonalidade amarelada. Os vários cortes saravam, cobertos de crostas. Quanto ao medonho corte na testa, não conseguia decidir se os seus pontos improvisados eram ou não uma melhoria sobre o aspecto que teria sem eles. Ela começou a rir. — Estás com um aspecto horrível.

O rosto dele abriu-se num sorriso

— Tu também não estás nada bem — disse-lhe ele, em tom provocante. — Pareces alguém envolvido num acidente aéreo e que tem sobrevivido numa montanha durante cinco dias. Mas o olho negro é o toque de requinte. Pelo menos, sabes que não me apaixonei por ti pelo teu aspecto.

Bailey quase deu um salto. Como podia ele atirar-lhe coisas como aquela sem avisar. Mesmo que não soubesse como poderia preparar-se para aquilo. Antes que pudesse reagir, ele voltou a erguer-lhe a mão até à face.

— Se te pedir para casares comigo, foges a correr pela montanha abaixo?

Choque atrás de choque. Não conseguira reagir a um e ele atingia-a com outro. Como resultado, ficou ali sentada, imobilizada pela impossibilidade de escolher a qual das afirmações responder primeiro. Por fim, conseguiu dizer:

— É possível — e deixou-o pensar a qual se referiria. Beijou-lhe a palma da mão e sentiu-lhe os lábios curvarem-se enquanto continha um sorriso.

— Então não peço — disse ele, com severidade. — Pelo menos, não para já. Sei que precisas de tempo para te habituares à ideia. Devemos deixar as nossas vidas voltar ao normal e encontrarmo-nos em situações normais. Há também o problema de Seth ter tentado matar-te e precisamos de lidar com isso em primeiro lugar. Deixemos passar entre nove meses e um ano antes de casarmos. Que te parece?

Para alguém que não lhe ia pedir para casar, estava a ponderar grande número de pormenores, pensou. O seu coração batia de forma irregular, mas, quando o olhou, pensou em como poderia passar a vida sem ver aquele sorriso ou sem ouvir o tom seco da sua voz quando fazia algum comentário sarcástico ou sem dormir nos seus braços. Não sabia sequer se conseguiria dormir sem ele. Clareou a garganta.

— Por acaso... a parte do casamento até nem me incomoda.

— É só a parte do amor que te assusta muito, não é?

— Estou... a sair-me melhor com isso do que teria pensado.

— Pensar que te amo não te faz entrar em pânico?

— Essa parte também não me incomoda — respondeu, com seriedade. — O que me assusta é também te amar.

Viu o brilho triunfal nos seus olhos. Não voltou a face para o esconder. Permitiu que ele visse tudo o que sentia.

— Estás a dizer que receias amar-me ou que tens medo porque me amas? Inspirou fundo.

— Acho que precisamos de ter cuidado para não nos precipitarmos. Os seus lábios voltaram a contorcer-se.

— Porque será que não me surpreende que tenhas dito isso? E não respondeste à minha questão.

Ali estava. A determinação implacável que vira quando forçava o avião a permanecer no ar durante os segundos preciosos necessários a alcançarem a linha de árvores em vez da encosta de rocha nua. Podia sentir-se segura com ele, pensou. Ele não desistiria. Não fugiria. Não a enganaria e, se tivessem filhos, nunca os abandonaria.

— É verdade que te amo — admitiu. As palavras eram inseguras, mas conseguiu pronunciá-las, apesar de vacilar logo a seguir. — Pelo menos, acho que sim. E assusta-me. Tem sido uma situação invulgar e precisamos de nos certificar de que sentiremos o mesmo quando voltarmos ao mundo real. Por isso, concordo contigo nesse aspecto.

— Não disse que precisaremos de nos certificar de que sentiremos o mesmo. Sei o que sinto. Disse que compreendo se precisares de tempo para te habituares à ideia.

Era decididamente inabalável, pensou.

— Então está decidido — disse, com satisfação silenciosa. — Estamos comprometidos.

Agora que tinham sido avistados, deixaram duas das fogueiras apagarem-se e passaram a noite unidos junto à restante, falando e dormitando ocasionalmente. O cobertor espacial e os pedaços de esponja mantiveram-nos separados do chão frio e as camadas de roupa do costume, mesmo que não conseguissem aquecê-los, serviam, pelo menos, para impedir que congelassem Após repousarem e dormirem um pouco, voltaram a fazer amor. Daquel vez, foi lento e demorado. Depois de a penetrar, foi como se voltassem a dormitar, mas ele despertava o suficiente de poucos em poucos minutos para se mover delicadamente para dentro e para fora. Bailey percebeu que não tinha colocado um preservativo e a nudez do pénis dele dentro de si era uma das sensações mais excitantes da sua vida.

Veio-se duas vezes com aquele movimento lento e embalado e o seu segundo orgasmo desencadeou o dele. Segurou-lhe as ancas e uniram tanto os seus corpos que nem um sussurro teria conseguido intrometer-se entre ambos e um gemido abafado ergueu-se da garganta dele enquanto lhe estremecia entre as pernas.

Depois de se limparem e de comporem as roupas, dormiram mais um pouco. Quando nasceu o sol, estavam acordados e esperando a equipa de resgate. Restauraram a ordem possível à área, reuniram o seu equipamento improvisado e sentaram-se junto ao fogo, enrolados no cobertor espacial. Bailey sentia a cabeça leve com a fome e sentia-se estranhamente frágil como se, agora que a batalha pela sobrevivência estava ganha, todas as forças a tivessem abandonado. Permanecer sentada ao lado de Cam era o limite das capacidades que lhe restavam.

Ouviram o helicóptero pouco depois das sete e viram-no pousar em terreno mais acessível cerca de quatrocentos metros mais abaixo. Enquanto a equipa de resgate saía, Bailey murmurou:

— É melhor que tragam comida.

— Ou? — gracejou ele. — Manda-los para trás?

Inclinou a cabeça e sorriu-lhe. Parecia tão esgotado como ela se sentia. O dia anterior deixara-os exaustos e, sem comida, nenhum dos dois tinha conseguido recuperar.

A provação estava quase terminada. Em algumas horas, estariam limpos, quentes e alimentados. O mundo real aproximava-se a passos largos, personificado pela equipa de quatro montanhistas com capacete que subia até eles com passos regulares, servindo-se de uma coreografia bem ensaiada de cordas e roldanas e Deus saberia o que mais.

— Perderam-se? — perguntou o líder da equipa quando os quatro homens os alcançaram. Parecia andar pelos trinta anos, com a expressão marcada de alguém que passava a vida no exterior.

Estudou as suas caras esgotadas e os pontos negros na testa de Cam, dizendo em voz baixa a um dos homens para fazer um exame físico. — Os caminhos não abrem até ao próximo mês. Não sabíamos que havia alguém perdido. Foi uma grande surpresa quando avistaram a vossa fogueira ontem.

— Perdidos não — disse Cam, pondo-se de pé e ajeitando o cobertor
em redor de Bailey. — O nosso avião despenhou-se ali em cima — apontou o cume. — Há seis dias atrás.

— Seis dias! —O líder da equipa assobiou. — Sei de uma operação de resgate de um avião pequeno que desapareceu sobre Walla Walla.

— É provável que sejamos nós — disse Cam. — Chamo-me Cameron Justice. Sou o piloto. Esta é Bailey Wingate.

— Sim — disse um dos outros. — São esses os nomes. Como chegaram tão longe?

— Com asas e oração — disse Cam. — Literalmente.

Bailey olhou o homem agachado a seu lado, tomando-lhe o pulso e apontando-lhe uma luz aos olhos.

— Espero que tenham comida.

— Connosco não, minha senhora. Mas vamos alimentá-los assim que regressarmos ao quartel-general.

Não dissera a verdade. Depois de descerem e de todos entrarem no helicóptero, foi decidido que precisavam de cuidados médicos. O piloto comunicou pelo rádio e foram levados para o hospital mais próximo, um edifício de dois andares numa pequena cidade do Idaho.

As enfermeiras das Urgências, abençoadas, compreenderam a sua necessidade mais premente e trouxeram comida e café antes mesmo que fossem vistos por um médico. Para surpresa de Bailey, não conseguiu comer muito, apenas algumas colheres de sopa, juntamente com um par de bolachas de água e sal que uma enfermeira lhe trouxera. A sopa era enlatada e aquecida num microondas, mas sabia a ambrósia. Não conseguiu comer tudo. Cam saiu-se melhor, engolindo uma malga inteira de sopa e uma chávena de café.

Após um exame rápido, o médico concluiu:

— Não têm problemas sérios. Precisam de comer e dormir. Por essa ordem. Teve sorte por o seu braço ter sarado bem. A propósito, quando levou a última vacina contra o tétano?
Bailey fitou-o, confusa.

— Acho que nunca levei uma vacina contra o tétano. O médico sorriu.

— Levará agora.

Depois da vacina, foi conduzida à sala das enfermeiras e aos chuveiros do balneário anexo. Bailey permaneceu sob a água quente tempo suficiente para a pele se enrugar, mas, quando saiu, estava limpa da cabeça aos pés. A enfermeira que a acompanhara deu-lhe uma farda cirúrgica para vestir e um par de meias, que cobriu com sapatos cirúrgicos. Não queria voltar a calçar as botas. Usara-as durante seis dias e os pés estavam tão cansados como o resto.

Cam não teve tanta sorte. Coube-lhe um tubo de soro e um TAC ao cérebro. Bailey permaneceu sentada com ele, esperando que o saco de soro se esvaziasse, o que levou algumas horas. Só depois lhe foi permitido tomar banho e fazer a barba. A cabeça foi novamente ligada e também lhe foi dada uma farda cirúrgica.

A seguir, começaram as perguntas. Tinham caído numa floresta estatal e os Serviços Florestais teriam de ser envolvidos. O chefe da equipa de resgate precisava de preencher o seu relatório. O NTSB foi notificado. Um repórter de um jornal local ouviu falar deles num receptor de rádio e apareceu no hospital. O chefe de polícia da cidade veio ver como estavam. Cam falou calmamente com os dois homens dos Serviços Florestais, com o chefe de polícia e, ao telefone, com o investigador do NTSB. Nem ele nem Bailey disseram uma palavra sobre sabotagem ao repórter.

As coisas progrediram com rapidez. Charles MaGuire, o investigador do NTSB, pôs-se a caminho. Alguém emprestou um telemóvel a Cam e pôde ligar aos pais. Quando terminou, Bailey perguntou se também o poderia usar e ligou para Logan.

— Estou? — Atendeu ao primeiro toque, fazendo-a pensar que se tinha lançado sobre o telefone.

— Logan, sou eu. Bailey.

Houve um momento de silêncio e uma voz trémula acabou por dizer:

— O quê?

— Estou num hospital em... não sei como se chama a cidade... no Idaho. Não estou ferida — disse, rapidamente. — Fomos resgatados da montanha hoje de manhã.

— Bailey?

A descrença na sua voz era tão profunda que se questionou se acreditaria nela ou se acharia que era alguém a pregar-lhe uma partida.

— Sou mesmo eu. — Limpou uma lágrima que lhe deslizou pelo canto do olho. — Queres que te diga qual o teu nome do meio? Ou o nome do nosso primeiro cão?

Receoso, disse:

— Sim. Como se chamava o nosso primeiro cão?

— Nunca tivemos um cão. A mãe não gostava de animais.

— Bailey. — A voz estremecia e percebeu que chorava. — Estás viva.

— Estou. Tenho arranhões e um olho negro. Acabo de comer comida a sério pela primeira vez em seis dias e tive de levar uma vacina contra o tétano que doeu como o raio. Fora isso, estou bem. — Conseguia ouvir Peaches ao fundo, a sua voz aguda e doce fazendo perguntas
com tanta rapidez que se tornava incoerente ou talvez também estivesse a chorar. — Vem um investigador falar connosco e acho que, depois, poderemos ir para casa. Ainda não sei como porque não tenho dinheiro, cartões de crédito ou documentos, mas havemos de chegar lá. Onde estás?

— Em Seattle. Num hotel.

— Não faz sentido pagar um quarto de hotel. Fiquem na casa. Ligo à governanta e digo-lhe para vos deixar entrar.

— Ah... Acho que Tamzin está lá.

— O quê? — Bailey sentiu o sangue entrar em ebulição e os olhos a faiscar. A raiva que sentiu foi tão imediata e avassaladora que não a teria surpreendido que a sua cabeça começasse a rodopiar.

— Estava lá no dia do acidente. Não voltei a ligar.

— Liga agora! Se lá estiver, faz com que seja presa por violação de domicílio! Estou a falar a sério, Logan. Quero-a fora.

— Não te preocupes. Hei-de fazê-la sair. Bailey... Tamzin disse algo acerca de Seth. Acho que pode ter estado envolvido na queda do avião. Ele negou, mas não se esperaria outra coisa.

— Eu sei — disse.

— Sabes?

— Cam percebeu tudo.

— Cam... o piloto?

— O próprio — respondeu, sorrindo a «Cam, o piloto», que lhe piscou o olho.

— Acho que nos casaremos. Estou a falar num telemóvel emprestado. Não ligues para este número. Não sei onde estaremos até irmos para casa, mas entrarei em contacto contigo quando souber. Vai despejar a cabra da casa antes que ela dê cabo de tudo. Amo-te.

— Eu também — disse-lhe e desligou antes que pudesse fazer mais perguntas, o que aconteceria certamente depois do que acabara de lhe dizer.

— Achas que nos casaremos? — repetiu Cam com as sobrancelhas erguidas.

— Teve choques suficientes para um dia — explicou, aproximando-se dele e aninhando-se. Tinham passado grande parte dos anteriores cinco dias e meio nos braços um do outro, a dormir ou acordados, e algo parecia faltar-lhes se não se tocassem. Pousou a cabeça no ombro dele. — Tamzin está em minha casa.

— Eu ouvi.

— Não é realmente a minha casa, mas é lá que vivo e ela não tem o direito de vasculhar as

minhas coisas. É provável que tenha doado as minhas roupas todas a uma obra de caridade religiosa, se não as tiver deitadi no lixo.

— Precisa realmente que a ponham a andar de lá.

— Ela disse ao Logan que Seth estava envolvido no acidente.

— Hmm... Porque diria algo assim? Foi uma estupidez. Ocorreu-lhe uma conclusão bastante óbvia.

— A não ser que queira Seth preso.

Cam passou a mão pelo queixo acabado de barbear, pensativo.

— É uma possibilidade — disse.

34

Charles MaGuire tinha tufos de pêlo nas orelhas como um lince, mas era essa a única semelhança com um felino. Tinha um físico sólido, que o tornava parecido com uma boca-de-incêndio, com uma mancha densa de cabelo grisalho e olhos azuis astutos. Bailey não conseguia imaginar como ali chegara com tamanha rapidez, mas calculou que, trabalhando para o NTSB, fosse possível apanhar um voo para qualquer destino a qualquer hora.

Ninguém parecera saber o que fazer com eles e, apesar de muita gente na pequena e acolhedora cidade, oferecer a sua hospitalidade aos dois estranhos, acabou por ser o chefe de polícia, Kyle Hester, a disponibilizar-lhes o seu gabinete na Câmara Municipal e essa parecera a melhor aposta. O chefe Hester era um tipo directo que passara já dos quarenta anos, um antigo militar como Cam e pareciam ocupar o mesmo comprimento de onda. Cam disse a Bailey que informara o chefe Hester acerca da sabotagem do avião para que soubesse que havia algo mais do que a simples comoção relacionada com um resgate.

O chefe era o tipo de pessoa que obtinha resultados. Uma hora depois, Cam e Bailey receberam dois telemóveis novos, programados com os seus antigos números, entregues na Câmara Municipal. Também lhes trouxe comida. Apesar de terem comido no hospital, pareceu saber que não teriam sido capazes de comer muito de imediato e que precisavam de calorias. A comida foi disponibilizada para irem petiscando. Havia fruta, chocolate, tigelas de sopa de batata que podiam aquecer no microondas na sala de convívio, bolachas de água e sal e queijo para barrar. Bailey parecia não conseguir parar de comer. Conseguia tolerar apenas um par de dentadas de cada vez, mas, passados cinco minutos, estava pronta para mais.

O repórter quis entrevistá-los, mas nem Cam nem Bailey estavam interessados em publicidade. O motivo da queda do avião não era algo que algum deles quisesse explorar. O chefe Hester também se ocupou disso, protegendo-os dos telefonemas e impedindo que os importunassem. Transformava-se a passos largos numa das pessoas preferidas de Bailey.

Quando Charles MaGuire chegou, o chefe deixou-os no seu gabinete. O investigador do NTSB ficou profundamente surpreso por estarem vivos e intrigado pelo local onde se haviam despenhado. No mapa topográfico na parede do chefe, Cam apontou o ponto onde tinham sido encontrados e traçou uma linha até onde calculava que o avião tivesse caído.

— Foi aproximadamente aqui que ficámos sem combustível — disse, colocando o dedo sobre outro ponto nas montanhas.

MaGuire olhou o mapa.

— Se foi aí que ficaram sem combustível, como conseguiram chegar ali?

— O ar sobe junto à encosta das montanhas — respondeu Cam. — Quis chegar à linha de árvores para poder usá-las como amortecedores em vez de cair a pique sobre a encosta rochosa. Por regra, quando planamos, viajamos seis metros para a frente por cada meio metro de altitude que perdemos, não é? — Moveu o dedo sobre o mapa. — Apanhando as correntes de ar ascendente, conseguimos avançar cerca de três ou quatro quilómetros nesta direcção, até chegarmos

aproximadamente à linha de floresta. Pousei onde as árvores pareciam suficientemente grandes para amortecer o impacto, mas não tão grandes que o efeito fosse idêntico a cair sobre rocha. Precisei de encontrar uma mancha de árvores suficientemente densa porque são bastante espaçadas no início.

MaGuire avaliou visualmente a distância, parecendo perplexo.

— Larsen, o seu sócio, disse que, se alguém conseguisse aterrar em segurança, seria você. Disse que não entraria em pânico.

— O meu pânico era suficiente para os dois — disse Bailey, secamente.

Cam pareceu não concordar.

— Nem sequer te ouvi.

— O meu pânico é silencioso. Também rezava com todas as minhas forças.

— Que aconteceu a seguir? — perguntou MaGuire. Olhou a ligadura na cabeça de Cam. — Vejo que está ferido.

— Fiquei inconsciente — respondeu Cam, encolhendo os ombros. — E sangrava como um porco na matança. A asa esquerda e parte da fuselagem foram arrancadas e não havia nada que nos protegesse do frio. Bailey arrastou-me para fora, estancou a hemorragia, aqueceu-me e coseu-me a cabeça. — O sorriso que lhe esboçou era tão orgulhoso que quase a cegou.

— Salvou-me a vida e voltou a fazê-lo quando nos construiu um abrigo. Se não tivéssemos conseguido abrigar-nos do vento, não teríamos sobrevivido.

MaGuire voltou-se para ela, olhando-a com grande curiosidade porque aprendera muito sobre os Wingate nos últimos dias e sentia dificuldades para ajustar a sua imagem mental da esposa troféu de Jim Wingate a esta mulher calma e despretensiosa, vestida com uma farda cirúrgica, sem maquilhagem e com um olho negro.

— Teve formação médica?

— Não. O estojo de primeiros-socorros do avião tinha um manual de instruções que explicava como coser ferimentos. Foi assim que o fiz.

— Torceu o nariz. — E não quero voltar a fazê-lo. — Estava feliz por ter conseguido, mas não queria recordar os pormenores.

— Perdi muito sangue e tinha uma concussão. Não fui capaz de a ajudar. Recuperou coisas que pudéssemos usar do avião. Usou praticamente o seu guarda-roupa inteiro para me cobrir e manter quente. E deixe-me que lhe diga que era muita roupa. Três malas cheias. Graças a Deus.

— Quando se puseram a caminho?

— No quarto dia. O braço de Bailey estava ferido, tinha um pedaço de metal espetado, e esqueceu-se de tratar de si própria. No segundo dia, nenhum de nós foi capaz de fazer grande coisa. Dormimos. Estava tão fraco que mal conseguia mover-me. O braço de Bailey infectou e teve febre. No terceiro dia, ambos nos sentimos bem e consegui andar um pouco mais. Verifiquei o TLE, mas a bateria estava praticamente esgotada e soube que, não tendo sido encontrados até então, não o seríamos e que não havia forma de garantir que o TLE funcionara.

— Não funcionou — disse MaGuire. — Não houve qualquer sinal. Cam olhou o mapa, mas, mentalmente, estava de volta ao *cockpit* do *Skylane*, com o maxilar firme.

— Quando perdemos o motor, todos os mostradores indicavam o que deviam indicar. Nada parecia errado, mas o motor parou. No terceiro dia, encontrei a asa esquerda. Havia um saco de plástico transparente pendurado para fora do tanque de combustível. Quando o vi, soube que alguém nos fizera cair.

MaGuire expirou de forma sonora e encostou uma anca ao canto da secretária do chefe Hester.

— A princípio, não suspeitámos de nada, mas o Larsen conferiu minuciosamente os registos de manutenção do *Skylane*, os registos de abastecimento, qualquer pedaço de papel que estivesse relacionado com o avião. Acabou por notar que os registos de combustível mostravam que o avião levava apenas cento e quarenta e sete litros nessa manhã. Conferimos com o tipo que tratou do abastecimento e lembrava-se de verificar que estava cheio. Até hoje de manhã, ainda não tínhamos conseguido uma ordem do tribunal para solicitar as cassetes de videovigilância do aeródromo, mas

suspeitávamos que alguém tivesse sabotado o avião.

— Seth Wingate — rugiu Cam. — Ligou para o escritório no dia antes do voo para confirmar que Bailey ia para Denver. Pode ter influência suficiente para conseguir atrasar uma ordem judicial, apesar de não perceber que efeitos poderia isso ter a longo prazo, a não ser que precisasse de tempo para conseguir as cassetes e destruí-las.

— Foi isso que a sua secretária não parou de sugerir. O seu comportamento foi certamente suspeito, mas também foi estúpido. As desconfianças são uma coisa, as provas são outra. Até agora, não temos qualquer prova. Apenas uma anomalia nos registos de abastecimento de combustível.

— Já percebemos isso mesmo. A não ser que as cassetes o mostrem a sabotar o avião, todas as provas estão no local onde o avião se despenhou e recuperar os destroços não será fácil. O vento é brutal lá em cima e não há maneira de um helicóptero conseguir pousar, mesmo que o faça com dificuldade. A única forma de lá chegar será a pé.

— Não fazia ideia de que Seth saberia como sabotar o tanque de combustível dessa forma — disse Bailey. — Tem um temperamento vicioso e despreza-me, mas nunca o julguei capaz de tentar magoar-me fisicamente. Da última vez que falámos, ameaçou matar-me, mas... — mordeu o lábio, perturbada. — Não acreditei nele. Fui tola.

— O saco de plástico no tanque de combustível é uma solução banal — disse Cam. — Não é necessária grande perícia para o fazer.

— Não é, realmente — concordou MaGuire. — Mas, para mexer no localizador e no rádio, precisou de maiores conhecimentos de aeronáutica do que julgam possível.

Cam tornou-se rígido, notando-se nos olhos cinzentos um brilho gélido.

— O quê? O que aconteceu ao localizador? — Bailey olhou-o, intrigada. A sua voz alterara-se, transformando-se em algo escuro e ameaçador.

MaGuire voltou-se para o mapa.

— Aqui — disse, apontando. — A este de Walla Walla. Foi aqui que perdemos o sinal do localizador. Quinze minutos mais tarde, um PAA captou uma transmissão de emergência distorcida, imediatamente antes de desaparecerem do radar. Se isto também se deveu a sabotagem, foi minucioso. Não queria que encontrassem o local da queda ou quis adiar a descoberta até todas as provas forenses estarem inutilizadas.

Cam manteve-se imóvel, estudando o mapa.

— Filho da puta — disse em voz baixa.

— Uma opinião acerca dele que parece ser partilhada. Não me agrada dizer isto, mas é possível que se safe. — MaGuire suspirou. — A minha maior preocupação agora não é localizar os destroços, mas assegurar a sua segurança, Sra. Wingate.

— Bailey está comigo — disse Cam, olhando em redor. — Eu tomarei conta dela.

A atitude de cavernícola fez Bailey estremecer antes de dizer a MaGuire:

— Pretendo informar Seth de que sei que tentou matar-me, mesmo que não o consigamos provar. E também de que informámos mais alguém para que esteja no topo da lista de suspeitos se voltar a tentar. Não consigo pensar em nada melhor.

— Eu consigo — disse Cam, mantendo o olhar frio. — MaGuire, há alguma forma de podermos partir já para Seattle? Quero resolver isto já.

A expressão de MaGuire revelava curiosidade, mas apenas disse:

— Claro que sim.

Aterraram em Seattle por volta das oito horas da mesma noite, apesar de Bailey não conseguir perceber como se poderia falar em «noite» quando o sol continuaria visível por mais uma hora. As suas forças continuavam esgotadas e apenas queria deitar-se numa cama e dormir, mas queria ter Cam a seu lado nessa cama e não conseguira trocar mais do que algumas palavras com ele desde que se tornara frio e silencioso quando MaGuire lhe contou o que Seth fizera.

De certa forma, era melhor assim. Também tinha alguns momentos frios e silenciosos próprios. Que Seth tentasse matá-la não era agradável, mas o fardo era seu e enfurecia-a que não

tivesse pensado duas vezes em pôr fim à vida de Cam como efeito colateral. Não o incomodara que Cam também morresse.

Regressava a um mundo alterado. Não poderia retomar a sua vida anterior como se nada tivesse acontecido. Independentemente do acordo com Jim, não conseguiria continuar a lidar com Seth. Teria de ser estúpida para arriscar a sua vida e a vida de Cam por um acordo que fizera com alguém que morrera. Outra pessoa teria de se ocupar da gestão dos fundos, talvez um dos gestores bancários com quem Jim negociara. Opunha-se terminantemente a transferir o controlo para Seth porque achava que não devia ser recompensado depois do que tentara fazer, mas teria de ser outra pessoa a assumir a responsabilidade.

Voaram para Seattle num avião praticamente do mesmo tamanho que o pobre *Skylane.* Sem hesitar, Cam instalara-se no banco do co-piloto, sem sequer pensar em sentar-se atrás com ela, o que a fez revirar-lhe os olhos e sorrir porque eram assim os pilotos. A maioria vivia e respirava aviação, a ponto de acabarem por se esquecer de tudo o resto. MaGuire sentou-se atrás com ela e algo na sua expressão lhe disse que preferiria o lugar do co-piloto, mas Cam fora mais rápido.

— Está desesperado — disse-lhe, divertida. — Não põe as mãos nos controlos há seis dias.

— Mas fui eu quem reservou o avião — disse, apenas ligeiramente magoado. A seguir, encolheu os ombros e esboçou-lhe um sorriso vago em admissão da derrota. — Penso que deveria tê-lo antecipado e sido mais rápido. A maior parte dos pilotos que conheço preferiria voar a comer.

Tentou manter a calma enquanto se aproximavam de Seattle, mas regressava para tantas mudanças que sentia dificuldades para as perceber a todas e, como sempre, as mudanças deixavam-na insegura. Normalmente, não tomava uma decisão importante até passar algum tempo a pensar, a pesquisar, a preparar-se. Se algo mudasse na sua vida, queria controlar a forma como a mudança ocorria. Abruptamente, não podia ter qualquer controlo e praticamente tudo mudara. Sairia daquela casa enorme tão depressa quanto conseguisse e não lhe importava o que Seth e Tamzin fizessem com ela. Recusava-se a continuar a lidar com eles, o que significava que teria de encontrar outro emprego.

A maior mudança, claro, era Cam. Movera-se com tamanha velocidade que a fizera sentir-se como o Coiote, rodopiando incontrolavelmente na poeira enquanto o Papa-Léguas passava a correr. Em menos de uma semana, passara de não simpatizar minimamente com ele a amá-lo. Aceitara mesmo casar. O mais estranho era que, mesmo que ele fosse a maior mudança, era o que a fazia sentir-se melhor. Depois de ultrapassar o seu pânico inicial, soube que estar com ele era a coisa certa a fazer, algo que nunca sentira com ninguém.

Como se lesse os seus pensamentos, ele olhou-a por cima do ombro. Encontrara um par de óculos escuros algures e ela não conseguia ver-lhe os olhos, mas esta prova da ligação entre ambos ajudou-a a acalmar os nervos como nenhuma outra coisa conseguiria. Já não estava sozinha. Não importava que outras mudanças ocorressem na sua vida. Cam estaria a seu lado.

O avião aterrou, com o piloto accionando os travões enquanto deslizavam pela pista. Bailey inclinou-se para a frente para olhar o terminal, de onde saíam pessoas em torrente, passando o portão da cerca e caminhando pelo alcatrão, aí permanecendo à espera. Não era uma grande multidão e, à distância, não conseguia distinguir caras individuais, mas sabia que Logan e Peaches estariam ali e sentiu o coração aliviado.

Quando o avião se aproximou, viu-os. Logan tinha o braço em redor de Peaches, ambos riam e Peaches saltava ligeiramente para cima e para baixo, entusiasmada. Sabia que, provavelmente, não a veriam, mas acenou de qualquer forma. Também conseguia ver Bret e Karen, mas achou que não conhecia nenhuma das outras pessoas. Podiam ser amigos e parentes de Cam, apesar de ele ter falado com os pais e estes lhe terem dito que não conseguiriam chegar a Seattle antes dele porque viajariam num voo comercial e tinham de se sujeitar ao horário estabelecido.

O piloto parou o avião. Cam desapertou o cinto e saiu. Após uma palavra breve com o piloto, MaGuire fez o mesmo. A seguir, Cam amparou Bailey e fê-la descer, fazendo-a sentir as suas mãos quentes na cintura.

— Como estás a aguentar-te? — perguntou, enquanto caminhavam para a pequena multidão

impaciente, aguardando apenas que estivessem a distância segura do avião para correrem ao seu encontro.

— Cansada, mas bem. E tu?

— O mesmo. Prepara-te! — As últimas palavras foram proferidas enquanto eram rodeados.

Logan e Peaches agarraram Bailey e foi esmagada por abraços de ambos os lados. Peaches chorava e, obviamente, Bailey não conseguiu conter-se e imitou-a, apesar de tentar evitá-lo. Logan limitou-se a abraçá-la, com os braços a rodear as duas, mas sentia-o tremer. Conseguiu vislumbrar Cam enquanto era também rodeado pela comissão de boas-vindas. Viu Karen bater-lhe no peito, como se o punisse por a ter deixado preocupado e, com um sorriso, Cam abriu os braços e ela irrompeu em lágrimas enquanto se lançava para ele.

— Estás tão magra — dizia Peaches, limpando as lágrimas.

— É uma nova dieta — disse Bailey. — A dieta do acidente aéreo. Funciona sempre.

— Tens fome? — perguntou Logan, querendo ser capaz de fazer algo e percebendo que conseguir comida era algo que poderia fazer.

— Estou faminta. Acho que comi uma tonelada de comida hoje, mas volto a ter fome poucos minutos depois de comer.

— Então vamos sair daqui. Compramos alguma coisa a caminho de tua casa. Conto-te o que aconteceu com Tamzin e podes contar-nos o acidente. Tenho um milhão de perguntas.

Bailey voltou a procurar Cam.

— Ainda não. Não sem Cam. Nem sequer vos apresentei. Percebeu a relutância de Logan, as suas reservas à rapidez com que se envolvera com Cam e colocou-lhe a mão sobre o braço.

— Não te preocupes tanto. Este é o nosso... vigésimo quinto encontro. Ou talvez vá já no trigésimo. Não tenho contado. Mas conhecemo-nos muito melhor do que possas pensar.

— Trigésimo encontro? Nem sequer sabia que saías com ele! — disse Peaches, espantada, enquanto todos começavam a dirigir-se para dentro. — Nunca disseste nada!

Bailey viu que Cam organizava as coisas, despedindo-se da maior parte das pessoas com agradecimentos pelas boas-vindas e dizendo que tinha muito trabalho atrasado. Ele não estava a ser directo, mas ela conhecia-o. Notou a calma mas inabalável postura de comando que lhe era tão natural como a respiração. Mesmo com a face ferida e a cabeça ligada, a autoridade assentava-lhe como uma segunda pele e as pessoas seguiam as suas direcções sem hesitar ou mesmo sem darem por isso.

Um grupo privilegiado pôde ir até ao escritório da *J&L:* Bret, Karen, MaGuire. Cam manteve a porta aberta, estendendo a mão a Bailey para que também ela entrasse, juntamente com Logan e Peaches. Bailey apresentou-lhe a família. Cam e Logan apertaram a mão, com cautela de Logan e calma de Cam. Naquele momento, apesar de tudo, apesar de todas as coisas desagradáveis com que ainda precisavam de lidar, Bailey estava feliz.

Cam percebeu que Bailey estava bem. Parecera tão frágil naquela manhã, como se tivesse forçado os seus limite até não restar nada, e não conseguiu evitar a preocupação, apesar de a comida ter conseguido revitalizá-la em grande parte.

— O café é recente? — perguntou a Karen. Queria que cuidassem de Bailey antes de tratar dos seus outros assuntos pendentes.

— Foi feito agora. — Os olhos de Karen continuavam brilhantes com lágrimas, mas irradiava felicidade. — Quer uma chávena?

Karen oferecia-lhe café? Pensou que talvez devesse escapar à justa da morte com maior frequência.

— Daqui a pouco. Mas, se não se importar, peço-lhe que se certifique de que Bailey come e bebe alguma coisa. Pode ser qualquer coisa da máquina de venda.

Karen sorriu.

— Bailey? — perguntou em voz baixa, aproximando-se para que mais ninguém ouvisse. — Já não é Sra. Wingate?

— Ela deu-me a maior parte da comida e da água que tínhamos para me manter vivo — disse. — E passou sem ela. Por isso, sim. Acho que lhe posso chamar Bailey. — Fora verdade. Pelo menos no primeiro dia. Depois disso, certificara-se de que comia e bebia tanto quanto ele.

Notou a centelha súbita no olhar de Karen e percebeu que adicionara mentalmente Bailey à lista de pessoas de quem gostava, o que significava que Bailey comeria nem que Karen tivesse de se sentar em cima dela e de lhe forçar comida pela garganta abaixo. Considerando que Bailey comera sem parar durante todo o dia, não lhe pareceu que chegasse a esse ponto.

Aproximou-se dela e tocou-lhe no braço para lhe chamar a atenção.

— Vou conversar com o Bret durante uns minutos — disse.

Ela apertou-lhe brevemente os dedos, observando-lhe a expressão com o mesmo cuidado com que ele observara a sua, certificando-se da sua condição. Supôs que esse hábito acalmaria após alguns dias, mas, por enquanto, continuavam demasiado próximos da sua provação, continuavam em modo de sobrevivência, o que implicava cuidarem um do outro.

Cam captou o olhar de Bret e fez um movimento imperceptível com a cabeça. O gabinete de Bret era o mais próximo e entraram. Cam fechou a porta atrás de si, sendo essa talvez a primeira ocasião em que a porta estivera fechada desde a fundação da empresa.

Voltou-se para o seu melhor amigo, para o homem que fora como um irmão durante anos e disse:

— Porque o fizeste?

Bret deixou-se cair sobre a cadeira, fechando os olhos e cobrindo a cara com as mãos. A sua face envelhecera muito desde a última vez que vira Cam, cobrindo-se de rugas que não estavam lá seis dias antes.

— Foda-se — exclamou. — Dinheiro. Foi pelo dinheiro. Estou metido em sarilhos sérios com gente que não é para brincadeiras... — Calou-se, abanando a cabeça. — Sabia que havias de descobrir a verdade. Quando fomos informados esta manhã de que estavas vivo e de que tinhas conseguido sair daquela maldita montanha, soube-o. Era impossível que não tivesses investigado, que não tivesses examinado os destroços. Era impossível que não procurasses uma explicação para a queda.

Cam conteve a raiva com determinação férrea. Por mais que quisesse espancar Bret, por maior que fosse a vontade que sentia de o despedaçar, obter respostas era mais importante. Sabia que a mágoa o esperava, mágoa pela perda da amizade que tiveram, mas teria de ficar para depois.

— Pensei que tivesse sido Seth até MaGuire me contar o que aconteceu ao rádio e ao localizador. Era demasiado complicado, demasiado específico para o que Seth saberia fazer. Foste longe demais.

— Sim, tenho o hábito de o fazer. — Bret ergueu a cabeça, com a mágoa visível nos seus olhos. — Foi um impulso. Quando Seth ligou, vi uma oportunidade e estava tão desesperado que a aproveitei.

— Como conseguiste pôr-te doente?

— Sou alérgico a gatos, lembras-te? Mantenho-me longe deles e nem sequer saio com uma mulher que tenha gatos. Fui a um abrigo de animais, peguei num gato, fiz-lhe festas e esfreguei a cara no pêlo.

Cam sabia que Bret era alérgico a gatos. Sabia-o há tanto tempo que nem sequer pensava no assunto. Bret era tão cuidadoso em evitá-los que Cam nunca o vira afectado por uma reacção alérgica até ao dia em que o substituiu no voo de Bailey. Mesmo que tivesse pensado de imediato em gatos, não teria desconfiado porque as reacções alérgicas eram comuns.

— Não me permiti pensar no assunto — disse Bret, com cansaço visível. — Limitei-me a fazê-lo. Era uma saída. O dinheiro do teu seguro de vida na empresa ter-me-ia safado de problemas sérios. Era como... se apenas conseguisse pensar nisso. Mas, quando Karen me disse que o avião tinha desaparecido, de repente, tornou-se real. Tinha-te matado. Assassinara o meu melhor amigo. Atingiu-me finalmente e deu-me vómitos pensar no que fizera.

Estranhamente, Cam acreditava nele. Bret era impulsivo, com uma tendência para se

concentrar em objectivos a curto prazo.

— Pensei que o avião se incendiasse — prosseguiu Bret. — Restam sempre alguns litros de combustível inutilizável nos tanques. Mesmo que restassem provas, sabia que Seth seria o suspeito devido àquele telefonema idiota, mas, além disso, mais nada o ligaria ao avião. Achei que nem sequer seria preso.

— O MaGuire disse que foste tu quem referiu que o avião não tinha combustível suficiente.

— Sim. Achei que, se fosse eu a indicá-lo, ninguém suspeitaria de mim. — Esfregou as mãos na cara e enfrentou o olhar de Cam. — E agora? — perguntou, pondo-se de pé. — Quando achei que estavas morto, que te tinha assassinado, fiz o que pude para cobrir o rasto. Mas és um piloto demasiado bom para morrer facilmente, não és? Não sabia se havia de rir ou chorar quando soube. Acho que fiz as duas coisas. Mas aceito o que quiseres fazer. Entrego-me se for o que queres.

— É isso que quero — Cam não vacilou. Não havia forma de voltar atrás, não poderia deixar que anos de amizade e bons tempos o influenciassem porque alguns caminhos são de sentido único. — Tentativa de homicídio, fraude... vais para a prisão.

— Sim. Se não me matarem antes. Seja o que for. — Bret parecia um homem incapaz de se perdoar a si próprio. Cam não se importava com isso porque também nunca seria capaz de o perdoar.

— Mais uma coisa — disse.

— O quê? — perguntou Bret.

Cam esmurrou-o na cara com toda a sua força, aplicando naquele murro tudo o que tinha e com uma raiva animalesca apoderando-se dele naquele instante. A cabeça de Bret foi projectada para trás e caiu sobre a cadeira, derrubando-a e ao cesto de papéis. Acabou esticado no chão entre o lixo espalhado.

— Isto foi por quase teres matado a Bailey — disse-lhe.

Bailey esperara ver muita gente, mas não Seth Wingate. De qualquer forma ali estava ele, de pé à porta da casa do seu pai, pouco antes da meia-noite.

Ela estava a fazer as malas, ou melhor, procurava o que restava dos seus objectos pessoais porque Tamzin lhe esvaziara o armário e deitara fora as roupas, bem como tudo o resto que estivesse certa de lhe pertencer. Além disso, a casa fora vandalizada. Bailey sentiu tamanha fúria que ponderou chamar a polícia, mas deixou passar algum tempo para acalmar antes de o fazer.

As horas anteriores haviam sido intensas. Ainda lhe custava aceitar que Bret tentara matar Cam pelo dinheiro do seguro e, se ele sentia dificuldades, não conseguia imaginar como se sentiria Cam. Bret parecera devorado pela culpa, mas isso não alterava os factos. MaGuire tratou de tudo, mesmo estando igualmente chocado. Bret fora voluntariamente com MaGuire até à polícia para se entregar, mas as formalidades jurídicas da dissolução da sociedade e as dúvidas quanto à sobrevivência da empresa permaneciam no ar. Mesmo que sobrevivesse, passaria a ser conhecida apenas como *Transporte Aéreo Executivo*, porque *J&L* deixara de fazer sentido.

Bailey tinha algumas ideias a esse respeito, mas queria tempo para pensar. Precisava de reavaliar a sua decisão relativa à gestão dos fundos, agora que sabia que não fora Seth a tentar matá-la. Por outro lado, depois de descobrir o que Tamzin fizera, quis ser ela própria a assassinar alguém, livrando-se permanentemente de ambos. Uma decisão que não se alterou foi a de não querer passar mais uma noite naquela casa que não lhe pertencia.

Logan e Peaches estavam com ela, assim como Cam. Tinham vindo ajudá-la a fazer as malas, mas restava pouca coisa dos seus pertences. Cam ficou branco de fúria, mas conseguia controlar-se. Era Peaches quem estava à beira da explosão e Logan observava-a enquanto ia de quarto em quarto.

Até que Seth chegara e, mesmo sabendo que não tentara matá-la, não sentia vontade de o aturar naquele momento. Abriu a porta de rompante e manteve-se imóvel, sem o convidar a entrar.

Atrás de si, ouviu Cam avançando para ela.

Mas Seth não mostrou qualquer vontade de entrar. Apesar de, àquela hora, ser habitual andar pelo seu segundo ou terceiro bar, não parecia perdido de bêbado. Aliás, parecia bastante sóbrio, o que surpreendeu Bailey.

Estava vestido de forma simples, com calças e uma camisola de malha. O cabelo escuro estava cortado e penteado e a sua face austera ostentava uma expressão neutra.

— Muita gente acha que fui eu a provocar o acidente — disse, abruptamente. — Queria apenas dizer-lhe que não fui.

— Eu sei — disse ela, tão surpresa que mal conseguiu falar. A surpresa era também notória no olhar dele. Hesitou e voltou-se, preparado para se afastar. Bailey começou a fechar a porta, mas parou porque ele também parara, já com um pé no degrau de baixo.

Voltou-se novamente.

— Quem foi? — perguntou. Percebia que detestava ter de falar com ela, mas queria saber.

— Foi a Tamzin?

Tamzin? Tamzin era viciosa e mesquinha, mas não era suficientemente organizada para fazer algo assim.

— Não. Foi o sócio de Cam.

— O Bret? — Seth ficou notoriamente abalado. — Tem a certeza?

— Temos a certeza. Ele confessou — disse Cam.

— Filho da mãe — murmurou Seth. Um sorriso seco surgiu-lhe nos lábios.

— Acho que Tamzin é mais parecida comigo do que pensei. Supôs que tinha sido eu e eu supus que tinha sido ela.

Inspirou fundo.

— Merece ouvir isto. Afectou-me que a minha irmã presumisse automaticamente que era um assassino. Olhei atentamente para mim próprio e não gostei do que vi. — Enfrentou o olhar surpreso de Bailey e não conteve uma gargalhada fria. — Fui trabalhar para o *Grupo Wingate*. Na sala do correio. Grant quer ver se consigo suportá-lo.

Bailey segurou a porta com firmeza. Teve de o fazer ou os joelhos ter-lhe-iam cedido com o choque. Não sabia o que dizer e, por isso, optou por:

— Vou transferir a gestão dos fundos para outra pessoa. Talvez para um gestor bancário. — Não conseguia acreditar que Seth... Afinal, estaria Jim certo na esperança que tinha no filho?

Seth contraiu o maxilar e olhou Bailey.

— Não o faça. — ripostou. — Quero que seja você a ocupar-se da gestão. Não sentirei o mesmo ódio se for outra pessoa e preciso de si como motivação. Era esse o plano do meu pai, não era? Percebi tudo. Achou que a odiaria tanto, que me desagradaria tanto tê-la a controlar o dinheiro, que faria qualquer coisa para endireitar a vida. E tinha razão, maldito seja. Tinha sempre razão. Talvez lhe tenha dito para decidir quando seria o momento certo para transferir o controlo para mim, não?

Ela não pôde fazer nada além de acenar afirmativamente com a cabeça.

Os lábios de Seth contorceram-se.

— Ele confiava em si e ninguém conseguia avaliar as pessoas como o meu pai. Por isso, também vou confiar nele e confiar que sabia o que fazia. Continue a gerir os fundos para me dar a oportunidade de provar que está errada. Um dia, passar-me-á o controlo e estará fora da minha vida. Não voltarei a precisar de a ver.

— Espero ansiosamente por esse dia — disse ela, com sinceridade.

Seth olhou para além de Bailey e Cam, para o interior da casa. Franziu as sobrancelhas ao reparar nos estragos, no vidro partido, nas paredes vandalizadas.

— Que raio aconteceu aí dentro?

— Tamzin — rugiu Cam.

— Mande prendê-la — disse Seth, friamente, voltando-se para descer os degraus e desaparecendo na escuridão.

Cam afastou a mão de Bailey da porta e, quando esta se fechou, abraçou-a.

— Vamos — disse, beijando-a nos lábios quando ergueu a face para ele. — Já não há nada para ti aqui. De agora em diante, vives comigo.

Bailey sorriu e passou as pontas dos dedos sobre os ferimentos na face dele. Não sentia qualquer ansiedade com aquela decisão.

— Está bem — disse, sentindo-se subitamente tão feliz que poderia levitar. — Vamos. Estou pronta.

FIM

LINDA HOWARD nasceu a 30 de Agosto de 1950 em Alabama, U.S.A. Começou a escrever pequenas histórias aos nove anos e antes de se tornar escritora foi ávida leitora dos romances de Margaret Mitchell. Actualmente é a autora premiada de muitos dos *bestsellers* do *New York Times*, incluindo os títulos *Cry no More, Dying to Please, Open Season, Mr. Perfect, AU the Queens Men, Now You See Her, Kill and Tell* e *Son ofthe Morning.* Vive em Alabama com o seu marido e *dois golden retrievers.*